



Lídia Jorge

O Cais das Merendas



D. QUIXOTE

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Ficha Técnica

Título original: O CAIS DAS MERENDAS

Autor: Lídia Jorge

Design de capa: Atelier Henrique Cayatte

ISBN: 9789722042031

Publicações Dom Quixote

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1982, Lídia Jorge

© Publicações Dom Quixote, 1995

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

A Maria dos Remédios, minha mãe

PRIMEIRA

MARÍTIMA

A décima nona foi anunciada não como merenda, coisa que lembraria figos, mas já como party, ajuntamento que falava festa, doces gestos, meus amigos. Esse foi o verdadeiro momento. E para tanto não é preciso deitar o olho para trás, e acontecido, como a espelho retrovisor de carro, e dizer. Foi assim. Porque a própria Zulmira Santos se apercebeu do significado desse passo, incansável pelo sucesso do encontro, o rigor das coisas, a combinação dos sortidos, a pontualidade das horas. Que vissem mesmo, vizinhos, o roxo dos seus olhos, tendo dormido apenas três horas e à custa de pastilhas. Mas felizmente que estava tudo bem, tudo tão certo e tão o.k. que ninguém faltava, ninguém se punha a andar adiante, ninguém tossia e ninguém levantava a voz acima de ninguém. Podiam ver-se uns nas costas dos outros como verdadeiros espelhos. As mulheres tinham vestido saia comprida para esse encontro, algumas com folho e fitilho a produzir um breve laço de aselha pendurada a separar as ancas, xaile com cadilho de fio brilhante, franjado pelo ombro, dando uma volta à garganta como antigamente as varinas. Mariana, Catrinita, Aldegundes, senhora Valentina. Estávamos todas. Os homens vestiam camisas de xadrez e punham cachimbos que sugavam nos cantos das bocas, às vezes o forninho atacado de tabaco não acendido. Sebastianito não. Às vezes os fósforos incendiando uma chama breve como rasgão de roupa. A

concentração das sobrancelhas toda descida sobre o pequenino incêndio. E então falando pela narina da venta. Come on, minha gente. Agora se diz assim, e vejam pelas revistas de todo o mundo a moda que nos chega de boeing pelo ar, apenas com dois dias de diferença, das grandes cidades como paris, a de um rio que corre às pontes, ou de londres, com um palácio de relógio certo. Magazines. Com fotografias tiradas junto das costas dos outros oceanos, lá onde as rochas, apesar de tudo isso, são tão adversas, que nelas se despedaçam os barcos, pessoal. Aqui não. Por isso íamos andando, levando os cestos muito direitinhos na mão, só uma paragem breve a meio da encosta mas não para dizermos uf, antes de atravessarmos o muro do Alguergue. Party. Digam todos pá e digam ti. Como se estivessem a falar com um gargarejo de água na boca, toda a garganta empenhada no gesto como fazem as fadistas para o canto. Insistia Zulmirinha Santos, com a cabeça enrolada de um crespo de caracóis como lã de carneiro merino, meus amigos, a boca desenhada como uma verdadeira bambolina de loiça. Muito aberto e muito cavo o som de party, repitam lá agora, só para ver se já vai. Podiam então subir até ao sitio, tudo a acontecer como previsto. Era o primeiro party. Pussem agora os cestos muito direitinhos, que faltava apenas estender as esteiras de assento, bem esticadas, onde a gente se ia sentar a preceito, alongados ao sol. O Alguergue ali em frente, feito um palácio de calma, tanta era a mansidão, a paz, a ordem, os jardins, e os paus das bandeiras como uma parada de armas à espera de nações. Claro que se estava tão bem no party que ninguém poderia lembrar-se de Rosária, nem por sombras. O party. Digam todos,

meus amigos, antes de começarmos a mastigar de lábios quase cerrados o bolo que na boca se chama de alimentar, digam todos uma vez mais. O party. E foi assim.

A décima nona era então o primeiro encontro.

Foi, porque a consciência dos débitos começa pelo uso das palavras. Ou melhor dizendo. Aconteceu quando se chegou à conclusão de que aquele encontro não poderia continuar a ser merenda. Porque merenda, como se disse, sempre lembraria o tempo das ceifas, por exemplo, quando a dor de macaco tanto apertava o rim, que apetecia uma pessoa morder as espigas que segava, Zulmirinha. Lembrava a era do trabalho sem hora, de sol a sol, o calor a dar nas abas do chapéu de uma pessoa como uma bofetada de luz. Praganas, carrapichos, sementes traiçoeiras, munidas de um bico de agulha ou de patinhas mordentes que se enfiavam nas roupas à procura da pele, para aí depositarem o seu veneno e raivinha de erva. Quem não guardava a memória viva dessa comichão, senhora Valentina? E depois de uma endireitadela furtiva do corpo sobre a chapada do outeiro, ao fundo o mar, dizia-se mudo olhando a queda do sol. Cinco horas, vamos à merenda. Então o corpo atirava-se por terra como para cima de colchão de pena fofa, chão duro e restolho espetado, o assento aí posto como tombado, e começava-se um remordo de figuinho lampo, seco e duro, às voltas com a língua, um grande calor de sede na paisagem, e a bola mal salivada a conversar lá dentro com as mucosas que tínhamos, como se quisesse regressar fora, num desprendimento de

sabor a grainha, até ao pôr do sol. Antigamente, meus senhores, já nem sabemos quando foi. Era isso a merenda. Pelas manhãs, dedeiras de cana enfiadas na mão, metida a foice na seara, ainda os trigos poderiam dar cinco ou seis sementes, mas pela altura das debulhas, chefe Rosendo, quem saberia? Ah, vizinhos, que pelas tardes, duas, três horas das tardes, ainda cada grão daria a sua média de três. Mas depois das merendas, esses descansos breves e remordedores, punha-se o olho caído sobre as paveias para se pensar. Que nem ia dobrar a semente, o raio do plantio. Alguma coisa invisível e muito maninha, que não pássaro nem gineta, poisava por entre os colmozinhos deitados pelas noites de luar e falia as sementes, sumia os grãos. No meio desses despojos de colheita, as merendas eram tão parcas, tão frugaizinhas, como se se estivesse permanentemente em tempo de guerra, acontecendo longe, mas impedindo a fartura. Era preciso esquecer tudo isso, Francisco Antunes, de que não tínhamos tido culpa que nos acontecesse, e rápido. O próprio Simão Rosendo não queria lembrar, muito sério, o anel no dedo em forma de tijolo das paredes, de invulgar vermelho, translúcido. Comprida e longa a pedra, apertada pelo abraço de uma moldura de oiro, não, não queria agora lembrar esse tempo quase esquecido. Et à quoi bon, mon dieu? Aquele encontro não tinha nada a ver com as merendas, mas com os parties. E podia-se até fazer uma votação. Quem concordava com a proposta de que nunca mais e para sempre se deveria falar de merendas, quem concordava? Fez-se a votação de braço levantado, grande riso, e estávamos todos de acordo. Vivam então os parties, com as palmas próprias de quando os grupos

são coesos e unidos, por aclamação. Era assim. Aliás, uma vez que se enterravam as merendas não haveria razão para que não se enterrasse também a lembrança de Rosária, um pensamento íntimo que todos tínhamos, muito mudo e muito colectivo, com todas as coisas a passarem nesta vida.

Um pensamento íntimo.

Começaram poucos meses depois de Rosária, e que não se falte à verdade, para a defenição desses encontros contribuiu Sebastião Guerreiro ainda combalido pelo desgosto, ai a minha filha. Os parties? Eram festas-que todos sabiam acontecer às vezes no meio dos bosques por onde passassem rios. Os inventores desse tipo de funções escolhiam os locais com o rigor dos estrategos de combate, e procuravam sítios onde as árvores fossem tamanhas que escondessem cervos. Que cervos? Por isso os bosques deviam ser tão frondosos que lembrassem os contos do toiro azul, para que as folhas ora virassem prata, ora virassem oiro, conforme se batia com um jarro numa parede ou numa rocha. As mulheres, Zulmirinha Santos, entre os troncos pareciam estampas. Os homens rodeados de podengos caçariam lebres. Credo, que disparates. E os casais? Ah os casais, meus amigos, tão amorosos que se diriam couples, segundo Simão Rosendo, agora maitre d'hôtel. Não senhor, pelo contrário, falando de parties, mesmo que nada lembrasse o que se acabava de dizer, devia chamar-se de in love. Tinha a certeza de ser assim, desde que entrasse homem e mulher. Corrigia Sebastião Guerreiro, espalhando os olhos pela língua de areia que ia dali até

ao mar. Miss Laura sempre lho tinha dito, e embora não falasse disso, todos sabiam que vivera as coisas por dentro. Por isso era verdade, e não valia a pena duvidar da experiência de Sebastião Guerreiro. Mas cuidado, Zulmirinha Santos, que não passassem da cena de um filme para a generalidade. Eu tinha visto uma outra fita onde contracenava uma grande actriz com um grande actor, vizinhos, e o party acontecia debaixo da alpendrada de um lindo bungalow com roseira à porta. A mesa tinha sido posta como para festa de natal, com velas vermelhas, terrinas e paninhos de renda. Era dezembro e não chovia nem trovejava, antes fazia calor e as mulheres vestiam só de alcinhas. Por acaso desse party se via também o mar como nós aqui, e havia barcos com e sem vela. Em resumo. Havia várias espécies de parties, mas antes de tudo o mais, tínhamos de estar de acordo sobre uma certa questão. Sem dúvida que devíamos. Realmente, amigos, nunca mais se falaria de merendas, essas pausas feitas num tempo tão esquecido, que para se comer uma perna de frango era preciso esperar pelo entrudo de cada ano, acompanhar a vida da ave desde o botar do ovo lá debaixo da pinta até ao termo do crescimento para que se matasse galo, uma faca espetada no gasgano. Jesus, como era. Para que estávamos ainda a voltar ao mesmo? Apetecia já enxotar aquela recordação com um leque de abanar senhoras. Os pinheiros tão mansos, tão mansos e àquela hora tão ralos, que se não começássemos já, as suas próprias sombras fariam sono às vistas. Apetecia cantar. Estamos bem porque estamos e não estamos aqui.

Apetecia.

Isso era se não começássemos. Mas embora se soubesse ninguém assim cantava, senhores, meus vizinhos. O que importa é que na décima nona, já party, na verdade não se sentaram logo tampouco. Porque as festas chamadas desse modo não deveriam começar pelo comer, mas pelos jogos e pelos risos, brincuezas que entretinham o convívio, provocavam a alegria e chamavam o apetite, Rui Seladinha. Ai um deveria fazer de cavalo, o outro de cavaleiro, mão direita na rédea, e esquerda para acrobacias de gestos a galope. Como se diz, Sebastianito? Diz-se the horse e the horseman, se não me engano. Exacto. Mas a gente sonhava, para sermos francos, com o redondo dos volantes forrados de napa e de peluche, grandes fângios pelas estradas fora a ver as várzeas, por isso escolhessem outra. E os homens menos hábeis na imaginação em voz alta escutavam agora Catrinita Mendes, todas as mulheres arredondadas e ladinhas punham uns gritinhos de ave na voz redopiando a saia, tanto franzido como devia ser. Às vezes que pena, amigas, termos nascido de garra curta e não conseguirmos parecer exactamente as meninas das revistas, paciência. Entre todos, o riso de Valentina Palas fazia estremecer aquele princípio de tarde, que diabo nunca mais se resolvia nada de vez. Um momento. Ai este deveria fazer de chauffeur, aquele de porteiro, eu de rapariga e aquele outro de rapaz ou de potro. Mas para quê de potro? Ai antes aquele de rapaz, este de porteiro e eu de comissária da polícia. Mas que não, que não valia a pena. Era muito mais simples fazer-se apenas uma corrida de apanhada, porque era coisa que todos sabiam, e lá por isso ninguém precisava esfalfar a memória. Começávamos aqui e íamos até além. Mas e os cestos?

Se no ímpeto dessa brincadeira algum descuido lhes aplicava um trampázio? Se algum ou alguma pusesse mal um pé e sofresse de entorse em pleno party? Não se iria a festa? Era verdade, com aquelas saias e aqueles cestos? E nós de cachimbo mesmo a meio do fumo. Era tão verdade. A senhora Valentina tinha o olhar entumescido de alinhar os cabazes postos no chão, à espera de verdadeiro rumo, de asa aberta para o mar. Só que para ser franca, meus amigos, confundíamos tudo. Quando os parties acontecem de vestido comprido são para jogos discretos e lentos. Quando os jogos eram movimentados. Explicava Zulmirinha Santos, a verdadeira empregada do shopping, perfumes, lembranças de loiça, pequenos enfeites com pregadeira, habituada por isso a explicar de toilettes e modas. Todas as revistas lhe passavam pela mão. Quando os jogos eram movimentados, as pessoas sabiam com antecedência e punham calça e blusão sport. Era preciso distinguir as situações umas das outras, meus amigos, naquela décima nona que acontecia à sombra rala dos pinheiros da encosta, abanando luzernas foscas por entre as cabeças e os mantimentos a dispor em volta. Apesar de novembro, o céu tinha a claridade nua da transparência, e o mar em baixo parecia adormecido por um tantã de respiração brando e silencioso. Caramba que nem um barquinho passa. Podia-se olhar em redor como para sítios desconhecidos. O Alguergie, estendido e perfilado a meio da encosta, era um grande marco feito de quartos, serviços, varandas, esplanadas. Tudo limpo, perfeito, pintado e irradiando mensagens invisíveis de mantenham-se, alegrem-se e amem-se, meus amigos. Era ou não era? Se era. Mas ora bolas que estávamos ali

aflitos para fazer como nos filmes, quando não valia a pena. Disse Chico Antunes já maçado de ouvir tanta opinião cruzada e movediça, sentenças que pareciam ir ser definitivas e afinal não conduziam a coisa nenhuma. Em seu entender, os parties deviam começar mas era por toda a gente se sentar e falar de vizinho para vizinho, conforme o gozo e a vontade, pá, e proponho que vamos a isso. Não se julguem só pelos outros, porra, julguem os outros também pela gente. O que apeteceria a um homem fazer, sabendo que tinha os cestos cheios de comida, senão comer? Dizia Chico Antunes com tanta clarividência na voz que apetecia partir a cara à verdade. O apetite não tinha fronteiras, amigos, ou teria? Claro que não. Inventassem então outra para outro dia e fôssemos a isto. Zulmirinha a pontos de se ofender, porque aquilo começava mal, já que sempre havia quem pusesse a língua a passeio, fazendo lembrar afinal as antigas merendas, caramba, mas bastou que Sebastião Guerreiro dissesse uma vez apenas, retirando o cigarro da boca. Peace, my friends. Para que a décima nona começasse.

Sem o mínimo vestígio de Rosária.

Começou então o primeiro party. Alinharam-se uns a seguir aos outros, palavras discretas e grande entendimento, de ali tu e aqui eu, além o Quinas, depois o Edmundo para ver se fala o rapaz, e pareceu a todos, assim sentados, vendo as bocas dos sacos e as tampas dos cestos descobrirem-se, que a vida era uma coisa doce, mansa, muito pomba, muito pomba. Ah, meus amigos, desçam as pálpebras e vejam. Sintam para

dentro com os olhos da alma. Tão bons estes domingos, estes encontros civilizados, estas conversas sobre o nosso me tier, o nosso entretém, vejam, vejam para dentro e não nos falem do passado, por favor. Yes, not the past. Rematava Sebastião Guerreiro já de olho alongado sobre o local da praia. Mas sendo assim, em sua opinião, devia dar-se início à coisa. Simplesmente as mulheres ainda zelavam com o olhar as asas de alguns cestos onde paninhos brancos e lavados estavam muito direitos sobre. Um riso de simpatia. Era como se contivessem dentro, ajoujados, meninos de peito, chuchas nas boca, dormindo os seus soninhos férteis entre mamadas. Ali eram pastéis de salsa, aqui eram doces. Fi-los de manhã para que ainda viessem quentinhos do forno. Gostamos deles dentro de sainhas de papel plissado com pérola no meio, e ficam bem, mesmo a matar, postos sobre esta bandeja de casquinha que também trouxemos. Adoro as coisas feitas assim a preceito. We love. Era Zulmirinha Santos e Catrinita Mendes. Decompuseram então os braços em gestos comedidos, alcanças e toma lá, escolhes e passas, mais um bocadinho, sim obrigado. A vida tão boa, tão doce, tão mansa. Agora por favor, retirem a vista do mar e ponham-na aqui.

Era assim tão doce e tão pombinha.

Era sim, muito mansa. Simão Rosendo começou até por fazer questão de beber apenas do branco da torneira pura, Sebastianito, porque aquilo era um party e apenas um copo do tamanho de um dedal lhe bastaria para tresler, dizer coisas que no dia seguinte lhe repetiam

para que corasse até à raiz dos cabelos, a mim que sou pessoa vivida por esse mundo. Naquele momento queria manter a dignidade de se pensar na sua condição de maitre, pessoa de papillon e casaca, mesura tão precisa diante das mesas, o ouvido levemente inclinado, e agora. Só água, por favor. E servia-se dos triangulozinhos de pão enfeitados de alface e palito, ça suffit, a que Aldegundes chamava de canapé. Rui Seladinha achava graça porque estava convencido ser canapé um tipo de almofada com folho, bordado de granité. Qual almofada, homem. Tinha dito Sebastião Guerreiro que conhecia de ouvir telefonia desde sempre, pelo menos até à meia-noite. Canapé era um cadeirão onde a pessoa alongava as pernas, mas ficava com o corpo direito para conversar comodamente. De momento podíamos mas era ir esticando os braços para esse prato florido de rodela de tomate, rodelinha de ovo, pedacinho de azeitona escura sobre um montelinho de maionese esverdinhada. Que aquilo ainda deixava mais fome, mas que se destinava exactamente a isso, afugentar o fastio, espevitar o apetite, provocar a alegria. Ah sim, compreendo. Então passaram-se às carnes e folhados e iniciou-se a rega. Era mesmo assim. Anda, Simão Rosendo, só um pouco de vermelho para tingir a água, como os meninos em noite de ano novo. Começámos a brindar, Edmundo Chega aqui, Rui Seladinha, copos levantados e olhos nos olhos, os gestos tolhidos pelo aprumo do savoir-faire do sorvo. Era exactamente assim que eles faziam lá no serviço de grill, por altura do doce, Maurice César a amolentar o piano com ambas as mãos, meus senhores. Fôssemos então. Tchim tchim à nossa. À tua. À de todos nós, à de Sebastião Guerreiro em particular. Thanks. Dizia este.

Tchim tchim. E ainda outro, olho no olho, ia acima, ia abaixo. Senhora Valentina a pontos de quebrar os copos no ímpeto desse beijar de bordos diante do mar e ao ar livre como antigamente as merendas, de resto nenhum outro ponto de contacto. Petiscávamos coisinha aqui, coisinha ali, folhinhas de fiambre como pagelas roxas a penderem de pãezinhos do tamanho de ameixas. O braço a ir e a vir. Custava a crer em tanta felicidade. Acima, abaixo, à altura dos olhos, mais um. Por favor são dois. Então à minha, à tua, à das nossas mulheres, à dos nossos homens. À gerência daquela casa que nos permitia a festa, nos dispensava a todos, apesar de ter existido um 15 de agosto, mas nos dispensava a todos, como se nada tivesse acontecido nesse campo laboral. Tinha sido tudo bem verdade, mas não valia a pena pensar-se agora nisso. Rui Seladinha a brincar, que cuidado, Zulmirinha, estava a ver que dali a bocado ainda poderia haver uma sessão de canto se Edmundo continuasse a servir-se daquele jeito. Realmente era preciso cautela, mas ninguém poderia jurar que qualquer barco tivesse entretanto passado a enfeitar a monotonia do mar de tão distraídos que estávamos. Acontecesse o que acontecesse não queriam cenas naquele primeiro party. Então Edmundo levantou-se e fez o quatro em pé para demonstrar a força da sua lucidez. Tinha uma figura pequena e débil, o bigode lembrava um buço, e a cara salpicada de pequenos furos de pele, resto de uma vermelha fogagem feita de espinhas de cabeça branca, que tinham aparecido de propósito para deixarem o seu vestígio de coisa sarna, senhores. Mas estava óptimo. Vejam todos, Zulmira, como eu faço o quatro. E fê-lo, pé no joelho, braços abertos como se quisesse avejoar, feito

pássaro doméstico. Tanta era a consciência do momento, das coisas circundantes. Só que no meio de tamanha alegria de brindes, Simão Rosendo pôs-se a perder a sua palidez de mordomo e deixou-se iluminar de rubor, por entre as risadas que reduziam o som do mar à dimensão de um chiado. Fosforescia já até ao pescoço de uma alegria brilhante e vermelha, e nós estávamos todos reunidos e éramos testemunhas. Ah, gente. Afinal a sandes era o melhor prato da mesa desde que enfeitado de basto vinho. Sirvo de tudo aos outros, mas sei. As verdades a saírem-lhe da boca aos borbotões. Já Simão Rosendo ia começar a espetar o dedo onde o anel, oblongo paralelepípedo de estrada, brilhava como copo de vinho lagoa, e já a camisa se desfraldava da segurança do cinto, exactamente o mesmo, amigos, que costumava cingir-lhe os fatos de preto lustroso e de laço, e já ele não se cansava de repetir. Ah caramba, que aquele era o melhor prato de mesa desde que enfeitado de basto vinho. E perante o riso de todos, Simão Rosendo olhava por cima das cabeças, batendo com a vista na rama rala dos pinheiros. Tinha o maître o olho iluminado por muito cuspo, como se pouco a pouco uma faca interior o estivesse a untar de um majestoso desejo, feito só de mastigação e saliva. Como foi isto amigos, afinal houve alguém que o serviu de propósito para estragar a festa. Zulmira Santos tinha muita razão para olhar em volta como se algum dos presentes fosse um conspirador disfarçado. Não tinha sido ninguém. A sandes, olhem muito bem para as que aqui estão. Dizia ele com um tique de gesto aprendido à la cannebière, messieurs, mas já tocado a partir dos membros de baixo, tropeçando um pouco para alcançar as fatias dispostas duas a duas,

uma surpresa de conduto escondido no meio. A sandes, vejam-na. E era como se nenhum dos presentes nunca tivesse provado esse mantimento na vida.

Foi logo assim tudo tão claro na décima nona?

Então nesse ponto de alegria Valentina Palas fez-se mexer toda sobre a anca como se comandada por uma palavrinha secreta e súbita. A gente a rir. Abriu ela a boca de um saco fechado por um franzido de cordel com que o seu cabaz se rematava por tampa e olhou para o interior do recheio. Eu sabia, amigos, eu sabia que chamássemos o que chamássemos a este ajuntamento, esta festa tinha de chegar aqui como sempre. Falem-me agora em coisas de toiro azul e princesas carinas. Ah, oui, y arriver. Disse Simão Rosendo disposto a atravessar o grupo com um pesado ganguião de perna. Ou isso, eu sabia. E a senhora Valentina, depois de ter feito parir pela boca da bolsa, cuidadosamente, uma taça do tamanho de bacia de lavar o rosto, pôde dizer para todos como tudo o que ali viam era só tablete e ovo, além de açúcar, meus amigos. O seu Leonardo por testemunha. E depois, a segunda surpresa, para a qual não era preciso tanto cuidado de mãos, de olhos fechados se adivinhava. A gente a rir. Começou então Valentina Palas a dispor uma pirâmide de sanduíches de crosta viva. Estivessem à vontadinha que dava para todos e todas, e viessem vindo a elas. A saia da ofertadora, comprida e de folho, fazia um redor de camilha em torno da cintura. Entre os dois seios, caído o xaile para o colo de Leonardo, cavava-se diante das vistas uma greta entalada por duas bolas secantes onde poderia esconder-se, acagaçado, um

grande pombo. Tão boa a vida, tão mansa, meus senhores. Só que assim não podia ser, porque nesse tempo Simão Rosendo já se pusera a dizer de je suis le coq, e estava prestes a armar arruaça como se fosse um reles bebedor de domingos, na iminência de desfazer o convívio tão bem começado, e era urgente. Um momentinho. Disse Zulmira Santos, deitando um olho de raiva descomposta sobre o volume de sanduíches que entalavam a vista do party. Um momentinho. E pôs a mão toda pedinte no peito de Simão Rosendo. Sente-se aqui, meu amigo, e tome disto. Dir-se-ia que Zulmirinha era uma verdadeira mulher, e assim é que elas se queriam, previdentes até ao lencinho de assoar. Não é que a gaja tinha trazido café, puro e quente dentro de um termo confiança? Para remediar os casos como aquele? Estava tudo aparvalhado no meio do party. Simão Rosendo feito criança foi sorvendo o líquido que fumegava um fio de nada, devagarinho, caramba, deixando trespassar-se por um aniquilamento que o punha acobardado e vazio, o maitre agora sentado sobre um banquinho de lona com lista no meio, um banquinho que fechava as duas pernas como tábua de passar a ferro. Olhem só. As mãos badalantes por uma mocada interior de misturas, e o anel pendido acima do nó do dedo, agora sim. Agora já tínhamos de novo reencontrado à paz e a dignidade. Queríamos tudo em ordem, caramba. Zulmira sabia que se não fosse o cafezinho quente a atalhar o ímpeto, em breve Simão Rosendo teria mos-, trado o artelho debaixo da bainha da calça, peúgo sobre o sapato, dizendo que possuía ali um grande esporão de pata, e na boca, que vissem, um bico curvo e feroz. Très féroce, mes copains. Porque no tempo

de quando os parties ainda não eram parties mas merendas, o que acabava de pertencer ao passado, costumava imaginar-se de condutor de pintainhos, pi pi pi. Je veux mes petits poussins. Près de moi, près de moi. Era hábito dizer pela sua estada à marseille, passando o maitre d'hôtel com as pernas bambas por cima dos mantimentos, para que viesse atrás de si todo o suposto rebanho de aves. E contra isso, o peace and love de Sebastião Guerreiro era um gafanhoto de cuspo. Só que na décima nona, felizmente, Zulmirinha Santos foi capaz de impedir o pior, aqueles desacatos tradicionais e tristes. Graças ao esforço de alguns o bem era agora colectivo, e tudo já se encontrava em ordem, tão calmo e tão o.k. Apetecia uma pessoa pensar. Até os pinheiros abanavam as agulhas ralas obedientes ao ventinho do mar onde nem passava um triângulo de vela, tudo tão azul, senhores, que de repente parecia verde. Credo, andávamos mal das vistas da imaginação.

Apetecia então uma pessoa pensar, no meio desse party.

Apetecia, mas tinha de se deixar o pensamento para depois. As próprias sanduíches de Valentina Palas ainda eram um monte no meio da roda, e era bom ver os gestos de agarra aquela paralisados pela educação e pelo bom gosto. A taça da mousse tinha os olhos abertos junto das bordas onde ainda ninguém prantara uma colherzinha sequer. A vida a tombar cada vez mais mansa, mais terna e mais pombinha. Num ponto tal de equilíbrio que nem maralho de bebedeiras e nem exéquias. Sim, exéquias, porque ultimamente a lembrança de Rosária conduzia a isso e a própria

Valentina Palas punha-se a assoar o nariz com ímpeto de quem lava loiça ou desentope canos. Ai pobrezinha dela. Pinaira a dar testemunho. Mas hoje não, estávamos todos a fazer um grande esforço para só falarmos de conversas ligeiras, palavras exactas, já que aquele seria por certo o último domingo de outono, assim doirado e soalheiro. Como se dizia, Sebastianito? Ah, já sei, diz-se calm and sunny. Fechem os olhos e aprendam a sorver este ar como eles fazem, experimentem. Ou antes. So sunny and so calm, apesar de novembro ser o mês das coisas mortas. Que filme lembram vocês que tenha tido uma cena semelhante a esta? Nenhum, na verdade. Disse Dorinhas Parreira. No écran, aqueles momentos bons costumavam apenas durar uns minutos, e nós estávamos ali ia para três horas, de papinho para o ar a adorar o primeiro party. Parabéns a Zulmirinha.

A primeira grande certeza era essa. Que nos filmes os momentos bons só costumavam durar uns minutos.

Então parabéns. Parabéns a todos, mas em especial a Zulmirinha Santos, tão branca naquele dia. Sentia-se mesmo a injustiça de todos por não se levantar alguém a brindar em louvor do seu esforço. Ali à nossa organizadora, mãe daquele party, madrinha das festas, mulher honrada sobre a qual ninguém tinha assim, do tamanho desta ponta de unha, para se lhe dizer, a não ser elogios, uma grande salva de palmas. Ou antes, duas grandes salvas de palmas. Mas ninguém se lembrou, e no entanto foi graças a Zulmirinha que Rui Seladinha, por exemplo, impelido pela alegria do party, não acabou por dizer das suas, já a querer contar como tinha sido salvo

da guerra colonial por uma unha negra. Porra, que felicidade a sua, meus amigos. Em que metia um certo tiro de sal, uma goela de cobra naja, que nunca ninguém tinha visto, mas sabia de fonte limpa existir, foguetes e danças no pátio pela sua salvação final, depois de tudo comprovado. Porra. porra, que felicidade a sua. Mas Zulmira Santos fé-lo engolir também umas chávenas de café daquele termo que parecia não ter fundo. Pinaira a ver. Que aquilo era party, não era um reles ajuntamento na taberna da Redonda. Assim tão convictamente dito, que Rui Seladinha se calou e a festa continuou serena, o tempo daquele encontro envolto em papel doirado, como as prendas, que bom era o doce outono, a cair sobre as cabeças felizes.

Muitos parabéns a todos, mas ainda sobretudo a Zulmirinha Santos, empregada do shopping, congratulations, my dear. A taça do tamanho de uma bacia de lavar os pés, tudo barra belleville derretida em banho-maria, andava de mão em mão com sua boca larga oferecendo-se. E a certo momento levantou-se de um canto da roda uma ponta de conversa sobre a ocupação do Alguergue, o plano de extradição do holandês de como se dera o 15 de agosto, e Zulmirinha contrapôs falando em voz alta da programação da noite, uma longa metragem que dava para esse serão inteiro, sabendo que a lembrança de conflitos desses não era conversa de party. Mas o mais difícil foi conseguir desviar a atenção de Valentina Palas, à volta com as suas narrativas ciciadas, logo a seguir à mousse. Minhas amigas, que em casa me brotam debaixo dos tacos e dos ladrilhos do pátio, fatias de coisas doces, rolinhos de

salgados, também me crescem frutos de bananeira e não possuo árvore. Minhas amigas. Todas a ouvirem. E no entanto estava uma tarde tão linda que não se via razão para que alguém se pusesse a delirar, ainda por cima aquele tipo de piela não tinha tratamento possível, e Zulmirinha olhava para o termo confiança, muito impotente. Vossemecê esquece-se, senhora Valentina, o que lhe disseram uma vez? Aliás, todos sabiam o que o Folhas tinha dito a propósito. Que uma aparição sempre traduzia de algum modo a imagem do salvador que se espera. Mas que salvador? Ora bem vê que dá uma péssima impressão de si, falando dessa maneira no meio do party, todos tão bem arranjados, tão conforme. Até o Rui Seladinha e o Edmundo pareciam cow-boys verdadeiros com aquelas calças azuis tão bem descoloridas. E então também o próprio Sebastião Guerreiro, agora absorto pelo cair da tarde, ia ajudando e lembrava o que o Folhas havia dito, para calar Valentina Palas. Ela que fizesse um esforço. Que em quarenta e três, para os lados da baviera, muitas pessoas passavam o dia a sonhar com bovinos que engoliam inteiros, incluindo os cornos, o que era tudo produto da imaginação da fome, e por isso nunca havia constado que alguma vez os mantimentos imaginados se tivessem transformado em verdadeiros pratos, porque não existiam senão no sonho dos esfomeados. Ora bolas, tudo tão ido, que não havia ponta de semelhança com aquele caso. E todos pensavam no verbo to lie, mas só se dizia em inglês para não ferir a senhora Valentina, chamando-lhe de mentirosa, que não era. Vissem só o virtuosismo dessa língua. Rematando-se assim a conversa de modo a não ofender os presentes. Mas

Valentina também lembrou. E ele, quando explicou isso contra mim não teria ido para junto da pedra anfra fumar o seu cigarrinho de cheiro?

Além de nunca se ter falado de Rosária, bem entendido.

Exacto. E ainda aí todos os parabéns deviam ir direitinhos para Zulmirinha Santos, que ao ouvir o nome de Rosária deu um salto com o corpo. Um momentinho, amigos, que íamos ter um hipódromo, além, do outro lado da estrada. E gerou-se a discussão sobre a utilidade real da manutenção desses animais em tempo de velocidades. Que hipódromo? Seriam os cavalos só para enfeite, para desporto, ou mesmo para serviço? Não importava, o que importava é que em certas regiões do mundo as pessoas apostavam fortunas e às vezes ficavam na miséria por amor desses bichos. Noutras regiões homens e mulheres passavam a vida em cima do dorso desses animais. Parecia até que tinham as pernas arcadas pela continuidade da posição a galope. Aliás, vestiam-se de roupas tão lavradas a ouro que encandeavam os inimigos, eu vi isso tudo num filme que me fez chorar de tanta cor. Então porquê? Ah isto sim, agora já era assunto de party feito diante do mar, caramba. Podíamos continuar que Rosária estava tão ausente quanto os cavalos ainda por chegar.

E por aí adiante até ao fim.

Um momento. Sebastião Guerreiro, por exemplo, não precisava de taça porque não estava com disposição. Passava-lhe à frente dos olhos a grande bacia de lavar pescoços, sem fundo, e ia de colo a colo, dos braços de

Valentina Palas para as mãos de Dorinhas Parreira. E depois que tomasse lá Simão Rosendo, e Simão Rosendo, recomposto, agarrava na taça com os dedos, um dos quais brilhava mais do que todos pelo sortilégio daquele anel de um vermelho aquoso, a cercadura, de oiro branco e amarelo maciço, a pôr um peso de importância e civilidade no mexer de Simão Rosendo recuperado. Sim senhor, a mousse estava consistente e leve, muito esponjosa e daquela qualidade se dizia à marseille de souplesse, só que às vezes mais valia afastar a lembrança. Depois, ali também estava tudo a correr tão bem. Mas Sebastião Guerreiro não queria provar, e ausentava-se daquela primeira festa sem ninguém dar por isso, e via-se pela faúlha do cigarro, velhinha e pendente, até a brisa a levar consigo. Só intervinha quando Zulmira precisava de ajuda para que se mantivesse a decência do party. Aconteceu assim. No entanto, aquela azáfama de libança e fartura parecia ter o condão de lhe provocar um despovoamento de alma. Reavivar-lhe um sentimento antigo. Como eram as coisas, Sebastião Guerreiro, tão antigo quanto a lembrança da mãe lá na velha Redonda, a alisar-lhe os bibes sobre os flancos. Mê menino, grandes as tuas espadas de braço, mesmo fêtas para acarretares o milho. Sentimento que sabia agora chamar-se de uma palavra excelentemente nova. Pura melancolia dos olhos, ou melhor dizendo, e no verdadeiro idioma. Melancholy, my love. Por exemplo. Não queria da mousse, obrigado Simão, que estava tão longe do party embora o não dissesse. E o que se poderia concluir dali é que não se assistia a uma venda por atacado e em grupo, havendo para cada um dos presentes a sua forma de contrato.

Por exemplo, Sebastião Guerreiro.

Sebastião Guerreiro, por exemplo, não sabia onde pousar a vista faminta por jejum senão no fundo da sua lembrança, e no entanto tinha jurado naquele party esquecer o sucedido nem que tivesse de navalhar a alma. Mas cedia. Que em novembro, qualquer dardejo de sol doirado não passava já de um pobre estremecimento de verão. E a praia, mesmo que os vendavais passassem de largo, começava a ficar escalvada, com as raízes das rochas a mostrarem pouco a pouco a sua feição de escarpa. Dissessem o que dissessem, amigos, eu conhecia o mês do ano mesmo que me pusessem uma venda negra nos olhos como aos sequestrados. Sempre havia qualquer coisa que me falava do tempo, tanto era o vaivém de maré e onda. Por isso, mesmo que Sebastião Guerreiro chamasse a si toda a força da imaginação, ali sentado defronte do mar, rodeado por comidas amáveis e conversas amenas, em vez de corpos de gente, pousados sobre os bruços e as natações, salpicos de corridas e alegres brados. Dar ling ling. Em vez disso, o areal tinha-se juncado de apenas conchas. Conchas largas como ferradura de cavalo, estriadas como madeira secular, brancas como polimento de pedra mármore. Irremediavelmente depois de outubro. Era ou não era, amigos? Era. Todos somos testemunhas. Parecia um despropósito de seres antigos e selvagens a lembrarem o princípio das marés, assim arrojados à costa sem porquê. Tudo contra mim Pensava Sebastião Guerreiro. De facto, búzios e animais marinhos vinham estupidamente aterrar na areia sem impedimento, galgavam sem pudor os locais de estar em recreio, muitas vezes já mortos ou

moribundos. E depois de pousados, faziam-se dessecar das humidades que traziam, pondo-se a desprender pelas tardes um cheiro baço a sal de sanita. Quando o sol ainda vinha, soalheiro e fixo, como naquela tarde.

Um cheiro baço a sal de sanita?

Podiam ir falando do que quisessem, desde que baixo e comedido, porque Sebastião Guerreiro queria antes um verdadeiro deserto, areia atrás de areia, rocha a seguir a rocha, e onda e onda. Um espaço puramente desabrido que fosse só ausência. Era o que queria. À volta os risos eram tão alegres que de novo Rui Seladinha ameaçava pôr-se a dizer de como não fora incorporado, e Zulmira a suster os desmandos. Dali se via a faixa do rebentamento como uma orla de espuma sem sinais de nada, mas em breve, quando se olhasse, ai de si, meus amigos, a beira do mar estaria pejada dessas criaturas em forma de planta, animais extravagantes de perna molusca e ventosa redonda, resumando peguenho, lisga branca, e que não se viam chegar. Aportariam de noite, indiferentes ao sentimento, e partiriam com a aguagem não se sabia quando nem para onde. Sebastião nauseado, o todo do sal e ar mergulhado num fedor de maresia que se desprenderia do tapete de algaço. E os mosquitos? Os mosquitos, aos milhares, seriam. nuvens em busca da respiração de um homem. Apetecia mandar à merda o party, cruzar as mãos atrás das costas e descarregar a raiva contra os sapatos, como antigamente napoleão fazia Passadas para cá, passadas para lá, debaixo dos pinheiros de folha rala. Aguenta. Sebastianito em tempo de folga logo desceria a matar a

solidão e a agarrar com a mão em luta esses animais indecentes, que lá se tinham ido de novo os grandes meses de verão. Vão, vão falando, amigos, Zulmira, a instrutora das vontades, como conseguia ela tanta bonança para que a merenda se chamasse party. Via-se nitidamente dali como ainda as águas rebentavam mansas, vai vai no cascalho miúdo, mas não tardariam em fazer-se de ondas levantadas, cristas de espuma desabadas sobre aquele mesmo campo de areal, como mãos de ameaça. Palmas, amigos, os dedos no boné para se dizer. Chi, tanta borrega. Nem um barquinho passa r. em passará. Em redor adivinhavam-se vontades brandas de bater umas sornas breves que alguns faziam de boa vontade vendo o sol a querer descer, mas não, amigos. Quem se lembrava de um filme onde os actores adormecessem naquele tipo de festas? Simão Rosendo ainda fechava os olhos mortiços, as mãos entre as pernas, caídas do assento de lona, um farfalhudinho de pêlo escuro em cada falange de dedo. A gente diria, amigos, chi tanta borrega nas ondas, venham também ver as gaivotas como batem asas. E o que diriam essas colinas de água, Sebastianito? Essas colinas de água diriam. Que não, que não, que agora não. De dia e de noite para Sebastianito Guerreiro, tanto desgosto. Por isso e por tudo o mais. Porque também, desde meados de outubro, lhe recolhiam na cave as canoas de e sem vela, pranchas altas como para esconder remos e redes, pranchas chatas, windsurfs, como para aplinar os ventos. Embarcações que em seu entender deveriam ficar pousadas no areal, ancoradas pelas gargantas durante o ano inteiro a assinalar a espera dos veraneios. Assim, era legítimo perguntar uma pessoa. Que raio de

estância é esta? Ele próprio, Sebastião Guerreiro, lhes ofereceria a sua guarda, o nome do Alguergue gravado nos bojos a marcar-lhes a propriedade. Em seu entender, além é que era o verdadeiro sítio, para que lá longe soubessem que todas as coisas estavam à espera, de dia e de noite, e que mesmo em pensamento poderiam vir, se quisessem, ladies and gentlemen. Era assim uma forma de estar sempre a fazer bye bye, acenando. Mas não. Pensava Sebastião Guerreiro, de olhos abertos diante de todos a ver o party correr.

A fazer bye bye, acenando.

Vão brindando, amigos. Ele sentia mas era saudade daqueles encostos de brinquedo, plástico alvadio, cada um sua cor por causa do enfeite da praia, onde sempre costumava de junho a setembro, pelo cair da tarde da canícula sobre as águas, ir sentar o seu assento de músculos por parecer de verdadeiro mareante e levá-las consigo, só cuequinha de nylon. Dizendo o please, sorridente e mundano como diante de soberanas, coroadas de ceptro e verdadeira coroa. De ceptro? Sim, pá, a varinha do poder. Oh mãe. Em vez disso, avistava-se dali aquela lisura de falésia a indicar os pontos cardeais, com a viva nudez do tempo em que os peixes bogas ainda eram répteis voadores e tinham tetas como os mamíferos. Disseram. Mesmo as placas de perigo danger tinham sido recolhidas pelo receio de que a fúria das marés as levasse para o fundo do mar num arremesso de roubo. Essas placas brancas e vermelhas, sinais como para condutores de estrada, que sempre assinalavam os rochedos por onde era perigoso nadar.

Recolhidas, envoltas em papéis e esponjas como móveis, estavam também deitadas no fundo da cave. Adormecidas. Despidas, amigos, do seu verdadeiro e profundo significado. Padrões de conquista a assinalar as passagens. Ah caramba e má sorte. Edmundo a querer fazer o quatro no meio do círculo, o cinto de cabedal a escorrer-lhe anca abaixo, a fivela de quatro fuzilhões como um garfo singular. Oh pá, que te caem as calças no meio do party. Dizia o Quinas cheio de gozo pela figura que se via. Que fossem brindando. Sentia Sebastião Guerreiro mas era saudade viva e funda daquelas manhãs gloriosas, quando vestido de pescador, coisa que sempre tinha sabido não valer a pena ser-se, porque doce era uma pessoa poder dormir as noites. Imagina, mê filho, a procela vem, abre a boca e come de um trago o home do mar. Mas assim, vestido de xadrez e de boina, com o cabelo liso, azevichado de muito escuro e uma certa laca. Só ao de leve e de popa. Sentia mas era profundas saudades daquelas manhãs gloriosas, tardes azuis de calma em que nem uma gaivota lembrava ondas. Ele, Sebastianito, vestido de pescador, sorria para elas entre as pestanas e os cigarros. Elas sorriam para ele. Doçuras. E falando por olhares e pedaços de palavrinhas, ings e gones, elas o reconheceram chamando-o pelo primeiro nome, a princípio um au au mister Sebastian, que com o tempo Sebastião Guerreiro veio a perceber tratar-se de ohs, sons inusitados e gargantais, perfumados de uma nova era e transportes, meus amigos e my friends. Velocíssimos. Sim. E a gente, todos a gente, por comparação, apenas pobre gente no princípio da intenção dos modos. Mesmo quando já usávamos óculos e imitávamos no tirá-los, no pô-los e no

ajeitá-los em frente dos espelhos, os que naturalmente possuíam a arte por herança dos avós, de mistura com as farms, os boats, os cavalos. Mas Sebastianito Guerreiro interrompia os pensamentos porque Edmundo Breba, de tanto se evitar a palavra Rosária, parecia querer tornar-se reles, dizendo adivinhas que fariam corar os peixes. Tenho tenho, sim senhora tenho. Entre o meio das pernas um engenho. E daqui comas daqui bebas. Daqui pagas a quem devas. Adivinhem a profissão que está escondida nas palavras. Zulmirinha tão ralada que lhe apetecia quebrar os cestos com sua boca bem posta de bambolina. Então Sebastianito Guerreiro arqueou os ombros como se fosse pegar um toiro e apenas fez um pcht para repor a ordem. Mas e que problema, meus senhores? Eram os sapateiros antigos, os que trabalhavam com umas formas de colo. Mesmo que se tratasse de sapateiros, my goodness, que conversa tão estúpida para um party.

Apetecia-lhes quebrar os cestos com os olhos por desaprovação.

E nós? As costas são tão temperadas que não têm inverno nem tubarão. Pouca alforreca, só de vez em quando um peixe-aranha, Rosária, mas também há éter num frasquinho quando isso acontece e alguém vem de perna no ar, a gemer uma incomodidade. Algum fucus serratus e polisyphia violacea. Tanto sentimento. O que era isso de fucus, senhor Folhas? Não valia a pena pensar. Agora já todos quietos e sorridentes, homens e mulheres, pesados cachimbos e franjados xailes. Tudo ali amansado como por uma mensagem de natalidade. Isto

é, a palavra party. Sebastianito Guerreiro lembrava-se de si próprio a sorrir só ao de leve para elas, elas a rirem muito para ele. Dentinhos à mostra, aljofrezinhos sem a menor lembrança de podre ou piorreia, senhores. E haviam dito os perros que eram inexpressivas de riso. Mentiam os que assim falavam só para desacreditar os negócios. Aliás, era sobretudo quando o dia começava a cair para a noite que aquele aperto de garganta e traqueia a que também se chamava anguish. Anguish, repeat, mister Sebastian. Aquele aperto se instalava na sua vida, oferecendo a quem calhava vê-lo de perto um ar de estátua pousada no dorso da melancolia. Precisamente o que em tempos terá levado a que lhe chamassem de Cagaça. E isso, porque mesmo e sobretudo aos domingos, o escuro começava a descer pelas seis da tarde com um acinte de urgência, como se fosse eclipse, e ficava raivosa mente pelas horas inteiras da noite até ao princípio do amanhecer. Então as memórias afogueavam-me os dedos, e chegavam a humedecer-me a vista de homem feito no pleno da maturação, meus amigos. Vissem aquele músculo. Sobretudo quando as luas atravessavam os espaços e apareciam redondas como caronhas, às vezes curvaturas ténues, breves unhas de luz entaladas no escuro. Porque Sebastião sofria de ausências, ou melhor, uma delas a very very special. Mas Simão Rosendo procurava a boina de xadrez sob os assentos dos outros, como que alapardado, caramba, que o que bebi nem fazia almarear um pintainho, e a mim me fez este efeito. Queria ir andando, levantando as mãos abertas' que não precisava de ninguém, Zulmirinha, ora essa. Pinaira em silêncio, a ver.

Mas havia duas ausências.

Bem, já agora, todos conheciam sobejamente aquela braçadeira negra que usara no braço, mas para quê falar de Rosária, provocar aquele ímpeto a Edmundo, quando tocado, me digam, para quê? E calava-se Sebastião Guerreiro, feito mudo, acendendo cigarros brancos enquanto o sol parecia o único olho verdadeiramente aberto. Porque era a ausência de uma outra pessoa que lhe ditava os modos, e lhe apetecia por isso, mal se adivinhava um cheiro de noite, fazer um arrulho de ave para se confundir com as do mar, às voltas com o sono. Depois de todos deitados, o Alguergue um palácio de silêncio a chamar os ventos, muitas vezes descia à praia, despia a roupa até ficar em pelão de nu, peça atrás de peça, e então, bem cortada a pele por um gume de arrepio, enquanto na terra os raios. Vão brindando sem mim. Largava uma corrida de nascente a poente e de poente a nascente, fazendo-se de alazão. Assim, quem o visse e lhe conhecesse o passado, eu sei, amigos, que sabia. Que Sebastião Guerreiro cumpria uma espécie de homenagem à lembrança de um galgo, cão de fuga velocíssima que aí entretivera os dias dos veraneantes. My goodness, e que bicho. Um momento, antes que acabe este party. Tchim tchim à minha, à tua, à nossa, à de todos nós, a esta praia chamada de Devícias. Ah caramba a toda esta gente aqui reunida que bem merece. Continuavam. Sim, era verdade que Sebastianito Guerreiro também **pensava em Rosária**, a pobre filha Rosária, quem lhe disse que não sofro por ela? Mas a si próprio podia confessar, dobrando o joelho da alma diante da voz interior da verdade, que a grande ausência

era a desse animal. Dissessem o que dissessem e bebessem o que bebessem com todo o zelo de Zulmira Santos. Porque o cão tinha aparecido mas não vadio, nem em matilha, meus amigos, muito pelo contrário. Friends. Para esses, os caninos lazeirados e sem estatuto de trela ou dono, tal como já se praticava desde há muito em todos os bairros da verdadeira europa e cm todo o estrangeiro em geral. Ai senhores, o grande canadá. Havia agora uma carroça pela madrugada, para onde esses bichos em vadiagem tinham de entrar ganindo pela habilidade de um certo laço de metal. Era só um zus, e aí iam eles prendidos pela goela. Ainda bem. Por isso, chumbinhos e carrapatos? Meus senhores, eram faunas zoológicas de tempos idos, agora só explicados através de desenhos aumentados e em transparência, e que vissem na televisão o tubo digestivo do parasita. The louse? Tinha dito mais Laura, a dona desse cão. The louse in portugal? Com uma expressão de vômito compreensível. Oh não, miss Laura. Mas Sebastianito Guerreiro, nessa noite, como apanhado de surpresa, tinha corado sobre a areia, para que se saiba. E felizmente que fazia escuro. Chega-te aqui, mê menino, que a tua mãe Belisanda com os papinhos dos dedos tos mata com um estalinho de unha. Tantas patinhas têm. Às vezes Sebastião Guerreiro, muito pequeno, punha-os em cima de um espelho de carteira para os ver andar. Mas agora eram faunas zoológicas de tempos muito antigos e de que não havia vestígio in portugal, depois dos DDT. Nem os meninos Joanos tinham e era o que fazia a civilidade, miss Laura. Não mais cães vadios, não mais parasitas de qualquer espécie. No more. Até porque esse cão dos seus pensamentos, que se entendesse, não era

propriamente um cão, amigos, e tinha aparecido ligado por uma trela de fino cabedal à mão de uma senhora dona. Sebastianito, mesmo no meio do primeiro party quase a chegar ao fim, lembrava-se comovido daquela aparição pelas tardes em que descia ao mar, e ele às voltas com a relva. Nem fruta nem doce, por favor, Zulmirinha. Havia homens nascidos para servir o canhão e outros para montar o cavalo. Ainda outros para a condução dos motores, e ainda havia uma outra espécie para arma nenhuma. Por isso existiam desde tempos sem memória as inspecções antes de se ter vinte anos, e as taxas militares como castigo para toda a vida. Está a mangar comigo, senhor Folhas? Eu até fiquei livre em quarenta e três. Mas o Folhas tinha corrido a vista pelo lombo do oceano, que ali parecia um rio. Perna fina de canoira, voz de pucela, amigos. Sim, nesta terra, a guerra de que tu, Sebastianito Guerreiro, te tornaste herói, demorou a ser inventada. Continua a mangar comigo. Tinha dito o pai de Rosária, rindo. Qual quê, não sabes que pertences a uma artilharia não prevista, só necessária para manejo no tempo da mansidão? Isto era. Quando o repouso, de doce, se torna um modo. Entendes? Tinha perguntado o Folhas, passando-lhe o olhar pelo pescoço do corpo. Sim, senhor Folhas, entendo. Talvez com uma voz menos timbrada do que agora lhe chegava por lembrança aos ouvidos. Tudo muito mais simples e rápido de pensar do que de viver. Ali sentado a ouvir os risos, que eram permitidas todas as adivinhas desde que decentes, Zulmirinha. E parecia-lhe aquela recordação de palavras repetir-se de encontro às suas orelhas em tom revérbero e muito entoadamente. Tinha-lhe dito ainda o Folhas, encorajador

e sábio, despistando todas as dúvidas que se haviam levantado em torno da sua pessoa, sempre de bloco na mão como se nunca estivesse a fazer o que estava. Que notasse bem. Porque quem lhe chamava esse horrível nome de Cagaça, ou lhe invejava as espáduas, Sebastianito, ou então, já tinha esquecido o significado de palavra donde haviam formado esse anexam, e confundiam, homem, confundiam nele a dignidade da pessoa que se superiorizava aos outros, pelo seu próprio esforço. Está mas é a mangar comigo, senhor Folhas. O Folhas tinha continuado ainda, amaciando a voz como se quisesse cativar algum menino invisível. É um facto que até no tempo dos reis, os reis invejavam esses, e isso porque desde sempre houve o receio da plebe, meu amigo. Sim, compreendo, senhor Folhas. Tinha eu dito, compadres, sem compreender da plebe, e receando que aquele discurso não tivesse fim, quando me emocionava o cão, o seu andar, a sua dona. Mas agora, vendo a tarde a arrepiar-se com aquele doirado de futuro, ponte alaranjado por certo, repetia aquelas palavras só para si e em eco, o silêncio que lhe permitiam todos, à excepção de Simão Rosendo que havia regressado só, a conferir-lhe a dignidade de grande dono do party. Peace and love, my friends. O Folhas a brincar comigo que valia a pena tentar, e que não me lamentasse por aquela contradição que sentia eu ao ver a mulher entre os dois loiros, do tamanho de pilares, que tudo era possível. Possível, senhor Folhas? O Folhas na brincadeira feito sério, o olhar pairando sobre o escaldo da areia. Ou nunca ouviste falar da lírica? Melhor dizendo. Também é dos livros, que todos os comandantes em chefe, entre as lutas que sempre perdem, ganham e planeiam. Tinha

continuado o Folhas com a voz clara como para ser ouvido por um vidro colocado diante da boca. Enchem os olhos de coisas passadas e futuras, sentimentos doloridos do inolvidável. Contava-se isso de todos os epaminondas, Sebastianito Guerreiro. Senhor Folhas, eu epaminondas? Que epaminondas? E tinha rematado. Que quem apenas se contentava com o puro presente eram os bácoros no cativeiro da pocilga, ou os homens, que, como esses cevados, encontravam a felicidade na chavasca e na manduca. Sim, senhor Folhas, eu entendo. Mas na altura era como se nenhuma daquelas palavras se lhe dirigisse verdadeiramente. Agora sim, a ausência e o passado faziam compreender o significado mais amplo e mais profundo de tudo o que lhe queria dizer naquele dia. Afinal a memória tinha um rabinho peludo por onde se puxava, e atrás dele vinham os afectos gritantes, ai de nós, ai de nós. E era tudo.

Sebastianito Guerreiro a puxar pela memória, no meio do party.

Sim, e tudo muito mais simples de se pensar do que de se dizer em nome de todos. Tchim tchim à tua, à minha também, á de uma velha namorada que eu tive e era de gritos, pá. À saúde de todos nós. Claro que o Folhas não estava, pensávamos ser desnecessário lembrar. O Folhas participou por inteiro da sétima merenda e do décimo lanche. Três piqueniques disjuntos. Encontrava-se portanto ausente da décima nona, o primeiro party. E depois as palavras a demorarem os pensamentos rápidos, de novo. Um momento. Sebastião Guerreiro ainda permanecia quieto, segurando os queixos com as

mãos, a cabeça indo e vindo, acompanhando aquela ausência de velas, povoação das águas. No fundo não dizia mas sentia. Cagando me ando eu para este party. Porque como Laura, miss Laura, a dona desse galgo, nenhuma delas. Onde a melancolia da lembrança assestada na alma de Sebastianito. Não, não era pela memória da filha Rosária, embora a ideia servisse às vezes quando os importunos falavam. Pinaira de sobreaviso como se guardasse segredos. Sentia-se que a festa ia terminar, só que agora corria tão bem que se adivinhavam coisas pacatas como o ovo, o azeite, o botão de camisa, palavras puras como para crianças infantis. Podiam continuar, vizinhos, porque quem, para comparação, nessa altura, apenas dispunha de dez, de quinze, ou mesmo de vinte elementos, só poderia dizer que esta era melhor do que aquela. E a certeza seria tanto mais relativa quanto menos as unidades a comparar, entendam-me, compadres. Mas com Sebastianito, por exemplo, não era bem assim. O marido de Santanita Cagaça, pai de Rosária, tinha-as havido de todos os formatos de boca e feitio de seio. The breast. Experimentado entre os papinhos dos dedos toda a variedade de tecido e pelagem. Cabelo, axila, triângulo do meio. Sabia por isso que havia os lisos como crina de cavalo. The horse. E os frisadinhos como lã de anho acabado de nascer. The lamb. Que os havia bastos e tesos como as fervas da erva grama. The grass. E os finos, sedosos, que se adivinhavam loiros mesmo no escuro das noites Oh so sweet, so sweet. Compadres. Mas como os de miss Laura, nenhuns deles. Eram compridos e versáteis no menear, cor de folha de trigo. The straw. Que se deixou amadurecer a um sol de oiro,

jaspeado e radioso. Por isso os cabelos dela lembravam fios de metal irisados de uma ideia de bronze. Então a esses Sebastianito Guerreiro, a quem as más-línguas por inveja ainda chamavam de Cagaça, teve de dizer deslumbramento. E não encontrando nessa noite a palavra necessária entre todas as que aprendera pelo figueirinhas porto, pusera a mão em os pêlos de si próprio, sentindo-se nu sobre a musculatura do coração, como se a pusesse directamente na alma, e disse, meus amigos. Oh angel. Oh angel. Até ela parecer cansada de ouvir coisas celestiais e tapar-lhe a lua com a mão. Vinha o astro aparecendo atrás daqueles pinheiros como se quisesse atravessar as árvores do amarelo e redondo que trazia. Tinha sido tudo tão verdade, que apetecia um homem partir as feições ao meio. Não insistissem, amigos, que lhe doía a cabeça como nunca na vida. Estávamos todos a ver que sim, incluindo Pinaira. Miss Laura fora a mulher mais extraordinária que por ali passara. The fascination woman. Sempre foi a minha opinião, eu, Sebastianito Guerreiro, marido de Santanita Cagaça. E disso me fui certificando por dia, tantas quantas as marés vezes sete, durante o verão que acabou. Sebastianito olhava aflito para o grupo todo, onde só faltava Simão Rosendo, que nem parecia alguma vez ter passado pelo bafo dos vinhos do languedoc, caramba, muita mentira se dizia nesta vida. Se o homem até de beber groselha ficava atordoado. Valentina Palas guardava a taça do redor de uma bacia de lavar cabeças, mas Zulmira Santos é que seria atenta até ao escrúpulo, já que sustentava um copo de água na mão, uma pastilha para enjoos na outra. Ataca quanto antes essa

dor de cabeça, Sebastianito, vive em pleno o encerramento deste grande party. Claro, minha amiga.

Tantas quantas as marés vezes dez.

Vezes sete. Não exageremos. E não só pela textura do cabelo nem pela forma da anca, meus amigos. Havia um outro pormenor que distinguia miss Laura de todas as outras. É que a miss tinha acabado de viajar por tudo o que era mar neste endireito do meu braço. Cáspio, vermelho, tirreno, compadres. Tinha pernoitado em todos as grandes praias do mediterrâneo que dizem ser tão azul como este aqui, dormido diante de anfiteatros de escadinhas na velha atenas toda às colunas, os monumentos acachapados como por uma tampa, passado tardes mornas nas janelas do sul de itália, diz que umas trepadeiras a fazer voltas, a fazer voltas. Tudo ela me a mim me contou. E vindo de tanta parte, nunca me chamou de nikias, nem de vicenzo, nem de paquito, como as outras, esquecidas de onde estavam. Compadres. Facilmente confundem tudo, gregos com corsos, corsos com espanhóis, dizendo uomo e hombre a uma pessoa abalada na sua costela de cidadão. Confundindo às vezes outras coisas mais significativas. Compadres. Deitadas na areia, as gajas de noite trocam as nacionalidades, pá, baralham os nomes e não se calam. Mas miss Laura, pelo contrário, sempre o tratara por mister Sebastian, the dog's keeper. Vão, vão brindando, meus amigos, mas façam as saúdes serenamente que não queremos cá desacatos nesta festa em memória da nossa mudança. Sim, Sebastianito continuava com aquela dor de cabeça que já ia passar,

obrigado a todos. Mas quando Sebastião Guerreiro acabara de contar a fineza da criatura, o Folhas tinha-lhe perguntado se não conhecia a história. Mas que história? O Folhas muito sério. Sempre há os que se redimem de uma questão chamada de mapa cor-de-rosa. Não, eu não sabia, senhor Folhas, aliás, creio que já ouvi uma vez falar disso, vagamente, na telefonia, pela noite adiante, mas estava com tanto sono, e foi há tanto tempo, que não me lembro sinceramente de nenhum mapa da cor das flores. E ali em volta, a tarde a descer doirada, a descer, o fim do party a resultar tão bem como o seu princípio, parabéns a Zulmirinha Santos, tão empreendedora, essa mulher que ali viam. Para quê intervir, minha filha, tudo estava a correr tão calmo, tão conforme. O Quinas, o Serra e o Rui Seladinha a rirem com as barrigas todas mas falando baixo, o Edmundo perto, as costas encostadas a um pé de pinheiro, parecia resmorder um pensamento secreto, não adivinhando nem uma.

E depois. São tão breves os pensamentos e tão longas as palavras.

Sebastião Guerreiro punha-se de novo a pensar na lua, aquela gema cósmica de sabor a outros mundos e idades, com um breve suspiro, sentado por terra, só para não assustar o party ainda composto. Vem cá, Sebastianito. E ele esquivando-se apertava a testa entre o polegar e o indicador, que a grande dor ia amainando, mas não lhe falassem ainda. Existiam anos, anos-luz nos espaços, vizinhos, isto é, a luz sempre sempre sempre a correr, demorava anos a chegar, my friends. O que

sabíamos nós da vida? O céu tão fixo, vissem aquilo, que o tempo nem ia mudar. E olhava à volta como se o preocupasse a dimensão das órbitas ou a meteorologia das chuvas. Mas baixinho, mesmo que aquele astro passasse de novo de cheio a minguante, e ficasse então no céu apenas um pressentimento de planeta. The round moon. O que interessava era a recordação das coisas, ou o galope do tempo. Porque de dia, miss Laura descia o galgo com o altivo aprumo das antigas garbo, e o animal, desprendido da trela, atravessava a praia bandeando as patas como se não quisesse sujá-las na areia, mantendo sempre três delas no ar. Assim, senhora Valentina, nesse verão passado, quem dormitava à sombra de um círculo de pano, sob o dardejo do sol e espapaço das toalhas em brasa, erguia-se, vendo uma sombra negra adejando. Retirava os óculos para ver melhor o animal. O quê? Seria aquilo um cão? Ai eu. Mas de noite, miss Laura depositava a roupa a um canto de rocha, gargalhando-se. E antão sim, estando a areia deserta, e desprendido da trela, era como se quisesse esse cão fecundar a aragem na carreira e com a cauda. Uma folha de palmeira iriçada de leveza, que se fazia de adejo e velocidade, meus senhores, senhora Valentina, se visse. Pode dizer e jurar a Pinaira que Rosairinha nunca soube de nada. Só o que era incrível é que estivesse agarrado àquelas ideias, ali no meio do primeiro party a despedir-se da tarde e não soubesse contra quem lançar aquela incomodidade de alma. Se contra a senhora Valentina Palas ainda a comer, se contra Pinaira a olhar tão atenta como se registasse as batidas do pulmão de cada um. Ou se contra si mesmo por aquela recordação alvoroçada. Não havia saridon, Zulmirinha, que lhe arrancasse aquela nevrálgia,

se bem que o party não tivesse culpa nenhuma. Estava tudo tão sóbrio, tudo tão vestido como no princípio, xaile direito, cachimbo aceso, os cestos tão em fila. Grande coisa era isto de se chamar um nome digno às merendas. Quando as festas ainda se diziam assim, as mulheres para se levantarem tinham de se agarrar umas às outras, tendões demasiado frágeis para puxarem por si só as grandes ancas a que apetecia chamar de cus, e agora, vistas por entre as pestanas e o fumo, até Valentina Palas lembrava a rainha vitória de um grande filme, disfarçada de pessoa madura, se a rainha vitória tivesse tido visões, que nunca teve. A não ser de grandeza e moralidade. Também se sabia. No entanto, apesar da dignidade de todos, Sebastião Guerreiro era obrigado a repetir a palavra Laura para se salvar. Miss Laura. Dizendo esse nome com um ó profundo, arrancado pelo abaixamento da língua completa sobre o redondo das mucosas, muito maior exigência do que para se dizer party. A boca toda em concha mas em jeitinho de doce, como se fosse para imitar um eco no sopé de um monte, sem querer ferir a susceptibilidade das ervas. Sebastianito.

A susceptibilidade das ervas? Ai deixem rir o party.

Era. Mas o dia ameaçava ir pôr-se com uma risca de poente cor de tangerina, e os próprios pés dos pinheiros pareciam ter mergulhado num celofane de sumo. O mar era uma coisa líquida de que não se sabia dizer mais de que estava ali em baixo a fazer o seu chiado de água para o party. Porque o Alguergue começava a ser uma espécie de vulto de tons a sumir-se e a crescer para a iminente escuridade. Que pena, ir anoitecer. Sorry, sorry.

Disse Zulmira Santos contente de si mesma, e o próprio Sebastião Guerreiro, sacudindo a mosca das ausências, levantou-se. Podíamos ir andando. O que interessava é que tinha sido uma bela tarde, um óptimo início de parties, nem nunca ninguém se lembrava de ter passado na vida um tempo assim. Tudo aquilo vivido por dentro como artistas da nossa própria cena, o que conseguíamos a partir da vontade. Catarina Mendes falava alto, incapaz de conter reservas naquele momento. Tudo a correr tão bem. Pela primeira vez os homens a quererem carregar os cestos que as mulheres levavam pendurados dos cotovelos, porque se devia dividir as tarefas, e a coisa a certa altura ainda tinha estado a desandar para o torto, mas estava a terminar tão bem. Olharam para debaixo dos pinheiros onde acabava de decorrer a festa, e viram como tudo ficava limpo, ao abandonar o local. Além a pedra de Rosária, e a clareira até ia ficando com o seu quê de místico, mas não falemos nisso, senhora Valentina, queremos que isto termine mesmo em beleza e sobretudo que Edmundo não oiça. E Edmundo não ouvia, entretido que ia a falar de grandes ases com o Quinas, mãos nos cinturões como cow-boys em tempo de festa no rancho. Olhava-se para o horizonte e nem uma vela, nem um barquinho de motor, zeta zeta, nem um para amostra passava atravessando as ondas, caramba, e o sol a cair tão limpo àquela hora. Zulmira Santos, de todos e todas era quem melhor cheirava no regresso, ou não fosse ela conhecedora da venda dos perfumes. Mas no ar também se cruzava o aroma dos pinheiros com o do sal do mar. Visto de frente, devíamos lembrar convidados de uma festa de matrimónio onde todos teríamos sido noivos e noivas,

acalmados pela certeza de um milagre de transmutação da água em vinho. Fine. Só que de repente, a meio da encosta, todos estacaram o passo. Era Simão Rosendo que descia apressado e aflito como se tivesse perdido o posto; Onde? Onde está o meu anel? Toda a gente poisou os cestos para ver as próprias mãos. O teu anel? Não o temos. Mas que anel, homem? O meu anel encarnado, pá, o meu anel que trouxe de marselha. Estarrecido, Simão Rosendo parecia ter desconjuntado os rumos olhando para todos. Estou perdido. Dizia ele com os sapatos pregados à encosta, feito imóvel. Tu não o trouxeste. Deixaste-o no sítio onde estiveste a fazer a barba e vai lá ver. Todos em volta estupefactos. Puseste-o na mesinha de cabeceira, de certeza. Tiraste-o se calhar quando foste escovar as unhas. Mas Simão Rosendo abriu os braços como se movido por profunda tragédia, e pôs-se a andar apressadamente em direcção aos pinheiros donde os outros acabavam de vir. Deixei-o além, perdi-o além. Comprei eu aquele anel à la cannebière, pá, na mais linda ourivesaria que os meus olhos já viram, tudo para nada. E assarapantava-se naquele retorno aos pinheiros, que preferia ter perdido, nem sabia o quê, a casa, a família, não sabia bem o quê, mas aquele anel não, possas, que era de mais. Mon dieu. Espera um momento e acalma-te. O sol no mar era uma risca na barra do anoitecer, e sentia-se a urgência das decisões. Que não o tinha já quando alcançara os canapés. Tinha. Testemunhou Pinaira. Tinha sim. Não tinha não. Edmundo jurava. Mas que não jurasse que havia impressões de um caneco que uma pessoa gravava e não correspondiam à verdade. Só Sebastião Guerreiro sabia ao certo que quando Simão Rosendo se

levantara para lhe acender um fósforo, ainda ele o possuía. Parecia estar a vê-lo. Lembrava-se até dos pensamentos que tinha tido a propósito, vendo a pedra brilhar ao sol. Andava a senhora Valentina a oferecer as tacinhas para a mousse. É verdade que andava. Só restava então a todos irem largar os cestos para ficarem mais libertos de movimentos, e descerem com lanternas a procurar entre os pastos do chão. Um anel não voa. Vamos dar a volta pela esquerda e olho aqui, olho ali, havemos de encontrar o teu enfeite, homem, tem esperança.

Era caso para perguntar. Alguém tinha notícia de um party terminar assim?

Zulmira Santos estava especada no meio do escurecer a assistir ao remate. E quando os viu partir, desolou-se. Já alguma de vocês teve notícia de um party terminar assim? As amigas olharam umas para as outras e realmente ninguém tinha ideia, por mais que puxasse pela memória dos filmes, os olhos perdidos no fim do mar. No entanto, Zu1 mirinha, era possível. Se às vezes, nas festas, até as condessas perdiam sapatos, saquinhos de mão, lenços de assoar, e outras coisas ainda mais necessárias, era muito natural que um party em portugal terminasse assim, por um contratempo como aquele. Mas Zulmira não se consolava, e tinha razões para isso, vendo-se a meio das escadinhas, rodeada de cestos como cabazes tortos, abandonados no desapontamento. Ela, que tinha previsto tudo até à exaustão para equilibrar a festa, ela. Sentia até o corpo cheio de picadas como de alfinetes de tanto nervosismo, para no

fim assistir a semelhante debandada. Ela. Fechava os olhos no lusco-fusco porque não queria mostrar o verdadeiro cansaço que tinha, e dos pinheiros ninguém voltava. Era como se para Simão Rosendo aquela busca fosse inadiável. Porque não procuraria aquele homem o anel noutra sítio, amanhã, a qualquer hora, senhores? Caramba que parecia propositado aquele incidente. E depois Pinaira tinha a certeza de serem passadas perdidas, mas isso era lá com eles, que quem corre por gosto não cansa. Devia-se ir entrando, abrindo as camas feitas de lavado, começar a dormir, e depois se veria o desfecho. Zulmira é que queria ficar, os pés sobre a relva já orvalhada pela noite, para que assim terminasse a décima nona, já party. Até que voltaram. Simão Rosendo parecia ter-se esquecido de todo o francês aprendido à la cannebière, feito vulto mudo, e sentou-se também num degrau disposto a pernoitar ali mesmo. Ah caramba, que exagero, nem que lhe tivesse morrido algum filho, ou o mundo fosse acabar por via das coisas desaparecidas. Nunca se aplicara tão bem o que se costumava dizer. Que se vão os anéis e fiquem os dedos. Já te apalpaste bem dentro das algibeiras, viraste as roupas? Ora experimenta lá de novo. E afinal, vendo melhor, o que era um anel? Uma argola que se enfiava no dedo, se tirava e se punha, não fazia parte da pessoa. Devíamos mas era subir que a maresia começava a colar as roupas e um ventinho soprava do mar. Amanhã se veria.

SEGUNDA

RESSAIBO

Acordava-se, e as manhãs, mesmo quando encobertas pelo outono que já fazia, sempre traziam ideias amenas e não admirava. O Alguergue era uma grande máquina de engenharia e arquitectura e encaixava na gente, a gente nela, todos de alma estendida à beira da Praia das Devícias. Bastava cada um deitar para trás das costas as lembranças do tempo dos desejos, e pôr-se no seu posto a entreter as horas, para sentirmos como a vida corria de manso. Por isso as portas do coffee-shop e do milk-bar abriam à hora aprazada com a placidez e diligência de quem fosse atender os pedidos de please, do. Era assim que pelas onze horas, muito refeito do sono, Rui Seladinha aparecia enfeitado de laço de seda, dragona na manga, disposto a desferir as alavancas da máquina gaggia, em rotina. How many? Inácio João e Garciano envergavam as fardas de punho cor de café com leite e colocavam a bandeja atrás das costas, como se quisessem amparar a espinha com esse objecto de metal. Tudo tão calmo, meus amigos, tudo tão simples. Os pássaros é que não subiam, porque se subissem até ao Alguergue deveriam cair no chão com a força do silêncio que fazia, habituados eles às vagas do mar. A maresia caía mansa e muda até sobre os guardanapos de papel, mas funcionava como uma espécie de sedativo para os gestos alarmados de véspera pelo acontecido. Porque no dia anterior aquilo tinha acabado mal, perdera

o homem um lindo anel francês, de ouro verdadeiro, e dissessem o que dissessem sobre a inutilidade das jóias, que já nem se usavam como antigamente, a verdade é que aquele anel era muito mais do que um anel, era um sinal de viagem e de estadia. Dizia Simão Rosendo abatido, a enxergar dali os pinheiros. Catrinita Mendes limpava então os vidros com espirrozinhos de líquido e gestos lentos, circulares, de pano. Pelo lado do mar, um azul, pelo lado da terra, um verde. Atrás das breves montras do shopping que davam para o átrio, cheias de vasinhos discretos, de espelhos, pequenos galos de crista vermelha do tamanho de caudas, havia perfumes worth paris france e teciam-se coisas de linha pelas mani di fata abertas. Era Zulmira. Valentina Palas, não. Pelas onze horas descia ela a rampa, batendo com o calcanhar numa sola de chinelo de enfiar, cloc cloc, quase imóvel, tesíssima na sua robustez de pleno sebo, mama solta, a caminho dos w. c. do mar. Fora aquilo feito, como todos sabiam, só para o tempo banhar, mas havia sempre um porco ou dois que resolvia lá ir dar de corpo sobre os portais da entrada, em qualquer dia do ano. Ai senhores. De manhã todos os gestos adormecidos por não haver urgência nenhuma. Tanto se nos dava que chovesse como ventasse, que aquilo se chamava de vagar. Aliás, se Rosária não se tivesse precipitado e cometido a loucura, ela própria haveria de desfrutar da amenidade da vida, porque ali, mesmo que o mar embravecesse, do porto de pesca se fizera uma praia de nado, sem barcos de pescarias, para não agoniarmos a paciência com cenas de partidas e chegadas, ai ai se voltarão, dramas verdadeiros debaixo das nossas vistas. Aliás. O peixe que aqui servíamos era tão feito às postas e as postas tão

perfeitas, partidas com ferramentas tão adagas, que não provinham de certo nem daquela costa nem de nenhuma de Portugal. Os peixes corvina postos ao lume eram tão cheirosos, que também não poderiam nascer nem crescer nas redondezas daquele mar. E se assim não fosse, ninguém nos dissesse o contrário, porque gostávamos de manter essa agradável sensação de estarmos rodeados de coisas viajantes. De nada valia andarmos aqui a ver cenazinhas das tais, esse ir e vir em cima das ondas, para no fim só charrinho pio. Graças a Deus que todos tinham deixado os barcos escurecerem, de caixão exposto às invernias, e se tinham feito aos services. Olha à roda que nem um marítimo vê, Rosairinha. Thank God que nem um. Mas Rosária havia tomado as exceções pelas regras e contemplava a lancha do Cipriano com os olhos nela alongados como se fosse verdade.

E Rosária?

Sim, também havia às vezes uns leves laivos de desentendimento. Depois Sebastião Guerreiro acordava no meio da relva com a máquina flymo calada, sua haste de manípulo erguida e o ajudante a fingir que fazia. Os crisântemos refluíam por cima de umas folhas emurchecidas que era preciso cortar com tesoura, e Chico Antunes sorria de vir limpar os motores, avaliar a densidade das águas, com uma mangueirinha na mão. Andam aqueles miúdos lá em baixo a chamar-te nomes, pá, e eu se fosse a ti me ia a eles. Mas Sebastião Guerreiro, virando todo o corpo, deitava um olho lúbrico de desdém, como se isso fosse a última coisa da vida a

dizer-lhe respeito. Porque no fundo Francisco Antunes não dizia mas era como se dissesse. Chamam-te de Cagaça, pá. E Sebastião Guerreiro como se respondesse. Estúpidos. E Francisco Antunes como se continuasse. Não te ofendas, homem, que já eu fui e vim, e falei com gente na subida e na descida e tu aí a bateres com as pestanas as horas do relógio. E Sebastião Guerreiro como se replicasse. E tu? O que fizeste? Pariste alguma ideia luminosa e ficaste brilhante? Vê com quem falas. Arregaçando as mangas como se para obrigar a máquina flymo e o ajudante a engolirem num ápice todas as relvas verdes. Eu sou superior a insultos, sei bem a que estou e a que vou. Amanda-te. Get out, get out of my sight.

Mas pelo contrário. Sorriam um para o outro e ambos para o Alguergue à sombra do qual conversávamos como se aí sempre houvesse um resto de verão o ano inteiro. Então Sebastianito Guerreiro curvava-se sobre os verdes a colher as folhas velhas, e fazia um ligeiro sinal de incomodidade, embora de nada lhe interessassem os Joanos, nem Cipriano, nem nenhuma coisa que se lhes aparentasse. Já sei, andam a dizer Ca pa ga pa ça pa, para exercitarem o eco. E Sebastianito muito compreensivo e pensador. Magoam-me outras coisas, mas vocês conhecem alguma história sem sofrimento? My god. A ausência era, uma grande ofensa que nos faziam, repito, e a manhã que soprava do mar embalava as ideias. Enfim. Bem lhe tinha dito Belisanda Maria que a memória, a mimória mê filho, era uma grande condenação dada por deus aos descendentes de eva. Se não fosse a mimória, mê filho, a . gente vivia como as

plantinhas dispostas na jarra, que só abrem a folha por
riba e para o mesmo lado, e uma pessoa era só cantar
todo o dia. Tinha-lhe dito a sua mãe suspirando pela
memória do pai. Ai ai. E como era ele? Tinha maçã de
adão e cabelos no peito, o meu pai? Ai a mimória, mê
filho. No lugar da maçã de adão tinha um vulto do
tamanho de uma abóbora menina. E o pêto era um
matagal vardadêro como tu taras. A força do pulso dele
era tamanha que quando as mulas não queriam lavrar,
nem ir ao rego, ele as levantava pelos tirantes, em peso,
e metia-as no sítio certo, tão certo como eu e tu sermos
dois, tu e eu. Tudo isso dizia Belisanda Maria sentada na
casa da Redonda, a ouvir tilintar uns guizos de ovelha
que balia. Ai ai. E Sebastianito, achando tanta fartura
desperdiçada, perguntava se esse pai tão valente era só
seu. Belisanda de um salto. Ah grande filho da puta, o
que pensas que era teu pai? Só meu, só meu. Às
punhadas com o peito. Não precisas ouvir falar de dom
nuno, que não houve home mais santo que o meu.
Parecia mentira que o mundo tivesse entretanto dado
saltos tão mortais, e que ainda Sebastião Guerreiro não
tivesse sido capaz de varrer da sua vida essas coisas
obscuras que o visitavam em pleno jardim, como eram as
palavras de Belisanda Maria. Fosse como fosse o seu pai,
não contava mais no mapa nem das memórias, uma vez
que não tinha experimentado a doçura de uma pessoa
perder os olhos por uma miss deste tamanho. Ai eu. Vai-
se uma ideia, vem outra.

E a memória de Rosária.

Mas o tê cachaço promete, mê menino. Lembrava-se daquelas conversas a caminho da missa, umas bolsas grandes para de regresso vender a aveia. Porque a mimória de um grande amori que se perdeu é uma condenação. E era. Bem o via agora Sebastião Guerreiro. E depois chamava-lhe de Sabastianito, mê menino, por ser terno e ser formoso, mais manso de aturar que moça fêmea, às vezes tão calado. Mas muito cedo, e pelos mesmos motivos exactos, os da mansitude, começaram precisamente a chamar-lhe de Cagaça. Ainda antes dos quinze. Era por setembro, e no entender dos caçadores de passarinhos de armar, levantados desde a madrugada, com um gancho de arame preso à cintura, donde pendiam circulares as ratoeiras. Pai Patroços, Rosa Aberta, Moleirinho. Havia naquele corpo um tanto alambazado de pescoço e espádua, fartura de cabelo, uma ausência de gestos úteis a que se deveria justamente chamar de preguiça. Ou mesmo lazeira. Porque não se mexia o valentão? E as mulheres abespinhadas com o que não lhes dizia respeito. Alevanta-te, gitanocito de mierda, e vai armar. Um dia, se não for a Belisanda Maria, acabará por dormir sobre as soleiras das portas com a malandra de bater à aldraba. Previsões tão ruins. E Sebastianito Guerreiro, de ombros já a deitarem para o poente e nascente, mãos nas algibeiras, era como se não ouvisse uma só palavra. Deixá-lo, senhoras pessoas, deixá-lo, que ele lá tem os seus pensamentos e tão fortes, que são de emparvecer. Dizia Belisanda como se agastada por injustiças. Mas no fundo a mãe de Sabastianito não cria em nada, e em casa deixava chorar sobre as sopas que mexia numa plangana de esmalte, muitas lágrimas e ais de mim. Te

chamam a ti Cagaça. Diz, Sabastianito, que te fizeram eles que a ti te meteu medo? Ou o nome não é merecido e tu estás-te nas tintas para mostrar que assim não é? Diz-me a verdade toda que me sinto desonrada com esse anexim.

Rosária tinha ficado a saber desse passado, mas contado aos gritos por Santanita e tudo era negado por Sebastião Guerreiro, com um profundo olhar de desdém. Se Belisanda fosse viva, ela mesmo haveria de dizer quem tinha razão. Porque embora muito tarde para tanta espera, viera a encontrar a muito honra, num daqueles dias felizes que só acontecem uma vez na vida. Foi quando Sebastião Guerreiro, numa tardinha de calor, se sentou no pátio de casa, sítio da Redonda, as sombras das árvores já a correrem compridas sobre os restolhos, as mulas pastando de cauda abanando de anca a anca, chamou a vizinhança e curvado sobre o poial, deu a ouvir a todos, amigos e inimigos, os noticiários e as músicas que saíam de um aparelho de galena, montada por ele próprio. Construiu tudo, vizinhos, até o botanito que roda assim e assim como vêem. Ora experimentem lá a fazê-lo andar para verem como muda de posto. Belisanda tinha lágrimas de satisfação. Vejam, que não nasceu este rapaz para apanhador de azeitona, nem para o plantio do tomate. A largura dos costados de Sabastianito foi pensada por deus para um fim que está por descobrir. A única coisa comprada era uma pedrinha que estava lá dentro escondida, vendida na casa do Lá-vai-um. Que satisfação. Tinha dito em público a mãe Belisanda, com o pátio povoado de curiosos até à rua, olhos e ouvidos feitos basbaques. Como foi isto? Não acreditamos.

Belisanda aos socos sobre o peito. Eu, eu assisti à montagem da primeira peça, mas não chamei testemunhas porque não pensava que viesse a ouvir-se. Eu. E agora qual vai ser o futuro do teu filho? O meu filho não precisa de pensar no futuro, que já o tem. Quem é capaz de construir um aparelho destes, é só uma questão de ter esperança. Mais dia menos dia, a felicidade lhe vem bater à porta. Rosairinha, foi assim. E como era verão, o pátio foi-se enchendo todas as noites de vizinhança para que se dançasse ou apenas se ouvisse, até que tudo foi perdendo a novidade e se achou também perdido o tempo que se gastava daquela forma. Estás lixada, Belisanda Maria. Diziam quando os serões murcharam e se fez inverno. Não foi bem assim, Rosairinha.

Sebastião Guerreiro teve de accionar a máquina flymo para que aqueles solavancos de mecânica lhe esvaziassem as ideias que nada tinham a ver com o presente. Apetecia-lhe ser erva, ter duas fervas no local da cabeça e deixar-se degolar pelo rodado daquele instrumento. E pensava. Que aquela figura de miss Laura era uma pragana fateixada na sua vida sem remédio. Por isso mesmo, já os Joanos lhe chamavam de Cagaça como no tempo da sua mocidade, e não só lhe chamavam esse nome como ainda tiravam o ça ao Cagaça para lhe arreliaem a vida. O que fazer daquela melancolia, ouvindo o your lovely chest, my dear Sebastian, como miss Laura tinha dito mil vezes? E quando não era assim era parecido. O que fazer daquele sentimento todo, se mantinha bem mensurada numa das mãos a medida do corpo dela, unido pelas fendas? Sendo a mão direita dele

o cálice e a formosa mama dela o conteúdo que transbordava dos dedos? O que fazer? Não que alguma vez tivesse desejado o mínimo mal a Rosária, sua filha, mas para ser franco, antes ter sido naquela altura que noutra, ao menos assim, ninguém saberia ao certo o motivo dos seus pensamentos íntimos. E por isso, apetecia dizer a Francisco Antunes ainda de mangueirinha na mão, a avistar as ondas, e os Joãos em baixo a fazerem tagatés junto das águas tristes, corrida vai, corrida vem. Apetecia dizer get out, get out, please, ou simplesmente bardamerda, embora o não dissesse. Sebastianito tinha a certeza que seu pai, mesmo com um matagal no peito e uma, abóbora menina na garganta, apenas tinha servido para levantar mulas pelos tirantes, e nunca soubera o que significava o sulco feito por uma linda miss, na alma de um novo homem.

E Rosária.

Também o Alguergue, por exemplo. De tal maneira era recente que se sabia tudo a seu propósito, todos os dados fresquinhos ali postos sobre bandeja. A razão daquele nome provinha de uma pedra achada pelo acaso de uma enxadada mais funda de cavador na busca de aguidões para o canudo. Vejam além no meio o que achei, ai de mim se é sepultura. A princípio apenas um queijo de lêveda de terra que se teria da quebrar à força de marrão. E prantem essa coisa ali. Só depois viria dar o nome à casa que se elevava defronte como monumento caído sobre o escarpado da falésia. A princípio. Olha onde vão construir o palácio. Foi ou não foi, Valentina? Não, Sebastianito Guerreiro não tinha assistido a todas as

diligências, mas sabia que havia sido essa pedra bafejada de boca, carroída de líquidos, até que lhe descobrissem a velhice e o servimento, passando várias vezes o dedo por cima para concluírem. Com isto se prensava azeitona e se fazia azeite. Os moiros já temperavam o peixe com esse óleo verde e húmido, Rosária. E então se tinha dito de alguergue com azinho pequeno, e daí nascera por imaginação o Alguergue com um A tão grande que formava um peixe, com olho aberto como de mulher, pestana revirada. Muito belo o nome, Rosária, se soubesses apreciar, verias. Só esse título de casa valia mais que uma grande frota pesqueira toda junta, e isso porque todas as palavras começadas por al, como alcatruz e alcofa, já eram faladas e escritas pelos moiros, Rosária. Disse-me o Folhas. Foi escolhido Alguergue porque o som do corpo da palavra era capaz de lembrar um rei vizir de lábio muito grosso e virilidade muito tesa. Virilidade? Nunca lembraria uma pedrinha e não interessava a verdade. As pessoas que pusessem o dedo sobre os cartazes distribuídos por esses países do mundo, nas estações aéreas e terrestres, não esqueceriam a sugestão de rabat, Rosária. Sebastião Guerreiro tinha compreendido desde a sua chegada todas as circunvoluções do negócio, que naquele caso tinha um nome muito especial, marketing, repeat. E por isso haviam deixado de propósito a pedra no meio da relva, junto às esplanadas para que se perguntasse. What is this? E sempre um criado com um guardanapo pronto a aparar as palavras antes de elas chagarem ao chão dissesse. This is. This is a historical stone, ladies and gentlemen. Com o dedo na inscrição quase apagada. Ah se algum deles ainda tivesse chapéu de palhinha, tirá-

lo-ia logo, baixando-se sobre. Rosária. Se não tivesse, seria uma madeixa descuidada a cair sobre os olhos da atenção. Mas depois do acontecido, achou-se melhor mudá-la para sob a clareirazinha das festas, do outro lado do local das merendas, para que não incomodasse dali a vista, e para cima dela haveriam agora de mandar todo o ano os gavitos as coisas saídas dos seus cuzinhos de ave do mar. Já que ninguém tinha mandado a moça fazer o seu disparate sem dizer uma única palavra de aviso, tão contente andava.

Ainda o Alguergue, a propósito. Mesmo que em vez de trezentas e tantas janelas só tivesse vinte e duas, em vez de dez andares só tivesse dois, rés-do-chão e sobrado, em vez de toda aquela dimensão de coisa imóvel, fosse apenas imitação de pequena casa apalaçada. Nunca, meus amigos, nunca se poderia chamar a este empreendimento de estalagem. Nunca na vida, Rosária. Porque estalagem sempre lembraria rações e alforjes, carros para mudas de éguas e cavalos. E mesmo não as tendo, seria como se houvesse argolas presas nas paredes para aí se dependurarem esses animais antigos. Enquanto que hotel, pelo contrário, era a palavra que traduzia a realidade da beleza, do silêncio e da verdadeira viagem. E repouso. Era preciso explicar as coisas pelos nomes, se não como se convenceria a Rosária? Por isso o Alguergue era o hotel, minha filha, com todas as estrelas possíveis na escala da categoria, em relação à europa e a todos os outros continentes, sabia-se de cor pelos filmes. Sebastião Guerreiro tinha fechado os olhos nesses primeiros dias. Realmente era preciso viver por dentro para crer, quem só conhecia por

fora não podia imaginar. Ele entrava por uma portaria e saía pela outra do corpo oposto, atravessando os vestíbulos, os átrios, os salões, subindo aos quartos de espelho de ponta a ponta, e tudo tinha um nome como previra. Ouvia os passos às vezes ecoarem de encontro à largura e lonjura das paredes. Mas sempre era necessário um motivo para uma pessoa se passear por ali, não fosse alguém desconfiar das intenções. Eu mal levantava os olhos, Rosária, nesses primeiros dias. Sebastião Guerreiro tinha tudo de memória. Então o Folhas perpassava-lhe a vista por cima dos ombros que Sebastianito tinha largos como um atlas, a carregar os borregos esfolados para dentro e para fora dos camiões que paravam nas traseiras. O seu primeiro emprego. Grandes grades de garrafas como nunca supusera. E envolvia-o com ternura, como se sofresse, o Folhas. Vem ver. Disse-lhe à noite esse homem que lembrava uma figura ressuscitada, envolto em tecidos de seda, ao tacto e à vista. Vem ver. Começando assim a amizade deles, Rosária. Isto que te parece apenas uma mancha pois não é uma mancha. É a impressão de um movimento de músculo retido pelo punho do artista. Que artista? Ora põe-te lá além. Era uma cave cheia de paredes brancas decoradas de quadros de aro de metal e muita cor. Um certo sentimento de soturno aflitivo para Sebastião Guerreiro, habituado a ver armar aos pássaros só depois das nove da manhã. Mas de dia, aquela cave a que chamavam galeria por ter aquele efeito, terminava por um gabinete de trabalho todo iluminado de vidros, o próprio tecto era uma só e pura clarabóia que se poderia cobrir pelo correr de uns panos, ou manter descoberta. A Sebastião Guerreiro causava impressão que aquele compartimento

estivesse atafalhado de objectos como pura inutilidade, quando de fora tinha imaginado tratar-se de urna estufa para ananases. Compreendo tudo, senhor Folhas. E o Folhas falava com um timbre de voz de ser superiormente epiceno, sentindo-se o marido de Santanita Cagaça deslumbrado com aquela convivência de mútua admiração. Afinal só me quer para me explicar coisas e mandar despir a camisa e me estudar o pescoço, eu tão honrado. Ainda lhe parecia impossível privar a delicadeza em figura com a sua pessoa, tudo isso porque afinal não descia la brego como os outros, graças ao poder da música e dos noticiários, como eram as coisas. Até para andar aquele homem tinha sandália de só enfiar no dedo, rescendendo dele todo um perfume de conhecimento e domínio das palavras como de locutor entrevistando e respondendo simultaneamente. O que os outros tinham era inveja.

Rosária.

Dois dias depois fizeram a mudança da pedra. Daqui para além debaixo, porque se conhecia bem o fenómeno das migrações humanas, meus amigos. Se a pedra ficasse no sítio onde estava, prejudicaria os negócios, e por isso fora rebocada primeiro a empurrão de barra, depois a puxão de corda para cima de um dumper que lá abalou sacolejando a carga para a deitar sob os pinheiros. Assim, pelas tardes de todas as merendas que viessem a ser feitas, teria de se voltar a cara para fingir que não se via. E porque não a deitar ao mar, desaparecer da lembrança? Não, porque era sentida como coisa indispensável, apesar de tudo, e tinha

adornado o jardim de significado para quem vinha e para quem estava, posta sob as janelas, no meio da relva sempre aparelhada, rescendendo do seu centro um tufo de verdura onde apetecia repousar a cabeça para dormir. Mas tinha sido assim. E porque teria de ser assim? Todos se calaram. Era a dor que não deixava ver claro, mas se estivesse em pleno domínio das faculdades, compreenderia os efeitos do fúnebre sobre o marketing. Sebastianito Guerreiro de juízo completamente perdido. Não valia a pena repetirem. Nos países mais evoluídos do mundo os entes queridos eram reduzidos a cinzas e postas as cinzas numa caixinha se os parentes do morto assim o desejassem. De contrário, espalhavam-nas ao vento ou despejavam-nas no mar para que se fossem de vez. Puxam mesmo fogo? Claro que puxam. Como se quisessem dizer. Estamos na ante-história das relações do sentimento. Aliás. Esse gesto da Rosária, por exemplo, apenas testemunhava a imperfeição das vidas. Prova evidente de um tempo de privações, quando a fome da carne produzia monstros de despeito na imaginação das pessoas, agarradas ao medo pela falta de chuva e de pão, incapazes de se desprenderem desse umbigo das coisas materiais. Ai ai. Agora que estávamos a encontrar a libertação dos tormentos da alma pela abundância. E como se dissessem muito mais, nesse dia de dobres de finados, lá ao longe, onde as coisas mórbidas iam ter um fim, pazadas de terra e outras coisas lúgubres a apertarem a maçã de adão apenas do tamanho de uma ameixa rainha cláudia. Como os cancelamentos das estadas e o espectáculo das malas de viagem, em fila, à espera. Sebastianito Guerreiro podia ir à janela se não conseguisse acreditar. Veria miss Laura, a primeira de

todas a querer abalar, esperando um táxi que não vinha, como se o cão tivesse sido tomado de uma suprema urgência para ir ladrar noutro lado, correr noutro sítio, em todas as partes do mundo menos naquela, onde as coisas aconteciam estupidamente, pior que na época do minotauro à solta. Ah caramba. Sebastianito não ia à janela que compreendia tudo sem ver, mesmo de olhos fechados, como estava, e deitado na penumbra.

Estendido de bruços, sentindo-se verdadeiro morto, velado e jazido. O que é isso? Eu sempre percebi que ia terminar assim. Disse Pinaira, disparando para o silêncio, e era como se dissessem, os que nada diziam. Que havia actos que deviam ser privados mesmo que não se soubesse porquê. Acontecidos na penumbra das paredes e só vistos pelos interessados. Alguém agora sentado na beira da cama onde Sebastianito Guerreiro permanecia a olhar o tecto como que embalsamado por uma ideia. Puseram mesmo a mão sobre o flanco de Sebastianito e era como se dissessem. Que eram eles. O nascimento, o amor e a morte. Como se dissessem. Porque nascer fazia com que a mãe de muito borco, impasse e urrasse para parir, e mostrasse o assento pingado de sangue. O que não dava prazer a ninguém observar, nem sequer ouvir os gemidos, já que só a parteira entendia da largura dos buracos e da assepsia dos panos. Lá isso era verdade. As outras pessoas só serviam para atrapalhar. Do mesmo modo que o estertor que nos conduzia ao outro mundo. Sebastinito não identificava a voz de quem falava, mas reconhecia a gravidade dos discursos, como declarações do tempo em que os amantes se matavam às janelas com um tiro de baixo para cima. E prosseguia outro.

Ou era como se prosseguisse.

Também a morte devia acontecer no interior de um lençol, na moleza de uma cama penumbrada pela mão de um telhado, ou pelo menos num portal de porta onde o corpo pudesse fazer um S antes do acometimento final. Apenas com o ruído da sufocação. Claro. Dizia-se. Só morriam a descoberto os soldados no campo de batalha, mas porque todos juntos, nesse caso, ninguém era espectáculo de ninguém. Antes, em tais circunstâncias, servia de incitação à glória. Nunca os civis e em paz, realmente. Agora era a vez do Quinas, Sebastião ouvia-o ou era como se o ouvisse, e entendia onde queria chegar. Já alguém fazia da voz uma espadinha de doçura como se fingisse não querer ferir ninguém. Aliás, antigamente também havia terceiro gesto privado e que consistia na prática de um certo recato. O gesto do amor. E produzia-se um silêncio de partir às tiras. Como se dissessem. É verdade. Para que um homem se introduzisse no ventre da mulher e a mulher lhe escolhesse um local do cabelo onde depositasse o estalo dos beijos, também sim. Se procurava um aconchego de feno ou um amparo de palha. Pelo menos a sombrazinha de uma parede, quando não era possível um quarto com cortinas nas janelas. Sebastião aparvalhado a ver o tecto fazer voltas. Mas nunca no descampado do sol e da areia para que nenhuns olhos vissem o casal em movimento. No entanto, havia os que se tinham desbragado e se plantavam por aí a qualquer hora. Falassem os banheiros ali presentes. Possuíam eles uma enfieira de roupas interiores dentro da casinha dos barcos que dava para montar uma feira de tanto troféu. E de noite? De noite

era como se estremecesse o chão e se produzisse na praia terremotos de grau sete, o epicentro posto nas palavras que diziam. Sebastião Guerreiro estava tão imobilizado que parecia não ir voltar a mexer-se em vida. Credo. O silêncio dentro daquele quarto caía agora como uma enxadada de acusação sobre as enxadadas de terra que iriam a consumir Rosária para sempre no chão, uma roseira por cima, senhores. É verdade. Também diziam que conservávamos assim os falecidos como se não fossem matéria de arder. Felizmente que se desviava a conversa. E os campos eram pousio como se a terra não fosse arável. Sentiu-se então Sebastianito Guerreiro profundamente desgraçado, e pareceu-lhe ver todos os circunstantes transformarem-se em velhas com xailes pelas cabeças, dois dentes caninos na boca como as morsas, ululando palavras de dor e bem feita, choros gritados sem lágrima nenhuma. Como era possível as desgraças virem a acontecer nos sítios amenos, rodeados de jardins e batidos pelo mar todo praia, onde tudo falava de alegria, doces objectos, odores franceses, malas de viagem? Ai de mim. Afinal estavam ali só para lhe dizerem palavras severas, como se quisessem provocar-lhe uma extirpação de olho por recriminação, revolta contra o fado, como antigamente nas tragédias de rei. Ai de mim. E Sebastianito Guerreiro quis dizer. Nada disso. O culpado foi o Folhas, ele é que a fizera despir pela praia, levando-a à beira da água pela madrugada e eu a consentir, pobre descuidado. Rosairinha ia à beira de água pela madrugada, e lá ele a mandava ir ver a temperatura das on das como se a quisesse fazer inchar feita semente em demolho. Incapaz de ir pela via certa. E eu, amigo, confiante e

descuidadíssimo. Ou ninguém deu por isso? Já o salitre lhe tinha desbotado as flores das camisas e enrodilhado as rendinhas. Queria ter dito isso mesmo, mas as palavras agonizavam à saída da boca, meus amigos. Entre a cabeça e a língua as ideias eram moscas fugidias, de asa veloz, que não conseguia agarrar na passagem. Se ao menos alguém abrisse a persiana e o sol entrasse, teria a consolação de saber que era melhor lamentar-se ali do que no quartinho da casa da Redonda, lá onde a tampa da cisterna parecia levantada como uma mão de zinco. Mas porque não falava ninguém o ouvia, e por isso se levantou Sebastião e ele próprio quis ir puxar a cinta desse estore, afastando com a sua energia súbita os vigilantes daquele velório singular. Via-se dali. Ainda miss Laura segurava Dark Fly pela trela, e pelas malas de viagem. Ainda o táxi estava a chegar e abria portas. Ainda o condutor saía e arrumava a bagagem discutindo o animal. Sebastianito perante aquilo quis dizer bye bye, miss Laura. Farewell for ever. Mas nem uma única palavra inglesa lhe saía da boca, e viu perplexo o táxi sacudir, num ligeiro abano, a cabeça de miss Laura para produzir a curva que se traçava em frente da casa do pessoal, donde queria ter acenado. Lá vai ela. Disseram de dentro do seu próprio quarto, atrás do seu ombro. Bye bye, miss Laura. Queria ter dito. Em vez disso, só palavras tão engasgadas que nem supositório iludido. Será que será? Será que será ela? Sebastianito Guerreiro caiu em si e encheu-se de brio. Queria ficar sozinho, tinha esse direito. Todas as pessoas lhe pareciam seres desconhecidos naqueles abraços. Vão-se. A partir daquela cena da janela podia Sebastianito Guerreiro duvidar de tudo, mas tinha uma certeza. Que a solidão

era uma dor de rosca que subia do intestino à aurícula do coração, e aí alojada, produzia filhotes que esmagavam a vida. Desamparado, no ' meio da relva, tinha a impressão de que alguma coisa ainda poderia correr tão mal, que o fizesse passar do jardim à porta, da porta à cozinha, da cozinha à descarga e da descarga à lavoir. C6mo em certos truques de filme em que as figuras entravam de costas nas viaturas e regressavam de arrecuas aos bancos dos passeios p6blicos donde antes se tinham erguido. Era ou n6o era? Sebast6o Guerreiro ele pr6prio 6s voltas com a m6quina flymo a trambuzar uns estampidos de gafanhoto el6ctrico, truca truca pela paisagem. Mas de resto todos est6vamos em paz e Sebastianito mais do que todos. In heavenly peace, senhora Valentina. E eu gosto de te ver assim, meu amigo, se soubesses o que me aconteceu ontem depois do party. Mas guardava isso para mais tarde, quando estivesse sozinho. Tes6ssima na sua robustez de mama solta. O melhor era combinar qualquer coisa para quarta-feira 6 noite, pelo menos evitavam-se os pensamentos.

Ros6ria.

Ent6o quarta-feira pr6xima haveria de ser uma noite de alegria. At6 porque os ser6es tinham sido interrompidos com os acontecimentos do m6s de agosto passado, meus amigos, interrompidos propositadamente por causa daquela lembr6nça de Ros6ria virando-se de encontro ao lajedo e de tudo o que a seguir sucedeu. Sabia-se. Por mais que se desviasse o pensamento sempre a quest6o aparecia na malha da conversa, sobretudo se de noite, como se a noite tivesse o cond6o de chamar as coisas

tristes e estúpidas como aquela. Mas também aí era necessário modificar as condutas, civilizar os pensamentos, Zulmirinha, e para tanto bastava que se fizesse um pequeno esforço, por exemplo. Uma vez que estávamos em maré de baptizado porque não se chamava àquela noite de evening party? Ou simplesmente evening para facilitar? Sim, Zulmirinha, esquece lá aquele incidente, que quem mais perdeu não foste tu mas o Simão, tão lindo e valioso era aquele anel desaparecido nos pastos. Bastaria o novo nome dado à coisa para a coisa se transformar. Pois talvez. Como é que ainda não nos tinha passado essa ideia pela cabeça? Mas no entender de Catarina Mendes não bastava apenas mudar de nome, era também necessário alterar os costumes, como para os parties. Se, por exemplo, em vez de tremoço, que pela força do hábito sempre se comia daquele jeito, ficando o chão e as mesas juncadas de pequenas bolsas, as bocas dos legumes, brancas, acharoladas, ali dejectos. Se em vez disso, e das cervejas marinas tão pródigas de espuma, produzindo um mar de lavajo sobre os tampos, se se impusesse, por exemplo, o consumo de bolachinhas de queijo picante, ou palitos la reine, que havia a vender no bar da casa, embrulhos de celofane às letras, ah, meus amigos, bastaria isso e umas bebidas brancas para o serão se transformar num verdadeiro evening e vamos experimentar.

Bastaria isso.

Sim. Conhecia-se evening desde que a palavra fora escrita nos placares da entrada anunciando os espectáculos de verão que duravam uma hora de alegria

no meio da relva. Em agosto, às vezes, os próprios hospedados despindo qualquer peça que deixavam pela cadeira, com o olho de repente alegre, participavam nos shows, dançando, e as palmas saíam das mãos batendo asas como pombas duvidosas. Cloc cloc, meus amigos. Sorrindo comedidos, os copos nos dedos, davam seus passos como cedências feitas à folga na calidez, e a noite parada nas estrelas que se não viam, mas sabiam-se. Durante esse mês, também tínhamos a certeza de que não andava no ar mosquito nenhum, e no entanto jurávamos ouvir um zumbido bordonar em volta das orelhas, e até apetecia mandar ao ar as bandejas para satisfazer uma cócega de impressão que atacava devagar, tudo envolvido por um pensamento palustre. Tu hás-de ver como é, Rosária, quem sua e quem não sua em bica. Ali à beira da relva, um conjunto de cor tropical, os cinco elementos da música, a sorrirem e a cantarem como um desafio às janelas. Porque por essa altura os evenings só pertenciam a quem vinha instalar-se de mala feita, e quem servia, nesses meses, tinha a missão de servir e suar, como seu métier. Se tu visses, Rosairinha. E apesar de tudo, avejoava daquelas cenas pintadas de branco pela luz, um toque de beleza tão imaterial que apetecia uma pessoa não voltar a dormir na vida. Só que de inverno era diferente. Os corredores alongavam-se de uma espécie de frieza à espera, e os serões que havia eram nossos, sendo nós próprios os personagens. Era ou não era, Sebastianito? Claro que era, então não havia de ser? Depois acabavam pelos alkaseltzers, pastilhas brancas que chiavam nos copos como cecrisinas esmaecidas, para acalmarem com sua fervura, a mistura das coisas consumidas durante os encartes, embaralhos

e cortes. Acabavam assim e decorriam em paz. Não, Rosária não tinha conhecido essa amenidade dos serões, quanto mais dos evenings, porque apenas tinha vindo com a missão de vender bolos durante o verão, fazendo parte dos que iam e vinham, e por isso se chamavam de eventuais. Como os ventos, minha filha. Para que haveria de ficar uma já quase mulher a atravancar um posto de trabalho, realmente, se só no verão servia de vendedeira? Que disparate de ideia, aliás estava conforme o espírito de 15 de agosto. No fundo tudo se resumia a um favor feito a Sebastião Guerreiro. Rosária ia e vinha como os pássaros, senhores, não tinha chegado a conhecer a doçura dos serões que acabavam como foi dito, mas decorriam em paz.

O serão.

Primeiro chegaram Simão Rosendo e João Inácio, todos livres àquela hora. Depois vieram vindo. Rui Seladinha, Leonardo, Paulino Begango e Edmundo Breba. Ainda mais. O Quinas, o Garciano e o Serra. Também estávamos todos. As mulheres sentaram-se em cadeiras, algumas desembainharam de pronto as agulhas das rendas, que sim, era actividade de evening, queridas manas, com a pressa e a perícia de quem tece uma coisa definitiva para a vida. Outras, em torno de Zulmira Santos, escolhiam amostras de álbuns desdobráveis de para ti. Meus amigos, aquilo hoje era só chá e bolinhos secos, bebidas de copo e gelo. Ouvia-se nas janelas uma zumbida de vento, que finalmente parecia o inverno a querer entrar, e a berrada do mar de repente medonha, caramba. Ali tão quentes, tão recolhidos que estávamos.

Quando começava a chover, todos achávamos que não valia a pena sujar as solas dos sapatos na lama dos caminhos da Redonda para se ir dormir a casa, uma noite mal passada. E para quê? Se de manhã era um stand up, vê se te avias, antes das sete e meia. Seven o'clock. Ainda se conservassem em casa alguma coisa que estivesse a precisar de zelo, mas não. A pouco e pouco toda a gente se tinha desembaraçado dos seres incómodos como porcos, galinhas, animais que cagavam nas ruas e que precisavam de comida e água a horas certas, se não era um bafo que lhes dava. Mas com o tempo tinham acabado por dar fim dos menos exigentes e menos cochinos, como os passarinhos de gaiola, ou os gatos. Os gatos, animais miadores que teimavam em esperar os donos de rabo alçado, pelas tardes, deixando a alma das pessoas atraçalhada de lástima se acaso não se podia vir a casa por algum serão, ou motivo de serviço. Também foram mandados enforcar os cães nas abas, mas longe do povoado e que fosse rápido. Esses animais tão doces que pareciam possuir juízo na cabeça, brincavam com bolinhas, agarravam sapatos, lambiam-nos as mãos. Era mais humano dar-lhes o golpe de misericórdia de uma vez do que atormentar a bicharada dia a dia, como caifás. Libertar a alma de pesadelos daninhos para que o coração ficasse livre. Até as flores, só as que aguentavam verdes sem a necessidade amiudada de beber, afora as avencas, minhas amigas, que podiam ficar de molho, o vaso dentro de um prato de rebordo alto, cheiinho até rasar. Perto de uma janela, é vê-las crescer sua rama frágil na nossa ausência. Mas tudo o que fosse begónia, alegria da casa, cóleo, era uma pessoa dá-las a alguém que ainda lá houvesse, ou

exterminar tudo para se andar com a alma finalmente em repouso. Eu, por exemplo, chego a chorar pensando nas folhas do pata de cavalo, tão murchinhas. Dizia Valentina Palas. E Zulmirinha olhava a sua própria perna, olhava à volta as outras mulheres e era como se dissesse. Cruzem-nas assim, uma sobre a outra, o pezinho esticado, como elas fazem. Tudo acomodado no seu sítio, os sofás de napa verde, um verde da cor da erva fadagoso, e também da cor dos tanques de guerra para se confundir com a vegetação. Não, minhas amigas, não dissessem isso que tudo ali era tão fofo e tão pacífico. Pena tinha sido Rosária, que não havia chegado a aprender aqueles modos nem a dizer evening party em vez de serão.

Rosária.

Rosária conhecia evening desde que o padre Sequeira ensinara as refeições e as horas do relógio pelos livros abertos com desenhos dentro de quadradinhos. Diz lá bathroom. O espírito do padre Sequeira completamente avesso àquilo. Não interessa. Estava também determinado que aquela noite ia acontecer não só para inaugurar os evenings mas também para assinalar a chegada do vento. Descomandado, parecia zunir uma fúria esgrouviada, mas que raio de despropósito, para quê o vento, me digam. Puseram-se a ouvir dos sofás, cabeças levantadas das rendas. Odeio o vento, e eu também. A chuva, aliás, também é maçadora, mas eu ainda entendo a chuva, que serve para muita coisa. Para lavar a roupa, enxaguar as ruas, pôr os vidros brilhantes. Também há as nascentes se não cai a chuva, e também

eu não entendo o vento, sobretudo quando é uma bezeranha deste tamanho. Porque quando é brisa eu ainda entendo. Enxuga a roupa, empurra as velas dos barquinhos de recreio, enfim, serve para muita coisa. Mas os grandes, os grandes ventos, eu não entendo. Não se preocupem que agora há horóscopos que, além de adivinharem a vida da gente, também prevêm os ventos. Pois é. Só que prevêm mas não evitam. De fora acalmava o v v v da noite que queria entrar.

Então felizmente que acalmava o v v v.

Sobre a mesa estenderam os feijões, quinze a cada, que se podia ficar até tarde e não havia necessidade de controlar os gastos. Também não havia mal nenhum em jogar sobre uma mesinha de fórmica, se ainda por cima bastava alguém apenas passar com um esfreganito e umas gotinhas de bonanza para que tudo ficasse limpo e desinfetado. Nem os aparelhos de enfermagem, esmaltados, reluziam daquele modo, meus amigos. Mas o problema não tinha sido esse, o problema era o hábito, a moral, o perigo do vício. Havia dito o holandês, arrastando os rr como uma carruagem perra de som, mas ligeira de rodado. Sem ponta de ressentimento por coisas passadas como as de 15 de agosto. O vício, sim. Mas que vício, Mr. Hals? Jogamos a feijões para entreter o tempo baixo, ou quer que andemos a bater com a cabeça nas paredes de tanto ouvir as ondas? Tinham acabado por conquistar o direito, por negociação. Sim, podiam. Naquela noite Rui Seladinha começou por ser parceiro de Begango e Simão Rosendo de Edmundo Breba, agora que o grill se fechava, soturno, as velas das mesas apagadas

e o Steinway de cauda, com as teclas mordidas pela tampa fechada. Começaram então os jogadores a deitar as cartas sobre os tampos como se quisessem devolver as mãos às mesas, cravar os olhos na memória das saídas. Simão Rosendo tinha a mão verdadeiramente despida de qualquer anel, ainda por refazer o desgosto dessa perda, e andava com azar na vida. Havia um écran de televisão saído de um móvel, posto em cima, à altura de uma cabeça de pessoa bem levantada, e por lá corria a apresentação de um filme, figuras à paisana com uns olhos tão suspeitos que denunciavam logo o seu ofício, falando tão fanhoso, as legendas tão minúsculas que Sebastianito Guerreiro teve de dizer. O que querem? Arranha-me os ouvidos o idioma deturpado daquele modo. Os gajos falam mesmo pelo nariz como patos pelo bico, pá. They speak with a twang. Podia-se portanto tirar o som à coisa? Oh yes, you can. É que nos outros países há sempre para cima de cinquenta canais. Ou mais. Granda nova iorque, dizem que aí cada pessoa tem o filme que quer. E a gente assim. É verdade, you can, à vontadinha, que ainda não começou.

Rosária não andava no meio desse serão.

Às vezes andava.

Mas os pensamentos e as vozes eram colectivos.

Eram e não eram.

Pareciam.

Não, não eram. Também as cartas não se baralhavam assim mas assim, para que todos vissem, e ao dar-se não se devia dar assim, mas assim. Explicava Sebastião Guerreiro. Até que Simão Rosendo ainda muito ressabiado pela perda perguntou. Porque não jogas tu? Não me digas que vens aqui chorar por Rosairinha. A mim não me enganas. E deixava no ar, o maitre d'hôtel, umas reticências que não tinham fim. Aliás. Continuava ele. Todos sabiam que Sebastião se não bebe nem joga não é por ela. É for her, meus amigos. For her? Sim, a miss, meus meninos, miss Laura, a dona do cão guedelhudo. Ah que vontade de bater palmas pelo espírito da tirada. Agora o ressabiado era Sebastião Guerreiro, fumando mais e deitando o fósforo fora, depois de lhe ter esmagado o pau.

O vento devia ter-se recolhido por instantes todo sobre outro mar e outra terra, que só se ouvia a berrada das águas. Então Valentina Palas aproveitou para contar como de manhã umas fatiazinhas de presunto, cor de rosa, enroladinhas como para acompanhar qualquer arroz, se tinham vindo assomar mesmo por cima da sua cabeça, no endireito dos olhos. Mas que tantas vezes tinha dito resiste. Dizia. Que conseguira sair correndo apressada, fechando a porta atrás de si. Ficaram lá dentro presas, as fatias, Sabastianito Guerreiro, minhas amigas todas. E pondo um rosto de lástima, demonstrava como se encontrava em jejum natural desde manhã. Zulmira sacudiu a cabeça perfumada perdendo a paciência por completo. Mas atenção, que agora é que era o início do filme, e todos achavam que não havia razão para não se ver a longa metragem de ponta a

ponta, quando até calhava em dia de serão. Claro que se podia, fazia mesmo parte do plano da noite, e se por acaso alguém não estivesse de acordo, tinha o direito de o dizer. Resolvia-se por votação. Só que não era necessário recorrer a essa ginástica de braço. Estamos de acordo. Tudo o.k. Ia começar pelo presents.

APRESENTA

Dos sofás é que se via bem, uma pessoa ali comodamente sentada e a ver. A propósito, alguém ultimamente tinha ouvido os Joanos? Pois era, costumavam agora vir pé ante pezinho, estendiam a mão como pedintes, fediam que nem bichos de chiqueiro, e depois de dizerem as asneiras fugiam como ladrões. Na boca deles cada um de nós tinha seu anexim e agora diziam-nos em língua de p, para que se entendesse e não entendesse, como antigamente os grandes faziam, quando queriam falar diante dos pequenos da vida da vizinhaça e da cobertura dos animais. Espantavam os safados, só que de repente nova rajada de vento aí vinha, e mesmo o filme se esvaía sob o som do seu sopro. Adiante. Sebastião Guerreiro permanecia sentado entre os dois grupos, e enquanto via fazer encartes e ouvia os temas, a música do filme a dar, ia pensando que a vida se teria invertido, miss Laura, que já diziam por aqui os meninos palavras proibidas para que os grandes as

não entendessem. My god. No reino unido não, isso não acontecia, miss Laura negava com toda a eloquência dos seus olhos ausentes. No écran, todos os actores de chapéu. Mas não ocupassem a noite a falar dos Joãos que afinal eram filhos de gente mas aprendizes de nada, coitados que lembravam bichos. Rosária é que os tinha aturado e eles até lhe vinham comer à mão, como pássaros amestrados. Porque ela punha duas bolas embrulhadas em papel vegetal, envolto este num outro completamente opaco para as proteger da areia, e começava junto da rocha o seu aceno. Que só lhes dava aquilo se fossem assoar o nariz ao mar. Aquelas duas fabricazinhas de ranho, my goodness. E Pinaira teve de dizer que bem a tinha aconselhado. Os cabrões dos moços haviam nascido aluados, mas cuidado, que se começássemos naquele tom, ainda o evening se transformava numa função das rascas, e nós, os convivas, uma espécie de gente ganau, nada mais. O que demonstrava que o tipo de conversa que se tinha determinava a conduta do momento. Já agora podíamos seguir a história do filme que corria. Então Sebastião Guerreiro pôs os olhos nas biqueiras dos sapatos e deixou de ouvir os sofás onde Valentina Palas tinha as mãos à altura da boca, como antolhos, para só ser ouvida pelos crédulos. Acontecia-lhe

isso? Sim, acontecia, tudo tão verdade como aquele serão já ser evening e fazer vento lá fora. A comida a mim me vem procurar e eu sou obrigada a esta luta. Prestes a romper num choro, Valentina Palas. Sebastião Guerreiro tinha de se desligar daquele desinteresse geral pelas coisas boas da vida, ninguém à altura de uma verdadeira miss. Não queria ouvir nem Valentina Palas, nem o vento que desandava uns sopros de coisa furiosa pelas acácias da rua, como se cirandasse uma intenção, nem o filme onde uma senhora era velha. E um grande sono se pôs a cair nas pálpebras de Sebastianito Guerreiro enquanto ia pensando que era noite lá fora, tanta treva, os bichos vivos a comerem os mortos, e mesmo assim um grande sol vermelho podia iluminar as torres e o horizonte, e o Alguergue que albergava o evening aparecia naquele sábio contraste de claro-escuro produzido pelo vigor do cimento de encontro à cal branca, tintas tartaruga e tartaruguinha, sobre reboque. Eles é que discutiam um três de paus, em alto som para lhe quebrarem o sonho de amor. As vigas de cimento eram cinzento esverdeadas de encontro ao branco refrescante das grandes empenas, tudo tal e qual como na realidade. Mas Sebastião Guerreiro não via o Alguergue nem de dentro nem de longe, avistava-lhe o alçado levantado e estendido a muitos quilómetros

de distância. Por isso mesmo se tinha deixado de dizer na Redonda que o vento soprava da viração mas do Alguergue, Sebastianito. A música tão lenta e forte como se fosse para apagar certezas. Depois era noite diante das cartas, e Sebastião Guerreiro, para fazer o esforço de manter os olhos abertos, fechava-os num pesadelo de coisas. Jogassem o que jogassem. Aquele hotel, donde aquele bar de pessoal onde entretinham tão estúpida a noite, visto de fora, era um cacho de faróis a brilhar no escuro, para indicação dos mareantes de água e dos viajantes de terra. E ainda conseguiam aqueles andar às voltas de um três de paus, coisa miserável desta vida. O Quinas tão chateado que Sebastianito levantava as pálpebras. Se saísse mais uma vez aquela carta, queria que todos fossem à merda que quem não jogava era ele. Dizia num tom tão definitivo que arrastava as cadeiras com o pé.

INTERVALO

Zulmira para ser franca não distinguia os Joanos. Catrinita sim, distinguia-os porque andavam vestidos de buracos e às vezes chamava-os mesmo. Joanos, Joaninhos, venham cá meus meninos. Mas de inverno só de vê-los sentia frio em casa, aliás, mesmo que fosse verão. Ainda por cima João

e Joana, que falta de imaginação tinha tido o velho Cipriano. E fazia-se silêncio para ouvir a música. Não, esse já não tinha barco nenhum, mas uma lancha do tamanho de selha de lavar a roupa. Só que prestassem atenção ao filme. Tratava-se afinal de dois gatunos a quererem assaltar a senhora viúva e afortunada. Onde seria o cofre? Sebastianito Guerreiro conhecia demasiado bem os Joanos. Farto, farto me andava eu deles, porque Rosária tratava-os como irmãos de família e que pago lhe tinham dado? Só que ninguém respondia, a música suspensa contra os móveis. Sebastianito Guerreiro mergulhou de novo na biqueira dos sapatos para que a luz que caía das lâmpadas se transformasse num halo de dia, andando agora pela costa com os olhos sobranceiros a tudo como deve acontecer aos pássaros. O Alguergue levantado. Aliás, isto não era sonho nenhum, os próprios nomes tinham sido reencontrados e reconhecidos, e nada disso tinha a ver com Rosária. Antes toda aquela faixa de beiramar se chamava vagamente de Areias, e nas matrizes as confusões eram muitas, porque, sendo os solos tão pobres de produto, ninguém se dava ao trabalho de indicar as extremas no acto das escrituras. Uns pagavam as décimas dos outros quando as havia. Outros deixavam-nas cair no relaxo, e que importância tinha? Na mesa

jogavam-se cartas atiradas a partir da linha dos olhos com todo o ímpeto do cúbito e um grande trunfo arrebanhava tudo de uma só vez. Que importância tinha cair no relaxo. Imaginava-se mas era explicando tudo isso a alguém vindo de glasgow, por exemplo, mas com miss Laura presente. Agora, meus senhores, pelo contrário, a cada quilómetro um nome de sítio. Explicava ele. E não só são disputadas as árvores das estremas, como os próprios pezinhos dos arbustos e das ervas. Trees and grass. A praia chamava-se Devícias, o que significava riqueza, verdadeira tradução de doçura na língua do país dos neros. Tinha dito o Folhas por outras palavras. Porque isto, ladies and gentlemen, tudo isto antes parecia magrebe de ventanias, e com o meu esforço. My effort. Tudo se transformou em florescência de gião e relva. Assim diria eu. Miss Laura apreciando a fluência da sua palavra desinibida, ele com uma linda camisa toda aberta para que se lhe visse o peito. Mas da mesa alguém falava alto e acordava de pronto Sebastião Guerreiro, a mão pousada sobre o queixo e o cigarro completamente apagado. Era Simão Rosendo, o que tinha atravessado duas vezes os pirenéus para servir num bar de marseilha, como se feito pela perda daquele anel sangue aquoso que havia comprado tout tout près de la cannebière. Só que estava escrito, enfim,

que não seria seu a vida inteira. Por isso o maitre d'hôtel falava correctamente um francês, sobretudo se sóbrio como naquela noite de serão, em que nem por sombras se pensava em Rosária. Começava contudo a esmaecer a distribuição das cartas. A filha do Cipriano? Sim, sabíamos. Sebastião mexeu-se sobre a cadeira e fez-se atento.

Foi aí que se fez atento.

Fez-se atento mas continuava ainda a ser um evening, verdadeiro serão sem ressaibo. Simão Rosendo mantinha agora o cotovelo apoiado sobre as costas da cadeira onde se sentava, e dava às mãos sem anel nenhum como se estivesse a distribuir cartas. Que já não estava, e dispunha-se a dizer tudo o que se sabia sobre a mãe dos Joanos. Assim, que ela e o homem com quem se fora, casados, bem se vê, se tinham ido a França também, mas que em lá chegando tinham começado as idas e as vindas. As vindas e as idas. Não se sabia bem o que a rapariga queria, para se dizer toda a verdade. Para baixo e para cima, França vai França vem. Mas só ela, meus amigos, que ele ficava cativo no seu chantier. Até que uma vez a rapariga se tinha ido de ventre raso e voltou depois com ele inchado como para deitar o seu ovo à beira deste mar. Que é o instinto de todas as tartarugas. E pôs dois, mas antes que os

meninos tivessem tido ocasião de distinguir a cara da mãe. La maman, como diriam os franceses. Simão Rosendo rodava o pulso lembrando as coisas distantes. E antes também que se apercebessem do avejoar das roupas ao sol, se foi ela. Que é a vocação de todas as lebres. E deixou ambas as duas boquinhas ao velho Cipriano, um homem já incapaz de caçar um pargo. Bon dieu. Tinha começado então o pobre a passar os dias mugindo as tetas duma cabra que balia como se desejasse ser peixinho do mar para fugir do cativoiro da estaca. Sobre o monte ali defronte, donde sopra esta ventania. Que se ouve. Escutem-na como sopra. Que só tinha erva rala e folha de balanco como todos sabiam. Ai os anjos, meus amigos. Simão Rosendo, completamente sóbrio, contava assim, mas por falta de certas palavras, parava o discurso. Havia muitos termos que não encontrava nesta língua para explicar certas nuances do sentimento. Adiante. Dando a mão de Rosendo uma sapatada no tempo como quem ultrapassa a noite, anel nenhum. Pinaira a ver. E lembrava, por exemplo, que o próprio Cipriano tinha dito nessa altura. Senhor chefe de mesa. Se ao menos a minha filha me mandasse um vale de correio, eu sempre havia de o trocar por dinheiro e comprar em pó, pelas doenças que as cabras têm. Mas nunca a co-quine

chegou a mandar cheque nenhum, nem carta em valor declarado, e essa tinha sido a triste verdade. A mãe dos Joanos. De novo as acácias davam uma abanadela e todos se viraram enquanto Simão Rosendo aproveitava para pôr os olhos sobre as próprias mãos. O sinal do antigo anel ainda fazia um acamo de cabelo contra a pele como se o tivesse perdido naquele instante. Do sofá toda a gente com os olhos nas janelas de vidro onde as persianas bailaricavam por uma frincha de ar invisível mas existente. Aquilo é que se chamava inverno. E o maitre d'hôtel continuava. Pois fora. Porque em lá chegando, parecia que a grande magana se tinha embeijado por um cara de mourão com olho de voleur e nariz de navalha. Um mourão vindo do deserto, e que então só tinha o trabalho de aparar uns baldes debaixo de uns toldos. Sarrabum sarrabum todo o dia. Ficava por isso com as vistas livres para pensar em gâmbias de mulher, e por causa desse vazador de baldes e algeriano, a filha do Cipriano tinha deixado o marido desapontado e sozinho na bidon-casa. O verdadeiro homem que a tinha levado daqui em matrimónio que lá se dizia. Noce e mariage.

INTERVALO

Não. Acudiu Pinaira muito amante da verdade, enquanto Simão Rosendo suspendia os gestos para ouvir. Não o quê? Não, porque ela deixou alguma coisa escrita como explicação. Era verdade. Simão Rosendo corrigia. Tinha deixado um recadinho de papel a dizer. Assim. Estima João e Joana que juro pela senhora das dores serem só teus. Je le jure. Adieu. E Zulmira de pronto. Fosse como fosse, deixou e sabe-se lá porquê, mas nisto de serão e merenda, mesmo que a merenda já seja party, procuram sempre enterrar a reputação das mães. De qualquer modo. Continuou o franciano. Porque depois desse je le jure é que tinham sido elas. Ouvia-se o vento da invernia a chegar, soprando como um pulmão de chuva. Ai a chuva se não é arrebatada ainda eu entendo. Porque o homem, o verdadeiro marido, que ainda tinha sido pescador de bacalhaus, quando os havia, comprou logo na madrugada seguinte o seu billet de partida, e nem se chegou a deitar, dirigindo-se de regresso a ver os filhinhos em portugal. Ninguém diria que quem falava daquele modo, fazendo do serão evening, pudesse curvar-se diante das mesas como se entre a espinha possuísse uma molinha de reverência, sussurrando. Ninguém, tão alto falava. A ver os filhinhos. E apanhou então o com bolo sud que sempre vai a levar-nos e a trazer-nos, muito

rápido, e tomou o homem o seu assento, sossegado, no canto do seu vagãozinho, começando o comboio zita zita linha abaixo. Tão certo como ser noite e ventar lá fora. Vous ne mangez pas? Non, merci, tinha tomado já, obrigado. Longs, ces voyages, han? E nada. Mas o pior é que aí nas andanças de irun e hendaia, o gajo se tinha apeado. Rodava ambas as mãos, fazendo o gesto. E com a urgência desse propósito, se tinha dirigido às sentinas. Dizem que tinha empurrado a porta com o pé, e dera logo cinco francos à mulher do mictório. Que pendurou o casaco, não se tinha sabido se chegara ou não a mijar, porque diante da sanita de boca aberta pela tampa levantada, ele se pregou um tiro em si próprio, tão certo e determinado, mes amis. Que lhe fizera logo voar a tampinha do cérebro. Simão Rosendo fazia o gesto na testa já calva. Tendo a bala entrado por cima da orelha direita e saído acima da esquerda. A do outro lado da cabeça. Para se ir pregar na parede. Disparada assim com tanta garra, que bem podia ter fuzilado dez cornudos se dez cornudos tivessem as armações enfileiradas. Ou vinte. Figurez-vous, messieurs, il était en train de pisser. Achava Simão Rosendo afinal, que tinham dito os agentes de police quando chegaram. Les flics. Ou trinta desses tais se estivessem

bem enfileirados pelas armações. E o que se deveria concluir daqui?

Logo haver trinta desses tais e estarem todos juntos. Que raio de ideia. Felizmente que o filme recomeçava e o vento zunia mais longe, porque, embora ninguém o dissesse, percebia-se que era uma forma de trazer para a mesa, por uma outra via, a lembrança daquilo a que tinham assistido no último serão. Aliás, Sebastião Guerreiro lembrava-se de ter dito a Rosária. Isso são histórias de condoer, minha filha. Até-mas é na venda das bolas. Sabes como se chama em França às mulheres como a mãe deles? Pergunta ao senhor Simão. Les putains. Sabes como se diz dos que deixam os tronquinhos de osso furarem a testa, coitados? Não sabes? Les cocus. Ele sempre tinha dito à filha. Que deixasse os fedelhos em paz. Bastava dar-lhes umas fatias de pão, umas peçazinhas de fruta tocada, e já chegava para cumprir essa caridade mandada pelo padre Sequeira. Eram seus irmãos, seus primos direitos? Para assim os vestir e os tratar? Falar-lhes manso? E mesmo depois da admissão na limpeza e com farda. Eu lhe tinha dito. Ainda um dia se vai notar essa mania que tens, menina, pelos moncalhos que os Joãos deixam nas toalhas. Tinham ou não tinham toda a água do mar para se lavarem? Mas ela nada.

Antes os metia no elevador de serviço, escondidos atrás dos sacos da roupa suja, para subirem e descerem. Sebastião Guerreiro olhava as pontas dos sapatos no meio de todos, e ouvindo o vento de novo embravecer, pensava nas ondas que também ora vinham ora iam, pela berrada que o mar fazia na areia. Nós no quente. Sem as cartas por cima, as mesas eram lisas e as lâmpadas baixas pareciam fortes e brancas, como para operar apendicites. Miss Laura tão longe. Não se podia dizer mas sentia-se. Compadres, atendam-me esta urgência.

Evening. Poderiam por acaso tirar o som àquilo? Mesmo que uma pessoa não quisesse, era obrigada a falar mal sem querer. Porra que era de mais. Vendaval por fora, filme por dentro, não havia quem resistisse. Só que eu gosto e eu também, e mesmo sendo de outro tempo tem afinal o seu interesse. Zulmira começou aí a ficar muito incomodada, sem saber por onde abrir as revistas no meio daquele desalinho de desejos, enquanto os dois polícias à paisana e de sobretudo quase até ao chão, examinavam impressões digitais sobre os móveis. Deixassem o casal em paz, e qual casal nem meio casal, aquilo era uma coisa que não conduzia a nada. Mas prendia atenção, senhores, prendia, e se por acaso

alguém ainda se lembrasse do desfecho, que não dissesse. Com aquilo tudo nem se reparava que era hora de trincar qualquer coisa e que a Zulmirinha Santos já tinha dito isso, distribuindo as coisas pelas mesas, as agulhas de cabeças viradas como mudas, dentro dos cestos de tricotar. Vamos a isso e que se enforque o filme. Simão Rosendo emurchecido ouvia o vento ou pensava nos danos das suas perdas, com as mãos pendidas da cadeira onde se abraçava em descanso. Mas Rui Seladinha é que estava muito alegre e expelia porras como se os joeirasse da peneira da sua boca. Nem valia a pena uma pessoa olhar o filme que fosse qual fosse o desfecho aquilo era lento e adivinhava-se. Reparassem, mas já a velha personagem, muito vítima, convalescia e assim se perdiam passagens importantes. Rui Seladinha contava dois short drinks no estômago e apenas um biscoitinho esboroadado, tão alegre tão alegre que só ele fazia uma festa. Diz, Zulmirinha, se te ofende o nome deste serão falando eu de mim e dizendo de vez em quando uma palavra carregada de rr como as que tu conheces. Ofendo? É que eu, pá, quando me alegro, pá, não consigo deixar de dizer assim, por causa da minha boa sorte. Então diz lá de uma vez. É que eu, como ia dizendo, sempre fui um gajo porreiramente feliz, se não ofendia o evening party. Sempre

tinha realmente sido, pá. E ainda bem que tudo tinha acontecido pelo melhor, ainda bem e my goodness, a senhora da grande sorte de Rui Seladinha. Dizia ele apesar do ganido do vento. Estava para ser incorporado e por um triz não tinha sido, tão boa a sua estrela, e por isso não havia comparação entre o que tinha dito Simão Rosendo e o que ele mesmo ia dizer. Que se gabasse então a parede antes de ser caiada, e que dissesse o que queria de uma vez. O vento agora era um sopro contínuo como sussurro a dar de encontro aos vidros e dos sofás, levantavam-se os olhos para os colocar lá fora, pensando em coisas tristes mas nunca falando de Rosária. Bom, como todos sabíamos, ir ou não ir não era questão de emprego, que isso ficava marcado por escrito e logo recomeçadas as funções assim que regressados. A menos que se viesse a perder algum membro, mas como ia dizendo.

INTERVALO

A lei também era tão clara nesse ponto, que mandavam a ordem de readmissão logo junta à pessoa enviada dos quartéis. Mandavam ou não mandavam? Este fulano mancebo, quando regressar, será incorporado no seu emprego e aí da casa que não cumprisse a lei. Rui Seladinha

estendia o seu copo, todo johnnie walker pintado a fogo no bojo. Que lhe deitassem mais, pá, lhe enchessem mesmo a vasilha, que porra, pá, do que eu me tinha livrado, e podia vir um verdadeiro ciclone que ele não se importava que assim ventasse. O serão dali em diante era todo de Rui Seladinha. Zulmira Santos é que estava agastada, com as revistas feitas num rolo debaixo do braço, como se fosse abafar. A boca pintada era um selo de silêncio atado pela contrariedade. Realmente para se ouvir tanto porra porra que felicidade a minha, antes ter ficado na cama a ouvir o vento. E Rui Seladinha, fingindo ter recebido beijos da ofendida, enchia-se de cupidez no beijo e abria os braços de prodigalidade. Sim, amor, desde que me dêem manja e rega, eu conto sempre o mesmo. E indo até junto dos sofás cor de erva fadagoso, tanque de guerra ou vela de bom pirata, mostrava, pá, mostrava que estava teso de músculo e viril de palavra. Não valia a pena ninguém olhar o filme que havia ali uma fita a acontecer ao vivo. Por exemplo. Ainda antes da inspecção lhe dissera a avó com um avental de lágrimas levantado à altura dos olhos. Limpando-as assim. Rui Seladinha fazia menção com a aba da camisa desfraldada, e vibrando a úvula da voz para se timbrar de feminino. Muito amor velhinho. Ai ai. Cada rajada, santa bárbara, soprando sempre.

Não se conseguia entender para que era o vento, que se sabia ser o ar em movimento, et à quoi bon. Perguntava Simão Rosendo, as duas mãos expostas. E poderia estar tudo errado naquele serão, que uma coisa era certa. Entre aquelas palavras não havia lugar para Rosairinha. Ou havia. Claro que não havia. Então Rui Seladinha pôde continuar. Pois a minha avó insistia limpando assim. Fuma, netinho, fuma. Fuma uns cigarrinhos de palha de centeio que debilita o pulmão, vais lá, eles escutam-te a afegação pondo o ouvido numa toalha branca, reparam no rangido interior e safam-te. Mas debilitava o pulmão? Perguntava cá o rapaz nesse tempo, o meu cuzinho mais apertado que um buraquinho de formiga por onde não entra um bago de arroz. Sim, debilita, meu netinho, mas depois de te livrares das sortes, bebes em jejum um copo de leite de égua todas as manhãs e te recompões num mês. Foi assim que se livrou o teu avô da de catorze-dezoito, meu querido netinho. Mas qual quê e my goodness, pá. Dizia Rui Seladinha a imitar a língua dos muito velhos e a cair de visões como os tordos com o frio. No meio da sala de bar. Quem me a mim garantia que não ficava empalomado do pulmão e ainda por cima incorporado nas hostes? Não, nessa não caía eu, pá. Tinha de se fazer um silêncio e ir espreitar pelo vidro que o vento

parecia querer arrancar qualquer coisa pelo pé. E cá o rapaz, amigos, tinha dito. Deixei-se de tretas que lá vou lá vejo. E vira que nem o viram, se bem que lhe tivessem feito despir tudo até às trusses. Com tua licença, Zulmirinha, ou antes. As breeches para não afugentar o tom de evening. Com uma palmada na omoplata me disseram. Estás aprovado para todo o serviço, pá. Aviação, marinha, cavalo, infantaria, toda a espécie de forças de que se compõem as armadas. My goodness. Agora é que a música era forte forte e saía de suspense a pontos de provocar incómodo nos olhares de tanto desvio vai, desvio vem. Mas eu, comovido por ver tanto homem em apuros, pensei que havia de ser capaz de estancar o pranto da velha com um valente grito de comando, quando chegasse a casa e ouvisse a lamúria. Rui Seladinha em pé, cabeça mais iluminada que todos pela força branca daquelas lâmpadas de tecto. Dizia ele que tinha pensado. Eu, minha avó, tou preparado para todo o serviço de céu, terra e mar, porque sou um tipo verdadeiramente teso. Verdadeiramente teso, ouviu?

INTERVALO

Do sofá é que havia incomodidades por Rui Seladinha se julgar de vidro a fazer passar a cabeça vezes sem conta por entremeio das

imagens. Não via que estava mesmo mesmo por se descobrir os malfeitores agora disfarçados? Mas Edmundo até aí calado contrapunha com o seu exemplo. Ele próprio, pá, de estatura baixa e delgada, a ele também lhe tinham dito exactamente o mesmo, pá. Parecia até que para a guerra de guerrilha, quanto mais pequeninos melhor, para poderem escapulir-se à vontade sem apanharem o tiro. Ah sim? É verdade. Pois foi o que me disseram. Dizia o namorado de Rosária, e o vento tinha finalmente desencadeado a chuva e sentia-se a bâtega bater de encontro aos vidros como se os quisesse quebrar. Alguém tinha trazido guarda-chuva para atravessar o pátio? Estávamos ali tão quentinhos, com a noite a cair aos sopros, meus amigos. Na Redonda bem podia chover que tínhamos deixado as trancas nas portas, os bichos enterrados, e as flores só malvas, coisas dispostas ao tempo que fizesse, parindo pétalas o ano inteiro sem se dar por isso. Podíamos continuar a ver o filme que a noite não tinha fim e era boa. Rui Seladinha tinha feito calar todas as conversas e nem Edmundo pensava em Rosária. A minha velhota voltou a levantar o avental. Pá. Oh filho querido. Beijando-me como se já me visse morto por uma picada de cobra naja, daquelas que fazem assim ao pescoço, ou uma azagaia de veneno. Pá. Filhinho

querido, que andaste ao meu colo desde a touquinha, tem coragem. Pega na espingarda e atira-te a ti mesmo na perna um tiro de sal, que nunca mais te curas na vida mas te impede de abalar da nossa casa. Ai a nossa casinha. Como faziam os incorporados na guerra catorze-dezoito. E outras coisas que Rui Seladinha dizia que o tinham posto maluco, sem comer nem beber, só de pensar na vida, e a pobre da minha velha, pá, de avental levantado, limpando os cantos das vistas, molhava o tecido de manchas escuras que se podiam torcer e pingar de húmidas. Estou morta de chorar, vizinhança. Dizia ela. E foi então, pá, que no meio daquele fogo de alvitres, cigarro de centeio, tiro de sal, salto por espanha. O melhor era o salto por espanha. Se desenrolou aquilo, pá. Deixem de olhar a merda do filme que vão ver. Sei que termina com o casamento da velha vestida de capelina e vai ser com o inspector, vocês verão.

Se desenrolou aquilo precisamente nos dias em que eu, desgraçado da vida, estava à espera do postalzinho que havia de dizer. Mancebo, oh mancebo, vem batê-las para estremoz, para tantos, e logo depois se verá, na véspera da partida, para que parte do mundo hás-de abalar. Pá. Em vez disso. Nesse momento, ou pelo amainar da

tempestade, ou pelo intervalo que de novo fazia, todos escutavam Rui Seladinha, Simão Rosendo de mãos expostas como dependuradas, para se enxugar de qualquer ablução interior que fazia. Sebastião Guerreiro fumava sobre o punho feito segurança da cabeça por um resto de sono. Valentina Palas no meio de todas. Pois em vez disso tinham vindo dizer. Pá, oh pá, estava eu com a bandeja em frente da copa e vieram dizer. Pá. Porra que vais ser um gajo de sorte. Com tanta coisa a dar-se, vais ver que te escapas de lá ir, pá. E tinha sido assim que ele, Rui Manuel Seladinha, se tinha escapado. Todos os participantes daquele evening só chá, gim, bolachinhas, a ouvirem Rui Seladinha solto de língua, fazendo saltar de cima de uma das mesas um resto de feijões arraiadinhos de roxo, desmanchar o baralho de contra-rostos vermelho. É verdade, se tinha escapado. Contava ele ao serão. Mas nesse dia havia sentido uma coisa na alma para cima e para baixo, como um gás de vapor que não sabe por onde sair, sentindo-se muito bom e muito bem, pensando nos infelizes que não tinham voltado, e até lhes tinha rezado por alma. Dizia a minha avó. Oh filho, sempre assim foi, sempre assim será. Servem umas plantinhas para estrume e beverage das outras. Minha rica flor, meu girassol. Tudo em bem, pá. Mas ninguém despejaria nem

mais uma gota no copo de Rui Seladinha. Não estavam para o levar às costas com aquela chuva e aquele vento. Além disso nem todos contavam o mesmo. Por exemplo, aqui a gente. Dizia o Quinas para o Garciano, ambos de patilha descida sobre a figura, bigode em folhinhas de alcaparra, pendido para os lados. Umas tatuagens no braço com a cruz das descobertas, batalhão escrito em arco. De qualquer modo, porra que fui um homem de sorte. E bandeou o corpo todo, gangas pespontadas de uma desbotadíssima cor sobre as bolas dos joelhos. Sebastião quieto como se fosse uma estátua de barro, ou de pedra, substância imóvel embora deteriorável, senhores, tinha as mãos na nuca, pensando possivelmente no desfecho que os sóbrios e os borrachos davam às coisas. Nem uma lembrança de Rosária como tinha sido combinado sem ser dito. Mas Rui Seladinha parecia ir terminar, que o famoso postal só passados dez meses e meio lhe tinha chegado às mãos. Quando os carteiros já não usavam farda e vinham de cabeça descoberta, de qualquer tipo de boné, nem de pala nem de borla, penteados muito bem de risquinho ao lado. E fora assim. Dispensado de todo o serviço. Pá. Riscada a palavra mancebo e dispensado de todo o serviço. E apesar de no écran móvel andar um grupo envolvido numa porrada de fazer morder as línguas, dona senhora aos

gritos, Rui Seladinha teve de interromper a atenção de todos para acabar. Que nesse dia tinha feito uma função de alegria perfeita, porque não havia nada como um papel escrito para dar a certeza às pessoas, e que, com licença das juízas daquele evening, digam comigo, pá. Porra porra, que fui um homem de sorte. Aliás, também terminava naquele momento o filme, ainda não estava lá the end mas era como se estivesse pela melodia adágica que estremecia as luzes. Rui Seladinha tinha tido uma certa razão, porque o comissário, não o inspector, tomava chá com a velha senhora e toda a família reunida os envolvia num doce olhar de salvação, como se recuperados de um titanic afundado. Os bandidos, vejam-nos. Cada um com suas algemas resistia com os cotovelos, mais ele que tinha uma greta entre os dentes, menos ela, chorosa, e porque os cabrões não pareciam nada arrependidos, o nosso ódio era enorme. Tal e qual como na vida.

FIM

Depois uma passadeira de letras miudinhas a correr de baixo para cima, a caminho do parapeito do móvel, sua borda superior. Iam então a só mais uma rodada, a celebrar aquela alegria dele. Dizia o Garciano que tinha ido e por isso compreendia aquela explosão de felicidade, que só os insensíveis

e crus é que não entenderiam. Aliás, Valentina Palas para brindar o acontecimento também ia quebrar o jejum daquele dia em que resistira ao aparecimento da comida logo de manhãzinha. Tinha fechado a porta e deitado a correr, encerrando lá dentro as fatias que ainda deveriam estar à espera da sua pessoa.

Zulmira mantinha a boca atada pelo nozinho de silêncio, tão muda como Pinaira a ver as coisas, e era como se congeminasse uma vingança fina e cheirosa, própria de mulher folheadora das burdas. Porque Sebastião tinha adormecido e continuava a cavalgar a divagação perante as ladies e os gentlemen vindos de glasgow, estando ele a dizer miss Laura, my dear, my dear. Por isso só os olhos da cara andavam atrás dos gestos dos outros, agora sentados, a cabeça cheia de coisas entrechocadas, enquanto a chuva tinha amainado, mas ouvia-se distintamente o correr dos cães despejando cascatinhas para a rua. E ao ver as mesas cheias de copos, e o chão atapetado de migalhas, coisas resíduas, Valentina Palas a falar da luta feroz em que vivia, Sebastião Guerreiro pensava. Que quem apenas se contentava com o presente eram os bácoros no cativeiro, sim, senhor Folhas, esses bichos cevados é que encontravam a felicidade na chavasca e na manduca. Só que na altura era como se nenhuma dessas palavras lhe dissesse respeito. Tinha sido necessário aquele aperto de alma causado por miss Laura para que tanta coisa se clarificasse dentro de si mesmo. Compreendia o

contraste vendo as mesas. À exceção de Zulmira Santos, Catrinita Mendes, ninguém merecia a minha recomendação. Nem Chico Antunes, nem Simão Rosendo.

Também não valia a pena olhar para cima que no écran já tinham desaparecido por completo os polícias que falavam yes e come back como se tivessem posto uma mola de roupa invisível a apertar-lhes o nariz, apenas uma breve ideia daquela pobre bandida de seios em cratera de vulcão e do bandido que possuía uma greta entre os dentes por onde se podia enfiar um dedo, testa curta, olhar sacana, assaltador de jóias esmeraldas. Catrinita havia pousado as agulhas de barbela no colo e as próprias cascatas pareciam ter-se extinguido em breves esguichos que já não se ouvia nada lá fora. Ou melhor. A chuva ainda se entendia, agora o vento não, sobretudo aquela bezaranha de sopros e uivos que tinha feito durante todo o filme. Nós aqui tão sentados, tarrincando biscoitos, ai irmãs, mas que felicidade a nossa também. Estamos tal e qual como Rui Seladinha só que fica mal pormo-nos, nós, mulheres, a dizer porra porra que felicidade a nossa. E Sebastião Guerreiro a meio dos sofás das mulheres e das mesas dos homens. Cor de erva fadagoso, blusão de militar, verde charco de rã. Tinha de dizer muito alto, e exceção feita a quem, apesar de tudo, ainda sustinha o serão, que ninguém. Ninguém tinha merecido a sua recomendação.

Essa agora. Todos olharam surpreendidos para Sebastião Guerreiro e Simão Rosendo, o de mãos mais tesas pela

perda daquele anel, sobressaltou-se na cadeira. O que é isto? A sala acordada.

Sim, eu vim antes de todos e de todas a abrir o caminho aos outros. Eu é que te escrevi quando me escreveste lá da merda da cannebière a dizer. Alô, comment ça va? Nisto aqui, ou me faço de puro pelintra e chego aí a rico, ou vivo como pessoa e torno à terra com as algibeiras furadas de lado a lado pelo raio da miséria. Quem te acudiu, quem foi? Sebastião, pai de Rosária, tinha a razão a cair da boca às palavras. Tiens. Disse Simão Rosendo, o maitre d'hôtel, suspendendo o bar de pessoal. Tu mentes, Sebastião Cagaça, que mandasse eu o que mandasse, tu só vieste à terceira ou quarta leva e disse nos lembramos todos. Era tudo muito rápido. Não. Disse Sebastianito Guerreiro arqueando as mãos sobre o tampo que lhe ficava próximo. Vim à primeira. Não vieste. Vim. E que vieste e que não vieste. Sebastião já arrependido de ter falado alto sem saber como aquela teima ia terminar e Simão Rosendo a falar alto, irritado sem motivo, senhores. Era aquela pinguinha de white label com gelo, o bastante. Meio levantados já, tudo a acontecer muito rápido, como se de repente, minhas amigas, todos os objectos tivessem acordado de um sono e quisessem agora agredir alguém. Lá por teres tirado as fotografias e andares aí nos postais de dentes a rir, lá por seres encarregado de apalpar o pezinho das flores, lá por seres tu a andar com os barcos e servires de chamariz às coisas. Não podes fazer-te do que não és e nem foste. Mentas. Por essas e por outras é que te chamam de Cagaça e é que se te amandou a filha. Elle s'est suicidé, salaud como se diz em francês. Salaud et ordure, espèce de con. Sebastianito Guerreiro completamente

aparvalhado sem saber se devia levantar-se ou não. E tu? Lá por teres uma farda preta da cor da mortalha dos defuntos, lá por teres tido um anel no dedo grosso, andas agora transviado da cabeça. Leave me alone, please. E deu uma palmada sobre a perna. Mas Simão Rosendo vendo-lhe o gesto e conhecendo-lhe o bofe, interpretou a resposta como fraqueza e hesitação. Tu não sabes, nunca soubeste trabalhar com as mãos. Salaud. Trabalhas só com um dedo, o número vinte e um. O que provocou um recinto de gargalhadas a meio do silêncio, e Simão Rosendo, sentindo-se apoiado como num campo de futebol internacional, investiu, levantou-se, encolheu quanto pôde a sua barriga, prenhez de seis meses presa por um cinto a meio da figura, firmou-se nos tacões e entrou em acção. Era tudo muito rápido e teve um fim.

Por certo que teve um fim.

Pois foi. Simão Rosendo disposto a falar várias notas acima do discurso que tinha feito sobre a mãe dos Joanos. E a tua língua, sabes o que é a tua língua? A tua língua é o dedo número vinte e dois, e se assim não é, avança para mim. Porque Sebastianito Guerreiro ainda se encontrava sentado a olhar o bico do sapato como se falasse com ladies e gentlemen, miss Laura, oh miss Laura, mas sem falar. Avança. Então Sebastianito levantou-se de um salto e as mulheres deixaram cair as cadeiras de pé de ferro com um grande pam. Fez-se um intervalo de total silêncio. Pagas-mas. A televisão às riscas. Pagas-mas. Disse Sebastião Guerreiro inflando a voz e antes de arremessar os punhos, para que vissem a força que tinha, começou por pegar em cada uma das

bandas da sua própria camisa, fazendo saltar os botões todos de uma só vez. Plim plim pelo chão. Caiu então sobre Simão Rosendo que no domingo anterior estivera perto de se fazer de condutor de pintainhos, agora não. Ai ai, tragam um jarro de água da cozinha. Vai ser preciso molhá-los para conseguir este desaparte e aqui mesmo nas barbas da gerência. E eles às abarcas pelo chão, as rendas caídas de linha desfiada. Mas Rui Seladinha, o homem de tanta sorte, começou a esfregar as mãos de comovido. Ah grandas ganhões italianos, go on, go on. Zulmirinha Santos, essa pôs-se a chorar como se tomada de uma lástima incontrolável, enquanto eles se imobilizavam pelo chão e o tempo não corria, parado, sem bafo de vento algum. Vai, vai haver um morto e três feridos, desapartem-nos pelas chagas, ai que vergonha, que vergonha. Nada disso e era o Garciano a rir alto, fazendo da luta um relato. E agora, senhores e senhoras, o guardião da França está sob o peso do reino unido e viva, viva the united kingdom e quem vence é este. Silence, please. Sebastianito Guerreiro parecia feito de atilhos de forças enroscado em Simão Rosendo, dando-lhe uma última taponna na cara direita do seu inimigo a selar a contenda, o pulso levantado, feito emanção de trotil. Eu racho-te. E agora é que por finalíssima, e para me pagares todas as ingratidões, esta última na cara esquerda, que se fazia de bolo de carne, papo de inchaço. Que horror, amigos. Edmundo pôs-se então a fazer um apelo para que ouvissem os guerreadores. Pedia ele próprio, por alma de Rosairinha. Sim, está bem. Falava Sebastião Guerreiro. E levantou-se. Só o nome da minha filha me faz parar. O momento assumia agora as proporções de uma verdadeira tragédia com choros altos

e desavergonhados. Era sobretudo Zulmirinha Santos, porque julgava que com o último party tinha a nossa gente adquirido uma forma de conduta decente e civilizada. Uma certa compostura, minhas amigas, mas não. Que olhassem para o espectáculo do chão. E reparando bem, sabia-se que os móveis, sofás e mesas tinham uma alma e estavam acordadíssimos a ver as cenas. Porra que era de mais. Simão Rosendo ensaiava por sua vez uma erguida à altura do métier, e por isso, sacudia com as mãos a ajuda que lhe dava o Seladinha, num relance de encontro com toda a sua hombridade, e Sebastianito Guerreiro, a quem Chico Antunes imobilizava tardiamente os braços, segurando-os pelas costas, procurava unir as bandas da camisa sobre o peludo peito, onde três meses antes miss Laura depositara os beijos e a cabeça. Love me, please. Ora esta, o que haveria de acontecer. Bem tinha dito eu que tantos. paus eram sinal de azar.

Simultâneo e muito rápido.

Sim, acontecia realmente tudo muito definitivo e muito rápido sobretudo para quem se empenhava na contenda. Edmundo é que de repente teve a ideia, mas foi Pinaira quem a executou de pronto, porque era conveniente levantar o som do aparelho para que não se desse pelo desacato e ninguém da gerência pudesse adivinhar aquela guerra clandestina ali a haver estupidamente. Ai se viessem a saber do rebuliço. Não estava em causa e economia mas a moral, a ordem, receamos os vícios, tinham dito. Pinaira rodou o botão todo para a direita e felizmente que era o fim e era o hino, era a bandeira a

desfraldar os heróis do mar, como se fizesse uma grande ventania atrás do móvel, e aí de nós, respirem fundo que tudo isto acabou. Contámo-nos e estávamos todos.

Não, não era necessário tanto para se chegar aqui e armar-se uma zaragata deste tamanho, mas podiam ter avisado que tencionavam armar distúrbio. E como se podia prever, Zulmirinha? Felizmente que ninguém tinha morrido, nem era preciso chamar pessoal de enfermagem para pensar os socos. Podiam deixar de rir e de chorar que já tudo tinha passado, com um bocadinho de esforço, estava tudo mais ou menos arrumado, as luzes prontas a apagar-se. Quem quisesse podia dizer. Ah grandas rockys, grandas garanhões italianos. Granda round. Mas que fossem dizer isso para longe. Aliás, quem tinha feito a guerra colonial, como o Quinas e o Garciano, bem sabia por experiência que havia sítios do corpo verdadeiramente mortais. Aqui junto deste ossinho, por exemplo, e é até um bem não se divulgar certas coisas, que nunca se sabe que ideia de vingança anda atrás de uma pessoa normal. Da guerra ultramarina não se tinha só trazido o ninho de matacanha alojado no pé, meu menino, mas também a sabedoria de certas coisas. Abriam as portas e o vento a passar entre as árvores açoitava mesmo o rosto como se estivesse castigando o desacato desse modo, além da penumbra que fazia dos candeeiros da rua, espaçados e húmidos. Edmundo ia muito triste e em silêncio, atrás de todos, desembrulhados pelo fogo da excitação. Sofres pelo sogro ou pelo outro, meu amigo? Mas a discussão generalizou-se já na rua sob as acácias tremidas, enquanto puxavam pelos pensamentos. Havia quem

achasse bem feito para Sebastião Guerreiro que se julgava senhor de todos, mesmo de Rosendo, por ser apadrinhado pela administração da casa, em seu entender, sem motivo. O que fez o gajo? Eu era pequeno, mas suponho que ele só deve ter vindo quando lhe cheirou a saia e a cifrão. No entanto, fora o primeiro a ser chamado e por alguma razão, e isso é que estava em causa. Valentina Palas dizia lembrar-se. Vossemecê já não lembra, senhora Valentina, perdeu essa capacidade, vossemecê só imagina e ora conte lá. Mas tudo aquilo eram questões caducas que por si só não mereciam cenas de raiva e sopapo. Para quê? Ainda se fosse sobre uma subida de posto, a conquista de uma mulher, ainda vá lá. Que se disputasse. Agora quem tinha vindo antes e tinha vindo depois, eram ridículas questões de honra, só inchaço de garganta, própria de brigões. Ele, por exemplo, que se importava ele que tivessem vindo antes e depois, se lhe tinham dado aquela máquina gaggia para servir os cafés? Só encaixar a concha, retirar a borra com uma pancadinha, esperar pelos espirrozinhos de líquido, zurrapa a cair para as chávenas como tetinhas esguichadoiras. Queria cá saber Rui Seladinha. Só o trabalho de levantar um braço e ajeitar as alinhas das chávenas de loicinha tão cristal. Era preciso entrar que o vento soprava, mesmo irado, o mar lá em baixo também parecia querer bater uns socos no olho da areia. Porra, que raio de evening, que já nem sei como começou nem de que falámos. Primeiro foi dos Joanos, depois da mãe deles. E depois, e depois? Depois foi da tua boa sorte, homem, com todos os pormenores. Alguém conseguia perceber a razão por que se tinham batido aqueles? Nem sequer se tinha falado em Rosária, nem de nada que lhe

dissesse respeito. Mas também não era preciso ficar com tanto ressaibo, porque afinal todos sabíamos que numa terra chamada calcutá, por exemplo, se espetava uma navalha do comprimento de um sabre por uma tigelinha de papas do tamanho de um dedal. Que se diz. A thimble. E em chicago, também por exemplo, sempre que uma mulher deixava a marca dos lábios na chávena, se dispara um tiro. A shot. E o que era isso comparado com uma desavençazinha daquele tipo. Que mania que temos de nos acusarmos. Este é um bom pensamento para dormirmos descansadamente a noite inteira. Se pudermos. Só Zulmirinha, muito nervosa, não.

CHAMADA

Rosária foi-se e nem sequer podíamos guardar a última visão de um rosto de cera muito branco de imobilidade, coberto por um tule. O último desejo dos namorados que vão a esse fim. Como se havia de desejar a sua lembrança para entreter as festas? Sim, poderia em vez desse gesto ter pura e simplesmente pegado numa lâmina de barbear para cortar as veias dos pulsos, mergulhando-os em seguida numa tina de água quente até desmaiar por dentro. Quem a encontrasse ainda quente, enxugar-lhe-ia o cabelo com uma toalha turca e deitá-la-ia na cama, fechar-lhe-ia a boca com um lenço de assoar, um paninho alvo e de renda, poria um vestido limpo, uma farda de laço. Por isso poderíamos andar à volta, então, chorando de coitadinha, coitadinha. Durante três dias mal pregaríamos o olho a pensar nela, tão branca, tão de cera, tão magrinha. Um passarinho que se finou abrindo a boca das veias, nada mais. Ou poderia ter engolido um frasco de pastilhas de fazer sono para que lhe adormecessem primeiro as pálpebras, depois os gestos todos e por fim o coração, a alma a sair aos pedacinhos, cor de fumo azul como antigamente aos mortos no egipto costumava acontecer. Havia mesmo quem pesasse o espírito com uma balancinha de oiro, Rosária. Sim, meu padrinho? Sim, minha afilhada, tudo o que existe tem um corpo, até a alma o tem, e é queimável num sítio que eu cá sei, ou ainda não estudaste bem os retábulos da penitência? Até a fome e

o desejo têm seu corpo que se agarra. Podia também ter posto antes de tudo o vestido branco que miss Laura lhe dera para um outro fim, e isso teria sido uma escolha que pouparia tanta inquietação às pessoas ofendidas com tantos trabalhos ao mesmo tempo. Para se ir assim. Mas não. Para falar de Rosária deveríamos inventar um nome que se chamasse orassàp, se fosse possível, porque ela quis voar ao contrário dos passarinhos quando são assustados pelo bater das palmas. Chegou lá acima, à última caleira da torre, e não só deu as voltas no ar como a pedra que vai ao charco, como ainda fez pontaria à pedra para esmigalhar a cara de encontro a ela. E de tudo isso se fez um destroço de corpo envolvido num lençol que nem exposto esteve, caramba. A princípio toda a gente apertava as mãos na cabeça, que loucura, que insensatez. Aquilo era uma ofensa. Mas pela noite adiante havia bocejos de fazer despegar os queixos, ansiosa a maioria para que amanhecesse rápido, cansados todos de buscar as causas daquela queda. Por tudo isso, parecia agora que lembrá-la era atentar contra a bonança de todos, quando nada custa e nada amarga. Assim, embora não se seja defensor de que a verdade pode só ter um olho, o mais bonito, para quê tanto aparato de dados, senhores, me digam.

TERCEIRA

PERCURSO

Por esse tempo, ainda a fauna do mar não havia fugido completamente acagaçada pelo motor da traineira, Rosária. Ainda o charrinho pio se vendia à arroba, e quem mais se lambia com ele eram os porcos do chiqueiro à espera da grande faca. Também havia grandes bogas e grandes salmonetes que se faziam completamente vermelhos mal viam a brasa. Cipriano era o chefe dos arrais da armação, e a areia ainda não se havia transformado de terreno de pescaria, remendo de rede, em espaço de esturração, nudez ao sol. As águas guardadas pelo voo das gaivotas e dos gavitos ainda reproduziam pelos invernos a verdadeira voz da movelha, anunciando os temporais. Também os meninos Joãos não eram gente nem semente, e a mãe que havia de ser deles, tinha apenas umas mal levedadas maminhas, cantando as tardes inteiras à porta de casa, olho no mar, umas cantigas de primavera. Que já se foram já vieram, alegres as andorinhas. Por esse tempo, Rosária, quando chegámos de encontro à ribeira da praia, sentimo-nos lavados de uma poeira de eras. Cá estamos. Tinha dito Pai Patroços, pisando a areia. Mas agora era levantar bem os pés, que a magana daquela terra era gorgulhosa e entrava pela costura das botas e das bainhas, e daqui a pouco estávamos cheios desse pó até às virilhas. E as mulheres que pelo são João

costumavam vir meter as mãos na água antes de o sol nascer, acharam que nunca ali tinham estado. Que nunca. Por isso que se deixassem de cautelas naquele preciso momento. Que a todos apetecia mar era. Diante de tanta água de mar, chorar um pouco sem se saber de quê. Ou então cantarmos a gente, mulheres, com a nossa voz fininha, o benedito e louvado seja. O benedito. E isso foi num segundo domingo de maio, depois de se ter ouvido dizer na tarde do primeiro, Rosária, que além, naquele endireito, se iria erguer um paço monumentoso, todo feito de alto a baixo de quartos de aluguer. Grande como uma mafra e de varandas tão altas tão altas que quem olhasse de cima das capelinhas veria os vizinhos em baixo, feitos pessoas anaques.

Um tempo longo e demorado, ou breve, como um flashback de história?

Não. Um tempo longo e rápido para que se saiba tudo. Concluindo.

Longo e rápido como o das sagas.

Como o das sagas. O vento leste tinha amornecido a primavera do ar, e também a florama dos caminhos amarelejava um esplendor de festiva erva em botão e muita folha tenrinha. Lanceolada. E já havia lagartixas de dorso ao sol olhando o tempo. Tínhamo-nos encontrado no largo da Redonda e sentado sobre os poiais, enquanto alguns, mais lesto no mexer que no fazer, se esqueciam de coisas antes de partir, Rosária. Até que nos contámos e nos vimos todos. Os moços pequenos atrás das esquinas alongavam os olhos pelos caminhos abaixo.

Rosária entre eles, assim deste tamanho, e Sebastião Guerreiro a dizer que fossem, que bem fazia quem não gostava de ouvir a transmissão dos relatos. Ir tão longe para ver um nada. Que fosse Santanita, que essa que ali ia tinha a mania das coisas inúteis. Ele ficava a guardar a casa, a ouvir o sonoro, e não abalou realmente. Rosária de mão estendida fechava e abria de fazer adeus. Os filhos dos que iam e ficavam, vendo os grandes descerem, disseram-se. Irão comer galinha sem a gente? Irão falar de coisas que não querem que a gente oiça? Não. Iam ver a pedra alguergada e os caboucos de um casario que diziam estar para ser maior que todas as árvores das redondezas, umas em cima das outras. Mentos. O que eles vão é ver o mar e bater um sono à sombra dos penedos que lá se chamam rochas. Dizem que dentro desses penedos há covas e crafundiças feitas pela força das águas. Isso é tamanha mentira que sempre a água foi mole. E assim e assim, Rosária. Mas quando os parentes desapareceram atrás das moitas de aro, recolheram os olhos nas sombras das casas e chamaram-se pelos nomes. O mar era uma fita de água encabeçada na terra que terminava além, eu já lá fui, eu ainda não, mas gostava de ir.

Os homens com chapéu marca palmares pousados sobre as cabeças, foram dando aos ombros e vendo as favas. As mulheres, mais lestras, pernas finas de aves, e cinturas meneando de um laço de avental posposto, ligeiras como tocadas por um doce tango argentino. Onde vão vocês, ó dançarinas? Acalmem-se que as águas nunca param nem de dia nem de noite, nem o mundo acabará hoje, tanta é a bonança do ar. Até que os cerros acabaram por cair, as vertentes espapaçadas sobre as linhas horizontais da

terra, e os nateiros eram mantos cobertos de curtos trigaizinhos de espiga verde, Rosária. Loiros e raleirados, onde um assomo de papoila e tomilho se ia casando como se tudo fosse coisa esquecida. Precisamente por onde as estradas corriam de nascente a poente e os fios de coisas eléctricas e rápidas seguiam paralelas às estradas. Depois o caminho-de-ferro. Eram duas linhas deitadas sobre cascalho, como uma escada caída e sem fim. Olhando de lado a lado. Tinha de se escutar antes, porque aquelas máquinas obedeciam a horário previsto por tabela, mas apareciam em qualquer momento, desmandadas, como sem hora. Que reparassem todos na tabuleta e no que por sinais dizia.

Distante, como nas sagas.

Adiante. Adiante que ali começava a frouxidão dos terrenos. Já se ouvia as pegadas crepitarem como se caminhássemos por cima de vidro moído. Oçam o tric tric que é a areia a ranger e já cheira a mar. Já cheira. Longe está ele e já as ventas de vocês, mulheres, o sentem. Mas estavam enganados que o cheiro entrava pelos olhos e vinha daquelas árvores de pé direito e folhinha agulha. Estamos habituadas a distinguir os perfumes, os verdes uns dos outros, porque tratamos de flores. Tratamos ou não tratamos? Tratam sim, tratam vocês e Sebastião Guerreiro. Disseram, Rosária.

Foi então a vez de quebrarem as mulheres o ritmo do andamento, um certo peso nas pernas a pedir lentidão. Já cansaram, suas avestruzes voadoras? Pesadas as tranças por sob os lenços, ganchos apanhando-as como

uvas. Era só mais ali. Até que se avistou o barranco de areia que ia ter ao mar e se abria. Conheço. Aqui é que costumavam vir aportar as ovelhas colhidas nas cheias das águas, os cornos das mortas à frente dos corpos pelas grandes desfortunas de inverno. Mas era necessário ir andando que a pedra devia ser noutra direcção, e dali até lá ainda haveria muito passo a dar. Só que não interessava porque já se via a dobadoira das ondas na babugem da areia, água a ir água a vir. Tanto tanto era o mar sempre em movimento pela mão sozinha do vento, a gente alongando os olhos como se quisesse mandar barra fora pensamentos saudosos de coisas por viver. Cada um meteu a mão dentro da sua bolsa de retalhos e lá do fundo retirou um punhado de azeitonas que segurou uma a uma entre os dedos atirando os caroços para além, alguns se perdiam na espuma e se iam. Pinaira tinha trazido uma vasilha de esmalte onde deitou água e sal, um fio de azeite e vinagre, dois alhos esmagados pela concha de uma colher, o pão migado em dedos miúdos, esboroados. Se andou à roda com a mistura e se esperou que inchasse e apurasse o sabor até que se viu que sim, e nasceu em todos uma sede a dessedentar. Podia passar de mão em mão que sabia tão bem ver de perto aquela mistura das coisas azuis junto de nós. E quando sentiram que a brisa era doce e a viagem longa, apeteceu fazer uma almofada de areia para deitar a cabeça da gente, chapéus fora como se fôssemos todos dormir ali até à noite, era o que apetecia. Olhando a direita para cima apetecia também pensar.

Tudo branco e azul pela acção do espelho do céu, que nada disto sossega, nem de dia nem de noite, Pinaira.

Claro, porque a lua manda nele. E quem manda nela é o sol que roda à volta da terra como se namorasse estas duas fêmeas, Patroços. Sem nunca as ter.

Dizem que é por isso que o sol possui quatro caronhas às suas ordens, de bochechas inchadas prontas a fazer o vento. Valentina. Em cada norte sua, para amainar a ira da solidão. Mal de nós se manda furacão ou ciclone.

Não se aflijam que mesmo quando manda, se a nossa estrela ainda brilha no céu, não há tempestade que nos ataque. Só é pena ninguém saber onde está a sua a bilhar, Pai Patroços. Tudo isto anda unido e não damos um pontapezinho numa pedra que os astros no céu não a sintam, assim somos importantes neste mundo.

Realmente. Realmente as conjunções são tão perfeitas que vendo bem as coisas, se a gente estivesse atento dispensava a compra da folhinha borda-d'água. A ligação entre tudo é tão perfeita, tão perfeita. Santanita.

Mas eu ouvi dizer que a própria lua é feita pelos bocados da terra que um dia se soltaram com um grande pum que esta deu. E foram formar esses desperdícios a bola que a gente ora vê ora não vê no escuro da noite. João Rosa Aberta.

Mas nada disso aconteceu por acaso, que tudo está pensado até em demasia. Mandou então deus a água do mar para tapar as feridas abertas na terra, e por isso a lua e as águas sempre são parentes, andando estas pelo relógio daquela. Já que nada é por acaso neste mundo. Valentina.

Nada é por acaso neste mundo?

Nada, Pinaira. Tudo tem entre si uma relação de maquinismo. E dizem mais. Que no princípio do mundo, quando esses apartamentos de luas e de terras aconteceram provocando essa febre no sol, a água do mar era doce como a das chuvas.

Dizem por isso que não sabem quem as salgou. Maria Cúcara.

Parece que foi de tanto peixe apodrecido que deu à costa. Moleirinho.

Não acredito que alguma vez os bichos tivessem apodrecido dessa maneira. Que flores então não teria de haver à porta das casas para as pessoas não morrerem com esse fedor? Pai Patroços.

Dizem também que uma vez um menino quis meter toda a água do mar num buraquinho que havia com um simples balde de lata. Rosa Aberta.

Sim, e que não conseguiu porque um santo que meditava se meteu com ele, falando sobre a soberba da sabedoria. Que a gente não sabe nada. Pois é.

Sabemos, sabemos. Disse Pai Patroços rindo com o chapéu sobre o peito. Sabemos que não acaba ali onde o vemos acabar. O mar é como a terra. Uma vez o barquinho lá chegado, acima daquela linha a que se chama horizonte, vê-se de novo outra linha tão distante como essa. Valentina.

E nesta direcção um barco acabaria por chegar à Alemanha, o sitio das grandes guerras, depois ao Canadá, que é a região dos ursos, das neves e das boinas todas forradas de pele. Depois a América, o país das grandes grandezas. Se se fosse a direito.

Se se fosse a direito.

Se se fosse.

E há os felizes. Maria Cúcara.

Aqueles que em vez de barquinho apanham um grande paquete com chaminés como os comboios. Pai Patroços.

Sim, Pinaira, esses emigram e correm o mundo inteiro em cima do mar, deixam lá os dentes e a cor do cabelo, mas que importa?

Que importa, se quando voltam podem mandar fazer umas casas altas de sobrados e um jazigo de mármore que dá para toda a geração desse feliz? Se se fosse a direito.

Sim, que importa se nos baixos das casas altas até mandam plantar roseiras de toda a cor, e no jazigo de pedra uma jarrinha com elas já desabrochadas por cima de um naperão de renda e assim nunca chegam a morrer. Pai Patroços.

Mais do que isso, Santanita Trigoal, porque o melhor de tudo é que trazem os olhos cheios de coisas vistas para

contar aos netos, e por isso esses netos hão-de honrar a memória desse avô.

Digam o que quiserem. Pensem mas é que às vezes aqui mesmo onde estamos, dão à costa peixes do tamanho de mulas que é um espanto ver.

E conchas do tamanho de bacias de pó de pedra. Duas válvulas, uma para cada lado.

Limos do mar como a fronda das ameixieiras, e que escondida nela vêm figuras, metade pessoa metade sardinha, para encantarem os mareantes com a voz.

Ah sim. Dizem que é graças a esse canto sem palavras, só de uh uh uh, que os desgraçados dos marítimos aguentam tantas fomes, tantas procelas e não mudam de vida, nem querem mudar. Que de madrugada se vão a elas. Pai Patroços.

Enfeitiçam-nos e chamam-nos e amam-nos e possuem-nos. Pai Patroços.

Como? Como podem possuí-los se abaixo do umbigo lhes nasce um rabo com escamas e não possuem boca da vida como as mulheres da terra? Santanita? Não vês que nada foi feito por acaso neste mundo?

Então não se reproduzem. Pai Patroços.

Realmente não. Devem ser feitas apenas para recompensar as agonias da tormenta já que nada foi feito por acaso neste mundo.

Mas às vezes até parece que isso não é verdade, que tanta coisa há mal feita.

Junto do mar, não podes dizer isso. Santanita. Ora ouve lá o som e vê a cor, e diz-me se não ouves a vozinha das respostas e das perguntas.

Pela tarde adiante. Os barcos dos pescadores ancorados e desertos àquela hora, pareciam escaleres de idas e vindas até ilhas além que se não viam. E levantaram a cabeça. Se fôssemos. Trazemos esta fígada na ideia, de ir ver essa pedra que se achou. Onde estará? Cada um olhando o mais alto e mais transparente. Foi assim mesmo que aconteceu. Até que Pai Patroços, palmares sobre o joelho e vinco de cabelo acima da orelha, pelo hábito do seu uso. Fez notar. Que a areia era uma toalha cor de pele onde tinham ficado as nossas pegadas inscritas até à última carda de sapato, Cúcara. Também é verdade, mas quando a maré subir de novo se vai o nosso rasto. As pernas doíam do andamento e começámos a suspirar pelo balancé duma albarda no regresso. A roda alguergue afinal era uma pedra como mó, e que importância tinha? Embrulhada num pano de plástico ao ar, coisas loucas. Bom tinha sido o nosso banho de vista, feito na beira das águas.

Àquela hora o cinema mariani costumava mandar o seu sonoro a chamar as pessoas, que entretidas com pequenos afazeres de domingo, se emocionavam pelas portas da Redonda com o chamamento de anúncio. Era pena o vento nem sempre soprar da viração e levar as vozes para outro lado. O cinema. Era um barracão de

chapa ondulada e lona esticada que aos sábados se erguia com a força de uns paus postos a direito. Quando caía com a assoada do vento e um pouco de granizo, costumavam devolver os bilhetes, tudo gente honesta no negócio, e por isso. Mas existia e dava música, passava fitas, e Sebastianito estava-se borrifando, senhores, para aquela conversa que vinham a fazer no regresso, pelo cair do lusco-fusco. Gente parva que fora andar tanto quilómetro para cima e para baixo para vir falar do tamanho das ondas e da qualidade da espuma. Oh loucos varridos. Sebastianito ainda não entrava, não, gostava de estar ali a sentir a noite descer. E pensava sim, como era possível que uma marilyn americana tivesse a boca tão redonda, tão vermelha, os dentes tão certos dentro dela, quando a abria de canto a canto. O olho tão piscado e tão mortiço, com as pestanas tão curvadas de pontinha para cima. Como era possível que existisse e se deixasse fotografar para vir dar tanto bem a ele? Sebastianito Guerreiro, seu desconhecido. E apetecia-lhe perguntar o endereço para lhe mandar uma carta. Como era possível. Representando-se diante de si aquela curva de anca e abandono de braço, felizmente que em corpo inteiro, ai de mim, senhores. Quem nessa altura lhe tivesse falado em miss Laura acharia impossível, ou seria essa a própria marilyn fazendo o papel de outro nome. Rosária. Claro que tinha preferido ficar a ouvir os relatos e a saber das notícias. O que vai pelo mundo, ai o que vai pelo mundo, meu deus o que vai, só quem está atento como eu o sabe.

Depois o tempo a correr.

E ainda no ano seguinte Sebastianito ficou. Tão Cagaça era aquéle homem. Tinha voltado a repetir que não o apanhavam a andar tanta légua e até tão longe vara voltar na mesma. Na mesma? Disse-lhe Pinaira. Na mesma? Enganas-te, homem, porque os olhos também têm a sua memória. Também se alimentam do que vêem. Parece que ficaste enfeitiçada pela orelha diante desse aparelho. Tantos são os barulhos que vêm com as palavras. Será que é sempre das trovoadas? Mas Sebastião Guerreiro massajando os músculos peitorais. Não vou desta. Ainda se em casa houvesse duas mulas, mas a que há já está tomada por Santanita. Vão indo que eu olho pelos que não vão. Alisando a popa lustrosa do cabelo. E não foi ver nem o andamento das alvenarias, nem espreitar o formato daquela roda de pedra que se chamava alguergue sem motivo. Viu apenas os outros aparelharem as bestas e descerem nas mulas a golpe de anca e rédea, zus zus, conduzindo as montadas. Pelo caminho ainda se disse que bem podia ter vindo o teu homem, Santanita. Fica uma pessoa parva como ele te faz os filhos. Ah minhas amigas. Para isso tem ele a persistência de santo antónio e a habilidade do espírito santo. Ámen. Que mos faz sem eu sentir. Se não ponho o pé à parede, dentro de dez anos não tenho dez mas trinta. Felizmente que a velha Groa tem um gancho de arame com uma ervinha na ponta. Enfia-mo durante três dias, a dor a dar. Depois vou lá, dou uns gritos e saem os anjinhos às postas, às vezes já com os dedinhos formados. O último aerrame que tive foi tamanho que atravessou os lençóis, os resguardos, o colchão de lã, a esteira de cana e fez uma poça no chão. Teve de se pôr um alguidar. Ai de ti. E ele? Comer, dormir, pentear-se,

fazer e refazer o aparelho. Mirar o magazine que a princípio disse encomendar por causa das notícias e no fim, que notícias? De vez em quando encontra-se parecido com os galãs e faz-me a vida negra a perguntar se também acho. O magazine traz mulheres de pernas encostadas a camiões, palavras noutras línguas. Ai de mim que eu sei que se quer ir de mim, e quando isso acontecer, não vai voltar. Que queres, minha amiga, deus fê-lo valentão de corpo, espilhinho de puta, estrela noutro sítio, tu ainda o queres. Eu quero. Disse ainda Santanita gingando a albarda. Mas por ele já me chamam também por contágio Santanita Cagaça e eu queria ser Santanita Trigal, nome da minha mãe. Um nome que lembrava as espigas que o meu pai tinha. Falando de albarda para albarda. Tem fé que um dia logo se vê. Até que chegaram de novo, Rosária, foi assim, e se puseram a olhar. Já o casario dormia cinzento de betão e ferro, com cristas inacabadas e arestas imperfeitas. Mas rectilíneas. Olhem. Um monturo de andaimes ali naquele entremeio de pinheiros e erva rala. Sem feitio de casa onde alguém possa vir morar, fabricam agora os prédios assim. Eu diria antes. Que tudo isto é brinquedo, vai abanar e cair. Jogo de traves e arquitraves, faixas de cimento e tábuas apoiadas sobre os pezinhos de nada. Andaimes seguros por argolas de metal ferroso. Parados uns à medida que outros iam chegando e descendo das bestas. Mas Cipriano, o chefe dos arrais da armação, estava por perto chéirando a sal e a guelra, de dentro do xadrez da roupa. Vocês deviam vir por semana. Compravam peixinho vivo da arte e viam o movimento. Porque de segunda a sábado tudo isto mexe, uns sobem por aqui e outros descem por além. Uns dão o cimento,

outros remexem o cascalho com aquele moinho. E outros ajeitam aquelas hastes de ferro que são o fundamento da segurança. Infelizmente é domingo. Mas os que mandavam na obra? Sempre será verdade que só falam inglês? Não. Ainda falam a nossa língua, mas vêm de longe. Só que nada disto se destina a gente nacional. E alongando os olhos na largueza do mar e pela linha da falésia a pique. Vêm de outras bandas. Esses para quem isto vai ser feito, e virão pela fama das águas do mar. Dizem. Parece que em nenhuma outra parte do mundo ele é assim manso, e tem esta cor natural. Por isso. Os que aí têm vindo abrem a boca até ao umbigo de admiração diante disto. E assim que o vêem, mesmo que seja dezembro, sentem uma cócega tal no pescoço e na virilha, que se desapertam e se despem de tudo. Cipriano fez a menção sobre as suas roupas arregaçadas nas mangas e nos buchos das pernas. Vão direitinhos a ele como a patos, sem intenção de apanhar nenhum peixe, nem de empurrar nenhum barco. Vão para a espuma do mar a gozar as ondas. Em dezembro e janeiro. Quando toda a gente tem as canelas arrepiadas de frio mal tira as meias ou arregaça as calças. E foi para poderem vir aqui lavar os sovacos todo o ano que mandaram abrir os caboucos deste hotel que se vai chamar alguergue e que é todo, todo ele, quartos de aluguer. Já os arrais têm contrato para se irem por esse mundo, afora os que se fizeram outra coisa para passarem a vida à sombra do que se vai desenvolver. Eu fico com a filha. O Cipriano contava sem ser preciso perguntar. Eu fico com a filha porque dizem que vai ser tudo pintado de fresco, azul, amarelo e branco, escritas outra vez as letras de deus te guie, sinhora do mar, rosa-dos-ventos, maria das mercês.

Fica tudo fateixado à beira da costa, assim. Para as proas andarem para cima e para baixo com a rebentação e se dizer. Isto é uma estância de descanso tão repousante, que os próprios barquinhos à vela estão à vista. E dizem que eu vou ser o zelador de tudo isso. Cipriano esfregava as mãos de uma felicidade que lhe acontecia. Parece que nada fiz para merecer esta recompensa, mas a verdade é que fui escolhido. Será que vai ser mesmo assim? Apetecia olharmos para cima e para baixo a comparar as coisas. Você, o zelador dos barcos? Não se fundamente no incerto, á homem. Disse Pinaira. Nós estamos habituados a desconfiar da esperança. Cipriano. Será que não vou ser o zelador? Vamos ver. Olhem ali entre as marcas de dente de alvião de máquina, nas crafundiças cavadas, a pedra redonda que deu nome à ideia de tudo isto. Mas subam. Disse o homem.

Que viria a ser o avô dos Joanos.

Exacto. Subiram pelos andaimes admirando as paredes como grutas naturais nascidas ao contrário, sobre o solo. Respeitosamente. Chapéus nas mãos por um pouco de calor e reverência. Ou porque fazia sombra. Rosaira. Coisa asseada esta, tanto boqueirão isto tem, um homem só poderia morrer cá dentro, se se perdesse, família. E olharam espreitando por entre a ausência de paredes que outros diziam constituir formato de portas e janelas. Por elas se via um fosso traçado a pique e um redondo. São lagos a cobrir de mosaicos verdadeiramente verdes e que se chamarão de piscinas. Sítios que antigamente eram próprios para pôr só peixes, mas agora não. Explicava. É que dos que vão vir nem todos gostarão de

descer ao mar, mas todos sem excepção desejam água. E sendo assim, quem gostar da salgada vai além, e quem gostar da doce tem-na aqui. Já que a mania das águas é geral. Entrem e façam o favor de ver. Estas vasilhinhas de mármore que estão à vista destinam-se também a banhos. Que tomam em pelão de nus mais despídos do que se estivessem no mar. Enchem por estes tubos torneiras, com dois esguichos, e é de tal modo que ali dentro podem fazer três braçadas de nado se assim quiserem. E isto aqui? É pé de lavatório. Também. Para lavar a cara. Aqui redondo e baixo, é para lavar as partes sem se molhar o resto. Prova isso tudo que têm a referida mania. E aqui? Perguntou Santanita Cagaça. Ah. Aqui é para se sentarem e fazerem o serviço para dentro descansadamente. Com tudo trancado à chave. E Pinaira que ouvia e olhava. Calculem ó gente. Tanta gente no mesmo endireito. Vejam pela prumada. Uns por baixo, outros por cima. Ah sim, mas nada se encontra pelo caminho. Tudo se dirige para um sorvedeiro que leva a um como de grande sifão com um cotovelo que vai, depois de reunido, ter ao mar. E Pinaira seca de carne e ágil de pensamento. Não me diga isso, ó homem. Fazem aqui, para ir ter ao mar? Quer dizer que depois de tanta lava-cão vão banhar-se numa mistura de trampa e mijo delida em água? Oh porra. Ainda bem que nos avisam que quem não vai esbracejar ali sou eu, se venho a saber que toda a gente evacua com esse destino. E desceram com o desânimo próprios dos desiludidos. O Pai Patroços com o ressaibo do deslumbramento, Rosária, foi assim, mesmo que te digam de diferente maneira. Falamos antes de ver funcionar, porque tudo isto terá sua razão

de ser, não iam as pessoas pensar um aparelho destes para prejudicar fosse quem fosse. Amigos.

Mas Sebastianito Guerreiro não participou do desânimo.

Do desânimo? Do desânimo não. Disseram-lhe quando chegaram, todos mortos por entrar em casa e encontrar os objectos amigos e certos, animais familiares como pessoas. Fizeste bem não ter ido perder as passadas, Sebastianito. Estamos desapontados. Afinal, pelo que foi dado ver, esse monumento é uma colmeia de aqui te mijas e ali te lavas. Tu é que fizeste bem. Ficas a conhecer o mundo pelas mentiras que ouves e não pelas verdades que vêes. Ou não sabemos viajar, e por isso não encontramos nada que ver que não seja terra e mar. E contaram como tinha sido, assim tal e qual, Rosária. Sebastião Guerreiro atento, a popa brilhantina, um ninho no alto da testa, e as espáduas inflando a camisa. Mas a dado momento os olhos de Sebastião começaram a brilhar no lusco-fusco do entardecer da Redonda como se de repente alguma ideia fosforescente lhe iluminasse o cérebro. Contem mais. Falem lá de tudo o que viram. Contámos. Portas, arcadas, tijolos daqui para ali, uma altura como além. Imagina, Sebastianito, que fazíamos cucu de um lado e o cucu perdia-se no outro. Saía pelas portas o som e não voltava. Lá no alto, só previmos desgraças e esborrachamentos por queda para os pobres que lá tiverem de subir para trabalhar com os cimentos. Até que Sebastião Guerreiro deu um salto como se visse um avião a rasar o solo. Homem, que te picou?

Fosforesciam os olhos de Sebastianito Guerreiro iluminado, Rosária. É que vocês vão e eu fico. Disse ele alçando os braços, e pondo as mãos na cintura que possuía estreita para tão frondoso pêlo de peito. Perna quase arqueada. No fundo, repito. Eu fico e vocês vão. Mas eu penso e vocês dormem. Digam-me todos. Um dia tudo isso vai começar a funcionar. Vai ou não vai? E por certo que não é quem vem gozar que limpa o chão e conserva o material. Corta legumes e demais comer, nem tão pouco levanta as mesas ou faz as camas onde dormem. Então quem será? Me digam. Sebastianito olhava à volta para ver se ainda havia em alguém uma centelha de esperteza. Sei lá quem será. Disseram. Hãode ir buscar pessoal a qualquer lado, tanta gente há por esse mundo. Sebastião Guerreiro fechou os olhos de desespero perante aquela incapacidade de discernimento. A qualquer lado? Nós. Nós somos por direito próprio e natural os primeiros à pertença dessas funções, meus amigos, porque eu pressinto o significado das coisas. Caramba, acreditem em mim Está na nossa mão o futuro destes que aqui vêm. Apontando as crianças. Disse ele desenrolando o corpo proporcionado e teso de um resistente, ombros largos como costados, mas rindo de lado com olhos de dengue amoroso. Quem sabe? As crianças pasmadas diziam. Quem sabe de tudo afinal é o pai de Rosária. Sebastião Cagaça não tinha ido mas lia os magazines e conhecia as coisas. Ah caramba. Os contos dos outros, meus amigos, eram puros traques na mansidão. Vamos mas é por este.

Na mansidão?

E de tal modo Sebastião Guerreiro tinha começado a repetir esse sentido obscuro da mudança a partir do testemunho dos outros sobre esse Alguergue, que a todos pareceu ser claro e evidente que algum proveito se poderia tirar do facto. Tens razão. Vimos e não julgámos. Temos a cabeça presa com a preocupação das estações do ano, se choverá ou se cairá a geada negra. Confessou Pai Patroços batendo na testa e erguendo a aba, estava visto. E não esperaram pela temperança da primavera seguinte. No primeiro domingo de Janeiro, o sol muito baixo apareceu limpo no céu e a combinação fez-se, meus amigos. Esta tarde mesmo. Para quê adiar? Mas Sebastianito Guerreiro fechou-se duas horas no quarto de dormir proibindo que fosse lá quem fosse buscar meia ou cueca. Ele queria lavar-se muito bem antes de partirem. Os outros de besta, porque por experiência receavam ferir os pés e assar as virilhas no andamento, suspirando a cada passo pelo assento de uma albarda. Ele não. Sebastianito Guerreiro fez-se de popa brilhantinada e em cabelo, fato e colarinho, barba rasada até à raiz dos cabelos, pôs um lenço branco no lado esquerdo da banda do casaco e apareceu. Ah grande carlos mardel. Já estava pronto Sebastião Guerreiro, mostrando-se completamente. Santa bárbara, mas o que levava ali ao peito Sebastianito? Seria um guardanapo de merenda? Um cueiro da sua filha Rosária? Mas também não queria cavalgadura, já tinha dito que ia a pé mesmo que sujasse os sapatos e as bainhas. Apressado a andar à frente de todos nós, feitos de repente manada, de ver tanta ligeireza no condutor, e nós atrás. Mas mal descemos a chã que se prolongava a partir da linha do comboio, parou Sebastião acenando com gestos. Já vejo uma fita

de mar. Uma fita de mar? Vê-se que não estás acostumado por não teres vindo das outras vezes, Sebastião. É, sim. Venham ver, que às vezes fazem docas para desviar os barcos. É uma fita de mar. É azul, marido? Perguntou Santanita. Não. Respondeu. Mas é uma fita de água que parece um espelho. Então apressaram o passo. Que coisa é essa? Terão feito uma represa com medo que a água avance? E se assim for, quem aguentará com o cheiro do sal e do peixum? Pai Patroços tirou o chapéu palmares da cabeça, subiu a um valado de areia e pita. Aquilo não é mar, mas uma estrada de que se tem falado sem darmos ouvidos. Pois estamos a vê-la. E todos apressaram ainda mais o passo impelidos pela surpresa. Podemos ir. Vimos, Rosária. Era um grande rio de brita e alcatrão que começava com o ímpeto de uma via que fosse dividir a terra inteira ao meio. Metade para a esquerda, metade para a direita, a partir dali, como um verdadeiro meridiano. E agora por onde passamos? Por cima. Disse Pinaira. Cagando me ando eu para as novidades. Não. De lado. Isto não foi feito de certeza para pata de besta nem para carda de bota por causa da lisura que tem. Tão larga é que não sabemos bem se vem no sentido do comprimento se no da largura. Já sei. Disse Sebastião Guerreiro puxando pela memória da esperteza. É feito para que as crianças dos estrangeiros possam praticar os pezinhos sobre duas rodas e sempre precisarão de um nacional que as vigie. Ou então. É feito para pousarem os aviões que os trazem. Não. Disse Begango. Isto é feito apenas para passearem à tarde sem encherem os sapatos de pó, podendo ver a paisagem em perfeito sossego. Antes parece. Concluiu Sebastianito Guerreiro mais entendido.

Que estamos afinal diante da tal estrada de que falámos a princípio, e que há-de vir a ligar este mar do sul ao do norte, atravessando todas as províncias de Portugal e da Europa com um só risco nos mapas. Pois que coisa poderia ser tão grande que fosse para acabar só aqui? Diz-me o coração que uma estrada desta largura tem alguma coisa de muito internacional, e o coração não me engana. Se calhar o futuro das grandes comunidades começa aqui e por via dos que vêm de fora. Sempre pensei numa coisa semelhante, só que devíamos ter vindo por semana para ficarmos bem informados, esta mania que temos de só não trabalharmos ao domingo e ainda assim. No entanto, foi Sebastião Guerreiro, trouxesse ele o que trouxesse na lapela do peito, quem ultrapassou a hesitação. Vamos. Já se avistava o Alguergue entre a ramaria dos pinheiros. As torres altas dos quartos e o corpo baixo dos serviços. Parecia tudo pintado. Dizem que o asseio é de mais.

Até as figuras parecem outras. O que faz o tempo.

Mas são as mesmas. Sim? Perguntou Sebastião Guerreiro sorrindo. E quem o manterá? Caíam-lhe dos olhos grandes pressentimentos. Na verdade as paredes do Alguergue estavam pintadas de branco, madeira, e muito vidro à mostra. Vidro transparente transparente como qualquer um, mas umbroso e fumado para que as pessoas no seu interior não viessem a precisar de óculos de sol, isso já se sabia. De fora e de relance pareciam espelhos de água funda como tanques limosos e esverdeados, lembravam janelas forradas de trepadeiras de erva, escorrendo pela lisura de uma água fresca para

as densedentar. Foi o que pareceu. Ah amigos, vejam. Tudo o que cheira a outra gente tem um toque de bem-estar perto do que se imagina no céu. E um de nós disse. Se nos deixassem entrar, podíamos ver tudo aquilo que se viu o ano passado em forma de esqueleto de argamassa, coberto agora de todos estes materiais de revestimento e brilho. Mas Pinaira como se nascida do descontentamento feito pessoa. O melhor é não entrarmos. Como vamos depois voltar para as paredes mal amanhadas do sítio da Redonda? Sim, se por mais que se limpe, sempre as teias e o escafelo prantam de escuridão tudo o que rodeia uma mulher enquanto come e dorme? E Santanita Cagaça, nesse tempo já com um molho de rugas a convergir na boca da cara. Se uma pessoa entrar só para ver e não desejar, nunca chega a sentir esse mal. O que é preciso é descrever à partida. Disse cruzando os braços como se acomodada com o destino. E então sentaram-se num jeito de rua e pátio de ladrilho vermelho e brunido que parecia que tinha acabado de ser feito, porque a areia e o cascalho ainda se espalhavam em redor de tudo isso. Menos as ferramentas. Sebastianito, olhando à volta e alisando o cabelo de que o vento do frio despenteava uma fita por sobre a sobrelha como a dos domadores de leão, pôs-se a dizer. Olhem ali uma casinha chamada escritório. Talvez algum guarda esteja a dormir, porque nunca se deixa uma riqueza destas completamente abandonada. E então começaram a chamar de ó patrão, ó patrão. E saiu de dentro um homem com cara abalofada de sono, perguntando muito rouco o que era. Como se sofresse de um mal de gosma. Sebastião untou-se por dentro. Você é daqui? Sou, sim senhor. E o homem parado a olhar como

se a pergunta o tivesse ofendido e a resposta fosse já um argumento. Pois a gente queria subir lá acima e ver por dentro como é. E o homem respondeu passado um tempo, e ainda como que ofendido. Hoje, dia de reis? Tenho ordens para não deixar passar ninguém. Olhem aquela espingarda. E para atirar a quem quiser transpor a porta. Então não vêm que todas essas vidraças estão fechadas? O Pai Patroços insistia com a mão no chapéu palmares. O ano passado andámos por aí. Fomos até às platibandas mais altas. Ninguém almareou. E o homem do sono respondeu, Rosária. Isso foi o ano passado. Agora só quando se der a festa da abertura e só lá porá os seus pezinhos quem vier a ser contratado.

Contratado. Contratado como? Perguntou Sebastião atirando o cigarro fora e começando a tremer por dentro. Como? Disse o homem do sono. Ora essa. Deixando o nome escrito num caderno que tenho ali dentro da mesinha do bufete. Já lá estão mais de cem, e os primeiros foram os do mar que não pegam mais nos navios tanta é a certeza de entrarem. Então Sebastião Guerreiro deixou abrir-se-lhe a garganta cerrada de emoção. E o que faz um homem aqui? Demorou um bocado o homem do sono mas respondeu. Que um homem ali podia fazer de muita coisa, desde roçar e varrer a grama de que tudo aquilo em redor ia ser plantado, até cuidar do motor da água. Desde o despelar as batatas, cenouras, tomates, outras verduras, até servir de bandeja na mão e trazer os vinhos. Mas estas últimas tarefas não eram já para quem tinha os dedos com nós de enxada. Esses como vocês, com vício de esgaravatar na terra, nunca conseguem mexer bem nas

colheres. É por isso que aceitamos a assinatura dos rapazinhos que ainda não estejam afeitos aos cabos grossos dos arados e das foices, e mesmo esses têm de ser experimentados e treinados. Tudo requer habilidade na unha fina e muito conhecimento, meus compadres. Não era qualquer um. Assim tanta sabedoria? Sebastianito Guerreiro olhava as mãos que tinha sem sinal de calo como se quisesse dizer. Eu por exemplo. Mas o homem parecia agora expelir a sonolência pelos bocejos que atirava, falando contudo com mais fluência na voz.

Adiante.

Adiante não, porque Cucarinha perguntou. E as mulheres, o que farão essas? Bem, essas. Respondeu o homem ainda com o ar de quem conta uma narrativa por caridade e é senhor absoluto do desfecho que só dirá se quiser, ou se alvíssaras. Essas. As que entrarem terão má vida. Sobretudo de lavação e arrumagem. Fazer camas, sacudir cobertas, limpar com ceras e solarines, tanto metal brilhante. Muitas vão ter que esfregar as vidraças que vêm, em cima de uma escada de mão. Que fecha e abre as pernas á medida do necessário. Nunca viram, pois não? Mas tão presos estávamos todos do que se acabava de saber pela boca daquele embotado do sono de domingo, que achámos não valer a pena ir fazer mais perguntas nem sequer ir olhar as águas que já não deveriam ser de toda a gente como tinham sido. Antes regressar por aquela ampla estrada, grande braço de mar solidificado, verde e luzidio, uma aparência de fita de azeite. Que contudo não chegava até junto do

Alguergue. E isso porque. Disse o homem. Sendo um troço de estrada necessário, não se sabia ainda para quê, não queriam com ele desfear a paisagem, antes mantê-la como era ao natural ou quase, compadres. Disse o homem nesse dia de reis, Rosária, todos estamos lembrados. Querem que isto pareça um monumento caído no natural da grama que vai haver, e do mar que sempre houve. Mas aquilo que está ali. Erguendo o queixo. Está ali à espera da ligação com o mundo. E havia de atravessar cerros, carrasqueiras, tojos, ribeiras, a direito, a direito, a direito mesmo que tenha de derrubar casas de viver. Sebastião Guerreiro estupefacto com o lenço ao peito. É precisamente o que acabo de explicar aos meus companheiros. E impelido pelo entusiasmo. Porque não deixamos os nossos nomes enfileirados na lista? Vamos pôr-nos em bicha. Até que o homem do escritório, farto de apontamentos, perguntou. Escrevo também o das bestas? E Pai Patroços, que tinha os olhos claros como a água sob o chapéu palmares muito preto, acrescentou. Pois se servirem para fazer fretes, escreva também o nome das asneiras, das eguariças e a quem pertencem. Aconteceu assim mesmo, Rosária.

Adiante.

Tudo o que vimos e ouvimos é para esquecer. Concluiu Pai Patroços no regresso silencioso dos que subiam pesados de pés badalando das albardas carregados de desilusão. Sobretudo Sebastião Guerreiro. Esse, ao chegar a casa, nem pendurou o fato. Apenas dobrou o lenço branco e de assoar de Santanita com que tinha

enfeitado a lapela. Fechou-se no quarto e nem acendeu a luz como costumava fazer. Quando a mulher se foi deitar, encontrou-o hirto, parecendo ter engolido uma posta de infortúnio. E ela sentiu uma grande pena daquela desilusão ali acontecida, mas não sabendo como acordá-lo da divagação prostrada, reagiu com a força que certa desgraça dá para falar e falou. O que querias? Se calhar tinhas pensado que já nem voltavas a casa. Que estava lá uma cama fofa como berço à tua espera para seres o empregado. Ai ai. E ele, com a voz razoável dos vencidos. Não. Lembro-me das manhãs frias de janeiro. Os que forem escolhidos andarão com as costas direitas e os pezinhos quentes, e aqui havemos de andar d obrados para matar o frio da barriga. Lembro-me do calor de julho. Aqui vamos ficar de aguilhada em punho, gritando vira besta vira besta. E os escolhidos debaixo das ventoinhas que evaporam os suores. Sim, para os escolhidos nem mais paveias, nem erva urza, nem monda, nem atação. Nem empilhar, nem carregar, nem juntar. Nem o som daquela máquina vomitando poeira e calor para cima de toda a terra. Odeio a debilidade. Afora os incêndios das eiras. Mas os escolhidos, ai os escolhidos, esses não. Eu fiquei no número duzentos e seis e tu no duzentos e sete. Pobres, bem pobres. Vê se sabes as bem-aventuranças e com alguma delas me consolas o desgosto como a Belisanda Maria costumava fazer. Mas Santanita em resposta desmanchou-se a rir. Ria perdidamente no meio do quarto, encostando-se às maçanetas da cama que faziam blim blim de latão. Ui ui que riso o meu de gosto. Não me ria assim desde solteira. Todo o infortúnio da vida a dar-lhe nisso. O homem, pensando bem, tu sempre foste um escolhido.

Há dez anos, há dez anos que és empregado de mim, do meu esforço, da força do meu lombo e das minhas mãos. E às vezes isso dá-me para chorar, mas hoje não. Dá-me para rir. Assim deus te faça empregado desse Alguergue e me deixes a mim, tua patroa de cama, mesa, roupa, tabaco, calçado, magazines, anéis, colas. Vidros, arames, cigarros, cigarrilhas e demais caganças. Deixa-me rir até fartar, rir com todo o gosto. As maçanetas da cama a fazerem blim blim de alegria. E Santanita Trigal desejava que Sebastianito Guerreiro se levantasse da cama, arregaçasse as mangas e dissesse. Desculpa, amor, arrependido de tudo. Olhando-a de perto, mãos no seu cabelo. Mas Sebastianito ouvindo as maçanetas chocalharem, levantou-se e foi até ao postigo da janela a refugiar-se no escuro da noite, e foi obrigado a pensar numa gina italiana, que quando mostrava os seios aos pomares fazia cair os limões.

O tempo a correr aos saltos como uma verdadeira saga.

Não como numa saga mas como num resto de saga. Porque depois Sebastião Guerreiro viria a ser o único chamado, Rosária, foi assim. O postal tinha no rosto um cavalinho vestido com um saiote ondulante e uma figurinha de homem de corneta atroando o espaço em branco. Papel mata-borrão, insígnias da república. Estava ele sentado massajando os pulsos com as mãos, o sol a cair como uma moeda incendiada, quando lho vieram dar. Lê lá alto o que diz para se ouvir. A vizinhança da Redonda, a cair de penúria de alma, acusou-o com palavras. Foi mesmo assim, Rosária. Tu voltaste a ir sozinho. Sem dizer nada a ninguém. E levaste um ganso

para peitares o homem podre de sono. Que lá vimos com o lapinhos a dar a dar. Meus amigos. Logo vimos que aquele redondo de cara tinha cara de vendido. Diz lá. Porquê só tu? Mas Sebastião Guerreiro jurou que nunca tinha pegado num ovo sequer quanto mais em ganso feito. Estava inocente. Santanita Cagaça ao lado do marido achava que ele tinha razão. Um ganso, essa agora, foi por mérito próprio e dele. Mas Sebastião Guerreiro tinha de se defender como devia, porque as pessoas que estavam a par das notícias, seus marmanjos, escutem aí. As pessoas que estavam a par das notícias eram logo conhecidas pelo andar e pelos modos. E pôs-se a desafiar com os olhos. Só para ver. Quem sabia, por exemplo, qual era a capital da holanda? O rio mais largo do mundo? A fossa mais funda dos mares? A torre mais inclinada da europa? A cidade mais santa de itália? Quem sabia? Ninguém da Redonda sabia. Tinha Sebastianito demonstrado a todos os que aí se sentavam no Largo, a tarde a cair às fatias. Caía por cima das casas, telhados da cor das esteiras e pequenas varandas abertas. Coisinhas caixas sem tampa, Rosária. Rosairinha, vem aqui ouvir isto, minha filha. A razão pela qual havia duas berlins? A razão por que se chama u. s. a. à grande américa. O motivo por que morava o papa em roma? Pois que ficassem a saber que a sabedoria se pressentia a dez metros de distância e não era preciso apresentar certidão para confirmar. Lá precisam de gente informada, apta, senhores, a falar com os que iriam vir. Tinham ouvido todos? Que ideia era essa de ganso nem de meio ganso. Por isso, quando no sábado seguinte voltou à Redonda a gozar a primeira folga, chegou ainda mais diferente do que era. Ah desgraçada

Santanita que desta te ficas viúva. E aí se pressentiu que a saga do tempo velho ia ter um fim tão próximo, tão próximo, que estava já a acontecer diante de todos.

Sebastião falava por sílabas e posições parecendo ter-se alargado de ombros, a presença tão corpuda que encheu o Largo quando pediu uma roda para todos os invejinhos, feitos mudos perante o seu aparecimento. Simão Rosendo também já não estava bem ali, porque em vésperas de partir para aquele salto, não tirava os olhos do caminho, mas não queria falar com medo que alguém adivinhasse o trajecto nocturno. Só te digo a ti, Sebastião. Também me vou mandar. Até que Pai Patroços pareceu pedir licença às abas do chapéu, os dedos lá, e perguntou curioso, mas como quem pergunta por perguntar. Muita gente no mar ou quê? Foi assim que Pai Patroços perguntou, Rosária. Ah sim. Respondeu Sebastião Guerreiro. Que vinham de todas as partes da europa, às vezes de outros sítios do mundo e era assim, à uma, à uma. É à bicha, meus amigos, e dizem que tudo por causa do nascer do sol e porque a costa está completamente limpa pelo abanar dos pinheiros. Que lá não têm praias, e se as têm, as areias delas são da cor da caca desfalecida e as ondas, mesmo com espuma, são verdadeira água das lavaduras. Por isso, em aqui chegando, fecham os olhos e abrem as asas do nariz dizendo palavras com o gozo de quem bebe um doce xarope pela cara toda. E como se desde sempre tivessem estado à espera de poder respirar livremente, pobres dos pobres que até faz pena, com o bafo interrompido. E untam-se por todo o corpo, massajando bem os flancos e os lombinhos de si próprios, bem como aos outros

quando são de família ou gozam de amizade. Com afagos e palavrinhas como para amor. Disse Sebastião Guerreiro olhando à volta para ver o efeito. As crianças podiam ouvir e entendessem o que quisessem. Que já percebi. Eles não dizem amor mas love. Escutem bem a palavra. Love. Rui Seladinha e Edmundo Breba com os arcos de correr e guiador na mão prontos a iniciar a disputa. Os meninos machos é que vão à guerra quando crescerem, Rosária. Mas toda a gente com um olho de desconfiança. Lave? Perguntaram os inocentes. Não, amores, love. Digam comigo. Love. E ainda há outra palavra que nos diz respeito relacionada com essa que é made in. Quem possui relógio vê que não minto se reparar na chapinha de trás, tirando-o do pulso. Love. E depois, com todo o cuidado, eles se alongam em grandes cadeirões de pano aberto e abrem os braços e as pernas, ficando cada membro para seu lado, à espera de qualquer coisa. Até que se sentem bem esturrados de trás e de frente, se levantam e passeiam de cá para lá e de lá para cá como se andassem à procura de uma moeda perdida na areia, a fim de distrair o espírito. Calculem. Alguém acha estranho? Ninguém respondia porque ninguém achava nada estranho, já todos tinham imaginado a vida assim. De verão, as roupas, meus amigos, eram inventos inúteis próprio de quem não sabia distinguir as estações. Até porque aquela andança de cá para lá e de lá para cá constituía apenas ensaio para o nado. Explicava. É tudo muito simples. Primeiro molham até ao tornozelo, depois a pouco e pouco a perna e a coxa de cima, mergulhando o ventre e os assentos em seguida. Nelas só umas calcinhas, em cima uns elásticos. E a Santanita ouvia com a inquietação dos aflitos. Aí vens tu outra vez com

essas coisinhas de lave, marido. Já estou a ver tudo. Nervosa. Mas Sebastião Guerreiro estava atento e aproveitou para corrigir a pronúncia. Love, mulher, repeat, love. Assim é que se deve dizer.

Tão preciso que se poderia datar esse deslumbramento.

Não interessa, porque tudo ia começar aí. Pai Patroços, Rosa Aberta e João Bainha, Moleirinho, tinham os olhos longe, atravessando as árvores redondas, copadas, cigarras invisíveis a cantarem nelas, como se chegassem a uma conclusão. Vêm então morar naquele prédio? Tudo aquilo acabou por ter a sua serventia? Sim, até porque para ser franco, eu acho que o que os atrai profundamente àquele sítio não é bem o sol, nem as outras coisas da natureza como as rochas e a areia. Sebastião Guerreiro a pensar com a madeixa a cair na testa. Então? Bem, parece que vêm para descansar, ver-se e conhecer-se. Conhecer-se como? Pinaira presente. Essa agora, então não teriam cédula pessoal, livro de vacinas, registo nenhum? E Sebastianito já tocado pela personalidade de um pintor que lá conhecia de bloco na mão, respondeu. Bem, isso são apenas papéis, e como papéis que são, pouco ou nada dizem de uma pessoa, amigos. Fiz muito bem ter ouvido aos domingos o teatro das comédias porque fui aprendendo com isso. Conhecer-se a si, ao seu corpo, ao seu espírito, ao seu desejo, amigos. Falava tão bem desse assunto o Alvaro benamor, uma vez em que tinha o papel de solitário. Pois neste Alguergue em cada quarto há uma parede que é só espelho de baixo acima, o que foi muito bem pensado, porque as pessoas donde vêm não têm tempo para se

ver, tão atarefados andam a produzir trabalho. Aproveitam aqui para contemplarem a sua transformação. Por isso passam horas comparando-se sem nada em cima, e sem quase nada descem ao mar. As mulheres andam mesmo desnudas, amicos mios, e oferecem-se à vista pública como bica de chafariz de vila. Afora as cenas da areia que se espreitam pelos buracos das rochas. Ah punhão. Santanita imóvel parecia um retábulo. Não me digas, homem, que isso é assim. Rui Seladinha ainda de guiador no arco. Desnudas mesmo? Yes, my son, quando vocês forem homens não sei bem como será.

Mas o que fazes tu no meio disso que mereça ordenado? Perguntou Pai Patroços desapontado com as mudanças da vida. O que fazes? Bem, eu por enquanto carrego e descarrego mercadorias, carnes, frutas e toda a espécie de mantimentos dos camiões para a despensa, mas penso em breve passar à cozinha e ser promovida à portaria ainda antes do fim do verão. Só depois é que vão plantar o jardim, e aí é que eu quero ficar, que se vê tudo o que chega, o que parte e quantos são. Para além de que me agrada o cheirinho das flores. Aí os meninos presentes desinteressaram-se de ouvir contar pormenores desse mundo de casario, areia e águas. Vão, vão moços, vão ver qual é o mais forte nas abarcas para em breve me substituírem naquele serviço que tenho. Isso mesmo e vão brincar. De resto havia um amuo colectivo no olhar de todos, e via-se que o desalento roubava o ímpeto da conversa, antecipando a despedida do boa tarde, enquanto as cigarras iam ficando presas de seu canto interrompido. Pelas árvores. Sebastianito

Guerreiro distante dali, como se expusesse em público as coisas que acabava de conhecer e elas lhe ditassem o alheamento, a cabeça engolfada nos ombros. Como se dissesse. Vão indo. E Santanita de olhos murchos a engolir em seco um choro fininho de mágoas. Vão indo. Contudo, na madrugada seguinte, ainda a estrada de santiago desmaiava no céu, todos lhe bateram à porta, explicando em voz baixa, faltas e projectos, rebanhos engafecidos, varais de carro fanados, mulas com polmeiras graves, mulheres com dores súbitas. Também o meu filho mais novo, não sei o que tem o rapaz. Ai ai. Menos Pai Patroços. Ou por ser grande, ou por ser velho ou por ser bom e não me querer deixar de amizade. Pensou Santanita, atendendo as visitas em combinação. Rosairinha, foi assim. E diz-me, Sabastianito, come-se bem? Claro, era tudo à discrição. E como se chamava aquilo? É love, meu vizinho. Ele, Sebastião já sabia de ouvir a transmissão da música. Love love me tonight. Granda homem tu és, Sabastianito, que sempre foste indiferente à chuva. E depois foi um ver se te avias de postaizinhos e abaladas.

Sebastião Guerreiro indiferente à chuva.

Era uma forma de dizer. Grande sabido tu és. Muito depois é que se fez o cômputo, e não havia motivo para haver inveja. CÔMPUTO. Escreveu o padre Sequeira numa folha branca. SÍTIO DA REDONDA. E depois por baixo numa coluna de nomes o senhor prior também escreveu. DA LAVOIRA AOS SERVICES. Uns transitavam para os services e outros ficavam ainda por transitar, com a linha do seu nome aberta. Mas o senhor padre Sequeira não era

capaz de completar devidamente porque desconhecia as ocupações. Assim, Rosária. Francisco Antunes foi logo para o motor da água. João Inês conseguiu ser barman. Catarina Mendes de shopping. Sebastião Guerreiro, o primeiro, ainda antes das fotografias já estava na relva, nos vasos de levar e trazer, no pino do verão, senhor padre, é dele o cuidado dos barcos, e dá conta de tudo o que está a chegar e a partir sem ser preciso consultar a agenda dos serviços, de diligente, esse homem. Simão Rosendo chegou formado, fez a prova e tornou-se maître porque mereceu. Cucarinha não. Santanita não. Rui Seladinha ficou no coffee-shop depois de ter aprendido do assunto. Silvestre ficou. Pinaira acabou por ir na limpeza. Que diabo, também tu? Paulino Begango era barman como os outros e lia as marcas tão bem como se adivinhasse rótulos. Valentina Palas ficou na limpeza mas custava-lhe muito aquele violento trabalho de corpo. Quinas era de mesa, Serra de cozinha. Zulmira Santos foi contratada para o shopping-center, a loja de maior movimento e responsabilidade. Pareceu Zulmira desde o primeiro dia ser uma figura de loiça dentro de uma redoma de coisas vivas. A sua boca tão bem. Rosária, tu não contas, menina. Edmundo Breba ficou no grill, Inácio João na mesa, Leonardo na cozinha. Perdão, antes de subir ao grill, Edmundo Breba estava no bar da praia, quando fazia vento servia coisas com areia e ficava mais magro de tanta transpiração. Adiante. Rosa Aberta, esse anexam de homem não quis ir por causa do nome que tinha. O que ia lá fazer? João Bainha ainda quis ir. Pai Patroços não. Possuía um rebanho de cabras mansas e ou uma ou outra poderia parir de noite. Não, ainda não estava completo, andava a consultar os registos e os

livros eram pesados de abrir. Vou fazendo este CÔMPUTO para me entreter, desde há três anos a esta parte, e vê aqui a data. SÍTIO DA REDONDA. Mas há mais, olha aqui. Garciano de mesa, João Bainha ficou, este já estava atrás, este também. Pois é, alguns deles estão repetidos e outros ainda faltam. Com jeitinho isto vai, afilhada.

QUARTA

OS CASOS

Antes ou depois?

Muito antes. Sebastião Guerreiro estava no início da sua carreira, e explicou, por exemplo, que o lusco-fusco lunar era feito de poeiras. Ouçam aqui o que diz a placa que lá vão deixar. Here men from the planet earth first set foot upon the moon july 1969, a. d. We came in peace for all mankind. Prestem todos atenção.

Faltavam ainda quase dez anos, então, para que sucedesse a placa no mar da tranquilidade, amigos, e quando aconteceu já muitos a traduziam palavra a palavra, sem ser necessário tanta explicação. Até apetecia desconfiar da verdade. A coluna da conversão aos services estava quase completa, Rosária, e o Alguergue era já um mundo e se disse diante do écran onde as coisas aconteciam nessa noite. Tudo é possível e eu não duvido. Nem eu e nem eu. Veio, por exemplo, aqui um francês que no meio de um show tirou mulheres inteiras da copa de um chapéu de palha. Eu vi. E um outro vestido de faquir tirou pintainhos da barguilha. Eu vi. Guili guili, guili guili. Fazia ele, e eu estava na primeira fila do espectáculo e vi que não houve truques. Sim, também veio um português com voz de galhego mas só conseguiu tirar um coelhinho de um lenço de assoar e

mesmo assim não era verdade. Nessa noite da placa foi dito de tudo e que tudo podia acontecer neste mundo. Até porque quem saberia lá se era verdade o que se via, Rosária? Eu desconfio de todas as máquinas mesmo as da cozinha que simplificam a vida à gente. O que lá estará dentro que a partir de certa altura ninguém as entende. Pois eu deitei-me cedo e pouco ralado estava. Há filmes que são umas tirinhas de papel celofane que consentem tudo o que lá se põe. É verdade. Eu, por exemplo, vi o tarzan andar com os braços metidos na boca de um jacaré e está provado que era tudo mentira. Mas entendemos a mensagem tão bem que até parecia impossível. Dizia lá a data e ora ponha aqui o seu pezinho. Em nome do avanço da humanidade que é o conjunto de todos os homens.

Depois? O que admirava é que depois de tanto ano passado deviver à beira dele, parecesse agora Sebastianito Guerreiro aperceber-se pela primeira vez que o mar realmente bramia como se chorasse sem consolo, miss Laura, sinto-me tão desgraçado, depois da luta corpo a corpo. Era como se aquela disputa feita round, donde saíra indiscutível vencedor. Contou-se até dez, contou-se ou não se contou, e o gajo nem tugiou e nem bugiu, não se levantou. Como se lhe tivesse aquela contenda despertado o sentido de uma outra audição, e no fundo de cada tímpano se depositasse uma dor que vibrava com o som do espraiamento das ondas sobre a costa. Ai de mim. E de repente a palavra lhe surgisse com toda a crueza dos aspectos. Ai de mim, que isto não é uma espertina mas uma insónia. The insomnia, repeat. E apetecia-lhe esgotar o vocabulário das dores contra

miss Laura. The ungrateful. Na verdade o mar bramia vivo, e mesmo a representação da imagem das águas era mais intensa, chegando a ter espuma e a provocar arrefecimento sob os lençóis como se despido imitasse as corridas atrás do afegão, agora em pleno outono crescente. Uf uf, de língua fora.

Claro que não houve um momento preciso, mas tinha havido, isso sim, um momento mais preciso que os outros. O próprio Sebastião Guerreiro a quem os Joãos, por exemplo, chamavam de Cagaça sem nenhum motivo, se referia a esses dias como a época do salto mortal. The somersault, compadres. Por isso mesmo, nessa noite depois da luta, Sebastião Guerreiro pôs-se a pensar que o mal deveria ser daquela colcha branca, cor do leite azedo, que lhe cobria a cama e teimava em tornar o seu dormir igual ao dos demais. Dobrou-a para trás e ficou sob um cobertor cinzento que lhe pareceu cor de nada a diluir-se, mas isto era do mal dos meus pensamentos. Ai eu. Também os lençóis e as almofadas eram desmaiadas e cheiravam às calandras da lavanderia e isso incomodou-o de tal maneira que Sebastião Guerreiro não pôde ficar deitado. Ah me filho. Se fizeste falar uma caixinha que parecia ser guarda-jóias, nada no mundo te vencerá. Tinha dito Belisanda Maria. Como? Então Sebastianito acendeu todas as luzes do quarto, verificou bem as janelas e esgrimiu um passo. Afastou as ideias lúgubres com uma grande concentração de sobrelha por sobre o nariz, pendurou o espelho mais a jeito. Tu vencerás, príncipezinho, e tarás e tarás. Examinou os dentes. Os dentes eram muito importantes e estavam bons e direitos como aos vinte, apenas um fitilho

amarelo nas rejuntas de baixo, o que ninguém precisava ver. Com aqueles mesmos dentes tinha ele sorrido pela primeira vez para as manequins, salvando-as das supostas tormentas para que ele, Sebastião Guerreiro, lhe pegasse nas mãozinhas e aproximasse a sua cara de homem das caras delas. Tinham as ditas bocas vermelhas como pétala de papoila de trigo, e exibiam uns fatos com chapéu de fita de gorgorão de seda como as amazonas que se vão a cavalgar. Ancas como aquelas, nesse tempo, tão de perto pelo menos nunca tinha visto na vida, nem imaginado a não ser diante de uma estátua nuazinha de jardim. Olha ali. Que recordação. Mas repleta de repuxos e vestida de cauda de peixe e barbatana. Aquelas não. Vistas de lado eram lisinhas e direitas como de rapaz, porém, de frente e de trás, levantavam popinhas comedidas e torneadas. Coisas premidas e prensadas pelo tecido. Ah nudez. Sebastianito observou então as mãos, abriu e fechou os dedos, afagou a cama para ver se mantinha ou não mantinha o mesmo toque de carícia. Sim. Até que o fotógrafo nesse dia, dirigindo-se-lhe naquela língua de que ainda compreendia só o indispensável para dizer. On the left, on the right, please. Lhe fez compreender que era necessário pôr-lhe as mãos exactamente aí. As coisas nunca acontecem todas de uma só vez, mas isto não se dizia a Rosária, e para quê? Aí, aí, como se as amparasse ou sustivesse naquele preciso momento em que a imaginária procela estivesse a vir. E o chapéu voando com um soprozinho de ar num jeito sábio de cabeça. Uma delas, muito ruborizada, tivesse vindo a correr. Sebastianito em frente da placa do perigo danger a segurá-la. A outra, de pernas afastadas, fingindo de

indiferente, olhava o céu e sorria para o mundo todo bonançoso, assim, para que a calça se visse no esplendor do pesponto e da algibeira. E Sebastião tinha de fazer um rosto aflito, deixar o boné de xadrez tombar para os olhos. Representava eu tão bem, Rosaira. Sim, podia imitar o mesmo receio composto diante do espelho. Só que então, além dessa representação, tinha sido necessário assestar toda a inteligência do olhar para entender os gestos do fotógrafo. Comedidos mas eloquentes, produzidos pelos longos braços que tinha e as mãos muito móveis sempre a mexer. Sebastianito deixava-se colocar. Now. Tinha dito o outro com o cuidado da precisão, como se fosse lançar um foguetão para os espaços. Now. Só que o mar nessa manhã arrulhava pequenas rebentações como mijinhas de ninfa e Sebastião Guerreiro depois daquela disputa de forças estava quase doido com a berrada das águas e a impertinência do vento. Ah mê filho, e tu tarás e tu tarás. Atêma sempre, na te dês ao desmazelo de não esperar. Sebastião Guerreiro muito sério a ver a sua figura, a mão pelo cabelo a ver-se. Porque naquela manhã tinha sido necessário pegar na de creme pela cintura sorvendo os vapores de perfume que lhe saíam do corpo. Ma griffe, Rosária, olha aqui. E a outra de verde salsa, pousava a mão em cima do ombro dele, olhando o mar com a mão em pala. Como se essa, pelo contrário, o achasse muitíssimo bonançoso. The large sea. Nunca Sebastianito poderia esquecer essa carícia de asa pousada no seu corpo. Elas ora sorriam para ele ora para o olho redondo da máquina pregado na boca de um fole esticado para o grupo, como uma garganta de pregas. Os sorrisos de todas protegidos pela sombra de um guarda-sol de

assombro, branco e fosforescente. Mas o seu rosto, o de Sebastianito Guerreiro, bem de fora, para que o raiozinho do sol lhe fizesse alvejar os dentes e lhe vincasse as pregas dos olhos. O boné como de marinheiro, ao lado, e a rede esticada. Fui ou não fui nesse dia, figura de pescador, lobo do mar, rei do pescado? Perguntava-se diante do espelho a cair para o lado de recordação. Fora. Nessa altura eram os meninos Joãos insignificantes criancinhas que nem sabiam falar. Saudade dessas manhãs e tardes de glória em que se fez Sebastianito artista, tendo-as junto de si e movimentando-se às ordens do photographer que lhe ia ordenando com a voz o que se deduzia a partir do gesto. Todos os banheiros mirones, a verem, feitos basbaques de cera. Os olhos dele tombados sobre a câmara. Que alto ali, que se desviassem e mantivessem. Os verbos do to do e do to be daquele tipo, atirados contra os corpos delas. As mãos e os ombros. Os risos sob os chapéus. Fora o dia da sagração. Mas o princípio da sua carreira, vendo bem, claro que tinha começado antes, quando, durante o tal tempo de ceifa, construía a galena para seu recreio e de toda a vizinhança. Vejam o que fiz e ouçam o que se ouve. Só que o grande, o qualitativo, o verdadeiro caso era o daquele dia. Porque acabadas as posições na areia, quando as orelhas se lhe murchavam de tristeza pela irreversibilidade das manhãs, e a Sebastianito apetecia despir a pele ao dobrar a camisa de xadrez e cor. O boné pousado sobre o joelho. Reapareceram-lhe elas sozinhas, mas isto não vale a pena tu saberes, Rosária. Elas sem ele, the photographer, como se escapadas de uma sujeição, viessem livremente a gozar da água. Chamando-lhe de au au mister e rindo muito, fazendo

gestos para que as passeasse também naquelas galeras. Que se animavam muito neste país pela força prodigiosa do sol. Já que lá, o nevoeiro a que chamavam fog, queimava-lhes o ímpeto da vida e estoirava-lhes o marfim dos dentes. Nevoeiros, brumas cerradas, vapores da cor dos fundos dos rios quando olhados, donde emergiam os monumentos e as torres como fantasmas de vultos. Apareciam e faziam hu hu hu em pleno dia. Elas contavam, tão infelizes, a olhar as ondas. Oh, so unhappy. Desgraçadas raparigas, sosseguem aqui, minhas meninas. Here. Fazia Sebastianito com o dedo indicador todo inteiro. Here, no phantoms. Aqui, o ar, o mar e o sol constituem um todo mas de partes bem distintas, e por isso não há matéria para crenças nem para mitos, ideias estúpidas. As linhas das coisas divisam-se na pureza das sete cores verdadeiras. Vejam. Se não dizia assim, era como se dissesse. Uma casinha aqui sempre é uma casa, e o telhado fura o azul sem piedade. Respirem fundo e vejam de novo, sintam-se aqui à vontade como os ante-nascidos nadando na bolsinha das águas. Estendam-se, minhas filhas, e adaptem-se ao meio. You and you. E podiam, podiam gozar assim a vida, distendendo todos os músculos do corpo, relaxando ao mesmo tempo todos os orifícios do corpo. Era o que queria dizer Sebastianito Guerreiro, antigamente conhecido por Cagaça, vejam bem as voltas que o mundo dá. Era o que queria dizer com gestos de círculo e horizontal, explicando. Tudo, ladies, tudo isto é vosso. O mar redondo, as linhas últimas da vista, o sol brilhante, tudo isto é vosso. Até as nuvens do céu se vierem. Apontando com o dedo o peito dessas primeiras misses que o procuravam daquele jeito. Vosso. Tinha

começado assim o grande princípio. Minhas ricas filhas. Nesse verão eu estava tão longe de pensar neste incómodo deixado por uma diferente de todas, chamada Laura. Este vento, este bramido, esta insónia. Tão longe estava eu.

QUINTA

GRANDE FLUXO

A vigésima foi longa, mas de dizer muito breve. Porque daquela vez Sebastião Guerreiro tinha resolvido não alinhar. Ficaria a ouvir as notícias, sentado na cama, uma almofada atrás, à escuta de uma palavra familiar, pelo menos de som. As insónias estavam a deixá-lo parco. Serviria mesmo thames, hyde park, big ben, ou um simples nome de pessoa como edward, johnny, e assim. Não iria. Também porque o mundo era redondo e miss Laura deveria estar em algum dos sítios onde se ouvisse o mesmo, à mesma hora, ou pelo menos semelhante. Não iria. Que fossem. Sabia que estava dispensado sempre que quisesse, mas não queria. E não iria. Escusavam vir fazer toc toc à porta chamando-o. Sebastião. O Alguergue estava deserto, os quartos tão vazios nesse meio-dia, e tão limpos, tão fechados, que pareciam coisas mastabas fazendo figas com as portas. Mas não, não iria. Apenas dois ou três hóspedes solitários, em quartos alternados para se facilitar o contacto sem promover contudo a intimidade forçada. E não iria. Aliás, para ser franco, também não compreendia aquele gosto de fazerem party lá fora, tendo casa asseada e mesa à disposição. Telhado firme a proteger do vento. Poderiam pensar que queria aproveitar a tarde para ver se quem estava nos quartos era homem ou mulher, como antes, mas não, enganavam-se. Depois de

miss Laura sentia-se canário a quem tinham tirado o poleirinho do canto. Sem a menor vontade de tomar iniciativas, nem de olhar para outro pássaro. Viessem elas aos bandos e de roupas já de zip aberto. Estava interessado em não ir, não iria. Além disso, que ficassem descansados, que a sua recusa não tinha nada a ver com essa história de murros e exaltação, my friends, nada disso era importante, já tudo tinha passado, logo naquela noite assim que apanhara o ventinho da rua na cara. Fora uma ofensa, mais do que ofensa, uma grande ingratidão, mas não senhor, até desejava a Simão Rosendo uma boa tarde, e que não se esquecesse de beber du rouge, como ele costumava dizer, para animar a festa. Aliás, o party. Não era por uma desavença sem motivo concreto que ia esquecer a solidariedade de grandes momentos vividos em comum. Quem não se lembrava, por exemplo, de 15 de agosto, quando tanta coisa grave tinha acontecido. Não iria e não foi. O rádio Sony de antena esticada e botões, reflexos de metal contra o escuro do baquelite, coisa já espacial sobre o peito. Mudando de posto em posto.

A de dizer muito breve.

Exactamente. Mas por coincidência, Zulmira Santos também não ia, ressentida essa com o que se passara no serão, embora não dissesse razões. Também não ia simplesmente porque pensava aproveitar a tarde para umas coisas de mãos, tudo desculpas mas que fossem todos. Só que sem ela aquilo não ia ter graça, nem pinta nem compostura, credo. Diziam. Muito rogada, Zulmirinha acabou por ficar irritada, assanhando os dois

olhos abaixo dos arcos feitos a lápis, mesmo por cima do sítio da sobancelha. Como antigamente as bonecas de casquinha tinham, Rosária. Agora usava-se assim. Não ia. O grupo acabou por abalar, entristecido e desfalcado. E se voltássemos para trás, e cada um fosse petiscar no seu quarto, muito quieto, vendo a tarde pelos vidros? Ai não. Fartos de ver o mundo pelos vidros estávamos nós. Elas tinham posto calças e blusão de coiro, outras de malha como de esqui, e eles cachimbos pendidos, todos cheirinho a fumo. Já agora, corresse como corresse.

Mas ao chegarem ao sítio dos repastos, entreolharam-se, sem vontade de falar, olhos murchos e circunvagando o local. Apetecia até ir pousar os olhos na pedra além, batida por aquele breve sol de inverno a correr tão baixo, tão despida e nua que era uma lembrança verdadeira a chamar a vista. A verdade é que ninguém sabia se deveria ou não sentar-se. Valentina Palas, presa do braço de Leonardo, queixava-se com a mudez. Vamos ficar assim? A tarde inteira parados? Feitos parvos? Simão Rosendo olhava o mar embravecido daquela tarde, as ondas grossas sem espuma a lembrarem dorsos de baleia que vão dar à costa, e parecia procurar mesmo nelas o aro do seu anel. Os segundos dos relógios a fazerem ti ti. Sentamo-nos ou não nos sentamos? E de repente um pássaro de mar subiu e passou rápido junto de todos assim especados, tão grande era o silêncio. Porra. Somos muitos e bastamos. Bastamos ou não bastamos? Foi como se uma correntinha muito eléctrica lhes tivesse faiscado o espírito e em simultâneo. Era isso. Bastamos. E nem valia a pena estarmos a perguntar como se chamava aquela festa, que deitassem mas era

os cestos ao chão. Para o segundo party. Disse Catrinita lembrando Zulmira no quarto, a aparar as unhas, amuada pelo despeito. Outro party? E terá mesmo de se chamar assim? Sem dúvida que tem. Então iríamos agora voltar para trás? Mas houve protestos. E Rui Seladinha concluiu dizendo que eram livres de se desforrarem naquela tarde de tantas semanas passadas dentro de casa a ver pingar o céu, sempre a mesma coisa. Alongando as palavras, animadíssimo. Havia meses, amigos, meses que não podíamos falar tão alto. Por isso ainda antes de se disporem os cestos, começaram a olhar-se uns para os outros, com olhos húmidos de já prever os líquidos. Muita fresquinhos, alguns que trazemos. Ah caramba, isto é que vai ser.

Recapitulando. Esta foi a rápida de dizer.

Depressa. Não era preciso mais intróitos. Edmundo, volta o cu para a pedra e afasta as lembranças tristes que vamos a isto. Não era preciso levantar as pálpebras no endireito da longa fita do mar, agitado naquele dia por um bafo de vento vindo de leste e brando. O sol redondo como uma vigia de silêncio e uma vaga lembrança de brasa. Que bastava esse pensamento de que havia um tição incandescente no céu para se sentir calor sobre a penugem da pele e o alto das cabecinhas, meus amigos. Valentina Palas fez de pronto três pirâmides de pães redondos e do tamanho de ovos de avestruz, abertos ao meio, rindo. Pinaira olhava. E o vinho era tratado com saca-rolhas próprio de tirar dentes. Ah punhão, tão precisos. Então o maître d'hôtel encheu um copo, levantou-se, olhou à esquerda e à direita, viu-se na

transparência púrpura, e como se falasse uma coisa grave, disse. Depois deste não sei mais quem sou. Lembrando-se por certo da sua farda sem nódoa, laço ao pescoço tão lustroso que evocava um guizo. E foi de um trago. O riso começou a ser tanto que a senhora Valentina se arrependia já de ter trazido as calças, coisas de pano tão aferrolhadas às ancas, impeditivas do à-vontade. Se eu soubesse que Zulmirinha não vinha. Simão Rosendo parecia alegre e não transtornado. Outro. Era puro colares e lembrava uma ferrugem de oiro líquida, no meio do seu copo. Agora sim. Afofem-se, reis e rainhas. Já dizia. Oh rois and kings. Vamos à manja desta tarde. Que isto é um party mas um party muito especial. Pinaira só olhava. A very special one. Primeiro as sandes, pois aqui estão tantas. Valentina indicava com os braços anilhados por pulseiras de cobre, cada pulso seu, que havia aqui à esquerda e ali à direita. Comam-nas todos à vontadinha. Mas Catarina Mendes, lembrando-se de Zulmira a elegantar-se atrás das montras, teve de dizer. Cuidado, desembrulhem dos guardanapos com o cuidado de quem toque em ovos de passarinho. Apenas com as pontinhas para não amolentar o oval.

Em resposta levantou Chico Antunes o braço e apanhou um desses pães donde pendia uma fatia de paio vermelho e rosa. Como se dissesse. Não, eu gosto de agarrar assim, e hoje vou fazer o gosto à mão porque não estão aqui os fiscais. Ficaram a cozinhar ideias. Porque a sandes é o ás dos manjares e nós os seus comedores. É ou não é? É. Muita boooas. Sim, muita boooas. Como se dissessem. As mulheres, sentadas

sobre almofadinhas de renda, algumas com monograma, rosetas pregadas de falas e serões, iam aí pondo as ancas abanadas. E só para amainar os ruídos, estalinhos de gostosura, ainda lembravam. Que antes de cada dentada, ouvissem aquele sussurro de mar, aspirado pelas narinas. Aquele leva que leva do bandido sobre a barriga da areia. Oh não. Oh não. Que deixassem essas questões do arfar do elemento para depois das libanças. Dizia de novo Simão Rosendo com a mão num copo e sem nenhum medo do líquido. Não, não há nem imagem, nem ideia melhor no mundo do que este pão fofo com linguiça. Muita fiiina. Podia-se exportar palavras.

Very good. Por exemplo.

Não, não havia melhor ideia. Na verdade conhecíamos e preparávamos desde os simples capilés com roda de limão pendurada da borda, aos doces e outros xaropes, azedos como as vinagrates de todo o tipo. Catrinita. Apurados de tanta espécie. Com bordeaux e champagnes de tanto selo, tanta variedade, afora os nacionais, e no entanto, porque não dizer a verdade? Vai-se-nos acumulando esta saudade das coisas antigas junto das papilas da boca durante a semana. Por isso não tenham medo de regressar à bucha a que chamamos sandes, meus amigos. Gostamos delas realmente de pão fofo e linguiça queimosa de vermelho. Muita picaante. Aberta ao meio com uma faca afiada que de fina lhe corte a côdea e o miolo sem deformar o redondo do volume. Com jeitiinho. Levando à boca durante a preparação as migalhinhas esboroadas pelo acaso do gume contra a crosta. Tão tostaaados. Cada um, deles embrulhado num

guardanapo. Muita braaanco. Por causa da conservação do aroma, senhora Valentina. E metidos num plástico por causa da manutenção da frescura. Mas atenção. Nunca esquecer o unto de um lado e de outro. Manteiguiinha. Fateixem-lhe o dente, camaradas de serviço, todos juntos. O Quinas e o Rui Seladinha riam tanto que tinham os olhos da cor dos condutos.

Mas se quiserem abrir, verificar antes de comer, verifiquem. Que os olhos também possuem a sua boquinha muito especial, Aldegundes. Pelo centro do preto, esta bolinha que a gente possui, entra o formato do aroma das coisas pela cor, Garciano. Ou melhor dizendo. Como se dissessem. Verifiquem o de dentro, porque a língua continua a ter os olhos acima do nariz. Vejam a linguça, manchas de vermelho puro, fibrazinhas de cor de carne viva mas conservada de morta. Tudo pooorco. Para que se saboreie com alho. E um ruge de pimentão e cravinho, humedecido com a saliva que sempre nasce da visão de tais coisas. Muita boooas. Pinaira vendo e Catrinita de testa franzida ouvindo, lembrando-se de Zulmira Santos, a guardiã, possivelmente a tricotar àquela hora, no meio da mansidão, teve de dizer. Sintam, pá, mas não falem dessa baba que nos cãezinhos chega a cair com um corrimento de gula. Porra. Somos gente. Aposto que nem a senhora Valentina quando é tentada assim sente. Ah sim. Respondeu Valentina Palas. Mas vejam isto aqui. Tudo vaaaca.

E o mar não batia.

Batia. Mas o mar era uma coisa tão velha, tão igual, que já chateava de tanto bater. E Simão Rosendo pôs-se de pé, empinou o ventre com seu feto de abastança lá dentro, e começou a falar, comandado por uma maré interior. Era como se representasse e dissesse ao mesmo tempo. Só esta tarde. À boca, à boca. Pãozinho nu, redondo, que sempre se quis de encontro ao calo da pele e às pontas dos dedos. Directamente no rebordo do nosso beijo de homens, mes copains. Digam todos. Muita maaachos. Temos neles umas fissuras que se aplicam a desejo e gostamos de as manjar assim, a começar pela ponta como a mama. Muita fooofa. Abocanhar primeiro a pouco, depois a muito. Vá de roda. Que domingo devagar, a partir do meio-dia, se não há que fazer, o tempo é nosso. Os fiscais do party estão em casa e é como se eles é que tivessem perdido um anel. Vá de roda. Pinaira olhava a festa. Por isso, tosem dentinhos que tosem à sombra rala desta pinheirada. Que se um pássaro de fogo passar pelo ar, ninguém o veja, nem pressinta. Tudo isto é manja. Enjoavam elas. Meninos, se não querem contar nada além do caminho do comer da boca até às tripas, que se calem. Disse Aldegundes Beira. A gente tem o pensamento apostado noutros interesses. Vocês? Oh porra que não parece. O mar era tão antigo, senhor, que chateava sempre no mesmo vaivém, e não se calava mesmo que uma pessoa alegre lhe mandasse insultos. Podia-se exportar.

Very good.

Mas as mulheres, cuidosas. Assentes as almofadas da nádega sobre as polpas de renda e sumaúma, como se

Zulmirinha estivesse presente. Imóveis falando. Tão doidos, tão doidos, estes homens. Elas sim, tinham aprendido a comportar-se em todas as situações como verdadeiras pessoas. Pinaira ouvia. A comer de bocas fechadas para que não se visse o adejar da língua contra os dentes limpinhos. A pegar nos pastéis com a mão emposta, o mínimo ligeiramente alongado como para apagar uma chama de vela. Elegantes. Envolvendo-se os fritos num papelinho vegetal partido em rectangulozinhos quadrados. Ou tinham aprendido. A limpar os cantos das bocas com o guardanapo sempre que se sentisse aí uma bolazinha de gordura. Com eles. A dobrá-los e desdobrá-los. Assim. A levar o copo à boca, que primeiro iria a direito e só emborcado de manso quando já perto do sítio. A boca só semiaberta. E Zulmirinha Santos ausente, a mais expedita. A não curvar a cabeça sobre o comer fazendo gestos de vai e vem com a canga do pescoço, como as mulas, quando as havia, sob o melim. Tal e qual. Era Aldegundes. Mas a trazer o comer da mesa ou do colo. Como agora. Também tinham aprendido a assoar primeiro uma venta, depois outra. Mantendo ambas sempre embrulhadas nos lenços, quer de pano quer de papel. Tanto fazia. E qualquer resíduo que ficasse, duro ou mole que fosse. Sempre se retirava de dentro com o disfarce de uma dissimulação, enfiando lá dentro uma pontinha de lenço retorcido. Muito bem. Nunca essa função competia, amigas, ao serviço directo da unha. Porque desse modo, o que viesse, sempre se teria de fazer saltar do dedo com um carolo do indicador. E também. Também tinham aprendido ainda a espirrar para dentro da mão com um atchinzinho abafado. E com licença, ou desculpe. Se não

tivesse dado a loucura em Rosária ela também saberia. Saber ou não saber? Claro que sim, que saberia. Zulmira Santos ausente. Assim como. Agora quando falávamos ou discutíamos, nunca se fazia manguito com o cotovelo do braço para sublinhar a opinião. Não senhora. Tudo isso tinham aprendido e eram os modos. Queriam sim, queriam cumprir na prática o que aprendiam por teoria. Sabiamente. Era como se dissessem elas. Aldegundes, Marianita, Catarina.

Simão Rosendo bamboleou sobre as pernas o corpo inteiro apertado por um cinto de chapa, o das festas à paisana, e fechou os olhos como se atacado de um sono. Depois levantou o braço onde segurava o copo de um vermelho vinho messias com um rasto de mosto nos rebordos, e olhou por baixo desse braço e para trás como se fosse cavalgar um cavalo. Pinaira tão calada a ver e a ouvir. Então Inácio João falou pelo maître d'hôtel que não conseguia naquele momento encontrar as palavras necessárias para se exprimir. Nem em francês nem em português. Não comam nem bebam, donzelas. Cheirem antes o perfume das flores do pinheiro e cantem depois uma missa de ópera que é domingo. Ó meninas. Estiquem aqui os copos vocês aí, que o Simão Rosendo só está com a mão no gargalo pela habitação do ofício. Quem serve sou eu. Ia dando. Mas então Simão Rosendo ficou desdenhoso. Que ele próprio preferia, não o fino gume de um copo, mas o rebordo redondo de uma caneca de barro. Aprendera à marseille, près de la cannebière. Une chope. Porque tudo tinha uma arte e como toda a arte só o tempo e o uso a dá. Nunca. Nunca se deveria beber directamente do gargalo de um

garrafão, por exemplo. Explicou a tombar de lado como os peixinhos de aquário quando empanzinados.

E não fazia nem frio e nem vento.

Não se sabia o que fazia, entretidos que estávamos. Nunca, nunca. Dizia demorando a encher os copos. E nunca, porque o gargalo é frio, e por mais que um homem arredonde e franza a boca num cuzinho de elásticos. Nunca poderá saborear o líquido a preceito. Nunca. Empinado no ar, o peso do beloito de vidro deposita-se de súbito no fundo do estômago com toda a pressa do deslizar do líquido, e é como se não tivesse chegado a passar pelas papilas da língua. Minha gente e mes amis. Pedindo mais e mais. Cuidado, não caias. Por isso preferia. Dizia de novo. Um púcaro. Um pucarinho de boca ancha e rebordo redondo. Une chope. Que se aplicasse ao lábio, daí bebericando um homem lentamente, podendo fazer se quisesse. Uma maré de ora mais de ora menos aos beijos entreabertos. Então eram aplausos. Palminhas, palminhas para mais um. Que todos e todas que também fossem valentes cantassem a gargalhopo. E copo cá e copo lá. Cuidado não caias. Quem não dissesse copo copo gargalhopo, copo cá e copo lá. Hurra. Deste vinho não beberá. E não beberia. Mas devagar que se gostava dele servido lento, com um levezinho bochechar para que sempre fosse lavando a raiz do dente das impurezas da boca, um estalinho da língua pelo gosto daquele libar. Era aquela, era aquela a maior alegria da vida. Já lá contavam cinco regadas do bom vermelho. O mar tão antigo tão antigo, caramba, que ainda há pouco, meus amigos, apareciam sereias e

tritões sobre a espuma, aquando das grandes marés que revolviavam os fundos. Ora ora, o mar que se lixe com todos os seus animais e as suas ervas.

Very very very red. The wine. Teria dito Sebastião Guerreiro se estivesse presente.

Sim, mas não estava e ainda bem que assim era, porque de outro modo não haveria oportunidade de se deslindar uma certa questão. Se Simão Rosendo gostava de ver a cor do vinho, dentro de uma caneca como fazia para ver? Ora conta lá. Eu por mim prefiro o vidro porque lhe posso apreciar a cor no transparente, tão importante como o sabor. E digam-no alguns barmen aqui presentes. Não. Insistiu Simão Rosendo, completamente esquecido da farda, dos anéis, da maltrise d'hôtel. E não. Quando assim é, basta escolher-se a marca pelo bojo do rótulo. Porque isto, meus amigos, é assim. A chope, como dizem os franceses, nunca é fria nem mesmo no rigor do inverno. Primeiro. Segundo. Não chega a cortar o beijo nem quando se tem cieiro e nem quando se tem pressa. Também não se parte com o estalo que se dá sobre a mesa quando se tem uma irritação com a mulher. Quinto. Porque se casa com a concha da mão, no rebordo de baixo, meus meninos. E tudo o que é bom nesta vida tem essa forma. Aliás, ninguém precisa de ciência para ver isso. Apalpem-se e vejam-se. Simão andava de lado como os que têm o rumo perdido há vinte anos. Vejam-se, vejam-se, pessoas. E caía de pé em cascatas. Se Zulmira quis ficar em casa, então que deus a conserve. Queremos gente que saiba beber e se dispa sem trejeitos de medo, gente.

Ai ai que já começaram eles. O melhor é abriremos as telefonias. Sim, que entre as desgraças que anunciam sempre há umas músicas, Catrinita. Para não os ouvirmos neste estado a gente dava a torta de laranja inteira. Dava ou não dava? Pinaira escutando. Mas Valentina Palas olhava arregalada e era como se dissesse. Meus amigos, minhas amigas, muito boa tarde, que afinal as tentações são as mesmas, só mudam de aspecto de pessoa para pessoa.

Ah bom, para quê ligar importância a factos accidentais, sem o menor peso na vida. Para dizermos toda a verdade, ali encostados naquele recocão do abrigo dos pinheiros, de costas viradas para a pedra alguergue, sem o menor significado neste mundo, estava-se tão lindamente. A vista posta na maré do mar montante que subia às golfadas, de grande onda como no alto mar, só rebentando uma espuma lá para as bandas das rochas marinhas, donde se desprendia um certo cheiro a despedaço de crustáceo e espinha. Toma toma que o balanço o dá. Bebendo daquela linfa e afilando o dente no coalho de pão alvo, feito só de semente, sem lembrança de farelo, quem não teria de dizer? Já esqueci quanta comi. Apesar do vento e da paisagem deste mar bravinho, estamos, olhem que estamos no útero do mundo. Assim se chama a parte da barriga da mulher que incuba os filhos. Vamos mas é adormecer, moças e moços, reis e rainhas. Ah Simão Rosendo, ainda pias. E ele. Parecemos o rei francês que disse lá em marselha. Nous sommes les rois des rois. Nós. Disse esse tipo çle rei. E disse porque julgava que era só ele. Para terminar,

Simão Rosendo pregou-se-lhe uma punhada em si, mesmo no meio do peito.

Rosária.

Que ideia. Simão Rosendo quis andar e andou. Levantou a sua perna de calça já descaída e ao deitar o pé que mantinha no ar sobre o chão, fez emborcar dois cestos do seu conteúdo. Sacolejaram os garfos contra as marmitas. Ai eu. Sinto-me um ser superior. Eu também. Um ser entre sementão de galinhas, pi pi pi, e bode, marido de cabras. Vejam aqui o meu pêlo e os meus cascos. Esborrachando os tupperwares com os sapatos de sola. Hoje, além da crista, nascem-me uns cornos na testa e não sou cabrão. Sinto-me um ser divino e não subo ao céu, não tenho medo da força do vento, nem do levante. E vocês aí, o que são? Figurinhas de homem. Rindo muito Simão Rosendo. Quanto a mim, eu gosto do cheiro das mulheres. Avançando para o círculo onde elas estavam e falavam de projectos de toalha. As rendilheiras. Venham aqui para debaixo da verdadeira asa do sementão, que junto destes bracinhos é tudo só folha verde. Tudo parra. Donas rainhas. Reines et rois, princeses de folgança. Afofem-se, mulheres. Que lá se dizia les femmes, desapertem as cilhas de elástico com que sustentam o bandear das coisas e vamos a isto. Simão Rosendo a comandar o toque com a mão, andando de arrecuas como os caranguejos perdidos. Que ninguém tenha medo de se prantar à vontade. Quem de entre a gente ainda tem os baixos por pintar, ó gente? Nenhum da gente. Fora a mim que sou este ser e tenho pena e tenho pêlo por todo o coorpo. Alguém solteiro? Pas de

célibataires à ma cour. Não há solteiros, mesmo que os haja não casados. Amigas e amigos, estamos todos no mesmo estado de conhecimento das coisas. Bichos e bichas. A uns a racha, a outros o espadallete. Dizia Simão Rosendo afugentando Mariana com breves uis. Tinha, tinha importância para a minha avó nascida no tempo do rei carlos. Les vieux rois. Quando tudo se fazia e nada se dizia da coisa. Nascemos ou não nascemos? Perguntou o maitre d'hôtel com a língua atraçalhada nos dentes. Ora aí está. E arrastava atrás dos pés a manta que havia sido posta por toalha, sem nenhum anel no dedo. Afofem-se e descilhem-se, mulheres, quero ver as trancinhas dessas guedelhas de baixo. E já. Como se dissesse. Deixem que essas chichas e badanas se dilatam à vontade. Quero os botões dos homens a saltarem das roupas todos ao mesmo tempo, e que cada botão faça um tiro no chão com a pressa que vier. Que eles. Dizia Simão Rosendo rodeado de Rui Seladinha, o Serra, o Quinas, que riam a ponto de deixar cair os copos. Tlim pelo chão. Não fujam, mulheres, que não disse nada para se porem aos ais. Que eles por si mesmos, os botanitos, vão voltar às casas quando a libança chegar ao fim. E ria descansadamente Simão Rosendo, as pernas dele tão inconsistentes que pareciam moluscas. Até Rui Seladinha pela ausência de Zulmira dilatava as palavras. Porra porra que felicidade a nossa. E todos tinham a certeza de possuírem à volta da cabeça e dos pulsos, dos artelhos também, uma coroa de videiras de terreno arneiro. O das melhores uvas.

So quiiietly. Podia-se exportar aos caixotes.

Mas que ideia macha era aquela de que para se fruir da alimentação era necessário desapertar as carnes? Parecia-lhes absurdo e fruto de mangação. Pinaira a ver. Despachem-se vocês e soltem-se longe. Estamos cansadas de ouvir isto. Tão cansaaadas.

Cansadas? Cansadas se nem começámos? Simão Rosendo de repente cheio de força em todos os músculos do corpo, deu um salto, pendurou-se do pescoço de Catrinita no meio da roda, sob os pinheiros de pé perfilado, e simulou ir afogá-la de beijos e apertos. O sol redondo de um breve calor de inverno soalheiro depois das chuvas, embora apagado de vento, estava no céu. Que horror. Que horror o quê? Deixassem Simão brincar que era só aquela tarde e mais nenhuma, deixassem ver o que fazia. Simão levava Catarina Mendes ao colo, como se quisesse fugir com ela para a região dos animais híbridos e de pêlo, feita noiva, num braçado, e a noiva raptada a bater com os pés uma grande negativa. Ai ai. Só que ninguém acudia porque não valia a pena, no meio daquela brincadeira. Simão como se empurrado por uma força interior que lhe viesse da víscera do coração bestialmente apaixonado, conseguia levantar Catrinita em peso, no ar, uma linha de renda a desprender-se do lavor e a arrastar a agulha pastos fora. O novelo a desfiar-se às voltas, onde ia ficando enalhado. Mas agora já Catrinita começava a ficar chateada esbracejando também. O quê, ninguém me acode? Ai eu. Até que na fuga teve tempo para se lembrar da ausente Zulmira Santos que deveria naquele momento estar tão composta, sentada na sua cadeira de vento, junto da cama a fazer ideias. E ela ali, ao colo daquele maitre a

representar de bode e ser coberto de penas. Ela a deixar-se levar, para riso de todos os que debaixo dos pinheiros se urinavam de gargalhadas. Até que disse. Help, help, como a olívia aos domingos à tarde costumava fazer pelo socorro de popeye. E aquele help produzido em frente do mar foi como eco de almoçar. Simão, atordoado, ressurgiu feito homem do fundo das' suas vinhas, pondo Catrinita no chão. Help, help.

A vigésima foi longa mas de dizer muito breve. Quando Simão Rosendo voltou para junto do grupo, atrás de Catrinita, havia no ar um riso de cumplicidade, e apetecia agora não dizer nada para que ficasse assim, aquela imagem nos olhos de todos. Que engraçado tinha sido tudo. E de novo uma ave do mar subiu e passou feita parva, possivelmente pelo silêncio, que não era hábito desses bichos bicar a cabeça das pessoas nem rondar a comida cozinhada. Credo. Ficámos mudos. E no meio daquele estremecimento de alegria amansada, começou a ouvir-se um leve som como de alguém de nariz entupido por constipação. E o som ia subindo, subindo, sem se perceber muito bem donde subia ele, até que viraram a cara na direcção de Rui Seladinha. Mas não era Rui Seladinha quem chorava, riem podia ser, a menos que aquele fungar fosse de felicidade. Rui Seladinha ria, e quem assim fazia aquele piano chinfrim era Edmundo Breba, para dentro da sua mão. Coitado, coitadinho, tão má vinho tem o pobre rapaz. O que imaginará ele naquele estado? Se calhar imagina-se o Maurice César, lá no grill, a fazer plim plim no steinway de cauda. Não, homem, imagina a namorada que lhe faltou. Façam-lhe festas e afaguem-no que não queremos

prantos no meio da função. E Edmundo chorava que não, não era por nada disso, senhores, era de ter tido Simão Rosendo um anel tão lindo e o haver perdido no party anterior. Tão despropositado que dava vontade de rir. Ai tu é que choras? Ora escuta bem esta, Simão Rosendo. Mas Simão Rosendo encostado ao seu próprio ombro, parecia ter descido ao paraíso, ressonando uma aragem que fazia estremecer as folhas, porque todos conheciam a causa da pianíssima choradeira de Edmundo embora a não dissessem. Para quê?

Valentina Palas achou então que tinha finalmente chegado o momento, tanto tempo havia que ninguém se resolvia a escutar o seu assunto. Pôs as mãos junto da boca, e certificou-se da verdade dos sonos daqueles que perto de si dormitavam no breve sol de inverno a querer emurcheçar, emurcheçar. Só que às vezes Valentina falava tão baixo que as palavras perdiam corpo. O que está vossemecê a dizer? Não, não se admirassem daquela alegria, amigas, que ela sabia de experiências feitas, que toda a comida possui uma alma por dentro da côdea. Uma alma, minhas manas. Catrinita Mendes desembaraçava a linha e refazia a renda desfeita pelo ímpeto do rapto simulado pelo franciano de marseille. Mas que disparate. Tinha uma alma que reagia como se tivesse pernas, braços e sofresse do mal das vinganças como a gente. Havia sob a antiga cara da senhora Valentina de quando viera pelas três primeiras merendas a ver o mar, uma bóia cheia, em torno do pescoço. Um cabelo de caracol a fazer duas voltas, preso de uma sarda. Não interessa. Do mar se desprendia um bafio de sal saindo daqueles vultos de água sem lembrança de

escuma. Salvo mais ao longe, onde produzia um estampido e não se sabia como. Por exemplo, na nossa casa, ainda que o Leonardo seja cego a esse tipo de coisas, na nossa casa, os mantimentos respiram e suspiram, sabem das horas do relógio. Eles andam, certos deles andam, em minha casa andam, caminham e procuram quem desejam. Véjam como sou uma triste vítima. Valentina punha a mão na boca de Leonardo para ter a certeza que o bafo era de gente mesmo adormecida, e apontava o tamanho das ancas cilhadas por umas calças desta largura.

Tão vítima que apetecia também chorar. Vejam-me, amigas, que fui obrigada a enxertar nos vasculhos de piaçaba, uns paus altos como os das vassoiras para fazer a limpeza das sentinas do mar, e tudo porque os comeres têm a sua vontade própria. Se é que Leonardo não esteja, vejo-me obrigada a sair para a rua com tudo badalente, a tal ponto fui ficando grossa. Olham. Ele é que me ajeita, e me enfia os colchetes uns nos outros pondo o joelho aqui atrás nas costas. Valentina baixou ainda mais a voz nessa vigésima merenda, party caído em função, as duas mãos postas perto da boca amparando a torrente dos segredos. Pois ainda ontem à noite nove horas talvez eu meio adormecida
 as minhas plantas
fazia silêncio ninguém Eu descansadamente e
então um tiquetique soalho adiante
Acendo a luz e que vejo eu? não. Não nem
sequer . eram antes ovos Cozidos, dos
pesados, loiros como se cozidos casquinha de
cebola

sabem como é ou não
Rebolavam pelo quarto como se tivessem sua ideia
fixa

em mim

Leonardo, oh Leonardo

que não estava

pus-me a tremer

Acudam acudam aqui d'el-rei

minhas amigas

minhas amigas pelo som se via que eram

cozidos

Vinham ainda com a casca aberta da fervura alta

saíam farrapitos das rejuntas. Ai ai

nem pensar

Conte tudo. Disse Catarina Mendes recuperando a renda e ansiosa pelo fim. Eu conto, eu conto. Vieram todos à uma pela embeiradinha

onde dormimos esperando o seu destino.

Eu não sou estúpida e compreendi que e disse
vencida pela minha

e grande generosidade. Fiat,

fiat.

Disse para eles e para mim. O que haveria uma mulher de dizer? Comi então a primeira dúzia a pensar antes de cada um. Mais nenhum, mais nenhum. A segunda a pensar antes de cada um. Mais nenhum também. Mas eles por dentro eram brancos e amarelinhos como os malmequeres, e quando pensei nessa flor olhei os que faltavam Mais nenhum mais nenhum. Só mais

um só mais um

E então foi o rebanhito inteiro, minhas amigas

Leonardo às vezes é tão incompreensível

Sim, minhas amigas

eu própria tive de varrer

as cascas pelo
mando dele

As amigas com uns olhos de grave espanto. Trinta e seis?
Não acreditamos.

SEXTA

INEFÁVEL

Não havia um único arbusto de folha caduca no domínio de todo o jardim, e a grama em fase de despontar podia ir ficando. Além sim, além é que eram necessárias umas sachadelas miúdas em torno das roseiras, vai lá fazer isso. Peace and love. Parecia dizer de ombros largos, os braços em arco, fumando para o ar cigarros brancos que antes de meter na boca martelava sobre a unha. Peace and love. Em baixo o mar. É que as gaivotas pareciam doidas com a agitação das ondas e das marés e piavam de felicidade batendo asas e planando, muito brancas, às vezes. Coisa incrível, que miss Laura nunca ali tivesse visto as gaivotas. Ah se as visse, the sea-gulls. Dizia ela. Mas não, porque no verão havia tanta gente nas diversas posições, indo e vindo, movimentando-se, fazendo tanto barulho com os risos, que as aves não tinham lugar. Quando miss Laura descansava de ver andar e correr o cão, e se sentava um pouco no meio da areia, sem a mínima preocupação de toldo, costumava perguntar por esses bichos. Desconheceria miss Laura o fenómeno das migrações? Ele sabia, miss Laura, que havia animais de arribação, ora indo ora vindo, conforme as estações do estio e da chuva. As andorinhas, por exemplo, gostavam do nosso calor de primavera e faziam cachos de ninhos pendurados pelos beirais de telha. Tão alegre o seu triunfar pelas manhãs, se miss Laura quisesse ir fazer um

pequeno passeio, mas miss Laura não queria. Infelizmente não eram assim as gaivotas. Criadas no tempo das ondas, receavam por certo a crueldade das nossas crianças, muito rebeldes, a imprudência dos nossos banhistas desatentos às coisas belas do mar, tal somos. Já eu vi um tipo em camisa de braçadeiras andar à pedrada com uma linda gaivota, pensando ser a carne da família da dos pombos para arroz. Que horror. Fazia a cara de miss Laura. In deed? Oh, sure, miss Laura. E Sebastianito Guerreiro desdenhando dos súbditos sentia-se rei de bárbaros, falando para miss Laura. Mas se miss Laura sempre quisesse vir passar o inverno, haveria de ver. Nem mais saudade de brighton nem de dover. No more. Se sempre passasse ali o inverno, veria que faziam bandos pelo ar, um largo V muito móvel, depois desciam, primeiro uma, depois outra, e depois outra. Haveria de ver. E ele próprio haveria de puxar miss Laura para junto da espuma. You and me. E à beira do mar revolto uma pessoa haveria de perder o equilíbrio com tanta ida e vinda das águas debaixo dos pés. Até os bichinhos aprenderem o ruído dos beijos para nos acompanharem no passeio de cá para lá e de lá para cá. Só que não, pelo menos até à data nada tinha sido assim. Quando Sebastianito descia ao mar sob uma poalha miudinha de bruma a cair avejoante, das nuvens, elas adejavam patas como mãozinhas de meninas tristes, e outras caudas e asas abertas como leques e saias de renda. Presas de acenos e suspensas de cinturas débeis. Lembravam navios. Uma dança de vozes como se brincassem com a chuva a bater nas águas. Às vezes sobre a crista das ondas como os remos. Pios. Às vezes passeando na terra, movimentando os pescoços de penas e logo indo,

qualquer coisa de traje de domingo de donzelas naquele fato de penas alvas. Coisas vivas e moribundas. Sebastianito nem sabia onde ia achar aqueles pensamentos, só sabia que vendo aquelas aves e unindo-as ao que sobre elas haviam dito, apetecia ser, fazer, ter para dizer, e não saber. O que não teria dito miss Laura se ali estivesse. Possivelmente uniria os lábios levantando as sobancelhas, para dizer só birds em deslumbramento. Birds and birds. Esse lindo nome que lá se dava aos pássaros de todas as espécies. E sendo birds, miss Laura, seriam os mesmos bichos? Impossível. Chamando-se birds, as gaivotas seriam mais brancas e mais cinzentas, o voo mais alto e mais picado, também mais lânguido. Chamando-se birds não precisariam matar o peixe para se alimentarem. O próprio peixe viria à tona oferecer-se como os fiambres aconteciam diante de Valentina Palas. Sendo birds, piariam de uma outra maneira, talvez com música à mistura como nos filmes de amor e despedida. Sendo birds. Deveria haver tanta diferença entre esses birds e as gaivotas como entre miss Laura e Santanita Cagaça, a sua mulher legítima, a quem nascera nos últimos tempos uma farripa de bigode negro e teso como coisa de gato a enfeitar o canto da boca. Vai dizer à tua mãe, Rosairinha, que as verdadeiras senhoras tiram aqueles cabelos com uns pauzinhos de cera derretida. Santanita ofendida pelo passado e pelo presente. Vai dizer a teu pai que tirem também os do cu. Era assim Santanita, avessa à compreensão e à beleza. Mas Santanita Cagaça não importava, e a própria miss Laura nem perguntara por isso. Essas ligações wife and husband eram palavras só só de dicionários e de registos de partilhas, coisas sem ligação íntima com a verdadeira

vida. De resto, miss Laura pertencia ao grupo das pessoas inegavelmente superiores. As que desejam os pássaros e consideram os homens livres e independentes. Exactamente como os pássaros. As palavras do padre Sequeira, caramba, sobre esse assunto, precisavam de uma tabuleta que dissesse. Aqui jaz.

Livres e independentes como os pássaros.

Sim, e sem gaiola.

E mesmo que todas as cenas de gaivotas tivessem sido desfeitas por outros motivos, a lembrança de Rosária continuava a ser a larvazinha na mansidão.

De certo modo. De facto até Edmundo Breba quando chorava por ela dizia ser por um anel que nem a ele lhe pertencia.

Então como foi.

Bem, o Folhas, como todos sabiam, não estava, mas fazia parte do Alguergue como uma estrutura e uma fundação, uma varanda, uma arquitrave, e expunha sim. Mas na altura o Folhas tinha demorado a mão sobre a cabeça de Rosária fazendo-a mover devagar como se examinasse um barro para lhe copiar as asas, e adivinhou-lhe a idade. Senhor Folhas, Rosária vinha vender mercadoria na praia e ia sempre ‘ descer com aquele aventalzinho branco para não meter nojo a ninguém, e uma gola de pintas. O que acha? Assim, sobre o branco branco se veria a ausência, meus senhores, de qualquer cabelo

caído por penteio ou despenteio, e sobre a gola escura cravejadinha de mínimas bolas, se veria a ausência total de qualquer faúlha de caspa. Ora vira-te lá, pequena, para ver se estás em ordem. O que danava Sebastião Guerreiro, senhor Folhas, era aquele salpico de borbulhinhas bexigosas. Às vezes vai ao toicinho, a malandra, embora eu sempre lhe tenha dito que os visitantes gostam da perfeição das feições e têm nojo do pus dessas coisas. Aliás, senhor Folhas, sempre me disseram que na minha família nunca ninguém sofreu disso. Só que Augusto Folhas parecia perdido na observação de Rosária, aproximando-se e afastando-se, a ouvir Sebastião Guerreiro explicar coisas de hereditariedade e que interesse tinha. Rosária parecia, sim, meu amigo, já lhe dizia o que parecia Rosária. E Sebastião Guerreiro a ver se sabia. Rosária de cesto poisado na areia tinha o embasbaqueamento corado de quem visse um marmoto chegar, um pequeno riso de amedrontada. Bem, eu, senhor Folhas, acho que talvez se pareça a minha filha com Nathalie Wood, a que fez o esplendor na relva, coitadinha. O Folhas mantinha-se em silêncio naquela engrenagem de passo vai, passo vem. Isto é, pode vir a parecer-se, embora por enquanto. Ah não. Para o Folhas de peito descoberto, pêlos enfeitados por um cordão de coiro pendido pelo peso dos amuletos que trazia, Rosária parecia outra realidade. Era uma figura de Brueghel, o velho, transportada da antiga Antuérpia para a Praia das Devícias. Tal tal tal e qual. Nunca tinha ouvido falar? Sebastião Guerreiro a olhar para Rosária. Serão figuras de faiança, senhor Folhas? Augusto Folhas, enrolado numa túnica de cetim azul e franjado, não respondia logo. Vê, meu amigo, as duas

alças cruzadas como lhe assentam. Fazendo .a voz de um admirado, não se entendia se bem se mal admirado. Porque brueghel, senhores, gostava de pintar os feios e desditosos, afeiando-os ainda mais por suas mãos. Era cada cego e cada coxo. Quando os havia a pedir nos passeios públicos. Mas o Folhas não ia dizer isso ao seu amigo, só que aquele tartamudear de palavras e aquela observação mais intensa do que a que havia feito sobre o seu dorso nu na carga e na descarga, provocou em Sebastianito o arrependimento de qualquer coisa, e com a voz de quem repreende uma desinteligência, mandou-a sentar-se na areia. Fica aí que já venho.

Pôs-se Sebastião Guerreiro a andar de largo, e por mais que naquela manhã mexesse na figura da nathalie wood, realmente Rosária não lembrava nada. Que disparate. As alças lembravam antes mas era os atafajos dos muares, fazendo riscas sobre os lombos. E se a mandasse de volta? Se lhe dissesse. Minha filha, muito te ensinava o senhor prior teu padrinho. Se lhe metesse tudo no saquitel e lhe anunciasse a falência do negócio antes de começar? Porque esse de quem falava o Folhas no meio do areal, o sol a subir, dez horas da manhã, gostava de pintar os feios e desditosos, embora lho não dissesse. Tinha até sido assim o encontro, senhora Valentina, como me vem vossemecê falar agora, de paixão, e tanta coisa estúpida que se disse, que se não disse. Que eu dou em doido, estava eu aqui a ver as gaivotas tão mansas, a pensar na vida, e vem vossemecê por detrás, arrastando os pés, com esses ditarelos. Sinto-me rodeado de más intenções por todos os lados quando me ponho a ouvir o que não devo. Pois se nessa altura ia agosto tão quente,

as tardes a caírem sobre as manhãs e as noites sobre as tardes com a lentidão do despertar dos sonhos. As coisas românticas a acontecerem principalmente entre o pôr do sol e a meia noite. Toda a praia uma quermesse de festas ocultas dispostas em andaimes, de primeiro os barcos, segundo o animal, terceiro o animal e miss Laura, quarto os barcos, quinto miss Laura, o animal e os barcos. Acontecia de noite saltarmos para dentro e impulsionarmos esse meio de transporte aterrado sobre a areia com a energia dos risos. E quando tudo estava a correr tão bem. Sebastião Guerreiro encarou Valentina Palas para lhe dizer. Há certos serviços que fazem dar a volta à cabeça das pessoas. Diga-me só que paixão poderia haver. São imaginações suas, senhora, de tanto esfregar as sentinas com o vasculho de piaçaba. Ai credo que estava eu aqui tão bem.

Claro que ninguém poderia ter acreditado. Se um espreitador comum como Rui Seladinha, por exemplo, tivesse ouvido semelhante palavra para designar esse tipo de ligação, Augusto Folhas com a pequena e a pequena com o Augusto Folhas, teria desmanchado todo o corpo a rir, diante da máquina gaggia. Caramba. Ou se, manhã plena, antes de pegar no serviço, lho tivessem dito, enquanto gozava o panorama dos descuidados, talvez tivesse mesmo desprendido as mãos das ervas que cobriam os morros por onde se agarrava como a crinas de cavalo, o mar batendo em baixo, ora azul, ora pálido e encapelado, para segurança da pose, e tivesse rebolado ravina abaixo até à praia. O Folhas? Ah caramba, inventem outra. Ele ou qualquer espreitador. E quem não era? Sim, às vezes caem, Rosária, se estiveres

atenta, de vez em quando, em plena manhã, eles caem e verás o que acontece. Põe-te em mira. Também tinha sido informada. Por isso mesmo os espreitadores como Rui Seladinha, Paulino Begango e Inácio João se treinavam nesse cair de bruços e de borco, fazendo voltas com o corpo como os resistentes na guerra, saltando dos comboios em andamento. Se visses. Porque às vezes as cenas eram tão perturbadoras que, esquecidos dos postos de vigia que ocupavam, caíam mesmo por descuido da atenção. Aí iam eles. Os surpreendidos em baixo, porém, Rosária, nunca muito surpreendidos. Chegavam tal como estavam, a oferecer-se ao ferido que se fazia de ocasional, vítima do fortuito. Eu ia passando, pus um pezinho mal posto, rebolei e caí. Os surpreendidos agarrando as roupas e fazendo com os dedos o sinal da cruz vermelha, queriam dizer. Que ali no Alguergue deveria haver um postozinho de enfermagem. Queriam dizer às vezes os surpreendidos aos espreitas, Rosária. Todos os que vês o são. E os espreitas fazendo-se de muito magoados na perna. Excuse e thank you. Levantavam-se com a agilidade do treino e subiam de novo a ver as cenas por entre dois raminhos de erva. Para esses, nunca houve dúvidas. O Folhas sempre fora de simples mariazinha, meus amigos, e a prova disso estava na maneira como se punha e se vestia. Só vendo.

Não senhor, a incompreensão dos verdadeiros valores é que fazia dizer dessas coisas. Aquele homem que se apelidava Folhas, no fundo era um grande esteta, isso é que era. E nós tão estúpidos, tão estúpidos, que nem sabíamos distinguir os benefícios dos malefícios, ora aí está. Esteta? Como esteta? Tinha perguntado Simão

Rosendo fazendo um inventário às palavras. À marsille, como todos sabem, chama-se tête à parte da cabeça que fica acima do pescoço, mes amis, que lá, por sua vez. Vejam bem a diferença das línguas. Se chamou. Mas entre nós não existe tête e sim teta, e é apenas a palavra que designa o aparelho do leite, falando dos animais. É ou não é? Disse o maître d'hôtel explicativo de dúvidas. Sim, mas começando por es, dizem que assim se chamam as pessoas que percebem da natureza mais do que os cientistas porque distinguem e sabem as cores e os cheiros, os sons, fechando os olhos. Os que gostam de falar com as sombras e a agitação do reino vegetal, o marítimo, enfim, tudo o que se vê e ouve. Opiniões sobre tudo. Como o Folhas, senhores, ou alguém lhe tira essa capacidade? Aliás, todos sabiam que se levantava antes de a manhã romper para gozar da solidão e do frio, arrefecendo o corpo sentado na areia, Rosária. Pergunta ao Edmundo, ao Inácio João, ao Rui Seladinha. Sabes que há pessoas que estão acima do corpo, embora às vezes pensem nele. Tinha explicado Sebastião Guerreiro fazendo justiça ao seu amigo, às vezes tão mal julgado, e recordando os primeiros dias quando fora encarregado de transportar as peças de dentro do camião frigorífico, como que blindado, para a recebedoria da despensa. Tanto esforço, my god. Por que diabo me olha assim o fininho? Tinha perguntado vendo-o especado na sua direcção. Olha-te, homem. Está a ver-te os músculos que tens nos braços, ó grande valentão. Gente como essa adora ver a estiva.

E mais. Então esse senhor Folhas não olha para elas? A princípio disseram que não, que o esteta bebericava

sozinho, todo de seda bordada, diante de mesinhas de verga, e que não precisava. Muito más-línguas. Que fornicava com a fama e o proveito feitos mulher, arregalando-se a si mesmo pelo cheiro do perfume que punha atrás das orelhas. Escusava de ter a chatice das conversações sobre o donde vens, para onde vais, onde nasceste, o teu pai batia-te? Mas depois Sebastianito Guerreiro veio a saber que nada era assim tão simples. Nem o que se dizia nem o que parecia.

Que nada era assim tão simples.

É verdade. Foi por acaso, e não valia a pena contar-se pormenores a Rosária, apenas o necessário para poder fazer uma ideia. Foi por acaso que Sebastião Guerreiro deparou com a surpresa. Ainda os espreitadores se contavam pelos dedos das mãos e os lugares de poiso não tinham sido explorados nem hierarquizados por antiguidade. Isso foi depois. Também Sebastianito ainda vivia de serviço aos carregos, às vezes enormes e pesados que alombava aos ombros. Meu deus, um dia hão-de vir as flores. E Sebastião Guerreiro descia pela embeirada da falésia a ver, aí ficando umas horas, quando certa vez surpreendeu o Folhas na areia com uma mulher a quem agarrava pela cintura, vestia, despia, ficando ela nas várias posições de pessoa em pé e pondo-a ele depois, de borco, em figura de estátua caída. E não acabou por aí. Aliás, todos viram, os que se punham a essa hora da manhã a espreitar. Não é segredo nenhum, Rosária. Que durante vários dias continuou um tira-virote de despede-te e veste-te, até que Sebastião Guerreiro e os outros se cansaram de

tanto observar a mesma coisa. Ça suffit. Acabou por dizer Simão Rosendo ainda longe de ter o seu pósto definitivo. Caramba, que nem quando a punha na posição horizontal e lhe fechava os olhos com os dedos se via coisa que merecesse ser vista. Podíamos voltar descansados que não perdíamos nada. Aquele, para concluir, era incapaz de atravessar uma mulher mesmo de encontro a uma rocha. O.k. Vamos andando. E passada uma semana desapareceu aquela e voltou outra semelhante à primeira, mas mais sensual de beijo. Rosairinha. É desta vez. Pensou Sebastião Guerreiro, prestes a deixar a estiva da descarga. Mas como no primeiro assalto, nem ele nem ninguém conseguiu ver nada digno de menção. Era um despe-te e veste-te. Anda e mantém-te queda. E assim se sucederam muitas e várias que iam e vinham, todas parecidas, porque, sendo altas, apresentavam-se pequenas de ser, sumindo-se pela cor da areia. Tantas eram as ordens dele e tanta a vontade que elas tinham de lhe obedecer. Sumiam-se, embora às vezes viessem vestidas de vermelho e fizessem levantar os pássaros do mar à sua passagem. Concluiu-se de novo. O tipo é mas é ruim. Nunca assisti a uma coisa destas em marselha, caramba, e se vi casos. Porque não há homem nem mulher que goste de se meter na água em fevereiro e de lá sair, para secar as roupas não pela força do sol mas pela força do vento que sopra, coitadinhas. Vêm e vão afinal para se constiparem. Até que num outro dia, em princípio de março, apareceu como que contratada por um guindaste, uma mulher da cor da noite.

Da cor da noite?

Disseram a Rosária que sim, quando ela fez a mesma pergunta. Sim, da cor da noite mais escura, minha filha. Tinha as pestanas reviradas como se não tivessem nascido para lhe proteger o globo que por sua vez se apresentava fundo, branco e leitoso, sendo a íris, esta bola do olho, preta e líquida como uma ideia de pego, Rosária se visse. O pescoço era alto como gazela de mato. E a boca, a boca ancha e carnuda lembrava uma rosa de carne. Não. Disse-se. Uma explosão de granada, recoberta porém de uma pintura vermelha, metalizada, como um incêndio, precisamente da cor das unhas que ela cravava e descravava na areia fria da maré descendente. O lugar do cabelo coberto por uma relva de granité, era da cor da pele e formava um todo. As roupas tinha-as talhadas às tiras e via-se-lhe por entre esse fruto franjado um assento de nádegas duro e uberoso, como um selim de bronze. Era um objecto de ébano animado por um sopro de folhas como um vegetal. E os espreitadores, os que tinham feito a guerra colonial como o Garciano e o Quinas, pensaram. Que devia ter nascido numa zona faminta de mar, porque se virava para ele Fomo única personagem naquela história. E o Folhas? O Folhas metia-a na água. Tirava-a da água. Vestia-a e despia-a na areia. Sebastião Guerreiro e todos os espreitadores atentos como se procurassem naufrágio, é agora, é agora é agora. Mas nunca resultou. Até porque quando ela ficava despida nunca ficava nua. E os que tinham conhecido o peso das armas de fogo ao ombro e à barriga. Em vez de erva e lama, capim e matope. O inimigo é todo aquele que virem pela frente, marchando contra, bravos soldados do meu pelotão. Esses disseram para os outros. Espreitem bem por este buraco de rocha.

É um portento de beleza essa que aí vêm só de uma cor. Por alguma coisa corremos riscos e andámos de navio até ao enjoo. Aprendemos a compreender as coisas raras. Aprendemos ou não aprendemos?

E se não fossem os testemunhos unânimes e coincidentes dos espreitas daquela barra, toda a tripulação do Alguergue. Navio aterrado de uma viagem com a bandeira de tantos países, e conta-as com o teu dedinho, Rosária. Ter-se-ia julgado que o Folhas se comportava nesse tempo como antigamente o rei salomão, vendo-o subir e descer atraçalhado a elas. Que rei salomão? Só que enquanto esse tinha tido quinhentas todas ao mesmo tempo, Augusto Folhas tinha-as umas a seguir às outras, mandando-as de volta, arrepiadas de banhos e de frio para as casas delas. O que pretendia afinal o gajo? Não me venha agora com coisas dessas, senhora Valentina, que eu nem percebo as intenções. Mas Valentina Palas também não tinha nada que fazer e ia dar esse passeio com Sebastianito, para andar um pouco, arrastando os pés.

Das copas dos pinheiros desprendia-se uma chuva de gotas, o sol brilhante depois da poalha de água, e Sebastianito parava de vez em quando, remordendo a vida interior, por uma vontade de amealhar uns tostões, vender qualquer objecto como o relógio, o pick-up, a telefonia e meter-se num avião, como às vezes marlon brando fazia, senhores. Chegar a Inglaterra e perguntar por miss Laura e pelo animal, esperá-la ao fim da rua, à esquina de casa, e quando ela fosse a entrar, Sebastianito não sabia ainda se lhe diria simplesmente

eis-me, se pelo contrário, deveria deixar os olhos encherem-se de fúria e despeito para lhe amassar a cara com as mãos. Miss Laura era mais alta, e estava-se a ver na trajectória do impulso de baixo para cima até lhe chegar à cara. Toma, toma. E miss Laura caída por terra, caramba, pedindo-lhe desculpa. Entrariam na linda casa de miss Laura e haveria tempo para as devidas explicações. Tinha visto tanta volta o mundo dar nos filmes, as pessoas encontrarem-se definitivamente depois de perdidas, outras vezes perderem-se depois de se encontrarem, embora o seu caso fosse sem dúvida o primeiro. Sebastião fazia três passos e depois parava. Não, não era bom descarregar a tristeza da ausência daquele modo. Miss Laura pertencia ao grupo de pessoas que no sentimento eram passarinhos no voo, e ele conquistara-a pela brandura de ser que lhe havia mostrado. Nem nikias, nem paco e nem vicenzo, meus amigos, senhor Folhas. O Folhas até lhe chamara o epaminon das do amor naquela tarde. Assim não. Talvez miss Laura se pusesse a gritar, uma vizinha chamasse a polícia, a polícia viesse e o metessem num carro celular, muito algemado, para o interrogarem, como às vezes nos filmes. E se calhar até troçariam dele quando tivesse de confessar que agredira for love. For love. Estava a imaginar o rosto de miss Laura a fazer-se de frio e acusador e uma grande dor de cabeça amarrava os olhos de Sebastianito contra a paisagem. Estou a ficar lixado com tudo isto. Olhava bem em redor para se desprender de si e a erva que crescia ia pegar-se com a vista do mar, não sabendo onde começava uma cor e terminava outra, daltónico de pensamento. Tou. Tou mesmo lixado, para falar depressa e bem.

Lixada estou eu que já me disseram e eu acredito. Que vou parir uma Valentina igual a mim. Cada parte do meu corpo precho de outra de tão cheio que anda, Sebastianito, e tu a queixares-te de coisas com remédio. Com remédio? Então compara que foi há dias. Leonardo tinha conseguido um pargo. Baixava a voz para que nem os breves fenos ouvissem. Que lindo pargo Em trinta e cinco quem reparava num? O frigorífico deles trouxe-o bem embrulhadinho num papel, por causa do cheiro. Tirei-lhe a buchada

muito pouca tinha, apesar de bem amanhado por Tudo pela boca do peixe. Enfeitei-lhe o rabo e a cabeça, e o pescado luzia, luzia, luzia. Cheirava mesmo a mar. Quando pus o nariz dentro da barriga do peixe, ouvi até as ondas a baterem como um búzio. E ainda disse. Cheirando este bicho, apetece vestir a banheira e ir nadar, Leonardo. Só que me vou esmerar no assado e tudo só para ti que o porque eu não tenho tenção de o provar tampouco. Mas Leonardo, o meu marido, parecia adivinhar. Dizia Valentina mancando um pouco pelo peso do bojo. Não hás-de, não. Não hei-de, não. Pois lá fiz tudo muito picado, migado miudinho, de salsa, pimentão doce por cima, tudo encarnado. E ao fim. Leonardo, come sozinho, homem, que o malvado do assado dá-me ganas de despir a roupa para esquecer a cintura. E ele que gosta dos meus temperos, arregaçou as mangas e atirou-se logo à cabeça, chupando polpa a polpa, espinha a espinha e todos os ossinhos, até à bola branca dos olhos. Mas o rabo não lhe tocou que o peixe era do tamanho deste braço, e tinha vindo até de fora. Eu Sebastianito, fechei os olhos e meti-me na cama. Resiste, resiste. Valentina. Me dizia eu. Pensando no que

me contou e me mostrou o Folhas. Que um dia lhe tinha aberto uma grande revista com letras a preto e fotografias a cores. Isto é para si, para ver esta diferença. Sentando-se ele de pernas cruzadas, rescendendo 'a perfume de feno. Pus os óculos de costurar. Olhando bem via-se de alto abaixo as fendas de uma terra seca e pareciam elas tão largas, tão fundas e tão compridas, que as pessoas que por lá andassem teriam de ficar cercadas por esses rios de nada e aí morreriam. Porque não havia pontes nenhuma entre as lêvedas por onde se pudesse passar. E depois, virando a página, havia meninos. As mirras de uns meninos que morriam com os olhinhos maiores que a cara de tanto desejarem o mantimento. Lembravam coisas fetos antes de nascer. E em seguida, virando ainda as folhas, Valentina com os óculos de costurar tinha enxergado as vacas. As vacas que morriam junto dos meninos para que os meninos lhes atirassem dentadas e ainda vivessem. Mas diziam as letras. Que nem esses vacuns generosos conseguiam chegar às bocas dos meninos, nem os meninos se endireitavam sobre as pernas para chegarem aos vacuns da outra página. Oh pobre gente, pobres vacas. Tinha dito Valentina Palas perguntando se era verdade ou desenho. Não se tinha esquecido, impressionada com a certeza de ser verdade. Só que a princípio tinha abatido dez quilos a pensar naquele mistério das vacas que queriam dar o lombo vivo às crianças e as crianças que queriam comer o lombo das reses sem que umas chegassem ao pé das outras. Mas que de tanto pensar nesses tristes quadros, tinha ganho a indiferença da habitação. Já aquelas figuras não lhe diziam nada, e por isso, naquela noite em que Leonardo lhe trouxera o peixe

tinha pensado consigo. Vou dormir. Mas não haveria de ser assim tão simples. Contava. Que já no meio do sono tinha começado a sentir-se apanhada pelo nariz como se as duas argolinhas de oiro que trazia nas orelhas estivessem presas das narinas e por aí mesmo a puxassem duas cordas de cheiro, muita força, muita força e ela a ir. Contava. E agora, Sebastianito, pela calada, nem tinha sido preciso acender a luz. O desmazelado do Leonardo havia deixado a travessa em cima de um balcãozinho, e luzia o rabo do assado como se estivesse a arder uma lâmpada vigia por cima. Sebastianito. Dizia Valentina Palas pondo a vista na herbagem verde que ondulava sob a mão do vento. Eu a querer fugir e os olhos daquele rabo fitos em mim. Eu a esconjurá-lo. Que tenha pernas não me apanhe, tenha braços não me agarre, a lembrar-me das gretas da terra, das vacas só com chifres e arca de costelas, e das crianças só com olhinhos e ventre, chupando os dedos, e a dita polpa fita em mim. Rogai por nobis, dizia eu. Mas o peixe era o peixe e chamava-me com a voz dos temperos e das batatas. Até que eu disse, Sebastianito, toda encharcada em suor. É assim que desejas? É. Me disse a es pinha a mostrar-se no meio da travessa. É. Abaixei-me por cima da bancada e foi em três tragos. Porque eu resistir resisto. Mas não sei a quem fazer a vontade. Se a mim, Valentina, se ao querer dos mantimentos. Também tenho pena de não lhes obedecer, meus amigos. Ai de mim. Rebentando em soluços e pedindo grande segredo pelo desabafo, falando agora de novo para dentro das mãos com receio que alguém ouvisse. Sebastião Guerreiro compreendia palavra aqui, palavra ali, desprendido daquelas repetições. Ele, o verdadeiro herói

da estância, junto da erva onde balia a nova cabra dos Joanos, a ouvir as loucuras de Valentina Palas que falava das coisas do tempo de Belisanda Maria, tão ida tão ida, de um tempo tão parvo que se tinha de riscar da memória. Ai credo, senhores.

Tanta coisa e queríamos os olhos de Rosária. Os pensamentos, os gestos de Rosária. De outra forma, que sentido para este testemunho?

Bom. O cesto costumava pô-lo ela diante das pernas, sentado quase sobre os pés e cobria-o com uma toalha

O cesto costumava pô-lo ela diante das pernas, sentado quase sobre os pés e cobria-o com uma toalha de pano fino, como se aí estivesse qualquer coisa que dormisse. Esbraseava o sol, e Rosária parecia pensar que pela força do calor a areia se poderia transformar numa coisa dura e transparente, desde que houvesse um sopro

O cesto costumava pô-lo ela diante das pernas, sentado quase sobre os pés e cobria-o com uma toalha de pano fino, como se aí estivesse qualquer coisa que dormisse. Esbraseava o sol, e Rosária parecia pensar que pela força do calor a areia se poderia transformar numa coisa dura e transparente, desde que houvesse um sopro. Depois seria só moldar um jarro ou outra vasilha por onde beber ou pôr flores. Ajeitava então a mercadoria e elas vinham ver. Destapavam por cima da asa, às vezes sem pedir licença, escolhiam, pegavam, levavam-nas embrulhadas em papéis vegetais que Rosária fornecia e iam comê-las, debaixo das sombras, pequenos rectângulos de areia mais escurecida um pouco. Deveria ver comê-las,

segurando-as elas com as mãos e dando a impressão de que não chegavam a morder com os dentes, limpando logo as bocas com os lenços que tiravam dos sacos de pano cru, onde traziam o vermelho da boca, o pincelinho dos olhos. E era assim. Rosária ficava a ver. E sentindo-se vestida e trajada daquele modo, ali sentada no meio da areia, fazia rolar grãos mínimos por entre o papo dos dedos, e deveria sentir-se uma estátua de cão entre os humanos. Não, não era pelo desempenho daquela função. Era por parecer que entre as outras pessoas havia uma rede invisível que as unia em algum propósito comum, ali junto do mar. Menos ela. Mas quando a sombra da rocha começava a escassear, porque a dado momento o sol colocava-se mesmo sobre o pino, deixando apenas uma ligeira nesga de areia protegida, já Rosária tinha o cesto vazio e a tenazinha de metal de garras muito unidas dançava no fundo, recoberto de papel transparente. Por essa altura ainda o homem que sempre chegava pela estrada larga, a larguíssima, incompleta de comprimento, com uma caixa a tiracolo, como de firma com alvará e escritura, apregoava as suas de sombra em sombra, de toldo em toldo e de pessoa em pessoa. Chegava até a ir tentar os clientes do Alguergue, gente que não sabia enxotar, mas que permanecia indiferente ao estímulo da visão dessas coisas. Era mesmo capaz de arregaçar as abas das calças para fazer oferta do produto dentro do mar, o homem. Mas as que esse velho vendia a toque de pregão, pareciam mais velhas do que ele, porque eram castanhas, sem creme, escorrendo azeite e bedum. Às vezes uns pozinhos de areia gritavam mesmo debaixo dos dentes de uma pessoa como verdadeiros calhaus de praia. Só as que

Rosária vendia, pelo contrário. Ligeiramente achatadas, empoadas de grão de açúcar, sempre deixavam escorrer do seu entremeio uma língua de amarelo, coalhado mas líquido, quase transparente, espelhado e deslizante, promessa de salivação gostosa e doce. Dentro do cesto. E essas línguas de creme, Rosária dispunha-as todas para o mesmo lado, saídas dos redondos. A qualidade do produto é que chamava. Venham ver.

Uma estátua de cão entre os humanos. E sempre mantinha o avental.

Mantinha sim. E havia gente e gente e gente, tanta gente igual indo e vindo, dormindo de barriga para baixo e para cima. Umas com uns umbigos de nó à vista como orelhas e outras de umbigo fundo, como espetada de dedo. Tanta gente deitada a secar ao sol, e o pai dela nuns barquinhos de ora em pé, enfunando as velas com um arco de equilíbrios, ora com as mãos nos motores. Brrrrr. Pela água fora. Via-se de onde estava. Escrevo-lhe esta carta, minha mãe. E ele tinha-lhe dito no dia imediato a chegar, depois da conversa com o tal Augusto Folhas. Enquanto trabalhamos, Rosária, é como se não nos conhecessemos, minha filha. Em todos os sítios do mundo é assim, desde que se seja empregado a sério. Eu, Sebastião Guerreiro, indo e vindo, e tu ficando e escondendo o dinheiro na carteira e no avental. Por isso nunca deixar cair na areia, que as moedas têm um grande gosto de se enterrar por ela abaixo, para ficarem ferrugentas e perderem o valor. Eu indo e vindo. E tu nem olhando para mim a não ser de longe, e sem aceno nenhum. Assim, ao terceiro dia, Rosária só conhecia o

seu pai, de resto ninguém, afora aquele cavalheiro que passava, mas todos a irem e a virem, a passearem e a levantarem os pés. E ela ficando ao sol. Minha mãe, resolvi escrever-lhe esta carta. Só depois, entre os sussurros das ondas e os passos abafados dos que pisavam a fofidão daquele terreno junto ao mar, apareceram dois meninos chamados ambos Joãos, que levantaram à sua passagem uma revoada de areia. Felizmente que Rosária tinha o cesto coberto por cima da asa, e não chegaram a prejudicar a venda. Mas era como se fossem seus inimigos e quisessem declarar guerra, os malvados, todos salpicados de sardas na cana do nariz, uma perna fina de aranhão em tempo de limpeza, e fizeram cambalhotas acrobáticas desejando pôr seus calcanhares movediços nas borlas de berlim, o raio daqueles meninos. Rosária sem saber o que fazer. Minha mãe. Só depois é que plantaram as bocas mudas diante do cesto com todo o descaro do queremos comer. Toma e toma, e eles pegaram nelas com as duas mãos e fugiram de Rosária para muito longe, consumindo-as de costas e olhando às vezes para trás, desconfiados de qualquer pássaro. De resto os dias passavam e não conhecia ninguém.

Perdão. Às vezes Augusto Folhas de quem tinha conhecido o nome, também se sentava na areia junto do cesto, mas não para comer, e nem valia a pena destapar a asa e mostrar como eram frescas. Antes parecia ter ele bebido um copázio em jejum, cheirando a perfume, e de bloco em punho como se ele é que quisesse escrever uma carta. Depois e de resto todas as pessoas vistas dali pareciam desligadas umas das outras, era como se não

houvesse famílias, e constituíssem bandos, o que contudo não era verdade. Acabava por se compreender uma ou outra ligação quando se ouvia uns chamarem pelos outros, alongando as sílabas. Cipriano era o nome de um homem muito velho que tinha um barco com dois remos, despintado das invernias e do bater do mar. O que empurrava o barco era o manejo desses remos, movidos pelos braços do Cipriano, como se tivesse um motor a óleo na caixa do peito. Conduzia-o muito bem. Mas às vezes as mulheres que tinham touca na cabeça, de flores e também de borracha, por causa do seu penteado, viam vir o barquinho do Cipriano e eram obrigadas a nadar para outros sítios e contra as ondas. Tudo ao sol que fazia, tão brilhante. Elas andavam em cima de um colchão também de dormir. Minha mãe. Vou escrever-lhe esta carta. Uma vez o barco trazia pesca, sobretudo uns charrocos malandros de grandes bocas abertas e rabos curvos da posição. Chamava-se aquilo desmalhar, que os cabrões abocanhavam as redes. Os Joãos a verem para dentro o que trazia o Cipriano no barco, e o Cipriano com uns vincos de rosto na cara tal e qual Pai Patroços que tivesse muita saúde, lembrando a pele dele uma folha de couve-lombarda, de tanto rego de ruga. Fora do vento, da chuva, do sol queimante, da acção de uma filha que ficara por lá. Escrevo-lhe esta carta, minha mãe. O homenzinho mudo a fazer o seu serviço de arrumação como se ninguém ali estivesse à volta a ver, mas até os banhistas se aproximaram para cheirar a guelra e a própria Rosária levou o cesto vazio e foi olhar. E uma criancinha disse. Is he a sailor, father? Essa criança tinha o cabelo da cor da gema do ovo quando muito batido com açúcar pilé, como para

gemada. Yes, he is a brave sailor. E aí o senhor Folhas que era o tal que se vestia com uma opa de turco e cheirava a incenso, se levantou e se produziu uma cena ali no meio da praia. Escrevo-lhe esta carta. Como se todos os presentes precisassem de aprender geografia mas de urna outra maneira. Minha mãe. Estou a escrever-lhe uma carta. Porque nunca isto tinha sido uma pátria marítima, antes uma nação lacustre, o que significava de lago e de pego, e que só quem não tivesse viajado pensaria de outro modo. Porque vissem. Rosária via. Um lago era um sonho do oceano. Era um sonho. E nós que julgávamos estar cercados de água, na verdade não estávamos e era tão ilusão como fugirem os montes pelo nosso andamento veloz. Que grande falsidade. Aí muita gente se pôs a rir embora olhassem os peixes do barco. Rosária a ouvir e a ver. Que o Folhas queria demonstrar e garantir que vivíamos à volta de água e não o contrário, todo empenhado na demonstração. Que coisa mais louca. Disseram. Onde é este? Reunidos à volta dos gestos de Cipriano a tirar a água do fundo do barco com urna medida de quartilho. Zus zus. E Rosária nunca chegou a rir. Minha mãe. Assim lhe ensinara o senhor padre Sequeira, seu padrinho, a exemplo de sãozinha morta em graça, e até porque não havia um conhecido com quem trocar um olhar. Rosária tinha mas era o cesto vazio na mão. Então o mar não vinha assim e assim, e depois não fazia urna voltinha nesta direcção, a leste a espanha? Já não falando do império que tínhamos perdido além-mar? E é você pintor? Minha mãe. Oh porra, então também nega peneda, soajo, gerês, barroso, larouco, marão, montejunto, montes hermínios com suas neves eternas e o poço do inferno? Até que algumas

peessoas todas só cobertas com pedacinhos de licra a apertar as coisas do corpo, puseram uma cara de piedade como se quisessem dizer coitado. Minha mãe, escrevo-lhe esta a fim. E um rapaz de uns vinte anos cheio de garbosidade mandou o senhor Folhas para aquela grandessíssima parte, rodando o indicador de encontro ao tímpano da cabeça em sinal de loucura. Duas vezes e duas voltas para indicar que já estava o Folhas bem passado. Minha mãe. E toda a gente começou a abalar, mas com um riso largo de muita vizinhança acontecida em torno daquele discurso, falando de toldos para toldos pela primeira vez desde que Rosária ali desempenhava a função. Só Rosária a olhar para o senhor Folhas e o senhor Folhas a ver Rosária de cesto na mão. E disse só para ela. Tudo isto é uma faixa bordejante à beira de água. Tão à beiriinha, que além já nem os peixes são nossos. Estamos. Estamos circunscritos pelo desejo de vir a ser. O Cipriano subia a encosta de areia que o levava a casa como se arrastasse uma corrente marítima atrás das pernas e procurasse uma trégua. It's a brave sailor, my son. O mar tão azul tão azul, que as flores de congossa junto dele pareceriam desmaiadas. Aí Rosária sentiu uma grande bola de cuspinho subir-lhe e descer-lhe na garganta. Minha mãe. Resolvi agora escrever-lhe esta carta. E os dedos das mãos esfriaram-se-lhe sobretudo nas pontas como se tivesse vindo de nadar e a água estivesse gelada. Compreendes, pequena? Rosária compreendia tudo tão bem que não conseguia mover-se de junto do barco e se sentou nele a querer partir. O que iria responder Rosária a Augusto Folhas, crescido por aquela conversa inexplicável. Inexplicável? Sim. Mas sentia que havia um

roubo a partir de dentro e uma vontade de o dizer, um pedido de socorro. Então disse. Por isso lhe escrevo esta carta. Minha mãe. Disse ó que podia dizer com o cesto nas mãos e vestida até muito abaixo dos joelhos. Escrevo-lhe, escrevo-lhe esta carta. Agora Rosária não sabia o que sentia na areia, só que o mar lhe fazia uma dor de incómodo dentro do coração. Apetecia-lhe imenso largar o cesto e pôr-se a correr até uma rocha onde alguém lhe fechasse os olhos com um então boa noite. Minha mãe. Minha mãe. Havia famílias sim, por exemplo os Joãos eram netos do Cipriano e vinham buscar as bolas que estavam ali. Muito triste andava Rosária. A franja cobria-lhe a testa inteira nesses primeiros dias de venda na praia, uma cortina que se prolongava cara abaixo até aos ombros.

E manteria a gola de pintas sem resíduo de caspas.

Sim, e mesmo que não mantivesse. Até brueghel que tinha pintado os feios, glutões e desditosos não se lembrou das caspas, resta saber se por falta de pincelinhos adequados, se por outro motivo. Mas enfim. Rosária passava a tarde de calor a cuidar da gola, essa era a verdade. Só que voltando atrás, talvez se entenda melhor. Todos sabíamos que a casa da Redonda tinha um arco de cantaria para a porta onde apetecia pelas tardes pôr-se uma pessoa a ver cair o sol de encontro ao pó que o vento levantava consigo, e aí encostar a cabeça para os sonhos. E uma vez Sebastião Guerreiro, a propósito de uma certa discussão de conversas e em dia de folga, havia dito em casa, agitando contra o costume, o seu olho manso de onagro saudoso. Desarruma-te daí da

cantaria, embasbaque. E à merda essa leitura, à merda a paciência, à merda esse gastadoiro sem proveito. À merda essas caminhadas a casa de um padre que já devia ter desaparecido há vinte anos, e só para me iludir. Que se enloque tudo isso em trampa de cão fêmeo. Rosária surpreendida com o ímpeto de Sebastião Guerreiro, tido por Cagaça. Na praia faria esta moça money. Money. E olhava em seguida para o lado do mar, uma risca de azul, terra prometida. Santanita tinha interrompido uma tarefa para vir escutar e dizer. Nem parece que te chamas Sebastião Guerreiro Cagaça. Desconheço-te. Mas eu também mando, e depois de tanto exame feito não vai Rosária desistir, não senhor. Que é isso de monim, meu menino? Santanita gasta até ao mais pequeno ossinho do esqueleto, por uma espera, minhas amigas, um regresso dele. Agora sim, agora sim, deixaste ir menina, o passarinho à rede. Agora sim. Que é isso de monim? Mas aquela ideia de ilumínio deve ter ficado a bailar na cabeça de Sebastião Guerreiro, que no dia de folga seguinte, encostado a um poial, baixou o som da telefonia. Está provado que a bola de berlim é o rei dos bolos. Comem-nos que eu bem vejo, com a boca por dentro cheia de cuspinho, ainda que estejam por fora sempre a limpar os lábios. The lips. Mas Santanita, como que picada por um tavão venenoso, levantou uma feira de dúvidas. Onde a farinha, senhores? Onde o dinheiro para ela? Onde aprender a peneirá-la? Onde amassar? Onde levedar? Tender e fritar? E onde vender? Ah não, meninos, antes vê-la a definhar atrás daquela janela do que sabê-la a fazer de lacaia de avental apregoando bolas de berlim à beira de água. Os outros de bucho cheio a mergulharem-se e a esfregarem-se, e a minha

filha aparvalhada a oferecer a venda. O que fazes tu ao dinheiro das fotografias, ou não tens parte? Rosária desencostava-se da cantaria para ouvir e Sebastianito Guerreiro desapontado com tanta desactualização. Custava a crer que estivesse ligado por casamento e procriação a uma mulher que pensava assim. Mas no final desse junho, já os caminhos da Redonda largavam um pó branco à passagem de uma pessoa, e as cigarras cantavam um fadário de gres gres pelos ramos, quando Sebastião Guerreiro apareceu de táxi, muito apressado. O que é isto? A casa da Redonda tinha agora um caminho tão longo que Sebastião todos os sábados ameaçava não voltar de tanto enfado. O que é isto o quê? Ó homem, julgava-te incapaz de uma pressa. Sei que vives agora especado durante a semana desde o amanhecer só para ver crescer as fervas da erva grama, e julguei. Palavra que julguei que vinhas apagar algum fogo. Faltou-te alguém que te prometeu lave lave para esta noite? Mas Sebastião Guerreiro não ligou à ofensa porque trazia ele o caso resolvido. A receita, a casa, o caldeirão, o cesto e a tenazinha de metal com dois buracos para pegar, estava tudo resolvido. Tudo tudo. Era só preciso uma nesga de indústria da rapariga. Ability, my dear. Ability. Tinha o segredo do como, do onde e até do quando. Do how much, my dear. Que se fizesse ele da cor daquele táxi que o tinha trazido se não trouxesse ela, no fim de setembro, dez contos de réis limpos e secos para casa. Embora a mulher tivesse dito. Qual mai dia nem qual mai dia. Ai mas é dela. Pobrezita que terá de apregoar a mercadoria como arrieiro de peixe. Não tens a minha aprovação nem que fales inglês até à noite. E fechou a boca por algum tempo, como se viesse a

caminho uma verdadeira peste suína para abater a família. Mas Rosária, que veio depois começar a sentar-se à sombra da rocha cor de ocre desmaiado de amarelo, o cesto diante das pernas, achou que pela primeira vez deveria intervir. E encostou-se mais à cantaria a olhar para a tira do mar. Santanita de vez em quando levantava a vista para espiar o sentimento. E Rosária era como se dissesse. Sim, para que serviam as idas e as vindas a caminho da casa do senhor prior, seu padrinho? Como se dissesse. Foi mesmo assim. Mas os irmãos também deram as suas razões, olhando de lado Sebastião Guerreiro. Não me digas, mana, que daqueles livros que se compraram só se aproveita a vista, todos ali enfileirados dentro do guarda-loiça. Ah punhão. gantanita atacada de um melão raivoso contra aquele projecto tão pressuroso que merecia táxi. Vai desnaturada. As rugas de toda a cara a caírem sobre a boca. Quer o pai de vocês que os filhos paguem com juros e jurinhos de mora, a lazeira do seu corpo que não vale um traque. E era como se todas as lágrimas reprimidas de esperas fizessem umas cascatinhas cantantes, cara abaixo. Nasceu para pelador de batata, espremedor de tomate, sachador de jardins e cagadoiros. Porteiro e mandarete de recados. Ofícios de ser canino. Onde se viu? Sinto-me morrer por dentro. Ninguém do meu tempo mereceu tanto infortúnio. Mas Sebastião Guerreiro armou-se de paciência. Calm, calm and pacification. Na casa da Redonda já pouca gente havia para escutar. Calm and love. Não precisa amassar, nem esperar que levede, nem bater os açúcares em ponto, ó mulher desactualizada. Só tem de estar levantada às sete, penteada às sete e dez e

esperar na estrada que lhe dêem o cesto pelas sete e meia da manhã, de cima de um camião.

E aqui se unem os dois pontos.

Exacto. Porque não vinha ela pela hora de calor ouvir falar? Todos andavam muito ocupados, mas ainda havia quem não deixasse emudecer-se-lhe a língua de silêncio, caramba. Tinham-lhe dito assim, que a água salgada fazia sarar as espinhas da cara e que não espremesse, que senão era uma multiplicação delas, minha mãe. Escrevo-lhe esta carta. Assim fez, mas o ar do mar assanhava-as mais ainda. O cabelo era preto e teso e se o apanhava, ensebava-se, se o deixava solto, espetava-se no arco das orelhas. Uma vergonha. Escrevo-lhe esta carta. Também disseram que para o buço havia um creme que era só pôr e esperar que arrancava tudo de uma só vez. Chamado taky e produto francês. Minha mãe. Mas Rosária não sabia que fazer. Rosária via os que passavam, mortificada de ideias, com um sentimento pela casa que lhe acenava de andas e vens, muito doces, minha mãe. Escrevo-lhe esta carta. Às vezes Edmundo, que também era pequeno, trigueiro, borbulhoso e ainda no bar da praia. Depois é que passaria ao grill para ouvir o Maurice César, perdão, João Fernandes Pereira, chamado Maurice César por tocar no Steinway de cauda. Edmundo trabalhava no bar da praia e passava a fazer um prolongado psssst. E do psst passava à compra de uma bola só para meter uma conversinha de então, como vai isso, até logo. Outras vezes ficava parado a vê-la. Mas havia os que diziam entre dentes. Tens ou não tens no entremeio um choiricinho de carne? Ou ainda

não se viu a menina? Minha mãe. Rosária olhava então o mar como um naufrágio e desejava que viesse o barco, viesse a criança cor das gemadas, viesse o Folhas e viessem todos os veraneantes para se sentir acompanhada por conversas de opinião, no fim o Folhas a conversar de ausências só com ela Minha mãe. Sãozinha por cima da cama na casa da Redonda a rir tão santa e tão feliz, rodeada de anjos. Minha mãe, sãozinha não tinha cabimento ali. Na praia a claridade era tão intensa e tudo tão despido que qualquer santo queria ser violado mesmo depois da canonização. Minha mãe, minha mãe. Ainda um dia destes deixo o cesto no meio da areia, e me vou andando a pé, até chegar ao portal da nossa casa. Se for de noite eu bato.

Miss Laura posteriormente é que viria a ser delicada de gestos e explicações, apesar de se dizer dela que de dia deveria engolir uma dúzia de garfos de altivez, grande soberana ditando a distância. Mas isso diziam apenas os invejosos de Sebastião Guerreiro. Quando a miss se apercebeu do parentesco de Rosária com mister Sebastian, e tudo por culpa de Rosária, fez a miss uma boca. Os dois boy-friends acabados de abalar no grande rover cor de prata. Bye bye. O sol a ir. Também o cão Fly era tão estranho a Sebastianito que parecia ignorar o cheiro de quem tinha sido eleito seu amestrador, não erguendo um só pêlo de cauda à sua aproximação. O cão se não era rei, era príncipe de todos os cães. E ela disse com as brancas mãos o que ia indicando com as palavras. Feios com feios, raquíticos com raquíticos, coxos com coxos, manetas com manetas. Zarolhos com zarolhos. Isto é, mister Sebastian. Ugly and ugly. Rachitic

and rachitic. Crippled and crippled. One-eyed and one-eyed. Quanto muito. Do you understand? Que sim. E Sebastião foi explicando que Rosária era bonita, era rosada, loira, tinha os olhos até tão azuis. She was a very very, very pretty baby. Ah miss Laura. Depois, não sabia o que tinha acontecido. Sebastianito Guerreiro com um ar de comiseração como se aceitasse uma moléstia. Não sabia o que tinha acontecido, mas uma coisa era certa. É que não saía nem a ele nem à família dele. Belisanda Maria era uma verdadeira carina de romance e seu pai tinha um matagal no peito que metia respeito. O buço, o cabelo, a perna curta, tudo aquilo era do lado da mãe. After her mother. Mas havia contudo certo ponto positivo. Lembrava-se agora. E depois do grande encontro nocturno, Sebastião explicou a miss Laura que podiam falar à vontade mesmo diante dela, porque Rosária não entendia palavra. She can't speak english. Miss Laura.

Não sabia mesmo?

Sebastião Guerreiro qui explicar mas não sabia se miss Laura o compreendia, esforçando-se. Na Redonda havia um padre Sequeira e esse padre Sequeira tinha aceitado meninos desde que comprassem os livros e logo depois iriam fazer os exames. Era aquela a lista. E foram seis crianças, mas só Rosária tinha aguentado o interesse das ciências e da gramática muito difícil, dos livros sobre *grei*. Sim, miss Laura. Bastaria que Santanita lhe oferecesse uns ovos de galinha e uns pedacinhos de presunto curado, que ficava mal a um padre ter porco e chiqueiro no quintal por causa das moscas. Podia-se comer, sim, meus irmãos, menos às sextas-feiras. Pois

era de continuar a rapariga já que os outros possuíam a testa demasiado dura para se perder tempo com repetições. O padre tinha uma irmã que lhe trazia um chá a meio das tardes para onde ela ia emborcando açúcares. Sebastião queria explicar como era a miss Laura. Go on. Mais uma, mano? Sim, ainda mais uma. E depois desse xarope, costumava o padre Sequeira deixar cair as pálpebras sobre as faces, sobretudo por abril e maio, aí que abafado está. Mas vai dizendo, minha filha. Chegava a largar profundos sons de peito sobre as cadeiras e Rosária a dizer, a dizer de cor. Até que estava tudo dito, meu padrinho. E ele acordava. Minha filha, inglês não. Só the door and the window. O mundo comunica-se nas línguas da revelação. O hebraico, o aramaico e o latim. Verás, minha filha, que em breve vão aportar às praias gentes vindas do país do lácio. Por isso se canta com tanto fervor. Adeste fidelis. Venham todos depressa, fiéis. Rosária diante dos livros fechados ouvia a vozinha do padre seu padrinho entalado pelo cabeção e desviava a franja da testa. Entoa, minha filha, dizia ele fazendo do dedo batuta. Até que as datas das provas vinham pelo mês de junho quando os trigais já estavam maduros e o padre Sequeira sentia os suores correrem pelas costas como bichinhas de responsabilidade, e aí pedia-lhe ele com uma ponta de fúria, que imaginasse no espaço a combustão do acetileno. Do a ce ti le no. Com o nariz um tanto vermelho pela canícula. E a rematar as sete palavras capitais. Go on, go on. Diz, Rosária. Contra a soberba? Humildade, meu padrinho. E contra a luxúria? Castidade. Está bem dito. E contra a ira? Paciência. Contra a gula? Temperança. Contra a avareza? Liberalidade, meu padrinho. Contra a inveja? Caridade. E

contra a preguiça, contra a preguiça, minha afilhada? Contra a preguiça, diligência, senhor padre. Diligência, sim senhor. Vai-te embora, rapariga. A torre da igreja como um mostrador de lentidão parado.

E aqui estava porque não sabia ela. She can't speak english, miss Laura. Ou por outra, umas palavritas que chegavam a formar sentido nem dava para o entendimento de uma conversação. Realmente andavam a precisar de uma ajuda na limpeza. Tenho de falar com Mr. Hals. Ai como é que esta ainda não me tinha vindo à memória? Sou um homem cabeça-de-vento. Sebastianito tinha um calção de riscas como a pele das zebras, mas antes lembrava um domador de tigres. Pelo moreno do rosto e pela sobrancelha direita tombada sobre o olho, o olho no fundo a brilhar de precisão.

Rosária ainda.

Ainda Rosária. Que injustiça, se às vezes pela força do calor a sombra era tão curta, o sol tão redondo, tão brilhante e tão quente, que apetecia apedrejá-lo para mais longe. Sobre as pálpebras de quem tinha de estar até ao fim da venda, esse relógio de agulha variável, pousava-se um pesadelo de pequenas luzes amarelas que faziam lembrar desejos de adormecer com a mão sob o rosto, almofadinha de afago. Só a ouvir as ondas breves, os tegatés das conversas.

As ondas breves.

As ondas breves. Verás se ficares que aqui acontecem as coisas mais divertidas que imaginar se possam, e que

não passam pela cabeça de ninguém da Redonda. Verás se ficares. Tu gostavas? Tinha acontecido pelo mês de abril do ano passado, Rosairinha, só para veres como a terra tendia a ser uma festa de felicidade, tu se calhar é que julgavas que não. A propósito disso exactamente, houve quem se tivesse de sentar nos degraus do Alguergue para não cair de riso, as mãos amparando a barriga tremida por gargalhadas e tu nem poderias crer. Entre outros pormenores, já que ela tanto se interessava por Augusto Folhas. Imagina que um dia chegou à cozinha a notícia de que quem estivesse menos ocupado fosse num instantinho espreitar o que tinha chegado. Era de ver, meus amigos, porque tinha a verdadeira marca dos tais. E que tais? Para mim era um lindo homem, de perna longa, calça cintada à altura da virilha direita, olhos pestanudos e alongados como certas gazelas que a gente vê nos filmes à mercê das savanas. A visita. Tinha a visita também a cintura estreita e a anca fina, a meio da camisa um broche de metal e o peito nu. Para se entender já basta. Mas Zulmira Santos havia puxado de duas revistas e mostrado que entre o que viam e estava ali não havia diferença, nós é que não estávamos habituados a ver modelos ao vivo, nem a conviver com os célebres e viajados, parecíamos loucos mentais assomando as cabeças pelo átrio, dizendo ai ai, impando por uma ideia de gozo e pena. My goodness, que imbecis que éramos. Não merecíamos ser empregados de shopping, agindo assim, nem de coisa nenhuma. Que reparassem como a testa era alta, como o rosto lembrava um ser equídeo pela lonjura do cabelo e pela argola leve da venta, fina e móvel como se estivesse sempre em véspera de disparar um espirro. Equídeo? Os

dentes tão afinadinhos, tão regulares, o riso tão polpudo como de mulher sensitiva. mas rodeado de penugem cor de mel, o lábio vermelho sem ser pintado. E porque a barba parecia espontânea e clara, se visses, Rosairi nha, deixa falar, havia no seu semblante um ar de doçura adolescente que lembrava um artista pronto a desempenhar o papel de jovem conde enamorado. Era ou não era? Zulmira Santos tinha acabado por contaminar os outros deslumbrados. Aliás, o Alguergue estava tão tão deserto de visitantes desde o tempo do carnaval que era possível a gente fixar todos os pormenores, seus peladores de batata. A camisa também era de seda como se disse, e as mangas estreitíssimas colavam-se aos braços como uma outra pele, e sob o sovaco desenvolvia-se uma auréola de suor caloroso, alastrando. Rosária, se visses. Também deixava a descoberto o peito, esse não penujado sequer, antes brilhante como de cetáceo recém-nascido. Cetáceo? Parece que se untou com margarina, meus amigos. Disse Paulino Begango. Zulmira tão tão chateada. Quem não sabe que nas boas perfumarias há cremes de corpo chamados de body-milk, quem não sabe? My goodness. Zulmira passava a mão pelo cabelo anelado da sua cabeça, sentindo-se a pertencer a outro mundo pela compreensão das coisas belas e aceitação das novas formas de se amar uma pessoa. Que tara, my goodness. A visita, Rosairinha, a andar impaciente a meio do átrio, com um tacão que fazia pim pim como os dançarinos andaluzes, as mãos dadas atrás da cintura. Ai quando chegasse o Folhas. Até que chegou, e cada olho do seu ângulo pôde espreitar a alegria. Muito amigos, muito amigos, tão amigos, Rosairinha. A cara do senhor Folhas

parecia ir desconjuntar as feições na expressão de pura amizade. Olá, olá. E deserto de hóspedes, o Alguergue, era possível seguir a fina observação de quando se deitavam se se deitavam, do que comiam se por acaso comiam. O Quinas e o Serra a fixarem as idas e as vindas com a perícia dos antigos espias do mato colonial. Valentina Palas chegou a ponto de dizer a Rui Seladinha que quando lhe servisse o café lhes pusesse uns pozinhos de canela, meu filho, porque tinha ouvido dizer que essa mistura dava uma espécie de coragem a quem a bebia, então, Rosairinha, apuraram os espreitadores os cinco sentidos do corpo e da alma, rondando a praia. Só que no quinto dia apetecia já desistir, porque não se via diferença. O Folhas fazia com o loiro o que antes tinha feito com as mulheres que haviam surgido como pedidas por carta. Ou par un coup de téléphone, messieurs. Tinha lembrado Rosendo, o maitre d'hôtel, remirando o anel vermelho diluído que ainda lhe acamava o dedo. As chamadas dele eram mais que muitas e com quem falaria? Venham, venham ver que vale a pena. Os espreitadores, Rosária, faziam bicha de pirilau por cima da falésia. Attention. Dizia Simão Rosendo. E após um breve silêncio. Tout le monde par terre. Os espreitadores de barriga para baixo assestavam o olho e o ouvido. Ai nunca, nunca nos rimos tanto como nesse mês de abril. O jovem loiro despia-se, vestia-se, caía e andava a passo. Galgava, saltava, dava voltas com o pé, gastando horas a fazer de jogador atrás de urna péla invisível. Modelo de nu e estátua pedestre, às vezes como se equestre, e segurasse entre as mãos as rédeas de um ginete veloz. Ah, não, estamos fartos. Disse o próprio Rui Seladinha, o mais novo dos espreitas, e por isso mais paciente no

esperar. E até os que tinham feito a dita guerra colonial e conheciam o martírio das picadas. O Quinas. Porra que vimos muita coisa nas casernas e nos porões dos barcos, mas tudo tinha um fim, que naturalmente era um acto. Sim, Rosairinha, estávamos todos fartos de gastar o tempo a ver figuras animadas como para crianças infantis. Estávamos ou não estávamos? Je m'en fous. Desesperou Simão Rosendo. Foi assim. Só que também era interessante assistir à despedida dos gajos. Aliás, deveria ter o seu valor, mas estávamos fartos, fartos. E as mulheres também estavam. Estávamos fartinhas de ouvir contar sempre as mesmas coisas sobre o Folhas.

E aconteceu então o inefável.

Como se queira chamar. Por uma manhã já de maio, a praia tinha-se composto de toda a variedade de alga e o mar no fundo parecia uma antecâmara de céu, porque uma névoa se desprendia brumada, e misturava os elementos como de propósito. Por entre o vapor, as gaiivotas em bando davam voltas, davam voltas e fiaços na água para refeição do papo. Grandes, as asas estendidas, os bicos feitos em tecido de corno, mas amaciados de plumas, o olho aberto de uma lentejoila marinha. Vai que vai na água, Rosária, era mesmo assim. Então o Folhas mandou o jovem desnudar-se de todo o vestuário e iniciar as posições de encontro à bruma que se pôs a dissipar, a dissipar, acabou por despir-se e ninguém viu nem soube. Estávamos fartos, sim. Mas ora escuta aqui.

Deu-se a coisa, pá, eu vi, com estes olhinhos que deus dispensou de ir à guerra. Porra, porra que felicidade a minha. Não só fui dispensado, como vejo o que ninguém vê. Vi, pá, com estes olhos. E apontava para a testa. Vi o Folhas e o loiro, o loiro muito parecido com o roger moore, os dois lá na areia. Quase perdia a voz. Mas não foi nem como as pessoas, nem como os galos, nem como as moscas, pá. Não senhor. Foi tal e qual como nos filmes. E sentava-se exausto na escada de serviço pedindo um copo de água. Despediram-se, pá, despediram-se. Porra, que felicidade a minha, ter visto tudo. Foi mesmo assim.

Mas Sebastião Guerreiro, precisamente, interrompeu-o como se tivesse a tesoura de podar nas mãos para cortar em cerce as mentiras. Bem, bem, Zulmirinha, mentiras não. Mentiras sim, Rui Seladinha, que Sebastião na altura acusou-te e ficaste mudo. Ah espreita de um cabrão. Julgas que só há um ponto de mira nesta praia? Não aconteceu, não senhor e eu estive lá até ao levantar completo da cacimba.

Ah pois foi, que isto não se deu assim há tanto tempo para estarmos esquecidos. Simão Rosendo, o maitre, feito especialista à marseille, esse desmanchava-se a rir, ouvindo-os. Quem quiser bons postos de mira, procura-os e não desiste. Eu ouvi tudo, e ils semblaient soûls, les deux. Figurez-vous, mes amis. Se não estivessem bêbados não falavam assim, porque calculem que o Folhas queria por força que o outro. Le grand blond. Se ajoelhasse de lado e de frente, mas que levantasse o pescoço para cima, erguido, dizia ele, olhando ao mesmo

tempo para baixo. Isto é ou não é possível? Que estando sentado fizesse por parecer não acilhar, pousar, dizia ele, sobre apoio nenhum, para que produzisse a ideia de voo que se quis fazer sem conseguir. Figurez-vous. Comme le vol d'oiseau. Simão Rosendo ria tanto que todos os outros, se não tivessem também os olhos fechados de riso, poderiam estudar as gretas dos dentes do maitre d'hôtel, uma pedra de oiro lá ao fundo em vez de um molar. Caramba. Queria que voasse, que voasse com duas pernas como uma pessoa tem, imaginem só. Que já tentaste, e no entanto caíste por assim ser a tua condição. E deixa, filho, pender a tua cabeça sobre a orelha direita. Assim mesmo. Dizia o Folhas levantando-se e indo passar a mão pelo rosto do loiro como se fosse ceguinho e precisasse de ser guiado pelo tacto até ao conhecimento. O Folhas semblant aveugle, mes amis, nem à marseille. Como vêem, vi tudo ou mesmo quase tudo donde estava.

Também eu. Disse o Quinas. Não foi bem assim, mas quase.

Foi assim. Passou com as mãos vezes sem conta pela cara do outro, o Folhas, até que se pôs a cantar baixo, e eu ouvi ele dizer que aquilo valia por dois carmina burana, mes amis. E aí aconteceu o que prevíamos, porque quase todos estávamos fartos de esperar, e foi assim. O loiro começou a fazer-se como de pedra mármore mas em posição de remonta. Tu não sabes como é, Zulmirinhá? Era a posição dos quadrúpedes quando a guerra se fazia de cavalo e se ia medir-lhe os curvilhões. Foi assim. O Folhas de repente sentou-se e eu

vi e ouvi o que ele disse. Que fizeste mal, meu filho, porque lembram as tuas nádegas as bochechas de um homem que as inchou de tanto tocar o oboé. Calculem. A bruma a dissipar-se ao sol. Eu vi e foi assim tal e qual. Mas o loiro não se mexia daquela posição, e tinha os cabelos rasando a areia como se quisesse pastar uma erva na praia. My god. Compõe-te, filho, compõe-te. Prefiro observar os ovos de um verdadeiro cavalo. São escuros e rodeados de um pêlo raso que brilha ao sol. Cobertos se necessário por uma cauda que volteia de sedas. Os teus, amigo, lembram as carúnculas de um peru cansado de fazer blu blu pelos quintais. Os humanos. Podes vestir-te e ir-te, que também não entendes nada do inefável. Foi assim mesmo que aconteceu e não como o Rui Seladinha quis dizer, porra, porra que felicidade a dele. Mes amis. Os risos eram tantos que faziam estremecer os vidros e os degraus da escada de serviço. Menos Sebastianito que não ria. Admitia a espreita, mas a espreita honesta, aquela que depois leva uma pessoa a contar a verdade tintim por tintim, mais nada. Assim admitia. Só que Simão Rosendo estacou o riso à procura, à procura, à procura da palavra exacta e não encontrou. Que raio, como se dizia lá? E Sebastião Guerreiro ficou encarregado de consultar o outro figueirinhas durante a hora do almoço. Estará? Não, pá, não está. Só aqui diz s.m. effeminate fellow, o que não é bem a mesma coisa. Aliás, conhecia sissy e conhecia gay, mas não queria achincalhamentos. Cá está. Bem digo eu que não é hábito escrever insultos neste tipo de livros, o que existe, isso sim, é aesthete. Não sabemos procurar as coisas, e isto acontece quando já temos vários anos de prática à beira-mar. De repente

Simão Rosendo afagou a pedra do anel como para lhe dar lustro com um pano. Já sabia como se dizia lá. Era joli coeur e pédé. Pédé, mes amis, c'est ça. E riam, Rosária, até fazer estremecer os dez andares do Alguergue. Mesmo quem se apercebesse de que umas coisas eram sombras das outras, vendo todos a rir, não tinha outro remédio senão deixar que a felicidade do divertimento o contagiasse até se encostar às paredes. E acabava por ficar com os olhos vermelhos, congestionados, como eu, Rosária, vê tu bem. As lágrimas a correrem duas a duas de hilaridade.

Um das coisas eram sombra das outras.

Sim, mas era preciso perder um anel para se ter a certeza dessa dúvida. Só que se quiséssemos ser objectivos, teríamos chamado Rosária e poderíamos ter dito. Que Sebastianito Guerreiro era diferente, amigos, e essa diferença vinha de longe. O que fazia ficar calado diante daquelas acusações de riso era o mesmo impulso de inteligência que lhe havia dito não ser preciso atravessar fronteiras, nem andar a escrever cartinhas, a receber outras de ida e de chamada para se ser gente. Perder tempo em viagens de comboio e paquete, despedidas e adeuses? Não tinha sido com ele. Havia outras maneiras de se viver neste mundo com menos trabalho e mais eficiência. Ah granda Sebastianito. Belisanda Maria sabia que os músculos do filho, inchados como tomates de regadio, mas adormecidos por uns olhos mansos de borrego, apenas serviam para o jogo da malha e do guinote, e por isso tinha dito uma vez com a voz cheia de cálculos. É aquela, me filho. A filha do Trigal.

Um bocadinho boceta, mas com três pedaços que te dão de comer a eterno. Sim, eu irei a ela. Enquanto isso, Sebastião começara desde cedo a comprar pasta couraça de sabor cor-de-rosa e uma escovinha de dentes com cabo, para que permanecessem brancos e são. Venham ver. Consta que o filho da Belisanda lava a boca como as putas. Ai jasus. A Belisanda agastada. Já te disse. Faz isso no privado, filho, ali atrás onde não te vejam, que escusas de dar nas vistas.

Elas, elas é que tinham acabado por vir e sem grande esforço de ombro, apenas umas remadelas e era tudo o que se queria. O dinheiro, traziam-no dentro de carteirinhas de coiro, metidas em grandes bags sempre genuínos e da cor dos sapatos. Notas entaladas dentro de notas, e com outras efígies, às vezes umas jóias de oiro com estima familiar, despojos caros como maillots, colchões pneumáticos, raquetas de jogar. Ah granda Sabastianito. Sem ter precisado de andar a escrever cartas e postais de boas-festas, nem de andar de pensão eiu pensão, piolharia em piolharia, a comer carne já própria para a carroça dos zoos. Costumavam ou não costumavam? Nessa não caiu ele, não, nem que morresse a ouvir os relatos. Vinte anos a comprar couraça e koly nos, a tratar do cabelo, a espremer os músculos do peito diante da janela, a pegar em forças para que vissem. Na janela as moças de boca aberta a observarem os corpo a corpo. Ah granda Sabastianito. Mas a razão estava com ele como o futuro veio depois a demonstrar.

E então?

Então vieram entregar a Rosária quando ia a caminho das escadas da praia.

Arredonda, sete do sete.

Não era preciso escreveres a última carta a contar essas mentiras. Daqui do nosso sítio alguém te viu aí na fadisteza, e vender bolas, toda bem preparada, e a dares trela a uns moços, risada para a direita, risada para a esquerda, que eras só festa. Só te venho dizer que vai, vai por essa vida que vais bem. Tens aí pai e guardião, e eu agora, já que fizeste a apultana, quero dormir descansada. Escolheste ir por teu à-vontade, mas não venhas depois a escrever mentiras. Foi assim ou não foi? A sãozinha está onde a deixaste pois onde havia eia de estar? Mesmo por cima da tua cabeceira, mas eu não quero a porta aberta para não me lembrar da tua ida. Não vale a pena escreveres à tua mãe que estamos todos bem sem ti, já que assim o quiseste. Também falas nas espinhas. Deixa isso, mulher, que logo passa com o tempo. Se não quiseres escrever não escrevas que os teus irmãos aborrecem-se de ler, mas se quiseres hás-de contar se ainda dormes sozinha, que eu ando desconfiada e digo-te que me disseram que andavas aí numas risotas que era um disparate. E mais te aviso. Não venhas andando que não quero passar pela vergonha de ter de dizer que já voltaste, agora que o teu padrinho está conformado, vê lá bem o que fazes. Além disso deixavas aí o cesto abandonado, e quem no ia aproveitar? Tua mãe saudosa. Santanita.

SÉTIMA

METAMORFOSE

Compreende-se. De semana a semana podia-se riscar uma no calendário de inverno. Eliminadas cinco, passariam as andorinhas. Chi, que chilreio.

E a semana útil era então um intervalo. No intervalo dos intervalos intensificavam-se as festas.

E quando as andorinhas passassem. Chi, que chilreio. Não haveria tempo para baladas.

Exacto, nem vale a pena repetir que essa era a verdade. E então Sebastião Guerreiro descia à praia, domingo de manhã, e punha-se a andar de nascente a poente e de poente a nascente, enterrando na água os nós dos dedos, pés descalços à beira-mar. As ondas já umas estradinhas levantadas, tão certas, tão certas, de queda tão livre e regular, que se diria um verão cauteloso à espera de visitas, deus. Mas ainda não. Só as ondas esboroadas das marés formavam tapete selvagem de onde pôr o pé e a vista. As algas, vestidinhos de deuses marinhos ávidos de mudança estendiam-se praia fora, e Sebastião Guerreiro meneava os ombros, lavado de sol. De resto era o mesmo deserto, o mar uma grande agressão de vazio, as rochas do fundo, tudo coisas sem sentido, ali feitas para nada, caramba. Sempre o mesmo

sentimento. As abas das calças enrodilhadas até ao joelho, que assim me gostava de ver a miss, tranquila, quando me olhava com os olhos da cor dos peixes, senhores. Compreendo agora a saudade escrita nos copos e nas jarrinhas que se vendem como lembrança. É gravada a fogo para as pessoas como eu, amordaçadas de pensamentos destes. Ai miss, miss. Apetecia a Sebastião Guerreiro ter ideias violentas de tanta espera. Virá, não virá. Abrir logo ali a cabeça e mergulhá-la por dentro, sacudi-la com um pauzinho, esvaziá-la com uma pá, limpá-la profundamente daquela caca de tristeza que se lhe acumulava atrás da testa. Para que saísse toda. As gaiotas num bando longe. Então de cima ouviu vozes e olhou. A meia encosta estava Zulmira Santos de cesta na mão como se fosse às compras, mas acenando como se o quisesse chamar. Quem não se condoeria com o seu marasmo e solidão. No fundo as pessoas não falavam mas sentiam. Surprise. Gritava ela pondo agora as mãos em concha para dizer. Sur pri se. E de novo. Sur pri se. O vento dava nas saias de folho de Zulmirinha, pés assentes nas escadinhas que levavam ao Alguergue. Surprise, my dear, surprise. Gritava ela. E Sebastião apenas fez com a mão o sinal negativo dos comandantes de avião quando não pega. Um grande aceno para ver bem que não, e pôs-se a andar de novo entre as algas da babugem e o rebentamento das vagas breves, pernas nuas até ao joelho. Vizinhas, que a perna de Sebastianito é forte como de toiro, mas não foi feita para estas coisinhas de lavra, vocês verão. Belisanda Maria nunca supusera que fosse para cortar ondas quando as águas se tornam terráqueas. Ou supusera? Que insistência incómoda, caramba. Já de manhã tinha resolvido não

alinhar naquela brincadeira, pela última vez, senhora Valentina, não estou disposto a assistir a determinadas cenas. Vão vocês e deixem-me que tenho em que pensar. Gosto de me entregar durante horas ao exercício das caminhadas, areal adiante. Aliás, era preciso despir-se, fazer exercício. Por isso, e só para Zulmirinha ver a determinação, ia tirar a roupa no meio da areia, ficar em cueca e entesar os músculos olhando em redor. Agora nem uma vela à vista pelo mar dentro, e o seu pêlo de peito dispunha-se em camadinhas eriçadas de negro a cobrir-lhe a pele até ao flanco. Miss Laura aqui tinha posto a mão, ali encostado a cabeça, além tinha vindo a correr. Ah esse afegão tão ido. Não insistam, não insistam. Zulmirinha dizia do alto outras palavras como se tivesse uma promessa mas fosse lá em cima o sítio dessa promessa, parada, a acenar. Até que se foi, felizmente. Quando se está ausente desta forma, não há surpresas possíveis. Nem que chovesse um palhaço rico com boca de oiro de gargalhadas Sebastião se sentiria animado. Estou desfeito. Vão indo todos. Vão indo que eu queria mas era mar e mar, assim despido, meter-me no mar muito frio, aqui passo de calais, além londres.

Além londres, entre as duas costas o canal, e eu zus zus de braçada para a esquerda, braçada para a direita, a nadar primeiro de bruços até fazer um lindo borboleta. Depois costas e bruços, bruços e costas, de novo bruços, e chegaria ao crawl perfeito, apesar de desfigurado de figura, à outra margem. Tanta gente a ver eu chegar, e eu sem conseguir dizer sequer quem sou, até que me descobrem e me levam envolto numa toalha turca apropriada, me limpam a cabeça e dizem. Look. É aquele

dos cartazes da estação dos caminhos-de-ferro. Telefonam para alguém e alguém vem. Eu queria. Juntam-se vários interessados à volta do leito onde me deitaram e falam comigo. Para surpresa de todos eu falo inglês. Look. Também me trazem uma refeição de atleta, mas eu não quero comer. Porque é que você fez esta travessia, fale ali diante. Mas eu recuso dizer para as câmaras os meus motivos. Você está muito cansado? Quantas horas nadou você, diga-nos, por favor. Sente-se exausto? Muito. É tudo quanto eu digo. E nisto adormeço profundamente e só ouço falar, de cuidados à minha volta, até que acordo e abro os olhos muito tristes, ponho-os sobre uma jarrinha com flores que já me puseram à cabeceira para enfeitar. Eu queria. Por cima da minha porta está um dístico a dizer silence. Vou tirando os olhos da jarrinha para os encaminhar em direcção à janela, passos abafados no corredor que está lá fora, todos aos magotes a falarem no meu caso, o caso de mister Sebastian, e vou andando devagarinho com a vista e encontro um móvel com uma televisão à altura da minha almofada. Eu queria sim. Mas mais perto da janela quase fechada para não me ferir a vista, há um vulto com um casaco e aí eu vou parar. Vou erguer-me na cama. Miss, miss Laura, como soube? Como soube que eu tinha vindo? Mas se todos os noticiários falaram da tua aventura, Sebastian, todos sabem quem tu és. E eu muito surpreendido como nos filmes. Quem sou eu? Não sei quem sou. Estarei desmemoriado por algum acontecimento? Eu ponho o rosto muito pensativo e recuso que miss Laura se aproxime. Não. Digo eu. Vim para te ver, não vim para que me visses. E ela tem lágrimas nos olhos por mim. Look. Come este bolo que

estás pálido. Fi-lo eu própria para ti. Sou obrigado a recusar. Então miss Laura toca num botão de campainha e vem uma empregada de crista na cabeça. Miss Laura? Compreendo que se querem ocupar de mim, mas eu digo. Muito queria eu. Não. Ela vê logo que a minha determinação está tomada e que é de regressar de novo pelos próprios meios. Londres de Inglaterra a passo de Calais de França, eu em crawl borboleta, borboleta crawl. Retiro então os cobertores que me puseram, e que caem logo para o chão. Miss Laura olha para mim, eu não olho para ela. Então ela aí compreende que me perdeu irremediavelmente. Crawl borboleta, borboleta crawl. Look. Quando eu estou a dirigir-me para a porta, sinto as mãos de miss Laura postas de leve nas minhas costas. Eu ainda hesito, de rosto sempre em frente, para ela sentir que sou um homem em conflito com os meus sentimentos. Não, miss Laura, vim só para te ver, não foi para ser visto. Se me quiseres ver, sabes onde é a minha morada. Porque não voltaste? De rosto sempre em frente porque a minha determinação é firme. Mas ela é tomada de um choro convulsivo com medo de me perder, e aí eu cedo. Borboleta crawl, crawl borboleta, miss Laura, foi assim que te vim ver, meu amor. Que importaram as dores musculares, as câibras, e frieza, este esforço? Então ela sobe com as mãos à altura dos meus ombros e fica a olhar frente a frente para mim, um pouco de cima para baixo como era hábito aqui na areia, pela distinta altura quem tem. Aí eu cedo e dou-lhe um grande beijo na boca. Look. Não fala muito para não me incomodar, que agora já eu estou sentado, e ela a pedir desculpa baixinho. Excuse me, Sebastian. Depois já posso falar ali diante. Oíçam todos a minha aventura, vim pelos meus

meios porque quis. Mas tenho é as mãos frias de tanto boiar. Sebastião Guerreiro fechou os olhos debaixo de água e sentiu o sal escorrer-lhe pela garganta abaixo, os dedos inchados como feijões de demolho.

E um grande espirro lhe percorria o corpo. Look.

Sebastião Guerreiro saiu da água atordoado de tanto pensamento. Mas que diabo ando eu aqui a fazer? Com a vaga impressão de se perder em acções inúteis. Ai eu. Ia mas era vestir a cueca, friccionar o corpo com a felpa, pôr a camisa, abotoar as calças, enfiar os sapatos, dar uma volta, meter-se em casa que estava cheio de arrepios de frio. E em vez de caminhar a direito, subir as escadinhas, dizer boa tarde a quem visse, já que estava sem disposição nenhuma para aturar conversas, o que deveria ser do barulho do mar, da água nos ouvidos. Em vez disso. Ia mas era meter as mãos nos bolsos, cruzar o cachecol ao peito, e pôr-se a andar em sentido oposto, dar uma volta àquela hora, sem encontrar ninguém, todos ocupados com o almoço. E pôs-se a subir como se fosse sua intenção ir até à casa do Cipriano, que lá esteja em paz e eu na minha. Só que a certa altura estacou. Então que diabo, quando é que puseram isto aqui? Que não dei por nada? Era uma placa de cimento pintada com sua haste horizontal apontando, de vector em bico, o caminho dos encontros. Pois claro, exactamente no sítio oposto ao dos cavalos. Ora aí está. Depois de tanta discussão, tinham acabado por dar razão a Sebastianito Guerreiro. No sítio oposto ao dos cavalos. The horse. E das relvas. The greens. Ele bem tinha dito que do outro lado não. Porque esses animais muito nobres, de venta

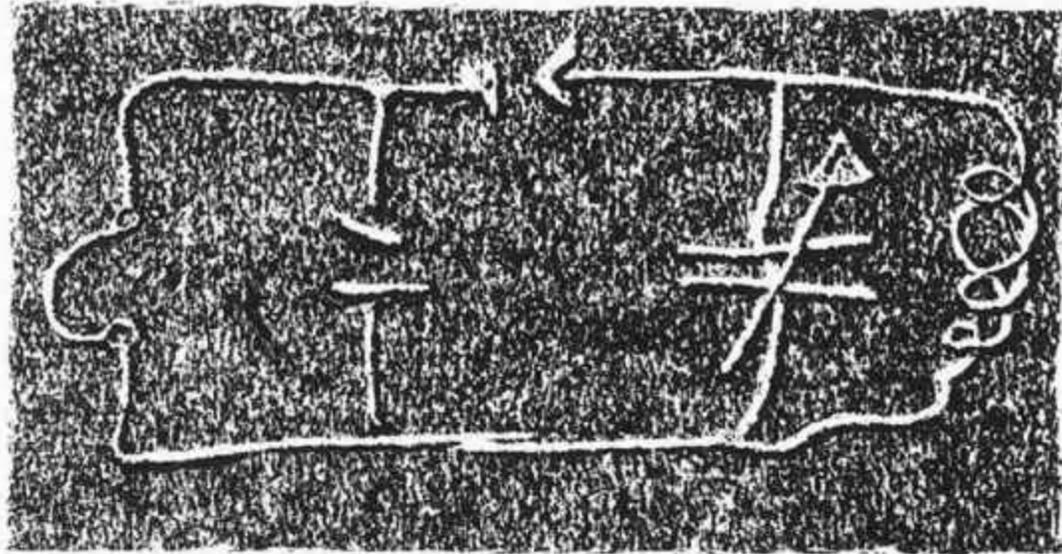
muito sensível, sempre se ressentiriam do cheiro dos fumos. Importados de barco, os de raça apurada, costumavam até gemer com um ganido mais sentido do que pessoa quando lhes chegava às ventas qualquer fedor. Mas o quê? Isso agora não interessava. O que realmente dava que pensar é que não sabia onde andava ele com os olhos que ainda não tinha dado pela novidade. Sobre a colina fronteiriça do Albergue, àquela hora uma caixa de persianas corridas de silêncio, tinham posto a placa. Aproximou-se e ainda cheirava a tinta branca, espelhada, e as letras da palavra barbecue cintilavam de negro de encontro ao inverno soalheiro das ervas entristadas. As árvores, ao longe, só feitas pés, mas os pinheiros, de folha sempre verde, felizmente e muito bem. My goodness. Sebastião especado, que nada acontecia por acaso, como Pai Patroços costumava dizer. Era como se aquela palavra fosse uma resposta aos seus pensamentos dentro do mar. De repente, aquele breve côncavo e carreirinho de cabra por onde se partia as unhas dos dedos com grandes topadas nas raízes e nos rasmonos de sal, parecia transformar-se num desses jardins selvagens de que miss Laura tinha falado. Our famous gardens, mister Sebastian. Ainda mantinha sob o sovaco a toalha húmida de sonhos tidos. Era também como se de súbito um sinal subterrâneo tivesse sido enviado para o acompanhar nesse lamento em que se havia tornado a vida desde o verão passado. Monday, 20th february, ventinho, um frio. Como as coisas são. E então decidiu-se. Vou a este convívio. Sebastianito Guerreiro sentia que tudo tinha acabado por modernizar-se, que tudo pulsava já pela respiração das grandes comunidades. Miss Laura. Compreendia agora o

chamamento de Zulmirinha, tão veemente, anunciando sur pri se, eu é que sou louco perdendo o meu tempo atrás de ideias vãs. Borboleta, crawl.

Que no intervalo dos intervalos intensificam-se as festas.

Miss Laura. A barbecue, a barbecue, a barbecue. Ah se tivesse em vez de uma felpa sob o braço, uma guitarra eléctrica, e soubesse dedilhar com palheta as cordas dessa guitarra, ah se tivesse e soubesse. A ninguém dos presentes dessa festa para onde já lá levava os passos, poderia dizer tanto como a si, Sebastianito Guerreiro. Os outros, mesmo os treinados em shopping e table, eram quase analfabetos dessa linguagem, apenas meia dúzia de palavrinhas, e de resto era o listening. Mas ele tinha demonstrado como era. Oiça aqui. Para começar não era preciso ler as regras dos livros, nem proceder à repetição dos verbos, meus amigos. Bastava. Dizia ele. Ver, ouvir, soltar a língua de encontro a estas almofadinhas de carne que a gente tem sobre os dentes, ora passem lá com ela aí. Para começar. A prática envolta por um grande desejo de transmissão, porque o resto acontecia por milagre da natureza e do entendimento. E acrescentava. Vejam o que aconteceu a Rosária. Cinco anos de ensino de idiomas estrangeiros. E o que aprendeu? Gramáticas mortas que não servem para uma pessoa traduzir um suspiro de peito. Eu não, amigos. Eu chego à praia, vejo uma mulher estrangeira, por exemplo, com um cão pela trela, observo bem o todo e digo para mim. Queria aquela. Pois se queria quero, e então não há língua que eu não conheça, meus amigos. Todos viram como foi. Ainda os dois loiros não tinham

dado costas. Bye bye, my love. De regresso no carro rover cor de foguetão, e ela ainda não tinha ido adejar o seu adeus, não se sabia bem para qual mais dos dois. Que grande perturbação. E já o Folhas lhe tinha dito que àquele súbito afecto de Sebastianito se chamava de coup de foudre, e como de epaminondas do amor. Está a mangar comigo, senhor Folhas? Pois ainda os dois loiros não tinham ido quando uma manhã, em que miss Laura desceu arrastada pela trela daquele cão feroso a querer levantar voo a caminho da praia. Pobrezita da miss. Reparou que possuía ela um relógiozinho de mão que além das horas e minutos trabalhava as mínimas fracções do segundo com toda a precisão do rigor, marcando a partida e a chegada com um cliquezinho. Então Sebastianito inteiriçou o mais que pôde os ombros, afagou a popa, juntou os cinco dedos da mão como para imitar a produção do cu da galinha, e disse apenas. Good. Durante uma ida e uma vinda do animal a miss pousou-se sobre a areia. Os grandes óculos escuros de aros brancos de miss Laura eram bóias de aviso à aproximação dos reles. Ah não, um homem tenta de novo. Gooood. O sol brilhante, tão brilhante, e um calor de despir a própria pele. Começou então por dizer que aos dezanove anos e tal, ele, Sebastianito Guerreiro, que gostava de maquinismos e outras coisas, tinha concebido uma galena, se visse, um radiorreceptor muito bom, que mesmo agora, se miss quisesse, poderia pôr a funcionar. A very very good machine. E fora desenhando com a pontinha de uma concha, sobre o duro de areia molhada, um quadrado assim. Veja, miss.



Miss. Com antena por fora da caixinha, miss. Mas o importante era o cristal ali e o estilete ali. Reparasse bem. Batendo um de encontro ao outro. E miss Laura já deslumbrada tinha perguntado. Can't you read? Sebastianito, senhor da língua, tinha dito que sim, evidentemente que sim. Então não se via logo que não era analfabeto? Caramba. Pensou para si ofendido e inseguro. Mas ela, observando o cão que caracolava absolutamente indiferente aos humanos esticados de calor como sáurios de médio porte, outros a chapinharem no rebentamento àquela hora, passou-lhe o relógio dos milésimos para a mão. Você daqui em diante é o tratador. Queria dizer. Que pedisse. Money. No, miss. Era preciso saber investir, que a língua viva era aquela que se produzia pelo contacto íntimo das inteligências com as inteligências sobre o areal. Claro que não queria dinheiro. No money, miss.

E o barbecue?

Aliás, ainda dois dias antes Sebastião Guerreiro tinha assistido ao espectáculo perfeito da inibição. Os dois loiros tinham descido com miss Laura, mas depois pareciam ter-se esquecido dela e do animal, sorvendo ambos o ar com a gula dos verdadeiros drinks. Os olhos fechados por aspirações. Então aí os banheiros, vestidos de branco, ganga e risquinhas de azul, como se fossem descendentes de marinheiros, a pele escura de tostação de sol e os braços lassos de apenas hastearem bandeirinhas verdes, começaram a tentar, a princípio com gestos pequeninos, depois largos, depois ainda mais repetidos e largos, mas sem resultado. E miss muito alta e muito paciente, sereia de cauda bifurcada em pernas, sem escama nenhuma a pentear a cabeleira de oiro. Dark Fly. Repetia muito, pondo a boca toda bem. Até que, cansada de explicar os sons, a inglesa terminou a monótona palestra como se se sentisse saltimbanca de feira diante de tanto despudor de olho a lambuzar-lhe as coisas mais aquáticas. Cansada porque os banheiros do mar diziam Dá por puro encurtamento da linguagem. E os baristas pronunciavam Darco por imbecil lusitanidade. Ai deus. Via-se que só por deferência essa mulher não dizia a todos chiça chiça na verdadeira língua dela. Rodeada assim, a sua pessoa e o cão, que ensaiava a um metro de distância todo o aparelho muscular sobre a areia, desde a cauda ao faro, os olhos de lado a lado tão escuros e fugazes como se estivesse de frente. E ela, rodeada assim de tanta gente, my god. Sustentando ainda a trela doirada e vermelha, enrolada na mão, herself, baixara-se na areia como para procurar qualquer objecto, as duas ancas em polpa de maçã, e escrevera. DARK FLY. Levantou-se em seguida. Oh porra, que até

tem nome e sobrenome este cão. Bem no merece. Significa escuro e mosca de sopro. Nunca ouviram falar dos pedigrees? Explicara Sebastianito Guerreiro que como todos sabiam possuía um dicionário figueirinhas-porto debaixo do travesseiro. Às vezes mostrava-o ao pequeno-almoço antes de descer à relva e às roseiras de chá tão coitadinhas, fustigadas do levante, e perguntava folheando-o com um cuspinho de indicador. Vocês sabem por acaso consultar este alfabeto? Tinham sido assim as primeiras conversas sobre o areal escaldante, o robe dela azul-pálido como o das virgens. Onde estavam os dois mândios loiros? Andavam além. O robe de praia era leve, avejoava, e miss Laura tinha começado a ser uma cesta de suspiros.

E o barbecue?

Pois claro que o barbecue. A placa estava à vista e todos os pensamentos para lá o conduziam. Sebastianito com um súbito alvoroço de participação. O barbecue. Possivelmente enquanto ele tinha andado a nadar pensamentos e coisinhas, os seus companheiros, camaradas de serviço, todo o pessoal, tinha estado em volta de um grande novilho a assar-se sobre uma chama de lenha ateadada por aquele ventinho. Todos sabiam como era. Costumavam erguer um espeto suspenso, gente, dando à manivela, para o bicho se tostar daqui e dali. Ah caramba, e ele sem ouvir os risos das pessoas amigas, nem os vestidos compridos, a troca dos copos, o milagre do calor sobre a gordura de um bicho morto. Ele lá em baixo a revirar os olhos sobre a sua pessoa, e todos a precisarem ali da sua presença. Agora compreendia a

solicitação aflita de Zulmira a meio da encosta, sobre os degrauzinhos. Como sou obtuso. Muito feito parvo, crawl e borboleta, a inchar na água fria da maré.

E o barbecue?

la vereda acima com o ímpeto de quem sabe chegar tarde de mais a um encontro, e de repente a festa. Um pouco mais para nascente da clareira, muito perto da pedra alguergue, estava o grupo movediço, e a meio do grupo, um fumo azul, oblíquo, para o ar. Apesar de não se distinguir o que se assava, via-se que aquela prática doce de entreter os dedos virando os animais, sobre a brasa, emprestava uma alegria de renascer no ar. Compagnie. Salut la compagnie. Disse Simão. Rosendo, o maitre d'hôtel, abrindo os dois braços de satisfação ao virar-se e ao ver quem chegava. As duas fileiras de dentes bem descobertas dentro dos lábios, por tanta alegria. Oh oh, o que era isso? Não, não havia o mínimo ressentimento daquela noite. Eu andava mesmo mesmo desmoralizado por causa do anel, homem, e tu sabes que um desgosto põe pensamentos de um caneco na cabeça de uma pessoa. Coisas idas, palmadas nas costas sobre os pulôveres de malha, chega-te mas é aqui, olha só este pedaço de pão verdadeiro. Allez, allez. Dizia como se estivesse ali para comandar as mulheres, todo de abanico na mão em volta da grelha. Allez, allez, bien rôti. Era como se fôssemos aniversariantes de dezoito anos, meus amigos, e por conjugação do calendário, todos estivéssemos a festejar o mesmo dia. Era ou não era? Ai Sebastianito, como somos felizes. Conseguí promover um barbecue. E Zulmirinha Santos largou o grupo para

abraçar Sebastião Guerreiro pela cintura, encostar a cabeça, parecendo mesmo mesmo os grupos de amigos quando na suíça vão a esquiar em revistas. Estamos e não estamos, caramba. E chibo, então não havia chibo para o pessoal?

Nem chibo nem chiba. Era Chico Antunes quem se aproximava com o cachimbo na boca, p que costumava mexer nos motores de tratamento das águas e percebia do esgoto que ia desovar o seu cheiro ao mar. Fizeste bem vir, que nenhuma delas, nem nacional nem estrangeira merece o sacrifício de um homem. A crença apaixonada já não se usa, faz cair o cabelo, criar brancas nas têmporas. É mas é comer e beber. Thank you. Respondia Sebastião Guerreiro pelo conforto das palavras amigas. Só que vinha apenas para assistir ao barbecue, e que linda tabuleta, mesmo colocada onde ele tinha dito. Não era verdade que o holandês, Mr. Hals, sobretudo depois daquele 15 de agosto, tinha sempre em conta a sua opinião? Claro que era, surely. Fiquem a saber que vão encher tudo à volta com indicações úteis para que ninguém se perca, mas coisa discreta, pequenina, pregada nos pezinhos das árvores. Bien, bien rôti. Respondia do outro lado Rosendo com a algazarra da festa. Além vão ser os courts. Não não, não não, antes de chegar ao picadeiro. E estendia o braço. Os courts? Sim, os courts. São campos de rede baixa onde não se mete golo. Anda-se de cá para lá e de lá para cá aos saltinhos, com um lenço a amarrar os cabelos da testa, nas mãos umas pazinhas de rede a amandar as pélas. Nunca deram por esse desporto?

E o barbecue.

É verdade, o barbecue. Nos filmes demos por esse desporto, eles até se apertam as mãos depois dos encontros. Ora viste, Zulmirinha. No meio da clareira havia dois cestos, senhores, um momento que ainda havia dois cestos, Sebastianito, e dentro de cada cesto dois alguidares de plástico como os de lavar as roupas junto dos tanques, fazer lixívias. Mas não. Olha, Sebastianito, e perde a memória. A mimória, mê filho. Que o mais volumoso continha sardinhas inteiras de olho redondo como o dos galináceos espantados quando se lhes atira uma pedra, a escama viva e brilhante como lamelas de prata. Será que assim serão as das sereias, mas em ponto grande? O dorso escuro de um azul muito muito marinho, tão marinho tão marinho que se adivinhava por onde. Convém abrir ao meio, amigos, puxando esta ripinha como a da fava e do feijão verde. Basta apanhar aqui o fiozinho no sítio exacto. Que assim, se podia comer doze e mais doze e mais doze, se houvesse desejo de tanto. Todos em volta de naco de pão verdadeiro como no tempo em que se cozia no nosso forno da Redonda. Podem comê-las, que nem ao fígado, nem ao baço, nem ao intestino, essa carne de peixe assim tratada poderia fazer mal a alguém. Voilà. Dizia Rosendo. Tirando ele a ripinha do dorso a uma bem gorda com o dedo sem anel nenhum, à altura das cabeças para que todos vissem como era. Et voi là, voilà. Daquela forma a sardinha possuía todas as virtudes do peixe branco sem perder nenhuma das qualidades do bom e do verdadeiro peixe azul, era apenas uma questão de arte e de sabedoria. E sacudiam as pedras de sal

grosso ainda por derreter junto da guelra. Vejam que isto é como um tímpano de ouvido. Abrindo por aqui se vê a frescura das gajas. E então eram colocadas sobre as grelhas com um chiado de gordura a arder e o fumozinho a sair quase direito para o ar, levado pelo sopro da tarde e do mês. Vai ficar geladinha a noite, quando vier, mas que importa. O som do mar nem se ouvia. Depois sim, só quando estivessem cansados de peixe passariam à carne, que assim era o preceito das ementas. Disse Rui Seladinha. Mas nem todos chegavam à grelha de arames, sendo preciso o Begango passar o grelhado ao Quinas, que o desse a Zulmirinha Santos que não queria, e que passasse então a Catarina Mendes. Quer, Valentina Palas? Claro que quero, minhas migas. Um copo para cada qual.

Minhas amigas.

Ou meus amigos. Não interessava. Havia ainda um segundo cesto. Aí eram os frangos. Abertas ao meio as aves, estavam esventradas de qualquer conteúdo, as coxas afastadas como para uma última oferta do corpo. Os pescoços decepados e rentes que a imagem das cabeças para nada servia senão para lembrar a degola. Antigamente até a crista, meus amigos, até a crista se comia com arroz. Dizia Leonardo. Só se deitava fora o bico e era com pena, as unhas recurvadas e o fel azul. De resto era tudo. Além da buchada. Credo, não lembres coisas tristes. Dizia Pinaira, seca e direita, mexendo com os dedos as brasas como se feita para não se queimar, ou cumprisse um certo destino de punição. Tirem-se todos daqui para eu poder manobrar à vontade. Também

as asas bem depenadas ambas freirinhas de buracos abertos por onde haviam saído as rémiges tiradas pelas mãos caseiras. Que pelo menos ao domingo, e na estreia dos barbecues não se queria de aviário. Corpinhos sobre corpinhos, uns mais amarelos que outros, mas todos cheirando ao mesmo. A pena fofa e a caca de galinheiro, apesar das abluções de água quente sob o esguicho da torneira. Ah que cheirinho, amigos. Basta na assadura barrar com esta calda. E Valentina com a marmitta do líquido de pimentão e vinagre, salpicava as peças uma a uma fazendo da colher hissopo. Grandes gargalhadas. As grelhas eram outras mas as brasas eram as mesmas. E estavam à vez, de mão estendida em volta, com os pães expostos para receberem o conduto assado. Que bom, Sebastianito Guerreiro. E Dorinhas Parreira sentindo-se a preterida. Alto lá, que agora sou eu. Apetecia dizer-lhe. Just a moment. Para a educar. Em baixo o mar como que ausente porque nem se ouvia, e as gaivotas pareciam ter abalado mui: to para longe. Sobre a pedra alguergada, varrida e lavada pelas chuvas e pelo vento, tinham amontoado coisas, incluindo um açafatezinho de limões que sempre desanuviava a gordura. Mas o que desanuviava com eficiência eram meia dúzia de garrafões que pousavam como seis vigias de asa na garganta. Que pena não terem uma torneirinha por baixo como os potes de azeite. Assim, Simão Rosendo era obrigado a um esforço suplementar para distribuir as rodadas. Passa ao Quinas, passa ao Rui, passa ao Edmundo, passa à Catrinita Mendes que me fez de noiva no party passado, passa ao Begango, passa ao Sebastião Guerreiro, thank you, vai passando, vai passando. Os garrafões sobre a pedra. Logo o raio da moça ter-se

atirado sem dar tempo a que alguém fosse junto da moribunda. Coitadinha coitadinha. Pensava-se com o respeito que causam aos vivos os mortos. Felizmente que não sou eu, mas este sabe mais, que já passou o derradeiro momento. Nenhum de nós assim dizia, que droga de ideias vinham. E quem nos esperará do outro lado? Nenhum de nós pensava. Que teimosas as ideias no meio dos barbecues tão felizes. Se calhar Sebastião Guerreiro ainda teria razão. Com o tempo haveriam de retirar dali aquela pedra, e em vez dela colocar uma mesa de cimento como as dos miradoiros. Com banquinhos também de cimento? Sebastianito especado ao lado do barbecue e Zulmirinha tão gárrula, de saia tão folhuda, cabelo tão de anéis, queria dar a Sebastianito apenas uma asa, uma asinha. Afinal valia a pena ter esperança na regeneração de todos nós que somos capazes de acompanhar em pé os bufetes. Íamos pensando cheios de palavras nesse idioma, e o vinho saía pelos gargalos fazendo espuma aos olhos, e produzindo do alto o verdadeiro som das cascatas de frescura. Para quem vai agora este gargalhopo?

Em vez dessa pedra, colocar uma mesa de cimento como as dos miradoiros, banquinhos de cimento também, agarrados ao chão.

Só isso, Sebastianito? Disse-lhe Valentina Palas, arrancando de uma sardinha deitada sobre o pão, uma febra do corpo pescado, com a perícia de quem monda joio entre o indicador e o polegar. Só isso, amigo? Eu não. Olha para aqui. Cá cantam doze. Dizia Valentina Palas animada de um sentimento de profundo gáudio. É uma

felicidade comer assim à luz do dia, entre tantos e tantas. Ultimamente, amigo. Valentina moendo as palavras para não ser ouvida por mais ninguém. Ultimamente pingam-me batatinhas do tecto da cozinha. Às vezes a murro, com azeite e alho, amigo. Nascem-me rabanetes debaixo da cama que é um disparate. Sim, daqueles que fazem arrotar uma pessoa sem querer. E eu sofro com isso. Tu sabes. Amparando agora a conversa com a mão e andando ao lado. Sebastião Guerreiro pegava no ossinho com as pontas dos dedos para o colocar no papel pardo onde se amontoavam os desperdícios. Sobre o pão de Valentina o peixe era já uma espinha de fútil franjado. Os olhos da cabeça continuavam abertos como vivos. A caudazinha era um leque queimado pela brasa e ouvia-se o pequeno incêndio. Que beleza, Sebastianito. Até porque não deixei de comer e abati cinco quilos. Cinco. Espetando todos os dedos de uma mão. E é assim que eu faço, Sebastianito. Depois do jantar. Também o pão. Também a batata. Também o arroz e tudo. Mas antes de me deitar vou a um frasquinho que

e que
e se sim agito bem a mistura
dia seguinte descansadamente
faço tudo tudo tudo descansadamente pela
manhã sim sim
não é por força é, mas não digas a
ninguém.

É. Dizia de novo Valentina Palas olhando o grupo que à volta da grelha disputava o churrasco. Mal rôti ou bien rôti? Gritava o Rosendo distribuindo o que Pinaira assava com o manejo das unhas sobre o fogo. As pontas dos

dedos a brilharem de quente. É é. Repetia Valentina sob os pinheiros calmos continuando a resmorder palavras para não ser ouvida. É uma sensação de alívio, Sebastianito. De grande alívio. Ai é. Põe a tua manita aqui. Começo a sentir a cintura. Valentina bandeava a anca para Sebastianito ver. E a víscera limpa por dentro, de baixo acima. Às vezes aproveito e faço mesmo além em baixo, nas sentinas do mar, antes de as limpar por fim. E fico limpa e leve. Apetece-me saltar à corda.

Ah bom. Tinha-se o dia inteiro.

Just a moment. Estavam ambos afastados do grupo, os risos de todos pareciam procelas. Em baixo as ondas das águas eram coisas ternas que nem se ouviam, como segredos, indo e vindo sem se dar por isso. Mas just a moment, senhora Valentina. Assomavam ao canto do pátio os netos do Cipriano, que ainda existia e às vezes apanhava polvos. De longe pareciam iguais. Conheciam-se a olho nu e à distância pelos cabelos que eram fulvos como coisas selvagens. Bem tinha falado o Quinas na cor da crina dos ferozes, credo, tudo assim amarelado como se fosse arder. Pois bem. Os cabelos eram fulvos, e via-se que andavam feitos guedelhas de salmoira e poeira, e lá estavam. Bolas que nem um pente de dentes intervalados como ancinho ali entraria nas trunfas. Então Sebastião Guerreiro atirou-lhes um gesto de vem cá. Num dia de inauguração para quê manter ressentimentos com as crianças? Eh meninos, venham. Sebastião avançando uns passos para se ouvir melhor, a toalha ainda sob o braço. Sou o pai da Rosária, meninos. Venham, venham. Cheguem aqui, olhem o cheiro dos

frangos. Mas eles esconderam-se atrás da parede da casa, e do grupo já chamavam por Sebastião, Valentina Palas, que diabo de segredos esses.

Esconderam-se.

Sim, como se ofendidos. Quando o Folhas falava com a gente, tinha dito que era o mesmo em Calcutá, em El Salvador, em Cabul, em São Paulo, em Varsóvia. Em Palermo também, só para abreviar e não dizer. Em todo o mundo. Para quê queixarmo-nos? Que era um fenómeno sem fronteiras, o rosto dos sardentos do sol e desgrenhados do vento, caramba, por que carga de água estávamos a amarfanhar o barbecue? E assim e assim. Agora é que as galinhas eram esquartejadas em verdadeiros quartos, a que por simplificação se dizia queremos perna ou asa. Simão Rosendo, de camisa aberta por baixo do pulôver, até ao sítio preciso onde a elevação da cintura se fazia sentir a olho nu, anunciou que os cestos estavam vazios. Mas também, oh ça suffit. Fez o inspirado de novo pela rega do tinto que tinha dado à festa. Eu muito pouco, copains, que me quero manter bem alerta até ao fim do barbecue. Não é todos os dias que se inaugura uma coisa destas. Asseyez. O sol de fevereiro resplandecia parado a olhar a paisagem da terra. Vamos a isto, pá. Zulmira Santos indicava os preceitos. Agora, se faz favor, somos nós. E de alegria se puseram a conversar sentados. A força do azul em baixo não existia sequer, era uma fita companheira do céu, tudo já tão visto e tão gasto que nem se lhe sentia a cor. Somos felizes, amigos, tão felizes que ainda nos parece mentira. Ah sim. Parecia mentira terem vivido num

tempo em que era impossível fazer parties, evenings, barbecues. Um tempo em que os morgados se cobriam de simples açúcar, my god, e diziam. Conhecia-se a finura do tacto no beijo, desse pó alvo feito noutras refinarias donde vinha, e se chamava icing-sugar. É verdade, e o beefsteak? Sabíamos a gente temperá-lo, a gente comê-lo? Antes? Sabíamos agora. E distinguíamos um long drink de um short drink? Claro que não, distinguíamos agora. Aqueles com uma palha fininha, e estes em copos anchos e rasos. Havia serviços de doze, dezoito e vinte e quatro a vender, Catarina Mendes já tinha, mas Dores Parreira só para o ano. Também possuíam na casa da Redonda para que se visse de lado, empilhados nos guarda-loiças, pratos pequenos, próprios para aperitivos miúdos como tremço e pinhão, Aldegundes Beira, que se ofereciam como a gente sabe. Era verdade, Mariana, havia tempo em que para apurarmos os pontos despegávamos os braços com fazer truz-truz sobre os alguidares com umas reles varinhas de arame. Ali ao ar livre, bendito seja quem inventou as tomadas e as fichas. As varinhas mágicas que em dois segundos desfazem as verduras em sopas de veludo, meus amigos. Parece que foi invento da américa, e donde seria então. Agora batemos as palmas e as claras na consistência necessária, no tempo em que se enxota um gato. Diziam as mulheres com grandes olhos sonhadores, as mãos atrás da nuca, amparando o deslumbramento.

Amparando o deslumbramento?

Claro. Atrás já nem um sopro de fumo saía e o vagalhão do mar, em baixo, não se ouvia bater sobre o dorso da areia, como se cansado de tanta inutilidade de movimento, sempre assim, desde o princípio do mundo. Também se fazia um silêncio tão grande entre as mulheres que era agora possível ouvir o ranger das agulhas tecendo as rendas. O Rui Seladinha já cheio de felicidade, e o Serra a contrapor, discutia-se no barbecue. Também eu tive tanta sorte que vi homens ficarem às postazinhas do tamanho de favas, e eu, não sei como, acabei tudo sem uma beliscadura. Despindo o casaco. Podem ver. Mas ainda mais sorte tinha tido o Quinas, que estava para não falar, e acabou por mandar boas-festas a toda a família por intermédio do ferreira da costa. Ai que sorte, que sorte que tivemos nesse ano, pessoal. Ele próprio tinha lido a mensagem sem nenhum engano e na Redonda toda a gente ouviu. O Serra tinha no braço uma tatuagem que lhe abocanhava o músculo de lado a lado com as insígnias do batalhão, e arregaçava a manga para que pudessem tirar prova. Mas já ninguém via. Era um sono que tinha chegado às pálpebras e tão poderoso que só apetecia mexer a língua para engolir a saliva. Feliz fui eu que li a mensagem e ouviu-se cá. Inácio João e João Inês em pé, fumavam com os copos na mão, para não adormecerem, e tornavam-nos entre os dedos, como se apalpassem seres para afagos, e de vez em quando com licença. Era o vinho a dar a volta às coisas. Edmundo já dormia encostado a um pé de pinheiro, a cabeça pendida para o lado com um halo de são sebastião inocente, que grandes frestadas esse santinho padecera. Ouvia-se a respiração do grupo, serena e regular, por sob as árvores, e era como se o

mar tivesse transferido o seu ímpeto de suspiração para os convivas da sua beira. Valentina junto de Aldegundes, Leonardo junto de Valentina e de Pinaira a ver, Pinaira junto de Catrinita, Catrinita junto de Begango, de Rui, de Quinas, estes junto de Simão e todos junto de todos. O mar não existia, e podia-se passar o sexto garrafão aos adormecidos. Então Zulmira Santos sobressaltou-se e pôs óculos de sol como se a desilusão lhe provocasse um desejo de fuga.

Daqui a pouco basta fazer assim com o dedo no corpo de cada um para destilarem álcool pelos olhos como os alambiques. Só que Simão Rosendo demonstrou que Zulmira, salvo o devido respeito, madame, não tinha razão. Que deixasse aquelas ideias de imitação rigorosa, ou porque pensava ela que tinham eles, aqueles que queria que todos imitássemos, os narizes às vezes tão vermelhos, pendurados como malaguetas? Que lá se fazem os barbecues a preceito, com verdadeiros novilhos chamuscados. Acrescentou para amainar. Mas agora, schiu, que todos merecemos descansar um pouco.

Cabeça contra o chão e os pés das árvores.

Não. Contra o colo uns dos outros, e os ombros sobre almofadas de sumaúma, formamdo um grande círculo, um anel de muita inocência e fraternidade. Ainda Simão Rosendo não tinha começado a provar o vinho com receio de perder a vista, e já se lembrava de uma canção que aprendera à la cannebière e que dizia. Simão não se lembrava bem. Que dizia. Si tous les enfants du monde. Era isso mesmo que dizia. Si tous les enfants du monde.

Voulaient s'endonner les mains. Era isto, meus amigos. Se todos quisessem colocar testa com coxa e cabeça, com braço, como salvaríamos o mundo da tristeza, do ódio, da guerra e da inveja. Do remorso também. Tudo bichinhos roedores da vida humana. Se todos quisessem colocar-se assim. Bebe. Disse Sebastião Guerreiro, de ombros arqueados, costas com costas em Simão Rosendo, como se nunca na vida se tivessem batido. E fez cair a cinza de um cigarro já velho de estar na mão.

A Sebastianito, agora de olhos fechados, parecia mas era mentira que alguma vez lhe tivessem dito que um cão que chegara à praia se chamava afegão por contraste. Tinha ele ligado a aspersão do jardim, e descera à praia a ver os barcos. Nesse dia os banheiros do mar, de barretinas brancas como para vender sorvetes, ainda não sabiam que o afegão se chamava Fly, tinham apenas conhecimento de que se tratava de um canino afegão precisamente porque não precisava afegar para correr, minha gente. Era negro e severo, ligeiro e peludo, de olhos pardos, e mesmo quando parecia dormir, mantinha-os fitos na linha além daquele horizonte, um risco tão a direito. Era. Era como se tivesse esse animal o seu ser posto fora de si e o-andasse buscando naquelas corridas vorazes em que as pernas da frente, com a agilidade do sopro, chegavam a ficar atrás do impulso das traseiras, cruzando-se e descruzando-se como nas imagens dos filmes, quando a rapidez deforma a realidade dos gestos pela preguiça das vistas, criando-se a nível das patas, um risco de movimento que encandeava os olhos. Era então preciso pôr a mão em pala para ver melhor quando corria o animal. As orelhas

e a cauda uniam-se numa única mancha, abanadora, certa, voejante. O focinho e todo o corpo alongado, feito para a busca do ser, pessoal. Tinham dito. Tinham dito, e quem sabia se não era verdade isso que tinham dito? Que o cão afegão se chamava precisamente assim para não precisar de uivar para pressentir, ganhar para se queixar, nem afegar para correr. Augusto Folhas havia descido com um bloco de papel branco na mão, todo vestido de balandrau como os artistas em cristo nos filmes da paixão, mas com capuz, e rira-se tanto. Então nunca ouviram falar dos cadelos barzoi? Estes são primos daqueles, mas estes bem mais nobres, claro. Aqueles os condes, estes os viscondes, para compreenderem. Animais da ásia, havendo-os de duas compleições distintas. Mas diz-me o conhecimento que tenho das formas exóticas e do muito viajar que este é de longe o mais puro e perfeito de todos os galgos. O Folhas para explicar melhor até deixava avejoar livremente as rachas do balandrau por onde se lhe viam os ossos peróneos cobertos de pele tostada, despovoada de qualquer pêlo de perna. Estava aquele cão treinado havia milénios para segurança dos rebanhos, a caça à gazela e ao leopardo. Que víssemos o curvilhão do bicho que se deslocava como que munido por uma mola, numa rotação de duzentos graus. Para a frente e para trás, e assim vencer os ferozes. Ai é. Apontava o Folhas com um bastonetezinho de carvão em frente do mar. Tudo tão presente que apetecia uma pessoa falar alto para dar resposta às conversas no meio do barbecue adormecido. E a língua? A língua do cão Fly era rubra como uma pincelada de puro vermelho magenta. Às vezes púrpura conforme o afluxo de sangue. ao sítio. A própria Rosária

ficara embasbacada a ver o cão, mas era-lhe proibido dar-lhe de comer fosse o que fosse, minha filha. E logo as questões sobre a dona. Apenas o queria para lhe cheirar o bafo e lhe passar a doçura da vista pelo ondeado das plumas? Tem-se ouvido contar com cada coisa. Eram os banheiros, primeiros chefes da espreita durante o inverno e o verão, com o olho derretido de insinuações como as bogas. Quem saberia? O Folhas pôs-se ainda a explicar que aquela raça de cão não se promiscuía com os humanos. Dez horas da manhã, antes de a areia começar a aquecer. Como se fosse neste momento exacto, mas eram então dez horas em ponto. Dizia que noé, pai de sem, cam, e jafet de quem descendemos, uns amaldiçoados outro não. Como ia a dizer, noé teria entrado na arca por deferência aos bichos e não ao contrário, para se dar o dilúvio. Depois dessa cheia universal se ter evaporado, noé embebedou-se, os filhos taparam-no, destaparam-no, amigos, e começou a evolução. Só que o cão ao sair da arca não fez ladridos, não bebeu do carrascão, nem desenvolveu o discurso pela palavra, nem disse deus disse. Donde a autoria de todas as gestas ser pertença de quem as proclama. Tal era, e ainda por cima o Folhas afirmava ser o afegão o eleito do senhor para a sobrevivência da espécie. Mas os banheiros do mar acharam aquela conversa tão despropositada, tudo só por causa de um animal, que pediram. Desenhe lá a dona. Ainda por cima o Folhas falava como se pregasse petas coloridas a inocentes que nunca tivessem espreitado nada na vida. Valentina Palas, dormindo, é que assobiava um pouco e expiração e perturbava a lembrança com aquele búzio.

Perturbava a lembrança.

Muito mais do que a lembrança. Era uma representação perfeita em som e cor, amigos. Valentina mexeu-se um pouco sobre o corpo e interrompeu o assobio que lhe saía. Agora tudo quieto, rosto com colo, costas com costas, joelho com braço. Se todas as crianças do mundo, se todas as crianças. Mas não interessava. Que reparassem. Possuía esse cão uns olhos despegados das coisas próximas como se vigiasse um templo. Um templo? Tinham feito os barqueiros sorrindo e pensando nas razões que afugentavam homens e mulheres da borda d'água quando vinham visitar o Folhas. Que templo? Sim, por onde quisessem entrar espíritos inquietos vindos da linha do céu. Mas esgotada a imaginação humana para os adornos de braço, cinta e orelha, aqueles eram agora os objectos de luxo, Rosairinha. Felizmente que vemos para compreender, Rosairinha. Não, talvez os donos o tivessem trazido para a planura do mar simplesmente para que se regalasse o bicho com a visão das areias no intento de lhe fazer só bem. A Praia das Devícias transformada em planalto capaz de matar a saudade ancestral que trazia nas quatro patas. Se compreendera aquilo Rosária. Não, não compreendia, a menina tão pouco sabia da vida. E a dona? Porque gostaria assim tanto dele? Eram de novo os banheiros, pensativos. Já ouviram dizer e ainda insistem? Não por causa da língua, oh má-língua, mas por causa da perfeição das formas, do conjunto das cores e do entretém de tratá-lo. Dos recordes que bate esse animal. Que reparassem como se deslocava. Isto já depois da ida dos dois e da escolha que miss Laura veio

a fazer uma tarde ao pôr do sol, quando disse. Y want the dog's keeper. Tudo tão nítido agora, a correr na cabeça de Sebastianito Guerreiro, que se diria estar a viver de novo, ele a representar ao vivo, as cenas já terminadas, e as câmaras a filmarem de dentro. Por isso Sebastião parecia o vigia do barbecue, de olhos abertos no meio de todos, o cigarro a morrer de incendiado, uma brisa fria passava. Schiu, ninguém ronque alto para não incomodar os outros. Se se lembrava. Aliás, já agora, o cão também era capaz de passear sonolento, e de se deitar afegando um calor de cansaço como qualquer cão que fosse, toda a gente a saber que não se chamava afegão por isso. O mar, não senhor, não batia. A própria Zulmirinha tinha a cabeça encostada ao seu joelho, expondo a cara ao calor de um sol imaginário. Em baixo os Joanos espreitavam atrás da casa de telha verde, a cair de friável e musgo. Espreitavam e não atravessavam a fronteira da sombra. Parados sem dizer nada, apenas a ver e era como se não vissem. Sebastião também não voltou a fazer nenhum outro gesto de aceno.

Nesse momento perturbaria o sono.

Claro que perturbaria. Mas quem primeiro acordou foi Aldegundes Beira, certamente pela queda miúda da caruma dos pinheiros, e ao abrir os olhos não se reconheceu, sobressaltada, endireitando-se com um estremecimento que imprimiu a todos os adormecidos. Mexeram-se um pouco e aninharam-se mais pelo vento que soprava longe da encosta. Estava Aldegundes Beira a ver a vida andar à roda da cabeça e não sabia como para ali tinha vindo nem quem era. Ai de mim, como me

chamo? E onde estou? Serei casada ou solteira? Em cada pergunta que fazia punha Aldegundes Beira o ímpeto de uma aflição, e cravava os olhos em todos como se alguém por brincadeira lhe tivesse escondido a identidade dentro da algibeira. Digam-me se tenho pai e mãe, como me chamo de sobrenome, se já tive filhos ou filhas. Só que ninguém respondia, porque à excepção de Sebastianito, todos dormiam a sono solto por esse vento da tarde, e Sebastião Guerreiro ao ver a feição que tomava aquele primeiro acordar, fechou os olhos e entreabriu a boca como se tivesse adormecido desde há muito. Então Aldegundes Beira calou-se e pôs-se a tentar reconhecer em silêncio o rosto de cada um sem conseguir, e passou a vista pelo mar onde se adivinhava uma sombra como fragata, uma gaivota como pomba, pelos pés dos pinheiros, pelas nuvens esfarrapadas que passavam, todos os nomes se lhe tinham varrido da memória. Sentiu assim um grande desejo de chorar e chorou baixo para que alguém ouvisse e viesse pôr-lhe uma mão no ombro. O que é isso Aldegundes? Mas ninguém acordava. Até que passou a vista chorosa por sobre as grelhas, os cestos, os seis garrafões de asa na garganta como se rissem de alguma coisa, e se fez faísca de entendimento. Já sei. Aldegundes Beira pregou então em cada canto da boca um pregador de lástima, o beijo de baixo caído à altura da desilusão. Já sei. Ando a perder a memória por causa dos comeres. E pôs-se a contar pelos dedos. Em oito meses a fio, já eu pensei em mais de quinhentas refeições para o meu homem, mais para cima do que para baixo, e para confirmar basta fazer as contas com esferográfica. Tanta tanta coisa, e é isto que destrói a mente da pessoa. Como se pode pedir tanto em

tão pouco tempo? E por tão pouco em troca? Agora sei, sei. E chorava tanto com a mão na testa para que ninguém ouvisse nem visse, que as lágrimas em vez de correrem perpendiculares pela força da gravidade, a caminho do pescoço e da gola, faziam voltas pelo rosto e metiam-se nas orelhas provocando um estremeamento de frio dentro da cabeça. Até que se limpou com um lençinho das mãos, se calou e resolveu falar muito alto. Se alguém quiser organizar uma revolta contra os comeres, eu encabeço. O marulho do mar nem se ouvia de afogado em si mesmo, senhor, era como se lhe tivesse chegado uma maré nem cheia nem vazia mas de silêncio. Se alguém quiser organizar essa revolta, eu encabeço. E repetiu para que acordassem, se julgassem num antigo meeting e chamassem a imagem das reuniões e dos parlafones. Queria ouvir a opinião de todos sobre o assunto, o vigor da concórdia e da discórdia sobre aquele caso que lhe acontecia. Mas por mais que Aldegundes Beira proclamasse o desiderato desse encabeçamento, ninguém fingia, estavam todos mesmo adormecidos, que não valia a pena acordar com um sobressalto de luta.

Uma revolta contra os comeres? Perguntou Valentina . Palas levantando-se sem o mínimo impo do peito, o cabelo a desprender-se do rolo e dos ganchos por cima dos ombros. Uma revolta contra o quê?

Mandou-se Valentina para o meio da roda dos dormentes. Se organizarem uma revolta contra os comeres, temos de discutir muito bem primeiro. Eu não embarco numa dessas sem mais nem menos.

Há um mês eu mesma encabeçaria esse abaixo-assinado, mas hoje já não.

Valentina era como se dançasse a saia transformada em camilha desajeitada ao móvel, agora que emagrecia de ventre. Venham eles, venham eles que não me tocam, de todos os tipos de cozedura, podem vir que já não nego. Dizia Valentina Palas e o mar, não senhor, não se ouvia, chamássemos o que lhe chamássemos, não se ouvia.

Agora eu compro na farmácia uns pós, ai o nome, ai o nome, ai o nome. Não interessa, o nome. É um pozinho branco que em ficando debaixo de água ferve até fazer barulho, e eu misturo assim. Pego num frasco alto e que se rolhe bem. Meto lá dentro duas colheres desse pó, meio litro de água e agito durante um tempo até tudo ficar misturado. Ninguém além de Aldegundes e de Sebastianito, que fingia dormir simulando um ressonado posto, acompanhava aquela demonstração de perícia, mas Valentina ia rodando para que a imagem fosse proporcionada igualmente a todos os circunstantes, como as meninas de circo fazendo sua vénia final. É assim que eu faço. Truz truz truz para cima e para baixo, ponho à altura dos olhos, dois dedos aqui nas ventas, abro a boca para não tocar na língua e vai de um trago, à noite, antes de adormecer. Valentina fazia o gesto unindo as mãos contra a cara e ensaiando o som de dormir, bzz bzz. Como se calmo e repousado.

Só Aldegundes pestanejava, absorta por uma desilusão, a mão debaixo do queixo e aí o pensamento depositado. Como se dissesse. E agora se adormeço? Se me volto a

esquecer da minha ocupação? Do nome da família? Da data em que nasci? Da designação de todas as coisas? Das visíveis e das invisíveis? E agora?

De manhãzinha é só correr para as sentinas da praia. Ah menino, passados quinze minutos saio de lá sacudida como me vêem. E se eu for à casa da Redonda e se destapar a máquina de coser, e se me puser a ela, e se for com afinco, em menos de dois dias a roupa ficará cingida e vocês verão a minha cinturinha. Valentina dançava e metia a mão no cós a estabelecer a diferença. E era como se quisesse dizer. Aqui está que não encabeço revoltas.

Leonardo também abriu os braços e dizia nesse abandono de tarde. Vem, minha filha, que te entendo toda.

Pinaira abriu os olhos e ficou a ver as nuvens passarem lentas, às cores, vindas do mar, muito mansas e a caminharem para terra, como barcos desancorados a desfazerem-se no caminho do cais. Ainda mantinha os dedos queimados do barbecue, muito luzidios de um brilho de brasas, e escondia as mãos, uma sobre a outra debaixo de um avental da imaginação. Usavam-se agora as pessoas muito magrinhas, como se alongadas por um pôr de sol tardio. Bastava ver as colecções elle-mode para se ter a certeza absoluta de que assim era. Mas Pinaira era-o por condição. Tinha mantido os canelos magros do plantio da fava, o ventre liso das caminhadas dos tojos, dedicada agora às limpezas do corrimão. Conservava-se esguia, sim, amigos, mas sobre a cana da

perna eriçavam-se-lhe cabelos do tamanho de dedos, para agastamento de Zulmira. Que desleixo e que horror. Pinaira ainda tinha a vista perdida naquele deslizar das nuvens e pôs-se a dizer para Aldegundes, como se a repreendesse com severidade, que se lembrava de tudo tão bem. Que a ela o sono até tinha a vantagem de lhe avivar as coisas esquecidas. Fosse do que fosse, meu deus, acabava de sonhar com Rosária, só para que visse o contraste. Aldegundes de mão encostada ao queixo, sustentando-o. Vai dizendo. E Pinaira com aquele pêlo de perna a sair de sob umas meias que ficavam à vista, não merecia crédito, mas dizia. Sendo assim, ainda bem que não quis homem para não perder a memória. E a pouco e pouco iam abrindo os olhos e ficando calados, aquecidos pelo aconchego do corpo e pela encosta abrigada da praia. O sol um pouco para a direita a querer fazer sua curva de cair. Si tous les enfants. Mas sentiu-se sentimental e despropositado com aquela evocação tão lírica e tão chamativa do pensamento. Credo.

Não valia então a pena lembrar nem imaginar, dois esforços inúteis e desnecessários.

Valia sim. Por exemplo. Disse Simão Rosendo, mudando de tom mas não de figura, muito franciano. Quem, mas quem sabia ainda por acaso, uma canção de vinho? Ele, que tinha atravessado montanhas em wagon-lit et restaurant. Havia, pá, havia uma. Disse Inácio João com o olho grosso a rolar e a pálpebra a fechar-se. Por causa de o zé da adega não saber tocar o fado, ai não saber tocar o fado. Não continues, pá, que essa falava de mulas e

estamos todos no tempo das garagens. Era Begango a querer levantar-se dos joelhos de Rui Seladinha, ali à meia encosta diante do Alguergue, o mar completamente adormecido e ninguém espantado por isso. Se não fosse aquela ameaça de frio que se haveria de sentir pela noite quando ela viesse, apeteceria mas era ficar ali eternamente a olhar as nuvens às voltas e a fazer conversas de sono. Aldegundes, estranha, a ouvir, não se importava naquela tarde com as notícias das rendas, nem dos pontos, como se se tivesse esquecido da palavra agulhas. E nenhum dos presentes conhecia uma verdadeira canção de vinho e assim, por ignorância, deixávamos esmorecer a brasa íntima do barbecue que era a nossa ruidosa alegria.

Deixavam esmorecer a brasa.

Vão rodando este lume. Disse Simão Rosendo, mostrando o dente de, oiro, todo molar, e passando o sexto garrafão de asa no gargalo a rir. Muito aberta a boca. Daqui em diante, mes arais, deste metal só se ficar agarrado ao osso. De resto, tudo se pode perder. Tiens. Via-se que pensava num anel.

Eu. Eu sei uma cantiga de vinho. Era Edmundo Breba, irmão de Aldegundes, baixo, franzino e borbulhoso, bandeando-se sobre as pernas. Parecia acabado de nascer da areia, tão terrosa tinha a cara. Olhem para aquele como está. Disseram do lado oposto quem o via de baixo para cima, de estar deitado ainda sobre a almofada das pernas e dos colos. Eu sei, eu sei uma cantiga. Escutem todos o Edmundo Breba. Basta que

vocês aí queiram fazer plim plim com a língua e os dedos sobre as calças, que temos o conjunto perfeito. Como se faz lá no grill. Exacto. E se tocam as boas festas e os happy birthdays to you, que eu sou o Maurice César. Ladies and gentleman, depois deste barbecue. E Edmundo no meio da roda pôs-se a ensaiar com Rui Seladinha um plim plim, plão só para afinar. Porra porra, que felicidade a minha, que nunca julguei ser dispensado da guerra e ainda por cima vir a fazer parte de um conjunto musical. Só que Rui Seladinha teimava em acompanhar Edmundo sem se levantar de debaixo de um, e de decima de outro, e Simão Rosendo, que andava com o sexto garrafão em oferta, resolveu substituir o ainda estremunhado do barbecue. Eu, eu acompanho com a mão e com a língua, não te incomodes, homem, que não estás só. Atenção. Edmundo pegou então nos braços do seu corpo, fez do seu punho direito um micro e do esquerdo um remo, para comer aquele com os lábios, todo debruçado sobre. Fechou os olhos.

Atenção.

Um dois três. E andante.

Que se chamava Rosária a minha namorada. Eu amava-a.

Mas ela não. E eu dizia-lhe. Pssst, pssst. Vem, vem Rosairinha.

Mas ela não e se ia de mim.

Ai de mim. Ela tinha uma cesta e

Eu um balcão. E eu que sim e ela que não, que não.

Lembrava a mãe soberana feita menina e dizia e dizia.

Eu não.

Eu sabia onde ela dormia e ia.

Fomos feitinhos um para o outro, menina. Que não, que não.

O que tem a menina? Não é muito jeitosa de cara
Mas tem um ar manso e brando de purinha. Faça, Simão Rosendo, Plim

Plim plim nesta cantiga. Um dia ela disse. Eu não. Eu quero morrer

Donzela. E eu fui-me a ela. O quê? Pssst, pssst.

Até que o zambuco pôs o olho nela. Vendo-lhe as maminhas le

vada-

Das

Como os pãezinhos na pá. Faça, Simão Rosendo. Plim pião

Fermentado o pão. Ai ai.

O zambuco louco e o eunuco se foi a ela. E ela a ele.

Com uma voz que se confundia com a dela.

Deixou-se mexer, remexer e apalpar pelo velho tramboco e maluco

Lá para fora da pedra anfra. De madrugada. Mandava nela

Como se fosse ela um cavalinho de circo. Metia-se ela na água

Fria.

Na água fria do amanhecer, toda vestida. Eu espreitei e vi.

E ele chamava-lhe de virgem. Ai como era? Virgem de botti-

Celli. Mês de maggio abrindo o regaço de flores. E dizia.

Ela dizia. Eu? Serei eu o mês de maria? Com a vozinha a tremer

De frio e de maresia. Faça plão plão.

Sim. Dizia o tramboco. Vem sobre ti abril fugindo do março

Soprando. Oh radiosa.

De dar voltinhas. E tanta voltinha deu a minha

Namorada, que se fartou do mar.

Mediu o espaço a minha namorada, escolheu a varanda

E o ar. Caiu no chão. Faça, Simão Rosendo. Plim plim pião.

Quero isto muito triste, muito triste. E nem a cara lhe ficou

Inteira.

Para lhe dizer. Assim. Vês?

Porque não acreditaste antes em mim?

Acreditava ela que a coisa acontecia com o botti-

Celli? Faça Simão

Rosendo. Plim plim plim plim plim plim.

Edmundo não só simulava já ter engolido todo o punho do braço abocando-o de olhos fechados, um micro de ampliação tão verdadeiro, como ainda se fez de tropeçante no fio de uma suposta aparelhagem de som, e se deixou cair de borco no centro de uma luzerna de, sol. Havia um odor de tinto em redor que saía aos sopros pelo gargalo do sexto garrafão. Todos estavam acordados e sem saber por que motivo eram invadidos de uma fome de insatisfação, sem dizerem, e para quê. Aldegundes tinha vontade de repetir a proposta e receava o furor da luta das palavras, da oferta de discussão. Todos teriam motivos para não encabeçar essa luta. Pensando bem, quem saberia se no meio da revolta ela própria não esqueceria algum nome tão precioso que deitasse todo o esforço a perder? Manteve

por isso a mão sob o queixo mesmo quando ouviu Edmundo e depois o viu cair, como se também esse não lhe dissesse respeito nem lhe conhecesse o nome. Adiante. Sebastião Guerreiro é que se sentiu perdido de todo, e pegou no cavaleiro da imaginação, chamando para o seu dorso a lembrança de Laura para se salvar. Laura a correr, Laura a falar, Laura a sorrir, Laura a dizer bye bye. E depois eu em crawl e em borboleta. Ai que lembrança. Até que o mar começava agora a deixar soltar da superfície uma brisa que vinha a intervalos regulares como se soprada por um peito humano. Aliás, também a tarde de repente seguia um outro andamento de nuvens, ou os pinheiros um outro abano de sopro, porque se ouvia um ã ã nitidamente desprendido de ondas longínquas, juramos que ouvíamos, amigos, muito distintamente.

Era das ondas mesmo. Em homenagem ao namorado sem consolo, puseram-no então às costas e levaram-no em braços.

Não. Em homenagem ao namorado, Rui Seladinha quis depois fazer o seu testemunho e levantou-se. Já que não fui à guerra, quero ser útil, caramba. Isto é. Foi depois da crise do direito aos teres por que todos passámos. Muito depois, já estávamos completamente recompostos dessa desavença com a nossa pessoa e o que nos rodeava e servia, mas tínhamos ficado com o hábito de discursar desde as nove da manhã às seis do dia seguinte. Bem rodados de palavras. Ninguém se admirasse então de que a sua geração soubesse tão bem depor em público. Eu, Rui Seladinha, também sei. Dizia o feliz enquanto

Edmundo permanecia caído de borco como se jazido, embora respirasse e se visse. Este é o meu depoimento.

O depoimento de Rui Seladinha.

Não só fui o mais felizado por não ter ido lá, como ainda me gabo de ter sido a melhor testemunha do acontecido. Fui ou não fui, pá? Portanto. Foi um dia pelas cinco horas da tarde, a clientela ali na esplanada toda vestida de verão, só alças e a rir. E eu à janela. Estava eu à janela da sala precisamente a pôr talheres, pá. E quando levanto os olhos e vejo um corpo. Vejo um corpo, pá, e me saiu logo um grito. Que é isto? Perguntei eu, pá. Perguntei eu e olhei para baixo, ainda a moça ia no ar, pá. Assisti ao embate e fiquei pasmado, e pus as mãos na cabeça. Pus as mãos na cabeça e descí as escadas, dez em dez os degraus, enlouquecido, porque agora é que se amandava a moça, agora que o futuro dela se tinha resolvido, pá, e se amandava sem remissão. Descí as escadas, e só quem chegou antes de mim foi o Folhas, pá, e lembro-me como se tivesse acontecido esta manhã, pá. Como se tivesse acontecido esta manhã, ele afugentava os assistentes portugueses, pá, que até nisso se viu a diferença. Porque os hospedados que estavam àquela hora muito bem sentados nas cadeiras de bambu à sombra dos guarda-sóis brancos, ou por desconhecimento da pessoa que assim se atirava, ou fosse pela educação de esmero que assim ditasse, pá, apenas viravam as cabeças enojadas com a visão. Granda tragédia, pá. Ainda disseram. Horrific. O que deveria significar porra e contrariedade na língua deles. Só que eles, pá, imediatamente recolheram aos quartos

sem voltarem para dar um pêsame, aquilo é que foi. Aquilo é que foi porque estavam todos a fazer digestão quando isso aconteceu, o que também não admira. Não admira, pá, que quem não se lembra? A verdade seja dita que a princípio não se lhe via a cara. Quando desci com a bandeja na mão e de farda número um vestida, não se lhe via a cara, pá. Não se lhe via a cara, mas saía-lha por aquela pedra afora, feita almofada, um vinho tinto como poort wine. Verdadeiro e velho, do que não escuma de doce, tem fundalho e enche a vista de ideias rubras. Já perto do xarope. A escorrer dos ouvidos pelas risquinhas da pedra abaixo. Ou melhor. Da cor da ferrugem feita licor. Eram então como minhocas vivas a caminho da terra que procuravam o mesmo lugar da inclinação. O caminho escoante, escoante. E das fracturas da cabeça, aberta como romã escarchada de madura, uns spaghettis brancos e cinzentos como prurido do pensamento, pá. Isso lhe saía do que tinha sido cabeça, pá, e o Folhas a olhar e a querer enxotar os nacionais que vinham ver como a moça se fizera salada de uma fruta só, pá. Como a moça se fizera em salada de uma fruta só, pá, porque também tinha as pernas quebradas, que assim se diz dos pezinhos das flores, pá. Não é verdade, ó Sebastianito? E afinal, pá, debaixo do molho das roupas, via-se-lhe uma anca bem feita que nunca ninguém lhe vira, embora em ponto ainda miúdo. Nunca ninguém lhe vira, pá, mas naquele momento todos compreendemos que era um verdadeiro osso buco à italiana que se oferecia de graça aos olhos da tarde, mas também sabíamos que ninguém a tinha mandado atirar-se, pá. Ninguém a tinha mandado atirar-se, e quando o Folhas lhe virou a cabeça, pá, portanto, eu fugi,

pá. Aqui d'el-rei. Aqui d'el-rei, disse eu, pá, porque tive o pressentimento de ir ver uma pizza ensopada de molho e de recheio primavera de flores. Tomate, talvez. Um ketchup de fresco, amigos, feito com a carne e o sangue vermelho de Rosária. Pá. O cheiro que se despreendeu era doce, de carne passada, pá, pedindo alho e cominho para ser temperada e servida, pá. Tive tanta sorte, pá, que não só fiquei dispensado da guerra por um triz, como vi um morto desde o princípio ao fim. Fiquem todos calados, que não sei se ainda estamos bêbados. Ou será da digestão?

Estariam bêbados.

Não. Estaríamos loucos e macabros, só que de repente o mar parecia mesmo uma aguagem de fevereiro, a esbranquiçar-se e a fazer-se da cor do frio. E já sob o impulso desse arrepio, Catrinita, no outro lado da roda, ainda com uma luzerna de pernada a dar-lhe de rosto, conseguiu contrapor. Semierguendo o peito, cabeça reclinada no colo de Zulmira. Um reparo. Que pelo contrário, a mim me pareceu cheirar à buchada de um peixe. Ou fosse da urina que também corria como um chá de hipericão arraiado, oito dias de bule. Ou de qualquer outro corrimento ácido. Me cheirou à buchada do espadarte. Tenho dito. Isso foi do vômito da visão. Disse ainda Rui Seladinha, no meio da roda. Era mas era um verdadeiro bife tártaro cru, amassado com todos mas sem gema. E cheirava a isso mesmo, não à buchada de um espadarte qualquer, Catrinita. E Zulmira Santos, tapando os olhos com os óculos escuros, puxando o tricô por um cinto contra o corpo, disse, sem conseguir

dominar a voz. Calem-se. Silence, please. Faço tenção de não ouvir nem mais uma palavra para esquecer tudo isso. Mas foi a primeira a levantar-se como se sacudida por uma pressa de parir qualquer outra palavra pela boca, um acto incontinente, amigos, via-se na forma de correr na direcção às escarpazinhas que davam sobre o mar, avejoando as saias longas e os atilhos pendentes, as mãos nas goelas a depositar pela ravina o conteúdo do barbecue. Onde vai ela? Misturando os arranques do estômago com os sons do mar. Alvorçou-se todo o grupo até aí adormecido pela conversa. Ai de mim, que ainda cai mulher à água. Então Aldegundes foi segurar na testa da companheira como se faz às crianças pequenas, mas começou também a sentir a náusea. E seguiu-se Catarina Mendes, Mariquinhas Bento, Dores Parreira, umas atrás das outras, ao desafio com as ondas do mar. Só Valentina Palas permanecia sentada, redonda na sua saia já um tanto. Iassa na cintura que adivinhava ter existido. Está visto, nada me pega por esta banda. Sou dura como uma rocha. E tinha um lábio de inveja das que sem preparado nenhum, se volviam duas horas depois das refeições, apenas por uma conversinha daquelas. Mas de tudo havia um seu lado positivo. Era Leonardo a pensar. Tem orgulho nisso, mulher. Porque naquele caso o orgulho era um sentimento propulsor da alegria e do bom senso. Tu vais-te mas é pelo coração. Será que vou? Perguntava Valentina entristecida e duvidosa. Coitadinho do Edmundo. E muito maternal, resolveu ir levantá-lo do chão, que o melhor era abalarmos. Já que uns estavam a precisar de um chá, outros de água das pedras para arrotarem tanto mal de

alma que parecia haver. Ai de todos, como estamos depois deste barbecue.

Mas pianinho, meus amigos. Nem aquelas estão recompostas, nem a gente conforme. Também o vinho pusera a vida de Leonardo muito rubra e cor de rosa, e por isso se levantava abraçado à futura cintura da sua mulher, o braço todo esticado de amplexo, e sentiu-se capaz de tocar um acordeão no seu corpo. Como era, como era? Em tempos eu fazia assim. Deste lado os acordes e deste a melodia. Passava Leonardo as mãos pela mama de Valentina. Mas isso era uma memória tão vaga, tão do tempo do racionamento, da carestia de vida e das notícias sobre os bombardeamentos. Tão antiga. Que já não saberia como pôr os dedos sobre cada um dos botões nem como fazer tombar a cabeça pelo abrir e fechar do fole. Nem eu. Nem tão-pouco ferrinhos a que só bastava fazer tlim tlim contra uma tripeçazinha de metal. E alguém seria capaz de jogar ali uma escovinha à roda à roda até almarear, a nossa mão na sua mão? Não. Tontos, já estamos tontos, quanto mais ainda procurar tonturas deliberadas. Olhem aquelas. Estaremos bêbados? Qual bêbados. Também ninguém seria capaz de reconhecer, pelo menos reconhecer os vários sons produzidos pelas posições da língua sobre as palhetas da gaita. E para quê? Mas nem tudo estava perdido. Simão Rosendo levantou um pretenso e derradeiro copo com o olho mortiço de um bode muito abatido e entoou. Chevaliers de la table ronde. E esquecido, continuou numa prosa informe de mes copains, mes copains et camarades. Tão franciano na maneira de se pôr. Tinha-se-lhe despenteado o cabelo que lhe saía da sua já calva,

a cabeça um pedaço de calote resplandecente cheia de ideias de partida e chegada. Lá, amigos, há marinheiros que vêm de todo o mundo e aportam àquele porto para tomar uma bebida e dormir uma noite com homem ou com mulher. De tanto andarem já nem conseguem acenar nos cais.

Que em todo o mundo há cais.

Em todo o mundo, sim. Disse Simão Rosendo com o olho em morto completamente fechado, mas cada um tem a sua serventia. Há uns que têm guindaste, e outros é só atracar e outros e outros. E ainda outros. Simão Rosendo olhou em redor, mas estava completamente adormecido de novo, e resplandecia-lhe da cabeça uma auréola de verdade. So Sebastião Guerreiro ainda mantinha a toalha, e aconchegava-a agora como cachecol à volta de um pescoço de pensamentos secretos. Onde seria o mundo azul e ribeiro como ali? Mesmo a mudar sob aquela súbita viração, apetecia chamar-lhe um nome longo e prolongado que se casasse com o horizonte. Verdadeiro sálassa, por causa dos rochedos e da ausência de faróis por desnecessários, já que ninguém se perdia pela claridade das noites. Sálassa. Dizia às vezes o Folhas explicando os seus amores. Mas o entusiasmo de Leonardo era tão grande em torno da ampla cintura de Valentina Palas, que aquele namoro constituía uma afronta às maldispostas. Não interessava. Cada um manifestava a alegria e a felicidade como sabia. Não valia a pena esgotar agora a paciência com aprendizados de escalas de som, tocando nos diferentes buracos com a língua útil para tanta coisa. E ainda ter de limpar o

instrumento às calças, à medida que fosse ficando húmido de cuspo. A propósito desse toque, conheço a história de um noivo que conquistou a noiva metendo a flauta num sítio que eu cá sei, e era com cada sopradela. Além disso não gostávamos de sons de cana rachada, porque lembravam balidos de cabras, lavras e chiados de carro com varais ao frio e à chuva. As vomitadoras não vinham como se estivessem a combinar qualquer revolta encabeçada pelo mar, adiante, os olhos postos nele. Não gostávamos. Mas bastava fazer assim naquele instrumento que tinham trazido com os pastéis de salsa para que se ouvisse. E rodado o botão, soltou-se pela tarde dos pinheiros um súbito som de grande notícia, ali no entardecer de domingo. February, 20th. Não desligues, pá, há quem goste de ouvir as agendas e o assim vai pelo mundo. Só que começavam a regressar as mulheres amarelecidas dos arrancos feitos para as águas, as mãos nos estômagos, como ulceradas por coisas salmoiras e crustáceas. Alegrem-se, riquezas. Disse Simão Rosendo levantando a cabeça a encalvecer. Pôs-se em pé cambaleando, uma onda de deslembramento a embater-lhe cada vez mais nas curvas das pernas. E atentou bem na palidez dos seus rostos. Ah porra. Voilà les enceintes, meninas, verdadeiras paridas. Zulmira Santos, a primeira a ter dado o sinal de náusea, indo fazer o seu ruidoso vômito sobre as escarpas, respondeu. Andamos fartas, fartas deste desfecho das festas, chamem-se elas o que se chamarem. Fartas, fartas da tua conversa, tudo parola fiada, meu rico. Mas Simão era como se não sentisse o frio que já ladrava em volta e caía do céu às pagelas, e foi-se a ela. Limpem as bocas, meninas, do azedo desse vomitado. Cá está o

Simon a ve-las de novo, uvinhas rosadas. Não se façam esquivas, ovelhas. Suínos. Disseram elas. Pinaira à frente, com os cabelos das pernas a quererem furar as meias pelo assanho. Suínos. Em cima de mim ninguém pula e ninguém pulará. Toda ela era rainha de sagesa, e dava com aquelas palavras uma lição universal, embora fosse Zulmira que possuísse os óculos. E Simão abrindo e fechando os braços. Ai à falta de melhor, até tu servias. Fingindo amplexos sobre a camisa e o pulôver desfeito, cintura acima. O mar tinha levantado um arrepio de onda forte e raivosa. Rainhas, donzelas, belas teodoras. Dizia ele. Imitadoras das verdadeiras mulheres apenas pelo que lhes entra pela boca e sai por um sítio que eu cá sei, e que em frança se diz com um som a mais. Tivessem aprendido com miss Laura. Era ou não era, Sebastianito? Sebastião calado, prestes a fingir um ressona de olho fechado e boca entreaberta. Füne. Como este costumava dizer. A qualquer hora ela ficava nuazinha como a mãe a deitou neste mundo e era ver aqui o Cagaça a fazer-lhe vestidinhos de limos, broches de calhaus sobre os sítios. Simão Rosendo pegou numa pernadinha de pinheiro a secar no chão. Vão-se que as zurzo a todas. Velhos rebentinhos de pudor, atrasos do século, démodées da vida. Allez, allez-y. Mes coquines de poules. À quoi bon les longues jupes, ahn?

O futuro como uma grande casa de janelas transparentes, toda iluminada.

Sim, à quoi bon les jupes? Sebastião Guerreiro sentia-se ultrapassado, e muito solene, levantou-se para dizer que estava ali entre os presentes, debaixo dos pinheiros,

porque não se tratava de uma merenda mas de um barbecue, meus amigos. Abriu os braços truncados e o sol caía mesmo de perfil diante da água. Peace, my friends. Peace and love. Que se vim aqui não foi para assistir a isto. Diz-se em europeu e em universal. Peace and love. De outro modo de nada nos vale enchermos os móveis de loiças e o corpo de carnes assadas. Se deixarmos o desentendimento dominar o convívio. Love. Até para as estrelas é esta a palavra enviada na cauda dos satélites. Porra, sabem ou não sabem que estamos todos no princípio de uma nova era? Enquanto Simão Rosendo, retrocedendo sobre os seus passos de cambaleio, dava ao botão do philips, e se espalhava um som roufo e estrida de um conjunto muito musical. Não apagues, pá, sem ouvir o nome. Parece-me ser uma das músicas preferidas por miss Laura. Punha-se completamente o sol para que as nuvens corressem mais rápidas. As mulheres como se alheias ao desconcerto, arrumavam os cestos com pressa, sacudindo migalhas e depositando sobre pratos de papel uns restos assertoados para que os Joãos acabassem por vir. Deixavam-lhes também uma fruta, e porque não? Se pudéssemos ficar à espera atrás do muro, vocês veriam. Vão fazer uma recolha pior do que as formigas em tempo de seca. E de cabeças baixas, tinham sentimentos abstractos, ideias vagas, lembravam-se de coisas tristes como o real anoitecer. Aldegundes ainda parecia alguém e Livros da sua vontade. Todos em debandada. Então Edmundo, excitada a recordação pelo frio que desesperava a pele, sentiu-se criança abandonada na rua. Nunca, nunca encontraria uma pequena que tão bem lhe assentasse, lhe desse pela orelha, lhe chegasse

ao ombro como deveria ser um casal. Que amor tão malogrado. Só Rui Seladinha em resposta falava dela como de uma forma de fruto e depois de enchido, tudo, pá, pela grande sorte que tinha tido. Peace and love. Era Sebastião Guerreiro, olhando de soslaio a pedra que ficava, e sentindo-se papa de concórdia, bom e perdoador. Peace and love. E Edmundo não queria que o encontro se dispersasse, juntando sempre uma palavra a mais. Porque Rosairinha era a sua namorada, eu amava-a.

E ela não quis.

Menina quer? Já não há guerra para ser madrinha

Mas seja minha.

Namorada e madrinha.

Porque teima em ficar assim?

Assim calada no meio da praia. Sozinha.

Eu dizia e ela nada, nada.

Pssst psssst.

E ela muda e calada no meio da freguesia.

E quando eu vi o velho zambuco tramouco e eunuco

De posse dela. Ainda lhe disse assim. Plão plim.

Pssst, menina. Venha aqui. Um recado

Que lhe deixo na janela. E ela. E só não me fui a ela

Porque ela tinha o gosto

Daquela madrugada. Plão plim

Na beira d'água

Feita modela, anja e serafim. Plim plim plim plim

Zulmira Santos é que regressava diante de todos, sentindo-se mãe das frustrações. O seu beicinho que

abalara pintado de um vermelho vivo de romãzeira para acentuar o mate, vinha tão despintado que o rosto se lhe tornara verde-azeitona longar. Não, não valia a pena o incómodo para tudo terminar assim. Por mais que desse volta às lembranças pessoais e às das amigas, ninguém conseguia descortinar, nas fitas vistas ou simplesmente lidas em abreviados, um barbecue com semelhante desfecho, mesmo quando se tratava do primeiro. Durante aquelas festas os milionários costumavam encontrar raparigas pobres mas prendadas de limpeza, corpo e inteireza de feitio, e acabavam por pedi-las em casamento com anéis dentro de caixinhas do tamanho de cofres. Outras vezes, eram elas ricas e andavam a cavalo como ou melhor que os homens, e de repente apaixonavam-se por um pobre chauffeur másculo como os bonanzas, desempenado de palavras. E era com cada noivado, com cada viagem, com cada beijo na boca. Caramba, só nós éramos assim, não conseguimos imitar coisa nenhuma a preceito. A Zulmirinha, regressando com os olhos nos desmemoriados, nos desbragados e nos deprimidos, afora os outros, apetecia ir meter a cabeça debaixo dos lençóis, uma pastilha valium na boca e os caracóis que se lixassem como tudo. No, my friends, tudo o.k. and very fine. Não estou triste por ninguém em particular.

OITAVA

A SEDUÇÃO

Sebastianito Guerreiro tinha iniciado aquele barbecue ouvindo um relincho de cavalo. The horse. E acabara a festa com um cheiro a estrume. The manure, miss Laura. Paternidade à parte, também era da opinião de que se deveria enterrar os mortos e pensar nos vivos. Oh yes, surely. O que não queria dizer que ao ver-se um adoentado ou moribundo não se lhe desse os caldos e as palavras. Mas depois dos enterros feitos, a que se deveria ir com o fato mais escuro e cinzento que se possuísse pendurado das cruzetas, ou um fumo negro no braço, não era preciso ficar a falar das coisas passadas com aquele gosto de coroa de flores lilases na boca. Saudades de papel prateado também. Infelizmente não tinha trocado impressões com miss Laura na barafunda do acontecido, mas supunha as suas ideias, ditas com a calma dos jardins. Rosária tinha deliberado contra a lei que regia as plantas e os bichos da terra e do mar. Mesmo as conchas bivalde existiam para se fecharem contra o arremesso do perigo e protegerem a massa molusca que lhes formava o corpo, e vendo as marés, muito se aprendia. Isso portanto era lá com ela. Ele próprio, Sebastião Guerreiro, abanava as ideias tristes a propósito e quando vinham, com um leque de higiene mental. Mas os outros não. Os outros gostavam de chafurdar na tristeza com ambas as mãos para depois se

queixarem do efeito sobre a alma. Andava raivoso com tanta incapacidade.

Talvez quisessem dizer que nem só de merendas vive o homem.

Talvez, mas se dissessem seriam mentirosos. Sebastianito Guerreiro é que magicava no facto e achava que se comportavam assim porque não dispunham de momentos doces como ele próprio possuía. Aquela tarde, por exemplo, em que pela primeira vez tinha visto miss Laura chegar, depois de durante anos e anos apenas ter assistido a um cortejo de anunciantes, era uma alimentação completa. Desde que o Alguergue fora levantado naquela linha e que tinham começado a chegar, vestidos de branco e cor-de-rosa, de olhos sobranceiros pregados na simplicidade das coisas mais lhanas. Que gente é esta? Porra que parecem desorientados com os pontos cardeais. Sebastianito Guerreiro compreendera a intenção dos que vinham. Quando Mr. Brown olhava para a esquerda era como se dissesse. Que a sua vinda tinha de ser interpretada como pura caridade internacional das outras nações em relação a esta. E que a verdadeira solidariedade afinal não era um mito, senhores, arcabouço de palavrinhas ditas pela tê esse fê para apenas entrar por um e sair por outro. A realidade era muito mais lírica do que o anunciado. E Mrs. Rowe como se completasse, quando imitava bom-dia. E claro, isto é muito mais importante que os donativos das nossas cruces vermelhas feitos à vossa. Sem dúvida. Também achava o riso pálido de Mr. Smollett. Fazemos enviar amostras da civilização

exactamente para dizermos, de uma forma muda e educativa o que queremos dizer. Vejam, vejam como somos, Sebastianito. Os nossos modos, as nossas compleições. A versatilidade das nossas línguas, as nossas formas de apoiar o braço na janela das varandas. E aprendam, se quiserem, que os modelos estão à vista. Poupamo-vos três séculos de tentativas na margem do recuperável. Como se Mr. Brown, Mrs. Rowe e Mr. Smollett quisessem dizer, muitos outros a fazerem coro. Assim é. Porque tudo isto é uma progressão contínua, e por isso, quando chegarem vocês. You. Ao ponto em que agora estamos. Us. Quem sabe em que ponto não nos encontraremos nós então. Vejam a verdadeira europa e o grande mundo. Como se dissesse uma Mrs. Adler ajeitando um panamá em forma de nenúfar. E para vê-la e • conhecê-la, desde agora, não é mais preciso comprar um mapa. Nem ter o trabalho de aprender rudimentos de línguas novas por pirosos manuais de conversação, com as ditas torres na capa. Nem precisarão desembarcar em portos e atravessar aduanas com as bolsas às costas, cestos de verga na mão, pães caseiros do tamanho de malas. Sim. Como se dissessem em coro descendo as escadinhas que levavam à areia, depois de tomarem o pequeno-almoço e repararam nas flores. Vejam os que chegamos, como chegamos. Vocês. You and you. Rebotalhos esquecidos das grandes evoluções da vida. Aí no sul do mundo com o cérebro definhado de infâncias alimentadas a só peixe e conquilha, pão em água e um fio de alho ainda de carapela. Porque nós, e nós e nós. Somos nós. We and us. Era como se dissessem e se compreendesse até à derradeira sílaba. Ai que grande dor de cabeça.

Ai que dor de cabeça. Para Sebastianito ser franco, alguma coisa faltava a quem chegava, sobretudo nas mulheres, temperatura das raças, Simão Rosendo. Bem sabes disso. Se sei. Sim, meus amigos, alguma coisa faltava que não condizia com a imagem que Sebastianito viera a formar durante anos e anos, através dos relatos, das estampas e dos magazines. Sentia isso sobretudo desde as gloriosas manhãs e tardes posteriores passadas com as manequins. Porque, por exemplo. Essas, além de lisas e prensadas ainda se espartilhavam nos fatos como se desejassem manter-se de conserva em tecido. Por rarefacção de qualquer tipo de gás e todo o fluido. Mas depois, estendidas de bruços e costas, era como se o corpo fosse só membros, e de repente as pernas fossem só tíbias. Por onde se arrepiava a mão quando se passava o dedo. E Sebastianito tinha-as havido frisadas como lã de carneirinho. The lamb. E lisas como de crina de cavalo. And so on, and so on. Mas atravessava as experiências uma vaga memória. Mimória porque se podia rezar-lhe por alma. Uma memória do redondo inicial de Santanita Cagaça, sua mulher, que se lhe despira na primeira noite em forma de cântaro roliço. Sobre uma cama de mogno com florão na cabeceira. A verdade era para se dizer. Em todas as que vinham havia alguma coisa de penalta em tempo de invernia. E no requintado do todo, uma certa minguação para os sentidos. Só que com miss Laura, não. Essa encarnava ao vivo a imagem das coisas férteis, renascidas, abastadas, meus amigos. Se for necessário, ainda repito outra vez que era assim, senhora Valentina.

Valentina Palas estava então presente.

E com quem falaria? Primeiro o rover tinha descido rampa abaixo, contornando o parapeito, e nessa altura o sol mergulhava na água, impávido de cor doirada, um incêndio perto da vista. Era como se passasse do zênite por descuido do andamento, em acelerado, e fosse assim em esplendor de brilho a esconder-se só por uns momentos. O sentido obrigatório a conduzir os gestos do condutor até ao fundo do paredão, onde uma relva era verde verde verde. Por minhas mãos, senhora Valentina, pela habilidade das máquinas também. Foi aí que ela saiu de entre os dois boy-friends como se maridos. E saltou para o empedrado descalça, os chinelos na mão. My god. Era uma mulher opulenta e alta, espáduas largas, deslumbrantemente omoplatas. Pernas troncas donde pendia um tremido de abanar, isentas de qualquer pêlo, esse vestígio que nas mulheres lembrava. Escuta bem Rosária, que isto é para ti. Tinha o condão de lembrar o tempo das cavernas e dos monstros plesiossauros. Que horror. Ah dedinhos por ali acima. My fingers. Mas o que surpreendia não era o costado nem a colunaria dos membros, nem o arco do crânio amarrado por um lenço. Senhora Valentina. O que surpreendia é que apesar de ser toda ela assim, as diferentes partes do corpo uniam-se por cinturinhas estreitas como se fosse miss Laura quebrar por aí. A perna antes do começo do pé. As costas antes do começo da anca. A garganta entre a cabeça e o ombro. Não, não vi logo tudo. Isto é um retrato, mas junto agora essa primeira impressão com os requebros que conheci depois. Ah fingers. Sim, sobretudo as ancas de miss Laura meneavam como uma verdadeira fala, e sacudiam-se ligeiras e abauladas no fundo dos quadris em arco de volta, como as garrafinhas de mateus

rosé mas em ponto grande. Acrescentou Valentina Palas a ouvir Sebastião. Matas-te com esses pensamentos mas é.

Ainda eram pensamentos de inverno.

Não. Já eram pensamentos de primavera, mas tinha-se posto de novo o tempo tão frio, que Sebastianito receava que as andorinhas nos beirais das casas da Redonda, andassem por lá a morrer de arrepios. Por esse andar ainda deixas amarelecer as malvas. Não deixo. Pensava eu naquele todo semienvolto por uma calcinha branca que não deixava cós por onde se pendurasse um cinto. E por isso a pele rosada lembrava uma coisa ceres carregada de frutos. Os seios? Os seios metades de laranjas, ou melhor, laranjas inteiras, também falavam como lábios. Uma auréola que se transformava em nimbo, porque rodeava o todo. Tinha explicado o Folhas com o bloco na mão. Mas a forma dessa auréola não era nem raiada, nem triângula, nem circular como nas várias espécies de santos, anjos, arcanjos e pessoas velhas da trindade. Mê filho, há três formas de coroas de fogo em volta das cabeças dos escolhidos. Era um chamamento sem cor, mas vibrátil, doce e vigoroso. Longas pastagens, senhores,-de terra escura e humosa de vergéis, vacas sonhadoras de teta em forma de sino sempre por mugir de tanto leite. Altos-fornos de indústria sem fumo, usinas mágicas de produção, tudo empacotado a vácuo. Grandes vias de comboio correndo como relâmpagos terrestres, aviões batendo asas e pondo ovo. Neves produzindo colheitas e desabrochando em flores. O domínio da cabeça pelo espírito, do corpo

pelo artefacto da mão. Tou louco, tou louco. Pensei eu nesse mesmo dia vendo ela chegar. Depois o Folhas antes do amanhecer ainda me encontrou sentado à beira do jardim e disse-me. Cuidado. É um caso típico de coup de foudre. Matas-te, Sebastianito, com essas representações.

E tentou, porque já se conhece o passo da galena.

Depois tentou. Tentou e estava tudo a bater tão certo que até Rosária já tinha. trespassado o cesto para ir ter novo avental. A vida a correr tão bem. Sei, minha mãe, que está zangada comigo, mas mesmo assim escrevo-lhe outra carta. Este era um avental diferente, um avental de serviço, de riscas sobre o comprido, fininhas e engomadas, próprias de quem já era empregado. O coração a bater tão forte que se lhe ouvia à distância, truz truz. Mas o deslumbramento teve-o Rosária ao entrar nos quartos pela primeira vez. Sobretudo porque as paredes faceiras eram grandes espelhos, parecendo as câmaras prolongar-se para além das suas dimensões até um outro mundo presente, mas onde não se podia chegar com a mão sem se encontrar a lisura e um vidro. Aquilo só para os olhos. Duas camas, duas colchas, quatro quadros de arte, duas cómodas, quatro poltronas forradas, duas Rosárias, uma deste lado, outra do outro. Minha mãe. Finalmente ultrapassando o embasbaqueamento da pequena, ensinaram-lhe a puxar os lençóis todos de uma vez, a dobrar e a arrumar com o pé, já no chão. A abrir bem os braços e a esticar os de lavado, muito alvos. Depois um toque aqui e ali e as colchas. Era assim e assim. Rosária via-se do outro lado,

uma promoção que a fazia nascer por dentro, com dois jeitos de mão no cabelo, atrás das orelhas. Nas escapadelas ensaiava uns passinhos e um rosto de propósito arqueando as sobrancelhas. E via-se. Corria atrás de Pinaira. Rápido, rapariga. Podia depois ir espreitar pelas janelinhas frestas que davam claridade à casa das vassoiras. Cada andar sua. Vê. Para que a gente tenha sempre à mão os artigos precisos para limpeza e se cumpra o serviço sem andar a gritar pelos panos de andar para andar. Minha mãe. Aquele compartimento longo e estreito tinha de tudo. Baldes, panos de chão, de pó, espanadores e aventais. Vins, omos, alguidarzinhos. Tinha de tudo dentro, e escrevo-lhe esta carta. Tinha até uma boca de retrete para que nunca uma mulher de limpeza se servisse das sanitas dos hóspedes, nem que se esteja aflightinha, Rosária. Entre eles corre a fama de termos todos chatos de cu até nos sovacos. E por isso, cuidado. Rosária andava contente. Ai minha mãe, agora que ando tão contente não tenho resposta mas escrevo-lhe esta carta. Também um armário com todas as roupas das mudas. Toalheria e lençóis. O próprio Sebastião Guerreiro tinha prevenido a filha. Uma grande recompensa, Rosária, se conseguires. Miss Laura não queria que o animal dela se limpasse em toalha que não fosse própria de gente. Sim, tudo se faria. Já ele havia assegurado á miss Laura. Claro que iria sem custo nenhum com um baldinho logo pela manhã, limpar o que o cão fazia no canto do quarto de banho. A cara de lado. Não, não custa nada minha mãe, se visse. Escrevo-lhe esta carta. Sem dizer nada a ninguém. She can't speak english, miss Laura. Rosária andava tão contente. Às vezes tão contente que a franja se abria e a testa

aparecia mais branca que o resto da cara, dando-lhe um ar de coisa que se acabou de fugir e fica tresmonteada. Miss Laura, muito boa, começou por lhe dar logo um vestido comprido e branco que Rosária ensaiou à pressa diante de um espelho de quarto que trancou por dentro. Se visse, minha mãe. Por isso resolvi escrever-lhe esta carta. Arrastava dois palmos e Rosária por certo que se terá julgado debutante de uma festa nocturna, com aplauso. Mas onde iria ela com ele? Dobrando-o e desdobrando-o. Diz, minha filha, diz. Era Sebastianito Guerreiro. Diz thank you. Diz duas vezes. Para mostrares como estás agradecida.

Rosária estava muito agradecida a miss Laura.

E depois Rosária também tinha outra vantagem que era a de poder ver tudo de cima, sem precisar descer, ter a maçada de andar para cá e para lá. A relva de manhã era regada por um repuxo que só haveria de parar quando viesse a chuva e nem assim, mas agora que o calor era tão intenso que nas horas de calma o vénto trazia gemidos de camelo, precisamente porque soprava do país deles, era necessário que a máquina da espirração ficasse às voltas, às voltas para enverdecer de viço as folhas tenrinhas, minha mãe. De sudoeste a nordeste uma veredinha de pedras quase quadrangulares, mas de lado abauladas e reentrantes, de forma a desenharem uma curva no meio da verdura. De noroeste a sudeste o lajedo mais largo e rugoso, cor de cinza escura. As duas veredas encontravam-se num ponto, e aí perto desse ponto exacto de encontro haviam espetado na terra um grande penedo. Ao lado do grande um mais pequeno,

mas ainda grande também, e depois deles, minha mãe, não sei se viu. Escrevo-lhe esta carta de novo. Rosária é que já sabia de cor. Havia dois mais pequenos ainda. E tudo como que deixado cair por descuido de um carro de besta em andamento. Ou então ovos. Ovos largados de entre a penugem de uma ave gigantesca e voadora, de cloaca irregular. Mas Augusto Folhas, vendo-a debruçada da janela, tinha explicado. Aquilo? Tinha um nome, Rosária, chamava-se de grupo de família. Rosária esfregava as mãos como se quisesse dizer. Aqueles penedos? Surpreendida pela transfiguração das pedras. Minha mãe, escrevo-lhe esta carta. Só o que não sabia Rosária, era onde viria a pendurar a imagem de sãozinha, se não via lugar onde meter ali uma coisa dessas. De resto, imaginava tudo. Escrevo-lhe esta carta comprida, minha mãe.

E mais.

Quando se olhava via-se. Mesmo por baixo ficava a grande pedra redonda, como uma mó de moinho. No meio dessa pedra redonda de laje, um tufo de erva macia, mas mais alto que o restante relvado. Se soltassem por aí um bando de cabras, haviam esses animais de tosar esta verdura tenrinha até à raiz, e no dia seguinte ruminantes nem poderiam mudar as patas com o peso do amujo. Podia-se levar de recado a Pai Patroços. E via-se tão bem dali os barcos que passavam na linha do horizonte, com as velas hasteadas de branco. Às vezes tinham várias e todas enfunadas como as dos filmes de piratas, outras vezes eram vedetas que passavam riscando o azul-marinho com o seu barulho de

motor. Também se avistava Sebastião Guerreiro a ensaiar os windsurfs, pelas tardes, outras vezes canoas pequenas onde se sentavam senhoras. Às vezes reconhecia miss Laura de longe pela figura. Que lhe tinha ela dado um vestido branco. Se vissem. Em baixo, a pedra, mas se calhar a menina nem havia reparado naquilo. Dizia Valentina Palas a falar, caminho adiante com Sebastião Guerreiro. Julgou a miúda que era um saltinho como papagaios de cordel. Que sempre se recuperam desde que o vento não sopra demasiado forte.

É mesmo possível que Rosária nem tenha reparado.

Deve-se pôr dois dedos nos olhos e pensar. O areal tinha-se transformado em julho passado numa fita permanente e dispensava de ir ao cinema. Os banheiros que costumavam estar de guarda à casa dos barcos e à porta dos duches, em vez de irem pôr a vista sobre o que se passava no mar por causa do veneno da alforreca e da mordedura do peixe-aranha. Enterradíssimos na areia, ai jasus onde se metem que não se vêem? Tinham posto a barretina tão de lado sobre a orelha direita como se a pendurassem do próprio lóbulo. Isso depois da ida deles. Não, não eram boy-friends, Valentina, eram só friends. Não confundam as coisas. Ela passava bebendo o ar da praia com os olhos cheios de aspirações, como se não visse ninguém. Não era preciso comprar bilhete, sentar-se uma pessoa no escuro, aturar as actualidades para assistir a espectáculos emocionantes. Vissem aquilo. A carne tão cor-de-rosa e apenas uns triangulinhos de roupa dispersos pela nudez do corpo, unidos por umas

correntinhas, coisas arabescas de metal. Se miss Laura levantasse a mão esquerda apareceria um arco-íris de lés a lés, mesmo sem chuva nenhuma. Tinha duas covas junto das cervicais, e por milagre, era humana e falava como as pessoas com a língua dentro da boca. Pensava Sebastião Guerreiro, cinco dedos abaixo da testa da miss. Tirava ela a trela e mandava o Fly. Away. Não diga isso, senhora Valentina, que Rosária adorava miss Laura como se estivesse a privar com julie andrews em robe e em cão. Era uma verdadeira fã e só não lhe calçava os sapatos porque miss Laura não queria. Não interessa, A verdade é que os banheiros pareciam ir ficar cegos de tanto contarem as horas do relógio olhando para a altura do sol, de receio de não assistirem à descida de miss Laura. My goodness. E já Sebastianito tinha ele próprio dois círculos de negro em volta dos olhos por uma insónia que se lhe cravava ali mesmo. Pode ser coup de foudre. Repetia o Folhas e ia andando. E esses dois círculos minavam-lhe também o de dentro. Louco com as azáfamas múltiplas dos barcos, dos bares, dos jardins, Tudo agora lhe parecia negócio sobejo. Pois nesse tempo todos os espreitadores tinham querido passar da observação a heróis para meterem conversa com Fly. Mas só Sebastianito Guerreiro tinha ficado com a missão de perder a respiração contando os timings, indo o bicho e vindo de extremo a extremo, excitado o nervo pelo bater das ondas e pelos limites amplos do mar. Altivo e soberbo, não de músculos, não de pele, não de carne. Aquele animal não tinha vísceras. Tanto olho sobre ele. Vejam o rabo do bicho. Diziam. A cauda enrolada em báculo de antigo bispo, mas nunca imóvel, nunca igual, essa cedilha de letra. Simultaneamente volátil e

enracinada na junção dos flancos, dizia-se forrada de brisa. Por entre os que faziam alas para o ver passar, Sebastião Guerreiro, eu próprio, compadres, perdi a respiração. Era um bichinho que apetecia abraçar, levar à pia e convidar padrinhos para a festa baptismal. Diziam os banheiros, Rosairinha, só por dizer. Mas Pinaira lá de cima da casa das vassoiras chamava Rosária que viesse a correr, e olhasse todos, todos atrás. Rosária assestava a vista. Escrevo-lhe esta carta. Minha mãe, se visse a dona dele é uma senhora linda como sãozinha.

Pois aconteceu no dia em que os banheiros não sabiam onde tinham perdido a boina por causa da distração. Olhavam-se para as mãos, alongando o lábio de baixo. Onde terá ficado? Não sabiam. A espera tinha-se transformado numa superstição nocturna e aguardavam que de dia para dia aquilo viesse a acontecer. Desde a despedida dos dois. E assim foi. Miss Laura descera à praia com uma túnica amarela de cetim badalante e capuz. Pelo cair do lusco-fusco sobre a areia, quando se jantava no Alguergue num jorro de luz e numa toada de brandinhas falas. Miss Laura fazia dietas. De cima os olhos dos espreitadores em serviço pareciam colocados em ameias de cuspir azeite fervente. Venham-nos ver. Fostorescia ela no crepúsculo da noite e foi sentar-se a miss no sítio onde a areia deixava de ter detritos do tamanho de favas e passava apenas a camadinhas de minúsculos grãos moídos pelos milénios do mar. Tudo em redor se ia fazendo de um vazio cheio e já escuro de espera. À esquerda da descida, sobre um pequeno morro, os barcos enegrecidos de esquecimento. As quilhas apoadas a terra, despintados os cascos das

cores havidas. Um cinzento de bicho sáurio morto que se fazia de vulto pela queda do anoitecer. Barcos que pareciam agora nunca terem tido a menor vocação aquática, acachapados com a imitação de ravina. Só o de Cipriano afastado como um serôdio rebento de persistência. Mas o mar de novo adivinhava-se ribeiro e brando. E miss Laura penteou os cabelos do cão com os dedos dela para lhe fazer fechar os olhos sobre a areia. Um hum hum de canto sem pátria nem nacionalidade, artelho sobre artelho e tudo sob a túnica que se rachava de lado até ao meio da perna coxa. Visível como uma oferenda. Depois de novo o canto caseirinho e doméstico próprio de oferecer pela manhã uma alpista a pássaro. De cima já ninguém vigiava e se vigiasse seria sobre as vagas riscas do céu. Mas não se estava só. Sentia-se o roçagar dos pés desnudos havendo os que desciam isolados e os que desciam em grupo. Sebastião Guerreiro o primeiro a chegar, se era necessário alguma coisa. Fly's food. Os banheiros em seguida fazendo círculos à volta. Do lado poente é que havia ainda uma lembrança de sol nas águas. Havia ou não havia? Coisa amortecida e distante, indo-se. E ninguém. Nem Sebastianito Guerreiro nem banheiros, nem nenhum dos homens das brigadas daquela casa, libertos àquela hora por milagre de roulement dos serviços, era capaz de dizer palavra, quebrar o silêncio. Miss Laura afagando o cão. Mas Sebastianito puxou pela força da imaginação como se de novo montasse uma galena de sons, e porque quando chegara ouvira miss Laura fazer hum hum de entretenimento. So sweet. Retomou ele mesmo o traute, e ela, talvez por ser ele o vigia do cão, talvez por outro motivo mais secreto, incitou-o com o gesto. Sebastianito

adiantou-se, o filho de Belisanda Maria. Tinha aprendido no verão passado com uma senhora com bengala, vinda da Irlanda em demanda do sol. Um dente de ouro no lugar de um canino, mais vivo e brilhante que o de Simão Rosendo, muito mais à vista. Que havia uma outra assim até perfazer a copla. In a cavern, in a canion. Sebastianito apurava o timbre e miss Laura foi obrigada a dizer. Oh very well very well. O que Sebastião Guerreiro traduziu para o grupo. Diz esta senhora que canto bem. Miss Laura ajeitava o capuz amarelo que dizia ser de um xantum muito mais fino que cetim, caramba, e muito especial porque não amarrotava como tecido nem rasmalhava como papel. Entoando ela por sua vez em direcção ao escuro da linha da maré donde se elevava o sobressalto da água. Uma aragem de sol aí sepultada pela força da rotação da terra. I met you by the sea. By the sea. E ficava agarrada ao refrãozinho como se por encalhe da memória ou da imaginação. Via-se passar barcos invisíveis de um lado das águas. Do outro peixes brilhantes pareciam fosforescer. By the sea. Os banheiros do mar, habituados a reconhecer a última palavra, julgaram perder o juízo, podendo de um momento para o outro cuspir para o ar ou meter os olhos por dentro. Não, nunca na vida tinham usado barrete e por isso não o haviam perdido. Sentiam mas era os cabelos da cabeça erguerem-se no ar como miniaturas de ofídeos. Ai da gente. Ai da gente. Só que ela desprende por completo o cabelo com um gesto de quem tira ganchos e continuou. Such a blue could be. A blue sky, a blue sky. A brisa era doce e mansa. Apetecia a Sebastianito Guerreiro morder os pulsos até sangrar, arrancar daí com os dentes duas febras de músculo até lhe ficarem os

tendões presos nos incisivos, e fazer deles duas cordas vibrantes de som. Veja, menina, como escorro o meu sangue por si. Mas só conseguia suspender a respiração com medo que alguém, por um suspiro, uma palavra, se aproximasse mais um milímetro na areia. E ela. I found the lost land. Where love, love. E dizia love, love. Is still possible. Pareceu a Sebastianito Guerreiro que miss Laura adaptava aqueles versos a uma melodia já ouvida, e que por isso ela prolongava as palavras. Ah não. Que tentação de pensamento. Nunca. Miss Laura criava a letra e a música ali mesmo e só para aquele que viesse a ser escolhido. Compreendia-se a mensagem. Love, love. E disse ela acertando a pausa. Love, love. Continuando. Here people are good. Oh so good and so kind. E sempre, love, love, love. Respondeu Sebastianito Gerreiro, eu próprio, meus compadres. A garganta flácida e rota de vontade de dizer. Depois deixaram esfriar o ar e ficaram-se à espera. Miss Laura parecia querer fechar os olhos para dormir transformada numa verdadeira rita hayworth estendida. Dark fly dormia a sono solto mas sacudia as plumas das orelhas na direcção do mar onde um reflexo de luz punha estrelas fulgurantes a mexer. Sim. Entretanto tinha subido uma lua redonda como esfera amarela, mas as almas de todos eram esfrangalho de nervos. Foi preciso que miss Laura, usando da parcimónia própria das avançadas civilizações, tivesse de apontar com o dedo sobre o ombro do corpo até se sentir a pressão. This one. I want the dog's keeper. Mas porque ninguém se mexia, miss Laura tinha feito clique com os lábios nus de qualquer pintura. Sebastianito despreendeu a trela do cão e puseram-se a caminhar para a beira do

mar, já onze horas da noite. Era injusto que se dissesse que tinha sido nas trombas de Rosairinha. E se fosse?

Sim, e se fosse?

Ou melhor. Rosária tinha tudo, tudo, my friends. Tinha farda, tinha comida quente e refrigerante fresco, tudo a horas, tinha banho, tinha companhia, tinha o resguardo das vistas e tinha o período do almoço para descansar. Tens tudo, tudo, minha filha. E tens ainda as prendas que te dá a miss. Já subiste a bainha ao vestido? Mas Rosária não tinha só uma coisa. Tinha-se habituado e mal a sentir a areia debaixo dos pés. Oh minha filha. É só ires lá abaixo. Mas Rosarinha, eu não sei a que horas. De manhã fazer fresco, ao almoço estar calor, e à noite ser escuro. A não ser, a não ser, a não ser. Ia pensar. De resto andava ocupado. Logo se veria isso, Rosária. Good bye, my dear. Até à tarde.

Mas depois miss Laura queria que fossem tantas quantas as marés vezes cinco. Só que antes, Sebastianito Guerreiro sentiu-se nubente e teve um desejo inadiável de expurgar qualquer coisa de muito grave que em si pesava. Era uma necessidade imperiosa de renegar a espécie baça de que vinha, limpando-se por contrição antes da entrega. Desejava desprender-se por exemplo e já, das feições de Belisanda Maria feita corcunda pela velhice, da existência dessa Santanita Trigal cheirando a bafio de farelo e porqueira, suor de cabeça por lavar. Dessas duas sobretudo, mas de um modo geral de todas as que tinha conhecido até à idade dos quarenta e quatro contados. Desembaraçar-se mesmo de Rosária que vinha

sentar-se na areia com uma mercadoria dentro de um cesto, e tão embasbacada que parecia feita de parvoíce. Nem que se pintasse dos pés à cabeça se assemelharia a nathalie wood, a magana, de pequena, boceta e esguedelhada. Não. Era preciso sacudir ali mesmo as que o tinham gerado, aquelas com quem gerara, e as geradas de si. De tanta geração junta, senhoras, nada prestava. Atascadas de coisas toscas, gestos grossos, pensamentos raquíticos. Look. Disse em voz alta para ser ouvido e impregnando a voz de muita solenidade. Look, miss Laura. Here the women are. Mas miss Laura fez com o gesto e com a palavra que não interessava essa comparação implícita. E nem lhe chamou de nomes errados, mas antes de mister Sabastian, com todo o rigor, the dog's keeper e apoderando-se do cabelo brilhantinado de Sebastianito, agarrou-se-lhe às madeixas como a bridas de cavalo. Por isso os dedos de Sebastião Guerreiro, a princípio movidos por um medo de respeito e nubência, puseram-se a ser répteis de doçura e cedo se transformaram em guindastes de fúria. Arrancando do úbero corpo de miss Laura, suspiros de moribundo ferido. Compadres, como se atingida por estilhaço de granada, num grande filme de guerra. Oh Laura, oh Laura. Os espreitadores andariam por perto, cada um dos pretendentes transformado num olho raivoso, mas que importava? Sebastião Guerreiro dispunha-se a que um feitiço de inveja o atingisse no peito. Tinha sido escolhido por aquela mulher cheirosa como uma flor de prado, o seu todo uma sugestão de limpíssima vaca turina alimentada a só trevo. Ai compadres. Só trevo e malmequerezinhos do campo, possuidora. My farms, my horses, my boats. Tão sábia,

tão sábia, meus ricos compadres, que por baixo da túnica amarela, um pouco mais desmaiada que a lua, mas de fósforo também, apenas trazia a pele e as planuras. Por isso escusado seria andar à procura dos objectos de tecido miúdo, latinhas traidoras que podia não saber desprender como devia. O cão afegão correndo altivo e severo, coroava de dignidade o calor da noite e ouvia-se. No money, miss Laura. Aqui na nossa terra, os próprios reis casam com princesas pobres, e o único dote que esperam é que os sepultem juntos. Para que no dia da ressurreição da carne, levantados do sepulcro, se amem logo nas catedrais, antes de os outros mortos acharem os seus parceiros. No money, miss Laura. Please. Sebastianito Guerreiro sentia os olhos inundarem-se-lhe de lágrimas, mas não as deixou correr. Que horror, se miss Laura soubesse dessa fraqueza. Grande emoção.

Grande emoção a de Sebastião Guerreiro.

E depois, Sabastianito? E depois senhora Valentina, me diga que responsabilidade. Ainda eu lhe disse, uma manhã em que veio. Sebastião Guerreiro, eu não podia demorar. Os rapazitos eventuais deviam pegar assim na máquina flymo. Seguras o cabo muito bem, pá, por causa da trepidação, que ele tinha de ir descendo. Faça assim. E Rosária vinha interrompê-lo. Mas só no dia seguinte é que se tinha chateado a valer, senhora Valentina, porque para ser franco, afinal o que é que queria? Já tinha escrito à mãe? Ao padrinho? Porque não te entreténs a pedir a sua bênção? Rosária gostava agora de tudo, mas queria voltar a vender bolas na praia para poder pisar a areia e falar à vontade com os Joanos, dar-lhes as duas

últimas do cesto, ver os peixes de escama cor de rosa que o Cipriano trazia às vezes no fundo do barco, o barco que cheirava a ondas mesmo quando não ia ao mar. Os Joãos eram tão amigos, e tinham tanta vontade de rir desmanchando-se todos, mas na areia é que era bom, perdidinhos de festa. Vinham ali só de fugida, e Rosária sempre com a mão na boca deles para não falarem alto com o coração estrangalhado no peito. Rosária também gostava de estar ali e de ir limpar os quartos, só ajudante, ver os espelhos de alto abaixo, mas sentia saudade de ver o cão correr, as idas e as vindas das pessoas, o senhor Folhas a falar de coisas com o bloco na mão, ninguém sabia com que verdadeira intenção. Mas o que queria de novo Rosária? Andava uma pessoa a perder a paciência com tanto assunto ao mesmo tempo. O que é que tu queres agora? Ainda por cima a esta hora, porra, filha, que é de mais, sais-me mesmo santana toda, sem saberes o que queres afinal. Só se te levatares aí pelas seis, quando na Redonda ainda os galos começam a cantar e deres uma voltinha. Já na praia algum casal deveria querer esquiar aquático e ele ali parado.

E foi assim.

Toma por resposta. Estava eu em cima do escadote, pano para a esquerda, pano para a direita, quando comecei a enxergar. Uma a uma. Pingavam de cima, e eram coisinhas escuras e brilhantes, redondinhas. Pingas pretas? Disse eu. E riu uma delas que me veio ao sabor. Depois outras. Via-se que tinham sido temperadas não só de sal como de casca de limão, folhinha de orégão, e

vinham ainda inchadas do demolho. O carocinho roxo, atirado para o balde com o disparo do dedo. E fez-se um intervalozinho e eu pensei que se tinha acabado a tentação. Fui então à cozinha buscar uma carcaça para não caírem assim no vazio. Pois quando me pus em cima do escadote com metade dessa carcaça na mão a outra metade na algibeira, começaram a cair das verdes, grandes como ovos de perdiz, bicudas como as de elvas. Caíam duas a duas, três a três. Até eu meter o dedo e não saber se eram elas se a pontinha de carne que a gente tem no fundo da nossa boca, dividindo o buraco em dois. Para cima e para baixo. Basta. Disse eu, olhando as que caíam, de lado e com um riso de troça. Meti a mão no seio e mostrei-lhes o frasco da minha purga. Sim. Disse Sebastião Guerreiro. Não conte mais, senhora Valentina. Sabemos que terminou limpa e estreitando de cinturinha. Ora vês como sabes? Põe lá aqui a mão. Até parece que me vou tornando moça.

E foi assim.

Sobre Rosária e que tinha havido muita mentira, cada dia sua quando não eram cinco, umas às vezes contradizendo as outras. Mas para que se reproduza a mais simples que seja, é necessário todo o silêncio, porque ainda antes de transpor a porta do dormitório se via que a madrugada era roxa como se uma tinta da cor das amoras se tivesse entornado sobre as águas, e as estrelas brilhavam vivas e grandes, pequenas luas, amigos. Como se de propósito. Eu vi tudo da minha cama com um olho aberto outro fechado. Descia depois as escadinhas por onde também miss Laura costumava

subir e descer, o coração dela a bater nos calcanhares e a fazer tum tum, sandálias na mão, eu vi. Mas já a água tinha um som tão firme de chamamento que era uma verdadeira voz dizendo vem. E depois a areia molhada da beira, um tapete de humidade sedosa a convidar um assento. Val, Rosairinha. Não vás, Rosairinha. Vai. E Santanita teria dito. Não vanhas lá muito ao resinho das ondas que se eu sei que lá chegas, chego-te às ventas da cara. Vai, Rosairinha. Aliás, a água do mar antes do romper tinha a virtude de uma massagem e assim. Para o desenvolvimento dos seios das mulheres desde que fossem senhoras, não havia melhor. Também para amansar as impingens e toda a fogagem do rosto, era a mais cheirosa pomadinha sinalar que havia. A mais eficaz vitamina de crescimento para alongar as suas pernas curtas. Nem é preciso saber uma pessoa nadar, basta o demolho lá dentro. Sobretudo se de madrugada, tem um dobrado valor. E foi com essas tretas e outras que ela desceu, mas se for mentira que não se prejudique ninguém.

Não vanhas ao rés das ondas. Vai vai, e se ouvires cantar as sereias, vai que são bichas fêmeas que não fazem mal às rosárias porque só têm o dom de encantar os homens aventureiros que havia, para os desgraçarem, porque lhes mostravam os cabelos da cabeça, os lábios da boca e os seios do peito, e depois, para baixo, rabo de peixe. Isso é que era uma vingança de truz. Não sei se há aventureiros, só sei que as sereias existem, e cantam bem. Se as ouvires não fujas da bordinha do mar, entra nele. Fora assim, conforme dizia a terceira mentira. Disseram então que Rosária de contente não conseguia

suster o riso nesse escuro. Acredita. E tritões já não há que eu vi o último morrer. Tritões? Eram irmãozinhos das sereias mas ao contrário delas, eram feios e sem arte. Tinham cauda de peixe cobra, tórax de homem macho e tocavam trombeta por búzios arrancados do fundo dos mares para encantar as donzelas. Todas? Não, só as lindas. Por isso mesmo lhes deram duas navalhadas no peito e os afogaram de vez. Parece que Rosária reconhecia Augusto Folhas, mas tinha tanto medo desse vulto parado junto de si, vestido de branco como Jesus diante de Pedro a afogar-se nas ondas, de incrédulo no poder do senhor, que julgava ir sucumbir. O que te deu na cabeça para descer a uma hora destas? A água era roxa roxa pelos umbrais da noite e Rosária enrodilhada na camisa como mortalhinha de papel de fumar, muito húmida, colava-se-lhe ao corpo e fugia praia fora até se perder nas escadas. Pam pam. Também assim fazia Miss Laura e ninguém lhe pegava. Que grandes mentiras diziam para entreter o tempo. Era de mais.

Molha-te e vem devagar, passo atrás de passo, como se transportasses um peixe vivo à cabeça. Rosária aos risos. É verdade. Desde ontem que uma crisálida batia em ti. Uma crisálida? Sim. Porque quando uma pessoa escolhe a madrugada para vir ter ao mar, é porque está atravessada por duas asas de voo. Dizem que Rosária batia palmas fazendo de avestruz. Serei eu? E revolvia-se de risos, espirrando com quanto a força dava. Tu ouviste? Eu não, mas diz-se. Enrolava-se então numa toalha e ia andando até junto da pedra anfra.

Mas lá que escreveu, e se não acredita pergunta ao seu padrinho. Como é isso possível, se escreveu e não mandou?

Ah bom, mas escreveu. Escrevo-lhe esta carta, senhor meu padrinho, que aqui no areal anda-se em nudez completa para lá da pedra anfra, e para cá é quase a mesma coisa. Que o Folhas tinha dito a Rosária. Aqui é que se vê a verdade dos aspectos. Somos uma população de aves sem asas, répteis sem escama, mamíferos sem cauda. Coisa nenhuma se não tivermos um penacho de lume sobre a cabeça. Às vezes Rosária dava uma topada nas rochas dispersas da entrada da água. Ai ai. Por isso nenhum animal meneia os cotovelos como nós para alcançar a vitória, e ao estendermo-nos ao sol feitos lagartos, cobrimos ou não cobrimos o pélvis com pedacinhos de pano? Apesar de apoiarmos as mãos exactamente como os anfíbios. Porque só quando se escolhe a madrugada, meu padrinho, é que se cresce, sinal de que se tem dentro de si o milagre do sentimento. Mas eu ando protegida pela imagem de sãozinha que deixei em casa.. Estou a escrever-lhe esta carta e não sei como vou acabar de tão contente eu ando. Meu padrinho. Parece que tudo foi apurado e não passou de mentira. Era exactamente a hora em que na Redonda os galos se punham a cantar à desgarrada de monturo para monturo, acordando as galinhas com aquela febre de brados que tinham a essa hora no gasganete. Bem antes. Ainda lá as varandas brancas e baixas pareciam linhas direitas, coisas ameias entre arvoredos, senhores. Schiu. Eu tinha um olho aberto o outro fechado. Rosária acordava sem nenhum toque de despertador e se ia, pé

descalço, ouvindo o som das madeiras da porta suspirarem. Só sabia que nenhum dia podia saber o que seria o outro, as coisas misturadas como aquele momento de penumbra. Sob o rabo da noite, calote de céu e o mar falador, aquela ousadia tinha a cor das uvas verdes. O Folhas acercava-se. Despe-te. Nunca disse. Disse e não fui eu que ouvi. Juro que disse. Despe-te. Deixaste de ser uma padeira de brueghel para seres uma figura da renascença, quando o vento te ondeia as franjas. Levanta os braços como se tivesses um regaço de flores a cair. Rosária também ria pela ideia. Prende a franja, ajeita o tronco, alonga as costas, estende os braços, rica herdeira. Se é mentira vá para o saco, mas era assim que ele a retinha. Rica herdeira, pois de quê? Grande rainha, dona dos mares, das ilhas, das correntes, das costas e enseadas e também das nuvens. Eu? Sim, tu. Ainda ninguém mandou pôr nada em teu nome, mas já é tudo como se fosse teu. Dispõe. Herdeira de um grande continente formado por toda a terra emersa. Aí o Folhas dizem que fumava um cigarro de cheiro e as palavras engrandeciam-se. Vais ser herdeira universal e como tal tens de te assumir, desde ao vestir ao andar, vem e vai. Tudo isto é tão verdade, que apetece viajar sem regresso por esse dote, todas as cidades de Rosária a serem visitadas pela última vez. Dizem que às vezes ela fugia. Também dizem o contrário. Já tudo é teu, mesmo os rios e as lavras que se fazem nas suas margens, as pontes que os atravessam e os caminhos que ligam os lugares. Tudo te pertence. Também os quintais e os jardins, as casas no alto dos montes e à beira da estrada, com telhados pontiagudos e outros não. Tudo é teu, Rosária. Só que ainda não podes nem vender,

nem doar, nem dissipar por qualquer meio a tua fortuna porque ainda não está em teu nome. Rosária parece que produzia silêncios vendo o Folhas fumar de encontro à madrugada, e devia saber que essa era a maior mentira de todas. Sabes como desfrutar de tanto que é teu? Ele tinha um casaco de lã virgem como os beduínos do deserto, mas Rosária não sabia disso. O Folhas a resplandecer de ideias de grandeza como se tomado por miragens de regiões impossíveis, apascentando com esse dito cigarro de aromas rebanhos de astros, até se entender tão pouco do que dizia que Rosária se sentia duvidosa. Com miss Laura aconteceriam também aqueles discursos? Que resposta daria uma pessoa como ela àquela situação sem saída?

Bem, essa foi para aí a oitava mentira que correu sobre Rosária, mas a própria Zulmirinha chamou a pequena à parte, metida numa azáfama de gestos para embrulhos e laços, e disse. Desde que aqui chegaste que tens ouvido falar do senhor Augusto Folhas, e para que insistes? My poor dear.

Por favor, que tudo isso é para aí a nona mentira. A verdade é outra e foi assim que esse caso sem a menor importância acabou. Juro que dei conta disto que vou contar. Diz lá. Quem fazia limpeza no atelier dó tipo? Quem era? Era eu. Então já vês como sou a única pessoa que fala verdade. Um dia, pela hora do almoço, o senhor Folhas apanhou o cabelo em rabo de cavalo como quando se dispunha a pintar, chamou-a e disse. Vou fazer-te o retrato. Mereces. E Rosária embasbacou com aquele ar que tinha, e disse. Um momentinho. Subiu,

desceu e trouxe um vestido branco que parecia servir a Pia Patroços, com capuz e cauda, e sentou-se com solenidade. Vês como não sabes tudo? Esse era o vestido que miss Laura lhe tinha dado. Não contes mais, que por aí se vê que se não são mentiras são pelo menos imprecisões.

Calma e veremos. Sentou-se como as artistas, separando as alças e rindo para os pincéis. Acabou esse almoço, foi ao serviço, mais no dia seguinte, findo o trabalho, aí vai ela. Ria, punha a cabeça, senhores, afastava as alças. E ele, zus zus com o pincelinho a dar a dar. Até que passados sete dias daquela sesta singular, o Folhas deu por quase terminado e pediu a Rosária que se reconhecesse. Mas ela não se reconheceu num único traço da pintura feita com a clarabóia toda descoberta e estando ela em vestido branco. O Folhas pô-la de riscas e o rosto, ou no seu lugar, era uma só nódoa de vermelho encarnado vivo. Ela disse. Olha uma árvore em vez de mim Aqui o pé, ali a copa, além as folhas. Augusto Folhas achou que era isso mesmo verdade, mas Rosária a partir daí não voltou a sair de madrugada. Acordava sem despertador, mexia-se, remexia-se, e estava tão ressentida que nem queria ouvir falar da anfra. Aquela mancha no lugar da cara tinha-lhe dado volta à vida. Pois acabas de dizer precisamente a décima mentira. Foi e muitas vezes, até ao dia em que a mãe veio cá. Que importância tinha essa história de riscas ou de branco, se o azul até vai bem ao moreno. Eu também estava com o hábito de ter um olho aberto outro fechado. Não sabias?

Então Rosária voltou porque não havia motivo para ressentimento.

Sim, voltou. Até que no penúltimo domingo de agosto, pelas oito horas da manhã, se ouviu um pular de bestas junto da porta de cargas e descargas do Alguergue. Isto para se ir a direito. Quem viria fazer venda de melão precisamente ao domingo? Um dia de tanto serviço, e tão cedo? Espere. Disse o encarregado. Mas é que não vinha para vender fruta, quem chegava. Era Santanita Cagaça e estava rodeada de vizinhos e de dois filhos já homens. Falavam em voz alta como se dispostos a acordar quem àquela hora dormisse com um sol já tão claro; deixando as bestas escavarem a calçada com a unha das patas. Santanita pôs de novo o dedo em cima da campainha a esperar resposta de dentro. Vinha protegida por um grande guarda-chuva preto, cor de viúva, carteira de compor no braço, e Pai Patroçós acompanhava-a com um cabazinho de figos, vendo-se-lhe as folhas saírem pela tampa. Maria Cúcara descalçava as meias, fazia delas um embrulhinho de novelo e metia-as sob o aparelho da albarda, meus amigos, tão cheia de calor se sentia. Os filhos de Santanita viam a mãe tocar na porta, o dedo posto no umbral como se colado à campainha. Tem de ser aqui. Nunca, amigos, nunca Sebastianito haveria de esquecer a afronta. Vai, Rosária, vai e diz que estou ocupado. E fugiu para as bandas do shopping do átrio a entreter-se, não fosse Santanita dar-se-lhe na cabeça de bradar. Oh Sabastião, Sabastiaaaaão. Felizmente que Zulmirinha o acalmou, fazendo-o sentar atrás do balcão e indo buscar uma bebida fria, que tomasse e que esquecesse. Mas lá

fora Pai Patroços era muito velho e insistia com o chapéu recuado na cabeça para trás, expondo a testa como se farto de tanto calor, as duas mãos nos umbrais, o rosto agora dentro de casa, já aberta por alguém que não tinha nada a ver com aquilo. Os figos que trazia eram escuros e até tinham o verniz estalado pela brandura das noites. E não arredavam pé. Então Sebastião Guerreiro encheu-se de coragem e apareceu batendo bem com os calcanhares no chão, meus amigos, para que vissem a resolução das suas palavras. Ora muito bom dia a todos, vão para o lado de lá, lá bem para a ponta, que o lado de cá é para nós. E desviem-se quanto puderem para a sombra das rochas, que o cão hoje vai correr e o animal não gosta de saltar obstáculos. Quanto a mim é tudo, que eu preciso de sossego na cabeça. Os ombros de Sebastião Guerreiro, muito largos, atravancavam a sombra. Mas Santanita com o desdém dos preteridos. Ai já mudaste de emprego? Já não és das relvas? Abalando de costas, sem esperar resposta. No fundo compreendia que Sebastianito nunca lhe tinha pertencido, e falar muito já era chover no molhado. Desde sempre guardado para uma outra tarefa. Disse Pai Patroços para amainar o início do dia. E se foram. Rosária, escada acima, escada abaixo, não atinava com as portas certas, enxotando uma dúzia de moscas de incómodo poisadas na cabeça. Depois fez nesse domingo um calor de fritar passarinhos, e na praia, amigos, o cão punha a língua rosada pendida como se quisesse expedi-la com a respiração. Parado o Dark Fly. Até as ondas tinham estrelas encandeantes e metiam-se pela vista de uma pessoa, caramba. Mas cerca do meio-dia, Sebastião Guerreiro deu conta de que se formava um circulo de veraneantes à borda d'água a

ver o quer que fosse. Miss Laura também alvejava, direita, vindo pelos óculos, duas bóias de salvação. O que será? Peixe estranho que deu à costa? Alguém encontrou uma alforreca? Ou um caranguejo a andar para a frente? My goodness. Pensou sobressaltado por um calafrio de amargura. My goodness, o que seria aquilo. E foi ver. Sebastianito Guerreiro pôde então verificar que o objecto do espanto era sua mulher legítima, Santanita Cagaça, em exibição junto às ondas. Tinha os músculos de todo o corpo muito à mostra, como raízes de árvore, e dos pés aos joelhos, das mãos aos cotovelos, era castanha como figo seco e torrado. Também da testa ao pescoço, e ainda um pequeno triângulo que ficava acima dos seios. Como se sendo Santanita muito branca de cal, tivesse passado de gatas por um rio de tintura, aí mergulhando a tromba para beber. My goodness. Pensou Sebastianito para si, sentindo a praia andar à roda. Os barcos, os banhistas e as sombrinhas faziam um carrossel de velocidade à volta das suas vistas. Sobretudo porque sua mulher se lavava de cócoras, com uma combinação de florinhas colada às ancas, e procurava desencardir-se de qualquer nódoa com um pedacinho de sabão azul, no dá-lhe que dá-lhe, corpo acima corpo abaixo. Até ao buraco das orelhas onde metia o seu dedo mínimo para se desentupir. Ansiando-se e ameaçando cair ao mar, quando por acaso as ondas lhe batiam à altura do coração. Gente alta e loira passava como por acaso, e levando máquinas a tiracolo, disparavam-nas discretamente, e iam andando. Às vezes de longe ainda voltavam a cabeça. E Santanita de costas viradas, serena na sua inquietação de se sustentar e fazer limpeza, era como uma cega que tivesse olhos só para ver chatices. My goodness. A três

metros, amigos, o Pai Patroços, de calças arregaçadas por cima dos artelhos, esperava Santanita de guarda-sol aberto, preto de viúva, sentado no areal, sorrindo também como se lhe faltassem todos os sentidos. Nunca, nunca mais, compadres, eu iria a casa passar meio minuto de folga sequer. E foi assim. Enquanto o cão dormitava o seu sono, Sebastião Guerreiro encheu-se de despeito. Nunca mais. E apetecia-lhe fazer uma cruz na areia por assinalar o dia e a decisão.

Pai Patroços, o das primeiras três merendas.

Exacto. Mas o incómodo de Sebastião Guerreiro não tinha limites, porque quem havia provado do verdadeiro manjar da vida, expresso no convívio com miss Laura, ali tão presente, nunca, nunca mais, compadres, poderia vir a tocar em coisas ultrapassadas, sem ser com um nojo e com um vômito. Quanto mais se a coisa ultrapassada se vestia ainda de combinação, como nunca tinha acontecido em nenhum filme, vindo lavar-se de sabão e esponja diante de tanto mirone. Era preciso tomar decisões. Excitou então Dark Fly com todo o cuidado, simulando ele mesmo umas pequenas fugas, e fazendo-se de desentendido. A princípio o cão abanava as orelhas mas depois acabou por partir filando um desafio. Meus amigos, isto é muito sério. Quero que apodreçam nos pardieiros dos montes. E avistem o mar apenas de cima das varandas. Que guardem o sabão de lavar roupa para quando vierem as chuvas de outubro, e que se lavajem debaixo das goteiras dos telhados. Quero. De chapéu na cabeça e de sapatos calçados como no tempo em que viemos descobrir o que aqui andavam a construir. Diz lá,

Rui Seladinha, se tenho ou não tenho razão. Todos estavam de acordo, mesmo os que não tinham dado por nada. E Sebastianito passou em frente de Pai Patroços e de largo.

Cucarinha tinha trazido um cesto com duas asas e um pano fechando a boca, e dentro uma marmita de trave envolvida num rectângulo de pano que estendeu na areia, quatro calhaus à volta como sobre uma relva para que não voasse. Também sua mulher, Santanita, tinha coberto as costas com uma toalha de rosto, flores do tamanho de rosas, e ficara ao sol secando-se. O chapéu de chuva de Pai Patroços, muito negro sobre a cena, parecia um cogumelo enlutado e poedeiro. Ainda bem que não viste. Púseram os três os nacos de pão sobre as mãos, e apertaram de encontro às fatias uns peixes fritos e miúdos que se enrolavam na boca, olhando as ondas com os olhos risonhos sem se saber de quê, Rosairinha. Pai Patroços mantinha os dele claros como a água, e ou porque fosse velho, ou porque fosse cansado e tivesse sono, ia dormitando com o naco de pão na mão, parando de comer, na meia sombra daquela rocha que se ia. Não, não lhes interessava ver quem passava, como se desde sempre conhecessem tudo. Só lhes apetecia beber água de um cantil que Santanita às vezes Cagaça, às vezes Trigal, e minha querida comadre, ali tinha trazido. As mãos sobre as mãos, como se tudo sempre fosse por alguma coisa, tudo certo, tudo certo, Santanita. Não acredito, Pai Patróços. Ora essa, Santanita. Tudo a andar à roda sem se encontrar, as estações a aparecerem todos os anos, as manhãs tão certas em cada primavera. Sempre que há nuvem escamada no céu a fazer calor,

sempre que aparece pé de pinheiro de sul a norte a fazer vento, sempre que de poente a nascente, a puxar a chuva. Tudo à roda; tudo certo, tudo certo e regular. Sentindo-se ali tão poucos entre tantos que quando a tarde chegasse haveria de ser tão bom. Não viram por aqui passar um cão? Um cão? Vimos. Passou para aquela banda mas não demos por voltar a passar.

Tudo certo e regular. Disse então Pai Patroços.

Só para Sebastianito Guerreiro aquela presença era uma desconjuntura, até que se levantaram para ir. Uf. Fazia Sebastião. E se miss Laura viesse dizer. I know your wife, mister Sebastian. O que responderia, my goodness? Tão grande se lhe acumulou a exaltação pela tarde fora. E Rosária, chorosa, recebeu o recado de dizer quando se fossem. Um soluço baixinho. Minha mãe. Que o pai não tinha vindo despedir-se porque fora com uma miss inglesa a pentear o pêlo de um cão. Minha mãe. Que pedia muita desculpa por não vir. Que além do mais estava triste triste triste com os filhos e a mulher, porque tinham dado que falar lavando-se com sabão dentro do mar. Minha mãe. Deitando espinhas de peixe na areia e outras coisas mais. O pai mandava perguntar se não conhecia o efeito da água do mar sobre a pele. Pai Patroços conhecia sim, conjuntava os ossos partidos, a água-marinha. Limpava o fígado dos olhos e outros efeitos quase milagrosos. E além disso. Disse Cucarina. Sempre ouvi dizer que as marés cheias vinham e lavavam todo o estrume que se deixasse na areia. Para que serviam elas? Santanita pediu então o cesto onde trouxera os figos abrolhados daquela brandura de

agosto, e com os olhos vermelhos, sentidos como de bogas, por um cansaço de esperar levado ao ponto de perda, terminou as reprimendas que lhe faziam à porta das cargas e descargas do Alguergue. Acabou-se. Um dos irmãos de Rosária disse. De língua não és tu fraquinha, menina. Nem digo à tua mãe o que disseram de ti. Ouve bem. Só tu saíste Cagaça. Pai Patroços de chapéu palmares na cabeça olhava a altura das últimas janelas. Conta lá os pisos que me encadeia a vista a partir do segundo. Mas era como se dissesse. Acabaram-se as três merendas. Não voltamos mais. E apressaram-se a desprender as bestas. Rosária no pátio a ver, absorta, dividida. Um grande impulso de dizer espere aí. Saltar para a anca da mula e pôr-se a caminho da casa da Redonda onde a santa sãozinha a rir estava pendurada de um prego por cima do cabeçal. E contra a preguiça? Diligência, meu padrinho. Um grande desejo de partir sem levantar um pé, nem mexer um dedo. Só que Santanita Trigal, ao montar sobre a mula que tinha ido buscar de sob uns pinheiros, puxou de um lenço de algibeira para dizer. Não escrevas mais carta nenhuma, que a verdade é outra. Aquela mulher tinha a mania de fazer os disparates e culpar os outros, senhores, não valia a pena estar naquele estado por coisa nenhuma. Disse ou não disse isto, senhora Valentina? Quantas vezes? Caramba que era de mais. Inquietava Santanita os vizinhos, os filhos, ele mesmo, e agora as pessoas dali, que estavam tão longe de assistir a cenas daquelas e acabavam também por ser incomodadas. Não é verdade que isto se passou assim, senhora Valentina, me diga.

Então esta praia era diferente.

Diferente não. O vento é que distinguia nela dois campos e disso ninguém era culpado. Também é preciso dizer. Ou melhor. Pela manhã, antes de se começar a correr a boca do bar de madeira, e a dispor os barcos de recreio, o areal era só um e o vento soprava indistinto. Porém, quando povoado, os de sudoeste encontravam na metade direita da praia os toldos laranja com o distintivo da roda e do peixe, e bailarocavam apenas nos atilhos que eram presos por sabiozinhos laços de nó. Mantinham assim a inclinação da cobertura exactamente a desejo, meus amigos. E o vento, encontrando tudo limpo e assestado, posto o saco no lugar de saco e o de corpo no lugar de corpo, apenas soprava na direcção do mais nescente, atravessando a pedra anfra. E nessa metade de campo é que sim. Eriçava-se o sopro em tanto papelinho de guardanapo e lata de cerveja, tanto maço de cigarro vazio, coisinhas e cascas, resíduos francos de homem. Vê, Sebastianito. Tinha dito o Folhas até. Que têm vocês receio de não passar à posteridade por não deixarem o seu padrão armilar. Armilar? Que armilar? Pois aí se enfurecia o vento eriçado nos cabos das sombrinhas, juncando a areia. Aí também as mulheres enfeitadas de lenços e brincos como em dia de casamento, tinham de segurar as orelhas com as mãos. Os homens com as toalhas pospostas sobre os sapatos, relógio dentro, e ainda as famílias com as anáguas e demais saiotes dependurados das varetas desses guarda-sóis. Então, sim, meus amigos. O vento enfurecia-se de todo. Isso também pensava Sebastianito Guerreiro com as mãos nos bolsos e o cigarro sozinho espetado no

beijo sem o amparar de polegar, que a boca desafiava tudo. Ah granda filho, que me inventou a galena. E ele olhava a diferença. O vento então, senhores, rodopiaria à volta desses chapéus e levaria essas corolas de cores em alternância de azul e branco, às vezes de grandes flores do tamanho de repolhos floridos, pelos ares. Marafado do vento. Má raios o partam que leva tudo. Levantando a areia. Apetecia zarpar uma pessoa dali. Foi-se-me a merda do lanche para além. Enquanto que do lado de lá, mão sobre mão, se pousava o corpo todo sobre o alongado das cadeiras de acrílico em forma da curvatura das ondas. Mas dura para não prejudicar as vértebras. O vento. Deixa, Sebastianito. Se amansará soprando devagar sobre os orifícios do corpo, todos bem fechados e unidos. Daí o sol resplandecente lembrava cidades brancas, caiadas de uma mauritânia quente, distante, onde nunca tinha havido peste nem verminose. Sábio este artifício, requintada esta distinção que também o vento fazia. Porque se soprava do sudoeste, e assim se chamava levante, também saberia onde se enfurecer e contra quem. Mas Sebastianito acha va que o mais natural era não soprar vento nenhum. Era tudo o que se sabia sobre os pontos cardeais.

Claro que de dia nunca se assistia a misturas apesar de não ser proibido. Não. E sem ser preciso nenhuma placa que dissesse interdit ou forbidden. E porquê, Sebastianito. My god, digo eu isto há quase sete anos. É que do lado de lá também há velhos e velhas, mas sempre altos e esbeltos, com trinta e dois dentes sadios como se desconhecessem o podre que na boca se chama cárie. Nem nunca lhes atacasse a doença da espondilose.

Mantenho tudo o que disse quando da primeira folga na Redonda. Que passavam os de cá á beira dos de lá, e mesmo quando levámos o chapéu na cabeça como Pai Patroços, nunca lhes chegávamos aos ombros. Podíamos, pá. Podíamos passar-lhes por debaixo das pernas quando iam a andar, que nunca lhes tocávamos a gente com a cabeça no volume da partes. E o pior sempre foi os modos. Ah sim? Sim, meus amigos. É que nunca um garrafão enterrado na areia com o gargalo de fora, porque sabiam evitar as topadas dos distraídos. Nunca um pão com linguiça fora das horas para evitar o arrotto. Por isso era só o mar, o mar. E dormiam ou fingiam dormir horas a fio de pernas levantadas para que o sangue lhes girasse melhor nas veias. Debaixo da fervura do sol, sem nada a cobrir as cabeças. Apenas os óculos. Ora foi de sempre que uns com uns e todos com seus iguais. Como é que o vento não distinguiria? Sebastião Guerreiro achava natural e até explicou com todas as palavras a miss Laura. Bem, nem todos somos iguais. Também tinha dito. Esta praia é a mesma. Só no inverno anoitece mais cedo, e porque está deserta até à água, o vento passa e não distingue nem tropeça. Mas todos compreenderão. Quando Santanita apareceu com sabão azul para se desencardir e sombrinha preta de viúva, Pai Patroços com a mão no cabo, a diferença que se estabeleceu foi tão intensa diante de todos, que apetecia erigir um monumento. Por aqui passou o século passado. A 22 de agosto.

Foi mesmo assim?

Foi. Só estão escolhidos os testemunhos graves. E o verão ia vir. Sebastião socava o peito. Que o ano passado ela me disse. So strong. Afinal os pensamentos iam confluír aí. E olhava em redor as grutas que esvaziadas de solo pela força das marés vivas, começavam a compor de novo os leitos naturais de areia fina. Ai a mimória, mê filho. Livra-te dela que mata gente. Sebastião alongava a vista. E se miss Laura não voltasse? Impossível. Os banheiros haviam perguntado o que queria afinal dizer aquela cantilena que ela fazia todas as noites antes de soltar o bicho para os últimos ladridos e cavalhadas. E ele. Que me anta muito. Que nunca encontrou ninguém com esta tesoura de braços à beira-mar. Sebastianito fazia menção arqueando-os e lembrava um caranguejo perdido das ondas. E possivelmente também, que merda merda para os marinheiros do país dela. E que o que ela dizia era assim, e tinha aprendido, apesar de variar um pouco de noite para noite. Ou vocês não sabem como se chama a força da imaginação? Ai eu, meus amigos, agora é que vejo que afinal podia ter sido um grande homem, mas guardei-me. O mê filho, vizinhos. Dissera Belisanda Maria. Se deixasse crescer um bigodinho e tivesse uma bicicleta, dava um perfeito carteiro. Mas guardei-me para ouvir da boca dela. Que I found a kingdom. Um verso. And over that people. Outro verso. We ruled. Uma lauda. Muda de lauda. Que I found the lost land. Outro verso. By the sea. É este que ela repete. Here men have a coloured fig skin. Mas também às vezes diz que sou da cor do mel das abelhas, só que o mais importante é o seguinte. And make love. Suspirando aqui. As the cyclone and the storm. Eu sou o ciclone. Eu. Sebastianito Guerreiro fazia-

se andar de trás para diante, sem saber onde colocar os pés. Os banheiros é que tinham as orelhas tão murchas que as barretinas desciam até ao buraco do ouvido. Sebastianito lembrava-se, vendo os Joanos passarem com um balde a caminho de casa, vindos de qualquer parte das rochas e paravam eles de vez em quando para descansarem na caminhada. A mancha fulva das cabeças muito rodeada de sol, os risos nus de contentamento. Eh meninos, venham cá. Mas não vinham. E saltavam sobre os pés quando pousavam o balde atoando o eco. Ro po sai pa ra pa. Sebastianito Guerreiro ouvia muito mais do que isso. A po dre ce u pu. Levantava-se então para pegar em calhaus, dos maiores que encontrava na areia da manhã, e atirava-os. Na pressa os Joanos entornavam qualquer coisa líquida pelo chão. Pingando.

Tão injustos.

Bem. Escuta. De manhã, frio, Rosária. Ao meio-dia, calor. À noite o escuro, Rosária. Não podes ir e tem paciência. Anda a praia cheia de malfeitores. Gente que rouba, gente que oferece cigarrinhos de fumo que a princípio sonhos e depois a morte. Gente metediça. Gente mal criada. De tudo há no escurecer da praia. Rosairinha. Mas na penumbra do anteamanhecer. Dispo-me, senhor Folhas? Não. Sai mas é da água como se trouxesses um açafate de rosas no alto da cabeça. Rosária batia o queixo de tanto tiritado de frio. Mas voltava a ir, princesa, herdeira universal de títulos graves e majestosos, nunca previstos. A fita do nascente às vezes era roxa quando Rosária fugia, atravessando como sombra descalça os degraus dois a dois até à porta que se abria do lado de

fora. Não sei quem de manhã se levanta para ir aparar o sol. Que raio de saudade de mugir o gado. Só que Rosária estava avisadinha avisadinha até à última palavra.

Rosária não sabia de nada, senhora Valentina. Nem de cantos, nem de cães, nem de espreitas do outro lado do buraco das rochas. Por essa altura, já ela devia ter esquecido que o azul do mar se transformava em espuma quando batia na areia. De ocupada que andava a passar primeiro com um pano, depois com o outro. Isso pensas tu, Sebastianito. Pinaira levava Rosária para junto da janela estreita da casa das vassoiras e dizia. É além, muito para além, de onde tu te sentavas a vender os bolos. Não importava, Valentina, se era verdade ou não que dizia. Sempre Rosária tinha olhado miss Laura baixando os olhos, de tanto respeito. Ela própria trazia a aveia e a carne passada, um jantar que se fornecia aos cães mediante a assinatura de uma senha, antes da refeição das pessoas. Porque os caninos tinham uma digestão muito mais demorada que os humanos. De noite esses animais poderiam sofrer da barriga e miss Laura não queria que o seu cão tivesse uma dor dessas. Fora até Rosária quem de livre vontade, se oferecera para tecer uma gola nova para Dark Fly não molhar as orelhas enquanto comia. Em linha perlé, não se aquecesse demasiado o bichinho. Era ela até e era ela até. My god. Para ninguém neste mundo Rosária faria tanto. Então? Perguntava Sebastião Guerreiro estranhando Valentina Palas, de olhos parados em coisas indefinidas. Mas a mulher de Leonardo escusava-se. Era na hora do descanso e as paredes brancas caíam a pique

sobre o solo sem novidade nenhuma. O mar? O mar chateava de repetir as mesmas gradações. Já chega. Suspirou Valentina agora emagrecida e pálida, os olhos a aumentarem e o queixo a diminuir. Eu gostava. Dizia ela. Eu gostava de ser como certas pessoas que têm a capacidade de se esquecerem de tudo até de quem são, e no meio desse esquecimento só pensam em revoltas. Eu gostava. Sebastianito Guerreiro dizia para si. Peace and love. E para Valentina Palas. Go on go on. Estou cansada desta luta corpo a corpo, Sabastianito. Apetecia-me deitar, abrir a boca de uma vez por todas, e caísse o que caísse dentro, cá ficava. Não voltar aos pós. Sebastião Guerreiro reparava que a senhora Valentina tinha o canto da boca rachado de ambos os lados, como se a natureza desejasse prolongar essa abertura. Estou cansada, tenho a alma cheia de nódoas negras desta luta comigo mesma. Tão cansada. E Sebastianito Guerreiro para pegar naquela conversa com luva e pinça, olhava muito admirado. And why? Ah Sabastianito, que estou a ficar com o mal dos vazeirões. Todos os dias lá em baixo me dá um chilique, às vezes dois. Valentina Palas apontava para os balneários da praia, com a tragédia dos dias de luto. Depois chorava, assoando-se, os olhos feitos bicas. O nariz transformado em pequeno tubérculo no meio da cara, inchado de tanto puxão de lenço e pinguna. My god. Dizia Sebastião Guerreiro compungido. Agora como vai ser? Ai não sei, não sei. A relva aspergida e tão brilhante. Vê que enquanto descanso deixo alguém a trabalhar por mim. Só para aligeirar a conversa. Mas Valentina Palas punha a mão a aparar as palavras, e falava-lhe à orelha até às quatro. My god. Ia dizendo Sebastianito Guerreiro.

Tudo pensamentos de tristeza.

Sim, pensamentos tristes. Sebastianito deixava apagar-se-lhe o cigarro, e tudo a correr tão lento, o verão em vez de chegar, antes a fugir do calendário com o acinte das coisas que se fazem esperar. Que ele pensava naquela tarde, quando a praia ia ficando deserta por um calor de produzir miragens, as coisas ao longe a tremarem como se fumassem câibras para a vista, o mar contivesse um fogareiro, e miss Laura viera sentar-se junto das pranchas windsurf com certo ar de desolação. It's warm. Ah sim. Muito calor. E Sebastião Guerreiro inibido perante aquela mancha de ausência que lhe parecia ver na cara de miss Laura. Miss Laura ia brincando com a areia, o pé a querer levantar o montinho de areia, e a areia a cair do pé. Como se queressem as soberanas quando lhes dava o amoque? Como seria? Pensava. Até que ela pegou num resto afiado de concha e desenhou um avião no chão. O quê? An aeroplane? Como? O que significava? Estava obtuso de pensamento, sorry sorry. Mas ela olhava insistentemente para a figurinha de asa. Miss Laura, será que se vai embora? Miss Laura? O coração de Sebastião Guerreiro a bater descompassado de encontro à caixa onde se alojava, e francamente que não sabia bem onde era. Talvez aqui, não sei. The aeroplane? And why? Meu deus. O sangue a cair-lhe aos pés numa cascata. Tudo muito rápido. Ela então baixou-se, cabelo caído pelo ombro, e desenhou uma figura de lado com ventre redondo, como se fosse sua intenção naquele dia transmitir as grandes decisões por sinais escritos na areia. E de um salto, apontando para a figurinha obesa, Sebastião Guerreiro teve um lampejo de compreensão.

Farta? Farta de mim, miss Laura? O que lhe tinha feito? Ah, compreendia, sim, miss Laura ia embora porque estava farta dele, farta de Sebastião Guerreiro a quem chamavam Cagaça. Miss Laura muito séria compreendia o ímpeto mas não as palavras. E fazia o gesto. Porque não falava para que ela o compreendesse? Fed up. Era isso. E Sebastião Guerreiro pôs-se de pé, perplexo, sem saber onde se encontrava. Mas ela que não, não senhor. Please, no. No. Falando com um cumprimento, apenas com a testa e os olhos explicativos. Os cantos da boca ligeiramente baixados, a narina fechada como sem inspiração e o peito adormecido atrás das alças. Que não. Oh no, farta de another, in england. A mão batendo a chatice do joelho. Oh, miss Laura, but another, why? E miss repassada de uma determinação. Sebastião Guerreiro levantava-se e sentava-se. Ela não o amava. Por isso se ia. Qual come back nem meio come back, miss Laura. Eu não sou louco, I understand very well. E ela que não, que não era isso. Mas Sebastianito tinha perdido o júízo. Tinha vontade de se atirar ao rosto de miss Laura e desfazê-lo de bofetadas, o cabelo dela indo e vindo da esquerda para a direita e da direita para a esquerda debaixo dos seus punhos fechados. Mas só lhe apeteceu isso por um instante, quando viu que fora precisamente ali que ele, dois meses atrás, tinha desenhado o esquema do funcionamento de uma galena. Um pouco mais além, tinha-se-lhe enchido a vista de humidade ao falar a miss Laura da qualidade do amor português. Please, no money. Mas bater em miss Laura, nunca, Sebastianito. Poderia antes pôr-se de quatro no chão, e correr dali como os quadrúpedes repudiados. A cauda entre as pernas e o olhar rasteiro. Ou cauda alta,

ganindo, e ladrando de raiva. Não sabia bem, enquanto se levantava e se sentava sem atinar com a pose. Se cauda baixa. Ele, ele. He, himself. Que a tinha comparado a uma esposa esplendorosa pela beleza, e a uma horta pela fartura, sentia-se deserdado, expulso desse posto onde o tinham deixado sentar-se só para gozo de todo o pessoal. Ai os banheiros do mar, senhores, como porão as barretinas brancas. Hã-de pô-las direitas sobre a testa, pendidas ligeiramente para os olhos a desafiar o futuro e a palavra confiança. Não quero pensar. Ai miss que me perco. Para sermos francos e irmos a direito, isto é uma condenação à morte. Oh no, mister Sebastian. E a miss fez uma excepção consoladora. Em frente dos poucos banhistas que se revolviam na areia, alapardados com as pequenas sombras àquela hora, miss Laura desfez-se em dices carícias, sob o sol doiradíssimo, escancarado contra a água, um caldo. Sebastião imóvel e rígido, a boca fazendo meia-lua, olhava o aeroplano desenhado no chão. My dear, my poor dear. Dizia miss Laura como se desolada também. Ao lado a figurinha farta. Que não importava nada, que nada, que iriam subir os dois lado a lado até ao cimo das escadinhas da relva e que depois tomariam o elevador de serviço, ela e ele. She, herself. Nem queria saber de Fly a farejar além umas sombras, e que fugisse pela praia até se cansar. Por ele, miss Laura até não se importava perder o cão, e mister Sebastian conhecia o pedigree completo. Sebastião embezerrado, era um penedo que se transportava à força sobre duas pernas, e os olhos vidrados, à altura do pescoço longo e móvel de miss Laura, viam mais longe, viam de mais. Ai compadres, eu não vos digo nada. Que dia tão azarado. Porém, só muito

mais tarde, numa noite de pensamentos tristes, Sebastião Guerreiro viria a ser assaltado por uma dúvida feroz. Que bem poderia ter sido aquele um outro sinal. Talvez um dos boy-friends, esbelto e da mesma altura, tivesse querido engravidar miss Laura para casar com ela. Oh não, não. Miss Laura cheia como uma bóia a andar devagarinho e a vomitar depois do almoço, a tecer casaquinhos. Era uma verdadeira visão do inferno. Tinha tomado três pastilhas para adormecer. Podia ir-se queixando, senhora Valentina, que tínhamos todo o tempo até ao jantar. Tínhamos ou não tínhamos?

NONA

ACTA VELHA

Finalmente era junho e todo o arsenal de barco canoa, barca e prancha se encontrava a postos. O bar aberto a ver passar a brisa tinha os copos alinhados sobre a boca, e o ar luminoso era uma chamada. Só que todos sabiam que o fruto cai num instante de tempo e demora semanas a amadurecer, meses a engrandecer e a fazer-se pomo. Sabíamos. A pouco e pouco a tristeza de Sebastianito passou a Valentina e de Valentina passou a Begango e de Begango a Pinaira. Como se se transmitisse pela simples saudação da manhã. As coisas esperadas. Por um começo de tarde é que se soube. Vão ver o que está escrito. Ia haver uma reunião pelas dezassete horas. A que horas? Às cinco. E era para todos. As palavras batidas à máquina como os regulamentos, a assinatura da administração. Foram-se sentando. Havia um breve palco e cadeiras como para espectáculo verdadeiro. Aliás, era ali mesmo que antes dos evenings, dois ou três se vestiam de ganadeiros e faziam play-back na voz de luís piçarra, às vezes de tom jones, os mais arrojados. Isso era antes dos parties e dos barbecues. Mas veio de lá a administração, o holandês no meio dos outros dois, em pé, e expôs a situação com uma brevidade aterradora. Apetecia cair de cu com a singeleza. Muito poucas reservas. Trezentas desmarcações. Tudo documentando. And why, Mr. Hals?

Não era preciso perguntar para Mr. Hals dizer because. Claro que as pessoas não gostavam de tragédias, my friends.

E todos levantando o dedo opuseram razões.

Que razões?

As do ataque, da dúvida, do desentendimento, com adiamento para o dia seguinte.

Não. Custa a crer que se tenha passado tanto tempo a falar de um serão para que ainda se pense dessa forma. De modo nenhum. Estava-se em paz, embora todos conhecessem o significado da palavra guerra, que se deveria dizer war quando verdadeira. Repetimos. Decorria em paz o amanhecer, em doçura o trabalho, em amenidade os ajuntamentos, até os conflitos decorriam em paz. E só para que não se instale a desconfiança, talvez seja melhor introduzir um passo que fale do auge do desentendimento. Por exemplo. Tinha sido por altura da crise da noção de propriedade, quando o próprio Sebastião Guerreiro a quem nunca fora posto o problema de ter ou não direito ao que tinha, de ter ou não o direito de ter mais do que tinha, e outras questões semelhantes, que a galena, e depois a telefonia nunca lhe tinham levantado, andava varado sem saber se o jardim que cultivava tinha dono ou se o dono era ele mesmo. Talvez por esse cultivo tivesse também parte numa álea de quartos. Mas não era bem isso o que se pretendia, a questão era muito mais profunda, Sebastianito, era uma forma diferente de ter. Então explique lá. Mais ou menos assim, meus amigos. Também Simão Rosendo tinha uma

ideia vaga. Aliás, nunca tinha pensado a sério nisso, nem sequer no bistrot tout près de la cannebière, à marseille, onde se falava de tudo. Mas adiante que não interessa, e por isso basta resumir em três palavras só para se ver.

Um dia os ânimos estavam em sanha, e quem usava bigode tinha-o tão pendido e nervoso ao canto da boca que dele fazia órgão sensitivo de apalpar a atmosfera. Quem não o tinha era como se tivesse de tanta gravidade. Tudo contra o holandês que não tinha bigode nenhum, a cara tão rosada como uma maçã starking, o cabelo claro como as paveias de trigo. E houve um plano. Que quando ele entrasse encontraria a cadeira ocupada. Por quem, não interessava, ia-se a sortes e pronto. O que era preciso é que fosse por alguém que representasse todos. Aquilo tinha de ser alguma coisa verdadeiramente colectiva. Quem falará? Não interessa, depois se vê, o que é fundamental é que se entre ai dentro. E fomos para arrombar a porta, Rosária, com um pezinho de cabra, conscientes de que agora sim, aquilo ia mesmo. Só que não foi necessário forçar coisa nenhuma, porque a porta abriu-se na maçaneta com mínimo jeito de mão, como se alguém chamasse de dentro com um doce come in. O que nos deixou um tanto desorienta dos, porque estávamos decididos a fazer alguma coisa que assinalasse a nossa marca. Mas mesmo assim não desistimos. Sentou-se na cadeira de cabedal Inácio João, um breve discurso diante. Passaram as horas do almoço, das bicas, do jantar, e o holandês não apareceu, os nervos cada vez mais miúdos por aquela consciência da crise dos haveres. Ai de nós. Fazia-se bicha para tomar aspirinas brancas, cada um a querer seu copinho de

água. Tomos lixados. O gajo vem de noite e vai de noite enquanto dormimos e é preciso esperá-lo. Esperá-lo para quê? Mas era evidente o para que era. Tinha-se de fazer então uma espera debaixo das acácias, indo um de nós, pelo menos, bem armado.

Indo um de nós armado? Sim armado, mas com arma não, porque sempre o nervosismo podia ser tão grande que se disparasse o instrumento e o disparo nessas condições até poderia ser contra o próprio. Que se levasse então uma arma para intimar mas sem bala, ou pondo a bala na algibeira. Disse o Quinas que conhecia bem os perigos dos disparos. Foi assim Rosairinha, também para que saibas. Mas ainda aí não se encontrou consenso, nesses dias de agosto em que os corredores do Alguergue pareciam ter-se transformado em labirintos sem significado. Como é que todos viemos para aqui parar, dentro duma casa destas à beira-mar, de arma em punho? Um grande desalinho interior nas mulheres. Valentina Palas, Pinaira sem aventais, segredos baixos e comprometidos dos homens como se houvesse formação de nuvens debaixo dos tectos, e se esperasse uma chuva. A própria Zulmirinha Santos não sabia se deveria ou não fazer a mise da cabeça, ou se isso era contra o momento que se vivia no Alguergue. Só Catrinita Mendes achava que devíamos sim, amigas, ando cheia de comichão e quem sabe se a limpeza não nos deixará ver claro as coisas? Pois sim. Aliás, a solução estava encontrada. Bastava que se fizesse a espera, armados os espreitadores de paus de marmeleiro, e para tanto era suficiente debruçar-se um homem de uma parede de horta e serrar uma abinha. Nem isso. Há as varas altas

que rebentam no pé, compridas e finas, e basta cortar duas com um canivete e raspar as folhinhas que sempre têm. Mas quem foi não se deu a tanto. Encontrou logo à entrada das ditas hortas dois paus já secos que serviam a calhar. Foi assim, Rosária. E agora, quem vai? Era a 15 de agosto. Agora vai o Quinas e vai o Serra que estão habituados a fazer esperas. Mas aí aconteceu o mais frustrante, e claro que não se contou a Rosária a interpretação dos factos. Isto tudo só para demonstração. Foram ambos encarregados de se alapardarem com as acácias, varapau às costas, não valia a pena levar para lá arma nenhuma nem carregada nem por carregar. Era uma noite de agosto, para sermos mais precisos, 15 de agosto mas não fazia rabo de lua. E quando o holandês viesse a passar, uma pessoa cortava-lhe o passo. O seu sacana, escute aí. Tudo em português que de ora em diante quem tinha de fazer o esforço era ele, não éramos nós. Acabou-se esta história de se dizer thank you em vez de bem haja, ou até ao contrário dessa ideia que muitas vezes se queria dizer. Ó seu sacana. Escute aí, temos cá umas contas a ajustar. Tínhamos tudo pronto, as palavras engatilhadas, Rosária, umas atrás das outras, na nossa boca. E assim mesmo que a gente anuncia a porrada e não está mais com conversas. Toca aqui. Combinado. Só que, cansados da posição, resolveram tirar os varapaus de cima dos ombros e colocá-los ao lado para aí se apoiarem como a bengala. Foi já na noite de 15. E então sim, sentiram um rasmalhar de coisa viva e vegetal de encontro às calças. O que é isto? Puxaram a lanterna e apontaram a luz. Isto contaram eles depois de conseguirem falar, Rosária. Não é que os paus secos tinham rebentado em renovos e

guias às suas costas? Desabrochando folhas e flores? Puro pessegueiro florido, com pétalas brancas e rosadas de primavera? Disseram depois quando transpuseram o átrio do Alguergue iluminado pela espera que se vivia. O Quinas e o Serra traziam os olhos tão abertos que se cuidava irem rachar pelos cantinhos de esbugalhamento. Como foi isso? Floriu? Oh diabo. A perplexidade era tão grande tão grande que apetecia bater com a cabeça nos pilares do átrio para rachar a noite. Isso é uma grande mentira. Poderia naquele momento passearem-se dez casalinhos de holandeses debaixo das acácias da rua que ninguém seria capaz de mexer um dedo. E onde estão as árvores? Essas pernadas, onde estão? Eram umas varas. Sim, as varas, onde as puseram? Perguntava Simão Rosendo feito são tomé e com razão. Mas não havia dúvida. Formaram filas com lanternas apontadas e elas estavam lá como haviam dito os dois. O Serra e o Quinas em estado de choque, com a língua atraçalhada entre os dentes, os olhos muito revirados. Acalmem-se. E que ninguém fale nisto que ainda não percebemos o significado. Passadas para cá e para lá no átrios até ao amanhecer. Esgotados todos. Já era 16 de agosto desse ano mas continuava a ser 15. Foi assim, Rosairinha, que aconteceu essa história. Não valia a pena estar ela a querer compreender o difícil, que nem nós compreendíamos bem. Mas conta-se agora só para demonstração. Ainda as luzes não tinham sido apagadas pelas nove horas da manhã, e todos no átrio, sentados no chão como num acampamento religioso à espera da revelação. Ai de nós, o que nos aconteceu. E no meio disso, amigos, parou o automóvel do holandês. Desceu com uma pasta que resplandecia decência e olhou-nos.

Atravessou o grupo levantando as pernas como os galináceos quando neva, e subiu. Ai alguma coisa de muito íntimo voltou a remexer dentro de nós e subimos atrás. O Quintas e o Serra atordoados de pastilhas. E dissemos de pé tudo o que tínhamos a dizer em bom português, breve, directo e curto. Ficámos à espera e pensámos que ele responderia em inglês como sempre. Mas enganámo-nos. Mr. Hals apoiou só. Só a ponta dos dedos na pasta da secretária, o rosto cuspindo serenidade, gravidade, última decisão, e pôs-se a fazer um discurso enfático numa língua para todos desconhecida. A boca ia e vinha, o rosto acompanhava as inflexões de voz, os ombros ligeiramente, subia um, descia outro. O que vamos fazer? O próprio Sebastião Guerreiro, muito atento, não sabia como responder àquela torrente de palavras completamente novas. Ficou então combinado que aquele dia não seria 16 mas 15, que ninguém voltaria a falar dos varapaus, nem se pensaria no seu sinal. Ou queremos dar em doidos? E daqui para a frente, tudo bem, tudo bem. Isto só para demonstração.

Um momento.

Sim, um momento que ainda falta uma folha desse acontecimento, precisamente a passagem que refere a acção especial de Sebastião Guerreiro. Escusado seria dizer que ao descerem o pátio do Alguergue todos se sentiam desapontados da vida, em cada testa uma preocupação do tamanho do mar. Sim, se nos põem no olho da rua? Qual olho da rua nem meio olho da rua.

Sebastianito com aquela inteligência prática a funcionar debaixo da popa do cabelo. Escutem.

Sabem como se diz desculpe? Sabemos. É sorry. Exacto. Sabem como se diz indecentes? Não, mas sabemos como se diz culpados. Claro, também serve. Guilty. E arrependidos será regretful. E queremos? Estamos dispostos a reparar as faltas? Os excessos? Como se diz? Todos começaram a tentar juntar palavras em voz baixinha, até que Simão Rosendo resolveu a dificuldade. Vamos contigo e falas tu por nós, se for preciso assinamos para não teres problemas. Assim foi. A princípio Mr. Hals estava muito magoado e respondia na língua só dele, mas depois de tanto insistirmos, por favor, Mr. Hals, oiça-nos, acabou por ficar tudo em bem, em paz, em pleno entendimento. Mr.

Hals não era cego, por isso compreendeu o delicado papel de mediador de Sebastianito Guerreiro e recompensou-o em confiança e cargos. Falando de volta uns com os outros, uma coisa era certa. Ninguém deveria referir-se àquela questão dos ramos que tinham vindo dar flor e fruto às costas do pessoal. Olhem amigos, façam o que quiserem, mas eu acho que é um descrédito. Aliás, sobre isso todos estávamos de acordo, tudo o.k., não valia a pena votar, ficava já combinado. Nada mais havendo a dizer.

Só agora Edmundo Breba, distraído com a vida, compreendia o sentido daquela mudança. As toalhas de mesa do grill tinham sido substituídas de azuis, cor do ciúme e do fundo do mar, por vermelhas, cor da dança e

da alegria. Cor do vinho, Rui Seladinha, exactamente para que brilhassem mais à vista. Mantinham-se as velas dentro de palmatórias de loiça branca no meio das mesas, mas porque apenas alumiam os talheres e as faces, o que poderia dar seu ar de coisas bruxeleante e mórbida, também se espalharam lâmpadas de filamento vivo, apliques brancos encimando pezinhos anelados. Flores, senhores, flores era o melhor de tudo, podia Sebastião Guerreiro fazer subir os malmequeres de holanda, grandes como rosas. Flores e música, senhores, Maurice César, você agora deixa essas coisas tristes, esse plim plim sorumbático como a chuva, por favor, coisa rápida, coisa mexida. Ora veja lá no seu repertório. E Maurice César ensaiada pelas tardes fora, um amor chamado bruxo, falia, queridos gentlemen, que sempre lembrava sevilhanas batendo sapato e dizendo olé. Apetecia dizer. Tudo isto vai mudar, pessoal. Ainda vão ver o que daqui vai sair.

DÉCIMA

NOCTURNA

Que junho tão quente vai correndo. Mesmo cá fora o calor amassa os dentes de uma pessoa. E apetece um gajo despir a roupa e deitar-se na relva como fazem os cães esfalfados. Meter-se dentro de água e não sair mais. Ou isso. Ouviam-se ruídos apesar da hora.

Ninguém dorme. Isto é. Ninguém consegue dormir.

Porque não vamos levantar os que estão acordados, acordar os que estão dormindo? Trazê-los cá para fora?

Trazê-los cá para fora a todos, pá. Há quanto tempo que não se faz uma nocturna. Uma verdadeira nocturna ao relento, caramba, a malta toda junta.

Vimos vindo. Não valia a pena vestirmo-nos nem despirmo-nos, que a noite estava estrelada como um pólo, a via era um ramo de fumo nítido abrindo o céu ao meio, mas nem se divisavam os rostos. Éramos apenas vultos. Deixem-se estar como estão. Zulmirinha Santos é que tinha um robe de folhos até ao chão e no meio de todos estava ali a alvejar uma coisa bruma e branca. Para os pensamentos. Estaremos todos? Quase todos. E ficámos a sentir o silêncio dos murtefuges, seu dze dze setil.

Alguém compreendia a importância dessa nocturna?

Fazia tanto calor que ninguém falava, mas agradeciam a companhia de estarem juntos, os murtefuges, príncipes daquele escuro, dze dze setilmente. Não era preciso ninguém compreender para ser importante a noite. A via láctea no céu caía às pagelas sobre as cabeças, os olhos postos nela, pois onde haveríamos de os pôr? Tanto calor, caramba. Era o vento que passava e trazia um bafo quente de deserto. Confesso que não sei quem disse, desencadeando a nocturna que só agora começava. Éramos testemunhas. Que palavras tão desoladas, agora que estávamos tão bem a pensar por onde andaria a lua cheia. Não interessa o que não está. Disse Simão Rosendo sentado do outro lado do pátio. Gosto do que nos diz respeito e sempre assim fui. Tenho ideia de um grande deserto que vi num filme em que entrava o ornar shariff já não sei se com, se sem bigode, pá. Fine, fine, um filme com muitos camelos e areia? Exactamente. Pois eu também. Aquilo é que era, nada temos que se lhe compare. Sim, era um deserto só de areia, só de areia como nos sonhos ruins. Eu vi um outro em que não entrava esse artista, mas entrava outro e via-se que lá, mal se saía à rua, morria-se de ventania. Ou se não se morria, mal se abria urna porta a areia entrava pelos portais, só baforadas de areia. Também se se abria uma janela era só areia o que se via. Mesmo quando se tinha fome só se comia areia. Que era esse o único material visto pelo vidro da janela. Pelo vidro de que janela? Perguntou Paulino Begango deixando de olhar a estrada de fumo que atravessava o céu, ali quase à beira do mar, postados todos naquela varanda de pátio. Que janela? A

mim nenhum filme me enche o olho. Acredito mais no meu primo que me disse que no deserto só há tendas quando as há, e que quando se sai de cima dos camelos, os caminhos são só de areia. Não há bermas nem pontões. Em todas as direcções são só caminhos sem sinais nenhuns de casa ou povoado. E que pobre do pé de pessoa que se meta descalça nessa areia. Dizem que só os cascos do camelo aguentam esse escaldão de solo. Não, não, não é bem assim, que à marseille bem ouvi chamar ao camelo de navio do deserto, le vaisseau, como lá dizem os que conhecem o deserto. Esse algeriano de nariz em gume de navalha que roubou a mãe das Joãos, por exemplo, dizia isso. Mas o que importa nesta conversa é que atrás de cada camelo, ou em cima, sempre vai um homem apenas de sandália. Sim, é natural, mas ainda bem que não somos nós. Dizem que lá as baforadas de calor fazem estremecer as várzeas só de areia, só de areia. Estamos longe disso, e mesmo assim, hoje nenhum de nós consegue dormir com a impressão do calor sobre os olhos. E o que comerão os que têm a desdita de nascer nesse mundo só de areia? Pas de problèmes. À marseille. Assegurou Simão Rosendo. Ouvi contar que quando têm fome os olhos vêem uma horta de verdura com um pocinho, e à volta, couves e laranjeiras. Que ideia é esta de chamarem para a conversa problemas sem solução. Mas Valentina Palas estava muito atenta e pediu que explicassem melhor porque ainda não tinha entendido bem. Tudo o que acabo de dizer é verdade, e tão certo que a essas hortas de fartura chamam de mirages. Sebastianito Guerreiro fumava e a ponta do cigarro fazia arabescos no ar. Esta noite gostava que pensássemos no possível. Com ornar

shariff ou sem ele, a verdade é que ninguém pode negar que o deserto donde sopra este vento é só areia, só areia. E o que me incomoda a mim é pensar que à força de só se falar de areia, já me parece ter-se-me transformado o pensamento da cabeça em areia também. Areia frouxa pela força desta noite escura. Valentina tinha a atenção tão concentrada naquela troca de palavras que era visível a sua voz mesmo sem falar. Então Chico Antunes recarregou. Se te sentes incomodado, tem ainda esperança, que eu também tenho um primo que me disse que lá todas as noites acontece uma aurora boreal iluminando tudo. Os calados estavam calados como se fossem ausentes, mas era falso, que ninguém tinha sono a despeito da hora. Já compreendi tudo. Rematou Valentina completamente informada. É tal e qual o que me dizia o Folhas quando cá estava e me falava sobre visões. E adivinhava-se-lhe o resto do pensamento. Só que Zulmira falou também de dentro daquele vapor de tecidos que iluminava os vizinhos contíguos, meus amigos. Afinal para quê passarmos a noite a procurarmos palavrinhas para rimar com desespero? Felizmente que somos regados por mar. Descansem todos que este mês de junho é apenas uma véspera. Tão verdade, como esse camelo e essas auroras boreais.

Isso disse Zulmira Santos, a mãe dos parties.

E se não viessem? Se de repente. Disse Pinaira que em geral mais via do que falava. Se não viessem mais. Não se esqueçam que eles se comunicam mesmo de país para país por meio de cartas e telefone, e podem muito

bem dizer assim. Aquele para onde uma rapariga se? Nunca. Acudiu Sebastião Guerreiro ainda antes de Pinaira acabar a opinião. E eu explico. Os mais atenciosos tinham perguntado pelas coisas que se costumam perguntar em situações semelhantes. Pai, mãe, mesa, amigas. E estava tudo o.k. Estava ou não estava? Limpou-se tudo, removeu-se a pedra, cavou-se o sítio, semeou-se relva por cima. Quem pode lembra-se de uma coisa dessas? Pelo que sei, recordam-se mas é deste mar e deste sol como se nunca aqui se virassem barcos, nem houvesse nuvens, isso sim. Dizia alto lembrando o Folhas. Don't be afraid. Para eles, amigos, o nosso tempo fica parado num alto do céu que se chama zénite, e a água é sempre quente como um caldinho de chocolate. Aliás, eu ouvi dizer em prefiguração de conversa, que se sentem mais calmos em aqui chegando, porque depois de conhecerem o piso, já podem morrer descansados sem a preocupação de localizar o céu, no caso de ser preciso explicar ao porteiro do paraíso. Por isso como não hão-de vir? Virão. Só que desconhecem a negrura da nossa espera, aqui sem sabermos em que pensar a não ser em words. E havia um lamento tão vivo na sua voz que as estrelas por cima pareciam destilar vigias. Tão amargo. Felizmente que é o final de junho. Thank god.

Costumavam sentir-se bem quando estavam e não estavam ali.

Na nocturna estavam presentes. A prova disso é que depois se fez um silêncio muito denso porque nem às mulheres apetecia renda nem aos homens ditos, nem luz para uma coisa e outra. Como nos serões. Onde vamos

pôr então os nossos pensamentos? Sinto, pá, sinto a cabeça presa aos ombros sem conseguir expelir uma ideia de entretém. My mind. Disse Rui Seladinha, o do coffee-shop. E João Inês. Nada temos mas é a ver com esses areais do fim do mundo. No nosso, banhado por este mar rasiño e atravessado de pegadas humanas, mesmo que eles não venham, se deita um homem e é cama. Come um homem e é mesa, corre um homem e é estádio. Neste areal. Joga um homem e é bilhar, espreita um homem e é cinema. Além disso, também é bom não esquecer. Conquista-se uma mulher e faz-se filme, no nosso areal. É exactamente por isso que eu aí ponho os pensamentos, e vão por mim.

Mas Aldegundes Beira que às vezes perdia a memória e tinha saudade de campanhas contra, sabia muito bem o que ia dizer, porque não valia a pena andarmos a chamar nomes diferentes às coisas. Neste caso não me consolo, amiga. Que no Alguergue está tudo o que é para luzir, luzindo. Tudo o que é para afofar a vista, afofando-a. Tudo o que é para vender, exposto nas montras. Além disso todos sabem tão bem como eu, que todas as coisas estão no seu lugar. Tabelas feitas, chaves nas chapas, números nas portas, pratos nas pilhas, um cheirinho a sombra, vésperas de falas, idas e vindas, contas no fim, toma lá dá cá.

Também não será assim tanto. Ainda hoje me chegaram vinte paris-match, vinte elles, vinte lui, vinte newsweek, vinte playboy fora o resto, uma rima da minha altura.

E tudo isto é prova de que estão connosco e têm o pensamento em nós. Porque não virão?

E Sebastianito suspirou fundo, exactamente como faziam os amantes nos filmes sobre os anos quarenta, lá longe, quando separados pela guerra. E era como se dissesse com aquele suspiro. Peace and love, my friends. E calma, esperança. Esfregando as mãos no escuro no intervalo de um cigarro e outro. Calma, que sempre aqueles lampiões eléctricos que saem lá de baixo da varanda das torres hão-de deitar para as relvas que eu cuido e faço cuidar, uns jorros claros de alumiação. Aí, sempre uma pessoa poderá escrever uma carta. My dear Laura. Todos subentendiam. Uma mulher fazer a sua renda sem se enganar nos buracos. Era como se dissesse. Se quiserem tirar a prova, descemos esta escada, tomamos a estrada até ao Alguergue, fazendo uma voltinha, circundamos a casa e vamos lá pôr o pé. Sempre os carros hão-de estar arrumados conforme a quadrícula branca pintada no chão, de forma que nunca essas máquinas de metal e gasolina fiquem a estragar a paisagem natural que vai dalém até à praia. Para não estorvar os sonhos. Wonderful. Won der ful. Sempre dirão. E soberbo, soberbo. Calma que hão-de chegar todos os anos emocionados com o azul intenso e límpido da água, saindo de dentro dos carros mulheres longuíssimas, com a mão em pala diante dos olhos, o cotovelo apontado para o horizonte, como se quisessem furar a tarde com esse osso de braço. Wonderful. Era como se Sebastianito Guerreiro dissesse. Os homens desenrolarão as silhuetas do corpo pela abertura das viaturas, batendo de manso as portas e dizendo de novo. Won der ful. Tudo isto vai

ser tão verdade, compadres, que posso apostar a cabeça do meu corpo, se não quiserem acreditar. Dizia Sebastião Guerreiro com a voz firme de quem faz, a partir de uma caixinha guarda-jóias, uma galena de se ouvir. Que se lhe iguale vizinhas, não há ninguém nas redondezas, é como se tivesse o poder de fazer chamar as coisas à distância. Belisanda Maria. E porque fazia escuro, cada um esconjurava essa ideia de areias e desertos, sítios onde nem palmeiras, as árvores de raiz mais sábia para procurar a água com a sua pontinha, nem palmeiras nem palmitos aí havia. Também esconjuravam essa iluminação de auroras boreais, coisas fantásticas do céu feitas para inquietar os nervos. Felizmente que tínhamos um Sebastianito Guerreiro para nos acalmar os sonhos. Descansem. Continuou Sebastião. Dizem que os mares deles são cinzenta água das lavaduras. Pá. E que as areias, se as têm, quando as têm, são cor de caca desfalecida. Não me canso de repetir isto porque é a nossa maior garantia. E o sol, o sol nem se vê, sempre escondido atrás das nuvens. Que lá. Dizem. São mais escuras do que aqui quando chove e troveja. Em alguns sítios os fumos e os nevoeiros fazem uma bruma tão espessa que se corta à faca e fica em duas metades. Tenho repetido isto mil vezes, mas parece que ninguém acredita. Sebastianito Guerreiro desenrolava as palavras. Mas todos sabíamos, compadres, que grande era a ausência de miss Laura. My god, porque não virão?

Estavam todos presentes.

Quase todos. Mas continuando, que a nocturna viria a ser longa. As janelas dos dormitórios estavam abertas e

assim, na escuridão da noite abafada, eram cafurnas para onde os insectos viriam zumbindo se se abrisse uma luz de vigília. As camas abertas lá dentro sugeriam as grandes voltas pela noite adiante, a ouvir-se na espertina os tiquetaques dos relógios nunca adormecidos. Que ideia era aquela de não terem previsto que o pessoal não poderia descansar nos prefabricados do dormitório, em vindo os verões de grande calor. Ou um sobressaltozinho de alma. E Simão Rosendo rematava. Lá dizia-se sable e dizia-se dorée. Aconteça o que acontecer, pelo menos ficam-nos estas ideias. Lá se diz assim. E o maitre d'hôtel abria a boca, não de bocejo mas de vazio. Fazia-se um silêncio tão grande, olhando para a mancha do céu, nimbada de estrelas, que apetecia chorar.

A quem apetecia chorar? .

Era a nocturna. Aliás, aqueles pensamentos não deveriam provir da situação real, mas do facto de estarem a pé pelo calor que ressumava das paredes, em vez de verdadeiro sono. Bom, tinha de ficar esclerecido. Eu, Rui Seladinha, tenho de dizer que não participo nesse choro. Diga-se o que se disser. Não participo porque não tenho razão para isso. E levantou-se, com as mãos nas algibeiras, não se via mas adivinhava-se pela voz que Rui Seladinha fazia por resposta. Pá, eu tive a sorte mais porreira deste mundo, escapei de toda essa jigajoga que tenho ouvido contar, e não acredito que isso me tenha acontecido tão bem, para vir um dia a perder um lindo emprego. Ó pá, essa não me entra na chanfradura. Não me entra que um gajo que se salva desta maneira, vá deixar de fazer funcionar a gaggia para cima e para

baixo. Se uma pessoa quer que baixe o braço, faz-se assim, a gaggia xa. Se se quer levantar, faz-se assim e a gaggia levanta. É só sacudir a tolda e gentlemen, please, two coffees for you and you. Para ser franco. Eles a dizerem all right. Percebia-se que Rui Seladinha tirava as mãos das calças para as pôr no peito e sublinhar a sua convicção de pessoa lesada. Para ser franco, eu não acredito. Estava-se muito perto da solução pela via da crença, como vêem. Mas um momento, que ainda não sabíamos o que pensava o Quinas e a opinião do Quinas era importante. E o Quinas. Pois o Quinas felizmente que trazia outro argumento. Ele acreditava a pés firmes numa outra coisa, no poder de gestão dos gajos. Juro. Podia não acreditar em mais nada nesta vida, mas acreditava que eles sabiam ganhar o pilim fosse em que circunstância fosse. E eu, amigos, junto de quem sabe, abeiro-me e obedeço desde que me garantam recompensa. Aliás, eu sou da opinião do maître. Tudo aquilo era montagem para ver se alguém desistia, só que eu por mim não desisto que sempre fui um gajo determinado, sempre fui um tipo de sorte. And so am I. Foi obrigado Sebastianito Guerreiro a dizer. Sim, tu, eu, mais uns quantos que aqui estamos, sempre fomos pessoas de sorte. Como dizia a tua mãe, Belisanda Maria? Que dizia assim. Atêma sempre, ma filho, que na porfia está a caça. And so am I. Mas eu em especial. Continuava o Quinas. Não se esqueçam que em sessenta e oito, eu consegui trazer uma arca com dois dentes de elefante todos trabalhados. Cinco tapetes de veludo com cadilhos, três cabeças de preto esculpidas em pau, cinco lanças, treze azagaias, um canhangulo completo e uma pele de jacaré ainda de leite. Mais. Ainda dois serviços de loiça chinesa, um de

morcego outro de bago de arroz, inteiros, pá, que nem uma asinha se partiu na viagem. Também sou obrigado a acrescentar. Que nunca se me perdeu um aerograma pelo caminho, nunca ninguém me abriu uma carta, e sempre consegui mandar as mensagens de natal. Boas-festas. A meus pais, minha madrinha, meus saudosos vizinhos da Redonda. E mais. Quando voltei a moça estava séria e honrada como a tinha deixado, não tendo assistido na minha ausência, nem a festa nem a filme, por respeito ao meu estado. Também direi. Porra, que não me posso queixar da vida.

Fazia escuro mas percebia-se que contava o Quinas as felicidades pelos dedos, e que já não tinha mais mão para assinalar os sucessos. E o Serra. Eu estou igualzinho a ti. Tudo isto é uma montagem orquestrada para nos tirarem o sono, odiarmos a lembrança de Rosária, e abalarmos de saquitel às costas a ver as couves. Não entro nessa. E que todos vissem se não era verdade. Quem não tinha ordem de renovação nas suas secções? A gente, por exemplo. Tem ordem de estar à porta da sala de jantar sempre a rir, ora com um ora com outro, mas sem mostrar os dentes todos. Mesmo quando não vem ninguém a entrar no átrio, digo-vos que isto está muito bem pensado. E a gente, pá. Agora até tem de limpar o que está limpo, imaginando que está sujo. A mim não me deram ordem, mas pediram-me que semeasse mais dez canteiros. Também encomendaram oitenta cadeiras todas brancas e às tirinhas, exactamente conforme o feitio da curvatura da espinha, a fim de espalharem na relva em volta das piscinas. O Quinas tem razão, isto deve ser uma mise en scene

perfeita, como se dizia à marseille. Fine, fine, pá. Era o Serra com um entusiasmo do desafio. Fine, apetecia uma pessoa fazer uma espreita a sério com marmeleiro às costas, e mesmo que os cabrões dos troncos ressuscitassem, ninguém desistir. Agora estou eu a pensar. Disse o Rui Seladinha. Somos, ai o que a gente somos, eu nem digo. Que importância tinha um pau enverdecer. Aliás, qual era o mais flexível, mais parecido com os verdadeiros vergalhos? Pois era o verde. Por causa da merda das florinhas lemos o. sinal ao contrário. Apetecia uma pessoa despir a camisa e socar o peito para desentupir a inteligência. Dando punhadas na testa.

Pára, pára com isso, que já não vais a tempo. Falava alto no desejo de que parasse mesmo. Era Zulmirinha Santos, lembrando-se daquele tempo em que andava esguedelhada e vencida pelas noites perdidas a pensar, a pensar no que se devia fazer. Calma, que agora era outra coisa e não havia prova em contrário contra Mr. Hals. Até para sermos francos. O silêncio é que se mantinha perfilado e as estrelas um desfile de luzes a brilhar por cima das cabeças parvamente. Desarrumadas, pelo céu.

No fundo estavam todos de acordo.

Estávamos, sim, e sabíamos o que desejávamos, uns em voz baixa outros alta. Depois a noite ali a correr devagarinho, esquentada, dava vontade de esquecer as paixões pessoais, sobretudo agora acalmados que estávamos pela certeza de que aquele mau bocado era tão passageiro como a noite. A noite e o dia afinal. E

então, porque um risco atravessava o céu da esquerda para a direita, furando a via láctea, alguém pensou ter ouvido um estampido. Era Valentina Palas. Mentiras, pá, mentiras. Ninguém ouviu nada porque a luz daqueles astros que correm não faz som. E Valentina lembrando-se das três primeiras merendas. Tanto tanto que falámos dos astros e dos seus mistérios nessas tardes de viagem a este local deserto. Aquilo é que era um tempo. Mas esta frase dita por Valentina provocou um coro de gargalhadas, ah ah, que parecia não querer terminar. A senhora Valentina tinha emagrecido de abril a junho vinte e dois quilos, e de tal modo lhe dançavam as saias de dia para dia que sempre parecia alguém mal pronto, tendo ficado a própria placa da boca descomandada. Valentina recolheu os dentes. De que se riem todos, Leonardo? Passava um bafo de sopro quente. Quando você veio aqui, senhora Valentina, já lá vão quase vinte anos, se calhar ainda o céu era liso e o centro da terra era o céu. Pois era. Disse Valentina Palas ressentida. E estava tudo nesse tempo tão bem feito, que à volta da terra andava o sol para alumiar o dia e a lua a alumiar a noite, tendo estes dois astros combinado entre si. Ora tu ora eu. Era ou não era? Era. Mas entretanto, meus amigos, alguém se lembrou de chatear dizendo que o sol estava sempre parado, agarrado a um pé no meio do céu e que a terra girava dando assim causa aos dias e às noites. A lua, simples amostrinha da terra a imitá-la nas voltas. E aí é que começou a chatice porque deixou o céu de ser liso e passou a ser uma dor de cabeça sem hipótese de comprimidos. Para os olhos da imaginação. Olhem-no. Onde começa? Onde acaba? E quanto mede? Ah. O pior de tudo é que já nada disso é verdade. Olha-se

para a estrada de santiago, e reparem que enquanto a gente a vê, tão grande é, que estamos dentro dela. Quer dizer. Estamos hoje. Amanhã, sem termos mudado de sítio, já a estrada faz parte de uma outra certeza qualquer, e assim vai. O melhor é desligarmos disso. Estaremos? Não estaremos? E depois é de uma pessoa partir o caco se matuta. Mas hoje ainda se diz. Que de estrelinha a estrelinha, que no todo formam aquela risca de fumo, vai tanta distância como daqui lá.

Compreenderão tudo se disserem les étoiles et la voie lactée. Falando assim é um desimagina-te. Fica tudo em ordem com a cabeça. Deixem-se de pensamentos. Simão Rosendo tinha o seu dente de ouro escondido atrás das mucosas mas brilhava a língua. Não, amigos. Digam antes the stars, para não se esquecerem de onde estão. E estávamos. Soprava outro bafo de aragem, um sussurro morno de coisa cal da. Mas Valentina Palas queria responder a Sebastião Guerreiro. Volto atrás para dizer que há pouco ouvi de novo ranger o espaço quando vi outra estrela fugir. Isso não é verdade, ce n'est pas vrai. Os astros não rangem e se alguma coisa anda nos espaços a fazer barulho, são dizeres que agora mandamos para os mundos das outras estrelas, a ver se alguém nos escuta do lado de lá, como cânticos escolares, rugidos de animais, piado de passarinhos e sinfonias de música. Aí Valentina Palas levantou-se, e embora não se enxergasse pelo escuro, via-se perfeitamente o abanar da sua pele vazia. Como? Perguntou a senhora Valentina, ofendida. E não vai o som dos talheres? Do despejar dos copos? Do sorver das sopas? Do tarrincar de pevides? Não, parece que

ninguém se lembrou desse campo, pelo menos que a gente saiba, com esse pormenor não terá sido. O maitre d'hôtel incomodou-se também, porque realmente Valentina tinha razão. Habitados que estávamos agora ao pulsar da civilização, bem poderíamos escrever, telegrafar até, para sugerir. Como se chama, Sebastião Guerreiro? Sugerir isso à national aeronautics and space administration. Concluiu Sebastianito de voz grave. Aprovado. Fez-se um silêncio de intervalo.

Que horas seriam?

Não interessava. Os relógios tinham ficado nas mesinhas-de-cabeceira dentro dos quartos onde se poderia cozer pães sem forno auxiliar. Zulmirinha Santos é que estava a achar aquilo tão absurdo que se pôs a bocejar de desinteresse, uns bocejos abafados pela mão mas que se ouviam e contaminavam. Não vão nessa. Disse ela a rematar um que lhe fazia respirar os folhos. Não vão nessa de se deixarem tratar por despojos. Despojos? Fazem isso tudo porque acreditam que a terra pode ser engolida ou partida ou chutada por este sol que está agora nas nossas costas ou qualquer um outro que ande por esse mundo. Dava vontade de rir, e esses testemunhos de sonidos enviados são para que nesse caso escape alguma coisa de nós, assim uma espécie de herança para assinalar a mortalha com antecedência. Ou pensam que só vejo elle e lui, lui e elle, lá no shopping? Sei, sei tudo, a que estamos e a que vamos. Vão por mim, que gosto de pensar em coisas ternas, ribeirinhos cheios de nenúfares para as meninas passarem. E Zulmira tinha uma voz sonhadora. Dizes tão bem,

Zulmirinha, se um rio está seco, uma ponte, se uma mulher chora, um pajem, se um rei tirano, um dragão. Com este espírito é que a gente fazia os parties. Agora os bocejos eram uma verdadeira respiração da noite. Aquela ideia simultaneamente vaga e precisa de que queríamos passar da miséria à fartura sem sermos assaltados pela dor do conhecimento. Talvez a maior verdade de todos. Devíamos escrevê-la na testa.

Alguém chegou a dizer?

Não, de modo nenhum. Simão Rosendo é que disse, dando um salto de tórax e palmada na coxa para suprir o escuro. Já sei como entretermos a noite. Voilà notre amusement. Oh la la. Quem é capaz de ir debaixo da minha cama? Estenda o braço, que ao lado da mala da roupa está uma coisa em pé. Cuidado que ao tocar com a mão não se lhe dê um soco. É coisa que se parta? É. Quente ou fria? Antes é fria, depois é quente. Dura ou mole? Dura. Quadrada ou redonda? Redonda. Branca ou preta? Nem branca nem preta. Transparente ou baça? Transparente, claro. Come-se ou bebe-se? Bebe-se, pá. Já sei. Disse Rui Seladinha. Rapinaste uma de taittinger de champanhe. Não. Armagnac? Não. Mercier, johnnie walker, nada disso? Não, pá, é medronho, um garrafão de medronho e cheira a estevas quando se lhe tira a rolha. Muito muito boa ideia. Chico Antunes, ele próprio ia lá dentro buscar, e antes que confessassem. Podia não ser garrafão, mas quem não tinha debaixo da cama, uma coisa redonda, nem branca nem preta, transparente com rótulo, que se bebia e que afinal também servia para fazer tchim tchim? Boa ideia. Tantos que tinham e que

podiam ir buscar. Que eu volto à minha só para acabar. Lá à marseille, chama-se mystère ao mistério, espace a espaço, vejam que é quase a mesma coisa. E Leonardo, o marido de Valentina Palas. O grande mistério é que os líquidos girem na circulação humana e se façam de força, assim como o pão se fazer em carne. Falem com a minha Valentina. Este é que é o grande mistério da natureza. Mystère. Emendou Simão Rosendo. Que entre por aqui e saia por ali e escolha o que é bom e presta e sustenta. Deita-se fora apenas o que não presta e apodrece. Este é que é o grande mistério. Era. Disse Valentina Palas como se lamentasse alguma coisa perdida. Agora também conheço o efeito contrário. Valentina, ou fosse da insónia ou dos dentes que lhe saíam ao falar, tinha uma voz fraquinha de pessoa mal.

A nocturna a correr.

Sim. E sentia-se que a segunda parte ia começar, porque despejavam para dentro de uns copinhos redondos, de boca tão apertada, que era preciso colocar o dedo a meio do jacto para ver se o líquido estava a cair no sítio certo. Além disso a noite queria ficar cada vez mais escura. Medronho a uma hora destas, mas como era possível, senhores? Chega, e enche até à bordinha. Só que a primeira rodada teve o efeito oposto ao que Simão Rosendo esperava, porque se caiu num silêncio mais silêncio do que o anterior, como se o ardor na garganta impedisse qualquer palavra. Aldegundes Beira estava presente mas sabia-se disso apenas porque ocupava um espaço. O que tens? A todos apetecia chorar naquela noite, pela segunda vez seni se ter motivo. Mais outro, e

faço questão em que Pinaira beba. Queima. Disse Pinaira experimentando. Sebastião Guerreiro mudou de lugar para se acocorar no escuro de um outro poial da varanda, onde a ponta do cigarro era mais volátil e cadente que as estrelas do céu frementes. Ouvia-se o mar num sussurro parvo de fazer enlouquecer o tímpano. O indicador mandando a cinza embora. E recolhia-se no pensamento de que não valia a pena ter medo. Medo de quê, senhores? Quem teria coragem de tocar no que fora concebido para deleite dos sentidos, tudo descanso e repouso? Ninguém. Bem estar à temperatura ideal e comidas servidas em pratos de vista alegre donde saía a cristalinidade do som, batendo com uma unha de mão? Quem? Quem ousaria tocar nos edifícios concebidos para que o corpo se sentisse na medida da felicidade? Era isso mesmo o que ouvira do Folhas num dia em que parecia imitar uma récita de villaret adormecido. Bem e muito bem fizeram os invasores de mil oitocentos e tantos quando retalharam à machadada os nichos e os altares-mor dos patrimónios santos, tudo fantasmas dos suplícios antigos. Pensava para si e evocava a sombra de Belisanda Maria a falar num pai tão casto quanto um dom nuno havido, credo. Se em vez de santuários, tivessem encontrado roupas brancas para mudas e camas fofas para alongarem os corpos guerreiros, capachas para sacudirem as botas da poeira dos cavalos, bengaleiros para dependurarem os chapéus tricórnios. Ah sim. Teriam ficado, feito piscas com o olho, feito filhas, feito filhos. Meninos dizendo merci desde nascença. E hoje, quem saberia lá? Talvez o nosso país e o de França fossem só um, ficando no meio a Espanha a render-se à evidência da unidade. E nada destas chatices. Enquanto

de bocas incendiadas pela medronheira da meia noite se passavam copinhos de vidro do tamanho de dedais. Sebastianito doido de pensamentos. Agora sim, começávamos a sentir o efeito da grande ideia de Simão Rosendo, porque a noite podia vir a ter cem horas e a esmorecerem todas as estrelas amarelas, que já havia com que a ocupar, sem ser necessário recorrer ao reconto de filmes americanos. Tão fanhosos, tão mal pronunciados, um horror, habituados que estávamos às coisas correctas. Sempre senhoras partindo pratos e gritando, descendo ao hospital por uma infidelidadezinha. Não, felizmente para Simão Rosendo que não era preciso falar dessas vidas que nem alheias eram, tudo aquilo uma fita feita. Das que estreavam o medronho a uma hora tão desusada, Pinaira foi a primeira a sentir que o céu se punha à roda do poial de ladrilho onde se sentava, de tal modo estava virgem de álcool, almareada desde as unhas à testa, mas sobretudo nos olhos. E a velocidade dessa curva giratória era tão intensa, que à volta da sua cabeça as estrelas criavam riscas de percurso em forma de elipses que se perdiam nas pálpebras. Todos nós também, mas uns mais do que outros. Pois por ela, podiam ficar por lá eternamente, viessem ou não viessem, Pinaira sentada a falar, a falar em vez de apenas ver, como era seu hábito. Também se pôs a rir quando Valentina iniciou um queixume de dor, era uma dor que tinha ali e não conseguia explicar, muito fina, muito funda, não sabia de quê. Pinaira a rir a rir, se alguém tivesse uma lanterna de algibeira e quisesse apontar para o rosto de Pinaira teria visto nele a alegria feita pessoa, e por certo que acharia também os seus pêlos de perna tesos como fervas, se alguém apontasse

para aí essa mesma lanterna. Mas ninguém precisava de alumiar para conhecer. Chora, Valentina, chora que ninguém mais tem. Pinaira a repetir de garganta queimada pelo puro. Ninguém mais tem anelinho de oiro que te encha o papo, que te encha o papo. E rindo, fazia contas de ferir as estrelas. Me encha o papo a mim? Pois quando? E que papo?

Era a segunda parte.

Mas Simão Rosendo levantou-se de um salto. Ah desgraçada que sabes onde ele está. E foi na direcção de onde ouvia a voz de Pinaira para lhe apertar as goelas. Diz tudo o que sabes, traidora, que te mato. Conta-me, mulher danada. E Pinaira desmanchava-se de riso por cima do poial estendida. Foi ela, foi ela, eu vi Valentina comer o teu anel naquele dia. O silêncio era agora uma coisa interposta que incomodava todos, e Valentina nem se mexeu de seu lugar. Valhaca, valhaca, viste e não me disseste. Porque não contaste que eu teria ido procurar com um pauzinho até encontrar, se eu tivesse sabido disso? Aposto que foi metido na mousse, caiu-te do dedo, homem, e eu não dei por nada. Só Pinaira ria agora daquele modo, de resto todos nos apercebíamos da gravidade do caso. Valhaca, valhaca. Simão Rosendo ainda não tinha tocado na aguardente e mantinha-se lúcido, infelizmente, meus amigos, queridos compadres, que desconsolo vir tão tardiamente a saber uma coisa destas. Suficientemente lúcido para que dissesse. Descanse, senhora Valentina que eu nisto a quem culpo é ela. Lembra-se, senhora Valentina, onde deu de corpo no dia seguinte? Não, não se lembrava, ninguém

apontava coisas dessas no calendário. Só Pinaira ria sem se conter pela força da medronheira, um riso descabelado de quem se embriaga pela primeira vez na vida e com um líquido impróprio. Foi na mousse. Confirmava ela. Aqui Valentina tinha a taça estendida a dar a todos, e tu a alcançares uma colherzinha para o doce, deixaste escorregar o teu anelinho do dedo. Oh Simon, que assim também se devia dizer em marseilha. E ria Pinaira com arrotinhos breves, estendida no poial que não se sabia bem onde acabava, tanto era o escuro daquela nocturna. Não se via mas também se adivinhava seu cabelo de pernas eriçado sobre a canela por coisas vinganças a acontecer. Mas porquê, porquê. Então, Simon, veio de lá Valentina Palas e acabou com o resto da mousse rapando com a colher de repartir o fundo daquela bacia em três tempos. Se ao menos caísse uma cacimba húmida e a roupa ameaçasse colar-se à pele, alguém teria desculpa para dizer. Acabou-se a nocturna. Mas pelo contrário, o calor queria fazer de nós seres vencidos por um desdém qualquer. Catrinita Mendes e Dorinhas Parreira só haviam bebido dois pequenos cálices cada uma com profundos esgares pela coisa amarga que lhes davam, e resolveram acautelar o desgosto. Um momento, não se precipitem, também é preciso ver que Pinaira pode inconscientemente estar a mentir, aquilo não corresponder à verdade, e estarmos todos mal impressionados 'em vão. Cá por nós, nunca vimos uma coisa destas num filme. Sim, ninguém se lembrava de semelhante peripécia numa história filmada, para se ser franco, se bem que fosse natural acontecer na vida, que não íamos pensar que éramos donos absolutos dos disparates. Claro. Simão não tinha nem um

bocadinho de esperança, e sentia-se duplamente frustrado ao pensar no trajecto da sua jóia, possivelmente desde a boca da senhora Valentina até ao esgoto do mar. Dou em doido de tanta desilusão. Ainda se tivesse ficado enterrado na areia, e um dia no futuro longínquo um grupo de pessoas viesse fazer seu party precisamente ali, e o encontrasse, alguém o limpasse da terra e dissesse. Encontrámos um tesouro. Sempre seria uma consolação porque o anelinho brilharia como a marca de um grande antepassado, maître d'hôtel por mérito próprio. Mas assim. Ai ai. Dizia o maître sem saber quem culpar no meio da noite tão estrelada e cínica. Apetecia-lhe emborcar pela boca toda a aguardente que havia naquela festa acontecida por acaso e depois, acontecesse o que acontecesse. Chamasse galos e galinhas e quem calhasse, perdesse que compostura perdesse. Queria esquecer a miséria desta vida e dos sonhos dela. Quase chorava Simão Rosendo. Mon dieu. Deixa lá, que a água a esta hora já o levou dos dejectos e o mandou desinfectado para o alto mar. A esta hora já a tua jóia deu à costa num outro país, de mistura com as algas, as conchinhas lilases de madrepérola, os buziosinhos de amor, e já duas crianças o encontraram e estão felizes. Ou então, ou então, um grande peixe engoliu-o, como no caso da princesa magalona e seu amigo pierre, e uma criada de cozinha o encontrou na buchada. Mon dieu. Não se via mas adivinhava-se o ventre rotundo de Simão Rosendo tremer de soluços secos, todo atado por um cinto de apenas um fuzilhão de barbela, puro cabedal. Mon dieu, mon dieu. Percebia-se também que Simão Rosendo tinha as mãos a apertar as dores de cabeça, dedos contra tímpanos.

Aquele vulto ali deveria ser de Aldegundes Beira, tão pendida tinha a cabeça sobre o ombro. E aquele ali Edmundo, pequeno, franzino, uma silhuetazinha de menino no meio dos grandes. Em que pensas? Tens bebido? Não havia dúvida de que além do outro lado do grupo estava Zulmira Santos, abanando-se com uma ventarola diante do peito. t os folhos brancos também. As mulheres entre os homens, e os homens entre as mulheres, pesarosos todos pelo acontecido. Custa a crer. Sebastião Guerreiro é que permanecia no lugar mais retirado da varanda, meus amigos, e só sabíamos do seu poiso pela linha de um ombro redondo e arqueado, à luz daquela pontinha de cigarro incendiada, pequeno farol a ir e a vir da boca ao escuro e do escuro à boca. O que estaria Sebastianito ali a pensar? Peace and love, my friends, possivelmente. Queria dizer esse gesto. E enquanto se falava daquela coisa estúpida que era a senhora Valentina ter engolido um anel de puro ouro maciço, pedra vermelha como coisa rubi desmaiada, o marido de Santanita Trigal Cagaça ia falando só consigo. Ou parecia, através do escuro. Peace and love, my friends, possivelmente. Queria dizer aquele gesto. Porque se preocupariam os seus conterrâneos com coisas tão rasteiras da vida? Se alguém me quisesse dar ouvidos, tudo seria diferente. Em breve éramos uma outra raça de gente. Morria aquele cigarro, acendia outro, o fósforo a fazer uma faísca e as estrelas tinham deixado de correr no céu à procura.

Quer dizer que nessa nocturna havia um regresso forçado.,

Sim, porque doce seria estar ali e não estar, mas as coisas aconteciam de modo contrário a essa viagem desejada, sem partida. Eu, por exemplo, Sebastianito Guerreiro, não me derrotam os males, assim fosse um anelinho o que eu tivesse perdido, e ainda estou inteiro.

Dizia?

Não, não dizia, mas era como se dissesse desafiando a via láctea feita caminho das constelações. Quem, quem está a ver as ursas? É além e aquela estrela da ponta, a que brilha mais, vejam todos. O Folhas não tinha servido apenas para que se lhe fizesse espreitas e comentasse as idas e as vindas dos seus amigos. Quem tivesse tido a paciência de o ouvir e de assistir aos desenhos esboços que riscava nos blocos de cavalinho praia fora, aprenderia muito. No fundo, como ele dizia, eu sou diferente. Sebastianito, sempre fui diferente. Porque sobre aquela nocturna já o Folhas tinha falado com antecipação de anos, adivinhando as coisas tintim por tintim. Pinaira de vez em quando continuava a rir não se sabia de quê. Quantos lhe deram? Sabemos cá, faz escuro, não se vê quem estende a mão. Pois é. Tinha dito Augusto Folhas que já se procurava naquele momento a forma propulsora de uma grande bomba míssil, Sebastianito, que no futuro, em havendo uma grande guerra. Valentina chorava agora por seu turno, sentindo-se inocente e vitimada entre os vultos da varanda. Uma grande bomba míssil que em havendo guerra, tenha cérebro para pensar, coração para sentir. Antes, depois, e logo após a explosão. Após que explosão, senhor Folhas? E o Folhas tinha puxado de um bloco branco de papel

para rabisquinhar as ideias, não tendo ele ido nessa manhã à pedra anfra. Pinaira continuava a rir de gozo. Sim, para que possa fazer três voltas à terra no tempo de um pensamento, e durante esse trajecto possa escolher, ora em linha recta ora em ziguezague os locais aprazíveis do mundo para os poupar. Ou não sabias, Sebastianito? Augusto Folhas tinha falado com o mesmo ar com que costumava explicar as raças de cão aos banheiros descrentes. Seria assim mesmo? Valentina fungava um choro no ombro tornado invisível de Leonardo, também compungido com o facto. Cala, cala, minha querida. E o Folhas havia continuado. Casas como esta, nesse dia, vão passar incólumes. Incólumes? Sim, inteirinhas, nem um guardanapo vai mexer, postos em pé, direitíssimos, dentro dos vários copos do bar, se a coisa se der. O Folhas tinha dito. Onde pensas, homem, que irão fazer o briefing, o apuramento das causas e dos efeitos sobre o que for destroço? Pinaira a rir para dentro das mãos e em seguida contra o céu, como os cachorrinhos pequenos ainda não habituados à lua. Vai, meu amigo. Vai plantando goivos e roseiras. Enfeitando as jarras e servindo vasos para o átrio, que te fica bem. Cuida das pranchas windsurfs e dos courts verdinhos de relva para alvejarem de longe os equipamentos brancos. Isso sim. Havia o Folhas dito. Valentina tinha o choro enfraquecido como se lhe doesse alguma coisa muito funda no centro da sua barriga. Acha então que me devo esmerar no plantio de flores e no tratamento das barcaças? Exacto. And the horses, mister Folhas? Tinha perguntado Sebastianito com a voz emposta. Bem, Sebastianito, já o mesmo não diria quanto a cavalos. Eram bichos de estatura formidável, de beleza e aprumo,

mas demasiado lentos e comilões para se deslocarem no espaço. Como dariam os coices dentro das cápsulas? Há certas espécies que tendem a desaparecer apesar de tudo. Pinaira ria e Valentina chorava, e ambas resumiam os outros e as outras. Estamos a ficar meio cá meio lá. E depois o senhor Folhas ainda tinha dito. Cuida mas é dos greens que o resto se verá. Por exemplo. Aquele troço de estrada que ali está puída de buracos por onde já se vê crescer a erva do leito, toda ela da largura de um amazonas, não penses que será desperdiçada. Então, senhor Folhas, então? Claro que será reconvertida e dela se fará a primeira rampa de lançamento. Sebastianito Guerreiro tão emocionado nesse dia, my god. Apetecia fazer a voz e a sobrancelha de sir laurence olivier quando transportado nos palcos. My god, como será. Aliás, ele bem que tinha tido pressentimentos ao avistar pela primeira vez aquela fita que lhe parecera uma perna de mar. Tinha sido por altura da terceira merenda. Pobres destes que me rodeiam, custa a crer que uma mulher esteja a rir, uma outra a chorar e um homem se lamente daquele jeito tudo apenas por uma anilha de dedo que talvez até de pechisbeque fosse. Lá rubi é que a pedra não era. Mas mesmo que pensasse naquilo que os reunia naquela sessão nocturna, Sebastião Guerreiro possuía razões sobejas para poder adormecer sem sobressaltos, confiado no futuro dos greens. E deixou cair as pálpebras por sobre as duas horas que deveriam estar a bater no relógio da Redonda, tão longínquo. Não, sem óleo nem sacristão, já deveria ter avariado. Tam tam.

Nem nessa nocturna a venda era por atacado.

Sim, nem nessa nocturna, estando todos presentes. Pinaira a rir e Valentina a chorar, vencida da vida. Que se fosse má, tão má como ela, aquela que ali ria sem propósito, haveria de contar umas coisas. Mas não, não contava, tinha o pressentimento que poderia ver a deus em breve e não queria levar remorsos dentro da mortalha, por isso nunca acusarei ninguém. Mas não era preciso Valentina tecer acusação, que todos sabíamos porque todos nos espreitávamos, vigiávamos e conhecíamos-nos. A gente sabe tudo. Sim, sim, sobre Pinaira a gente sabe tudo e mais alguma coisa. As estrelas pareciam ter desandado uma fracção de céu qualquer, ou era da nossa imaginação dorida por aquele serão fora de propósito. O mar um líquido ruidoso, ao fundo, para lá das cristas do Alguergue. Costumava ela levar Rosairinha para a casa das vassoiras, e de lá, dizia-lhe, com aquele cabelo de perna assanhado no canelo. Vê a Lora. Olha-me bem para aquilo. De noite a magana chama figo e outra fruta ao teu pai, mas de dia, parece que anda a mulher sempre em vésperas de chica, de ruim que é. Quem não sabia que chamava Rosairinha para dizer e rebaixar miss Laura? Não, Sebastião Guerreiro nem imaginava. E então. Também sobre o cãozinho Fly tão querido, aquela que tinha visto uma mulher comer o anel de um homem sem dizer nada, ela dizia. Que tinha o bicho focinho comprido de furão, corpo cabeludo com franjinhas de xaile velho, preto todo que nem um luto. Dizia aquela valhaca. E à cauda tão linda que o animalzinho tinha, lhe chamava de rabo, sem mais nem menos. Olha daqui o cão, Rosaira, que tem um cadilho alvorotado, sempre mexendo, sempre abanando, dois dedos acima do olho do cu do cão. Dizia ela.

Valentina é que não queria dizer que se sentia mal, Leonardo a consolá-la. Está calma, meu amor. Tudo tal e qual como nos filmes. Sobre a corrida, Sebastianito, era bom poder-se dizer que aquilo que se via era a prova de que o cão, por mais que fugisse, nunca chegava a lugar nenhum, que sempre ia e vinha para nada. Era como se corresse atrás de um osso e se fosse, atrás de uma caça e se fosse. Tó diabo, o cão sempre voltava a cheirar a dona como um reles rafeirinho que mandei enforcar na Redonda. E tudo isto era só para rebaixar a miss, a quem essa que agora ali ria, chamava Lora. Rosairinha ouvia tudo e Sebastianito nem sonhava o que se poderia contar para fazer justiça a Pinaira. Outras vezes chamava Rosária e perguntava-lhe. O que vês? O que vejo. Não vês nada nesta direcção? Ah. Dizia Rosária. Daquele lado da praia é tudo gente macha na areia. Vê como a Lora passa e eles vão andando. Primeiro é o teu pai quem vai parecendo ser o dono das pegadas dela, mas fingindo que é por amor do cão. Depois os banheiros e os moços do bår. Vem cá vê-los. Não será aquele o Edmundo Breba? Pinaira diria coisas de partir a alma a um inocente, na opinião de Valentina Palas, mas não valia a pena acordar Sebastianito Guerreiro, adormecido ao relento pelo cigarro que tinha deixado apagar entre o escuro e a boca. E dizia de todos os homens ali presentes, que de calor saíam de madrugada para se irem banhar, vocês, seus fideputa, era antes do serviço, depois do serviço, às vezes durante o serviço, de tanto calor na guelra, os fi. Pinaira costumava dizer, e agora ali estava a rir apenas com quatro copinhos de aguardente tomados à uma hora da manhã, de tal maneira aquela estava virgem de homem e de álcool. Mas não valia a

pena quebrar os triângulos de riso e choro com questões dessas. Só para que se saiba o que Valentina poderia dizer se não sentisse uma fraqueza tomá-la a partir das vistas. Que viesse Rosaira a correr, largasse as mudas, o balde, e viesse. Olha daqui que tão bem se vê. O cadelo a correr, a Lora a ver, o teu pai atrás, todos em fila, mas quem faz de cabide das coisas dela não são os outros, é o marido de Santanita Cagaça, tua mãe. Oh que desgraça. Os cabelos das pernas de Pinaira faziam farfulhinhos escuros nessas tardes.

Então tudo ia terminar em pensamentos íntimos, suposições, a nocturna a apagar-se dessa forma, que pena.. Por nós e por eles. Agora é que parecia um verdadeiro resto de saga.

Não, um momento. Um momento que a nocturna ainda não terminou. Não era preciso falar que todos sabiam sem dizer, tudo testemunhas do mesmo caso. Só que Pinaira pôs-se a apalpar o peito dos que lhe estavam próximos pedindo medronho, querendo emborcar os narizes que encontrava como se fossem copinhos. Tira-te daqui, mulher, que já chateias. Nunca te fizeste notada por uma opinião, um gesto de party, de evening, de barbecue, e de repente queres assumir o papel de relator de segredos que acumulaste com os olhos e à tua magreira. Apetecia fazer de Pinaira a culpada de tudo de tal modo andávamos há tempo em busca de um criminoso e só o encontrávamos dentro de nós mesmos, em dias de vento e solidão. Pinaira. Pois Pinaira queria mais aguardente e a gente não sabia se lhe desse, ainda por cima àquela hora da noite. Mas intimamente

sabíamos que se Pinaira despejasse goela abaixo mais três copinhos de três, tal e qual se usavam ainda na venda da Redonda, Pinaira talvez revelasse alguma coisa que procurávamos.

E revelou?

Revelar não revelou, mas deu pistas aos que ali estavam sobre o futuro, no fim de tudo, o que sempre mais preocupa o presente.

Ah.

Não foi só Pinaira quem se serviu, junto dela também Aldegundes,. prima de Edmundo, Catrinita, Dores Parreira, a própria Zulmira só para ver como era. O Quinas, o Serra, Rui Seladinha, Gil Beira, esses quando abriam a boca já se via luzir o medronho. Se não fossem estes disparates juntos, agora é que estávamos mesmo bem, porque começa a cair uma humidadezinha, de vez em quando o fresco bafo encontra-se aqui na varanda com o que vem do deserto, a ver quem vence. Sinto a tensão arterial subir. Eu também. Pinaira queria mais. Já agora boca queimada por um, boca queimada por mil. Temos ouvido contar, que a certas pessoas, isto só acontece uma vez na vida, e vamos deixar Pinaira festejar à vontade a sua embriaguez, já que tem tanto direito como os outros. Pinaira então levantou-se de novo, impelida pela razão que lhe davam. Há aqui alguém que se chame Cagaça? Perguntou uma vez. E como ninguém respondesse e ela ainda se sentisse apta a interpretar os silêncios, repetiu. Há aqui alguém que se chame Cagaça? De repente, as estrelas, os espaços, as

mensagens de vozes que se mandavam para os espaços com receio de não deixarmos rasto atrás de nós, o destino do mundo distante, tudo isso parecia uma brincadeira de crianças com que tínhamos entretido a noite até ali. Sentíamos ter estado a falar de desertos, auroras boreais, quando no fim deveríamos ver quais de nós éramos traidores dos outros e de nós também. Mas isso não se conseguia dizer por palavras,-embora fosse como se disséssemos. Foi Sebastianito quem quebrou a pausa. A fidelidade é a única coisa importante nesta vida. Lembrem-se de que prometemos a Mr. Hals nunca fazer serões ruidosos. Schiu. Fez também Zulmirinha Santos receando que se desencadeasse alguma coisa diferente dos filmes, e nunca previsto nas elle de verão. Schiu. Ninguém conhece o Cagaça, nem o viu, nem o avistou nestes últimos dias por aqui? Não, não conhecemos ninguém com esse nome. Disse Valentina Palas com uma voz imprecisa de dentes soltos na boca. Nem nunca ouvimos falar. Ah então. Via-se Pinaira tremer de indignação através do escuro, como se alguma coisa da sua pessoa fosse incandescente. Eu vi. Esse Cagaça, meus amiguinhos, não está aqui, mas eu vou dizer como ele é para que se o virem me dizerem onde está. Que é um gajo atarracado, ombrudo, pescoço tronco, cabelo já gris, que nunca fez nenhum na vida. Pinaira é que falava só, e nem importavam as estrelas, esses olhinhos parolos pregados além. Quando se ri, os dentes desse Cagaça são brancos nas pontas e escuros nas rejuntas umas das outras, tem um anel de aço a segurar os de lado. Mas isso não tem mal, nem é por aí que o conhecem. A verdade é que são ainda certos, e lembram de longe e quando franze a testa, a dentadura dos burros acabados

de entrar na segunda muda. Alguém estava aterrado sem saber dizer palavra por resposta. E ela. Também se conhece pelo andar porque ginga a anca como os gitanos que passavam a vender linhas, retrós, e a roubar o gado. Tal e qual. Mas depois repetia-se como se não conseguisse ultrapassar a descrição do rosto desse Cagaça ali em frente, seguro por quatro braços para que não se atirasse a ela. Produziam-se hiatos de minutos em que o silêncio caía do céu às punhadas sobre a varanda quadrada, de parede branca, por onde tínhamos as nossas costas. Credo. Então Zulmira Santos começou a pedir que se acalmassem, que Mr. Hals devia ter as janelas abertas para ouvir qualquer desacato, pequeno que fosse, até gravador teria para fazer prova aquando do nosso despedimento. Imaginassem só o que seria voltar a sair de casa às cinco da manhã em cima de muares cheirando a estrume. O que seria não ter hora para comer nem para descansar. Andar sem banho. Semear milho e ordenhar gado. Que imaginassem só. E Aldegundes Beira estava a fazer um grande esforço. Gado? Que gado? Nunca vi na vida nenhuma cabeça dele. Como é? Aliás, Aldegundes é que respondia cabalmente ao que estava a acontecer. Também não sabia o que era lavra, nem capoeira, nem jungir as bestas. Mulher, que mau feitio de memória. Juro. Juro que não me lembro se é a galinha que põe o ovo, nem se é a parreira a árvore que dá as uvas. Como eu ando. E enquanto Pinaira parecia ter terminado seu aranzel, Aldegundes Breba estava morta por matar aquela curiosidade de um mundo que tinha vivido na Redonda. Então quantas vezes se semeia ao ano? Precisamos de chuva para que as plantas nasçam? E a chuva donde

vem? Não, nunca ouvi falar de vento, não sei que vvv é esse. Sim, estou a compreender que mondar é separar o joio do trigo, mas e o que é trigo? Digam-me, por favor. Aldegundes tinha esquecido tudo, senhores, tudo tudo, parecia um habitante do fundo do mar dado à costa, só que, para se ser franco, estávamos todos desmemoriados, sem sabermos, por exemplo, se as segas se faziam na primavera se no outono. Eu tenho a ideia de ver num filme colorido mulheres a ceifarem com uma luz alaranjada própria da queda da folha entre nós. Pois será outubro o mês das ceifas? Digam, digam mais que é tão bom ouvir. Insistia Aldegundes atenta nas estrelas ainda não desmaiadas.

E Sebastião excitado pelo que lhe estava a acontecer, teve de dizer de onde se encontrava, ainda agarrado por Edmundo Breba e Rui Seladinha. Don't be afraid. Basta que se saiba o que significa the summer, merry christmas e easter. Mas the summer sobretudo, porque o natal e a páscoa são só dois dias. E se não viessem, amigos, não se importassem, ficavam as palavras. Valentina gemia um pouco e era a voz de todos. Onde te dói, minha mulherzinha?

Ah sim? Pois já que esse Cagaça não está presente, fiquem com um recado meu. Que esse Cagaça deixou o cão na praia às cavalhadas, e resolveu ir afofar-se com a dona dele, uma Lora deste tamanho para diante dos espelhos. Percebia-se que Pinaira estava vestida de escuro por cima da camisa de noite, mas a sua víscera fosforescia. A língua era uma rémora incandescente só disposta a expelir mentiras. Vem cá. Disse eu. Espreita

aqui a ver se. não vê nada. Olha o cão sozinho. Fez-se de novo mansidão absoluta de som e os murtefuges dze dze setilíssimo. Não se ouvia uma estrela ranger nem um cuspo ser engolido. E eu disse. Rosairinha, vai lá dentro ver o que se passa no quarto mil e trinta e três. Grandes eram agora as mentiras que Pinaira pregava estando bêbada que nem um cacho. E Rosaira lá foi ver e veio de volta. Abri a porta que até tinha a chave e a chapa por fora e não vi nada. Vai lá de novo que vê uma aranha, muita grande muita grande. Com duas cabecinhas de cabelo, uma preta outra loira. E ela foi e voltou na mesma. Não vejo nada. Foi preciso que Simão Rosendo segurasse também um braço de Sebastianito Guerreiro, o marido de Santanita que por lá andasse de corpete fechado e combinação de flores em salpicos. Segura-o bem. E mesmo quem segurava na vontade estrebuchadora de Sebastião Guerreiro, não sabia se o fazia para evitar uma desgraça de socos a que não se chamaria round, se pelo contrário para assegurar aquela narrativa inesperada que uma coisa líquida, fria e quente, transparente, dentro de outra coisa redonda, tinha desencadeado quase um ano volvido. Ai jasus, quem acode. Falem baixo que há luz no apartamento de Mr. Hals. Além adiante, também bruxeleia uma, mas parece ser de petróleo, tão pouco brilha. Pinaira estava cada vez mais em forma. Cambaleava como se todos os espaços siderais que se avistavam não andassem à roda de nenhum eixo, mas desco mandados em torno daquela varanda, fazendo de Sebastianito o centro da giração. Larguem-me que a desfolo. Os ladrilhos onde tinham os pés eram também vermelhos, mas àquela hora, as estrelas já a desmaiarem, agora sim, confundiam-se com

o cinzento-negro em que tudo estava mergulhado, e para Pinaira deveriam oscilar ora mais cá, ora mais lá, no imperativo de contar. Eu, eu vi a aranha diante dos espelhos, mas Pinaira de olhos abertos e presa por um braço pela minha pessoa, não via nada. Tinha a aranha dezasseis patas contadas, e respirava fundo como se viesse de subir paredes, Rosairinha a olhar e não via nada. Foi assim que me apercebi que a tua filha não andava boa nem do sentido e nem da vista.

Ainda seriam duas horas da manhã?

Não, que tudo era contado com pormenor como se se quisesse resolver pela palavra a falta de um verdadeiro filme sobre o assunto. Pinaira tão empenhada. Mas Sebastianito Guerreiro, ou fosse da noite altíssima, ou da força que fazia, começou a abandonar o estrebuche, pouco a pouco. Calme-toi, Sébastien, que nada de importante aconteceu, tudo isto são coisas imaginadas por uma bêbada sem tradições. Até eu estou em crer que ainda vou achar o meu anel. Mas imagina tu, Pinaira, que em vez de um espelho, miss Laura tinha dois, um na parede da cabeceira e outro na parede dos pés. Imagina só. O que verias? Pois olha, tirana, se fossem espelhinhos paralelos, em vez de aranhas terias visto centopeias até ao infinito. Então aí deflagrou-se a primeira gargalhada daquele encontro nocturno. Era um ah ah irreprimível, mesmo pela ameaça da luz de Mr. Hals, que tinha além a janela aberta de par em par. Um ah ah de vingança e vitória.

Assim é que era. Ah granda Sebastianito Guerreiro. Só esquecíamos Valentina que continuava entristecida. Queria tanto essa descer até ao mar, Leonardo, era um desejo que tinha.

Agora por mais que Pinaira falasse, as suas revelações eram para entrar por um e sair pelo outro, definitivamente. Estava louca, aquela mulher, e não tinha vergonha nenhuma de falar assim de Rosária, tratando-a por cega e surda, ela que via e ouvia tão bem. Era Edmundo Breba, demi-chef no grill, o que tinha os ouvidos cansados de ver João Fernandes Pereira transformar-se em Maurice César para tocar moonlights. Aquele plim plim que lhe lembrava vaga-lumes. Falar assim da minha namorada diante de todos era uma indecência. Acalme-se, sogro. E Rui Seladinha voltando à vaca fria. Deixem lá, depois desta gargalhada já estamos a ver mais claro. Se não vierem, há remédio para tudo. Limpa-se e asseia-se na mesma. Expõem-se todos os objectos úteis, inúteis e de enfeite para que se vejam. Põe-se um cordão a marcar o limite das visitas, assim à roda, à roda de maneira a não chegarem os curiosos com a sua manita aos móveis nem às obras de arte. É possível. Para isso vai ser necessária uma grande organização. Despeja mas é mais um de medronheira da serra, á pá. E Rui Seladinha de novo. Boa, muito boa ideia, eu bem sabia que a sorte estava connosco de uma forma ou de outra. Depois vai ser necessário quem escreva o guião das visitas, o regulamento do trajecto, a acta do que acontece. Quem fotografe os sítios, dobre os prospectos, cole os selos molhando o dedo na esponja, quem guarde as salas, quem as limpe. Quem feche a

porta, quem conte o dinheiro, quem regue os jardins, quem faça comer para alimentar toda esta tripulação de cicerones. Só nisso quantos não serão precisos? Ainda quem fale línguas para explicar. Sim, quem fale. E eu, se continuo assim sem me lembrar de nada o que vou fazer? Era Aldegundes entristecida com aquela enumeração de serviços. Então tu, uma pessoa assim tão esquecida de tudo, és a indicada para contar a história de como isto aconteceu. E como a aragem começava a vir, uf, caramba, finalmente, o Serra teve uma ideia própria das cabeças refrescadas pelo anteamanehcer. Eh pá, óptimo. Nesse caso, treslada-se a pedra para onde a tua namorada se amandou, pá, e conta-se nas costas do prospecto a razão que a levou ao acto. Parece que estou a ver a intriga de todos deitando os olhinhos para o tufo de relva que vai nascer de novo do seu entremeio.

Fine, pá, fine. Como é que ainda não nos tínhamos lembrado disso? E a pedra ainda lá estará?

No último party estava, isso te garanto eu.

Sim, deveria estar, quem ia mexer naquele burgesso chamado alguergue? Aliás, olhando para lá até se via uma luzinha na casa do Cipriano a anunciar a manhã.

Não sei muito bem se concordo. Era Edmundo Breba. Tanta gente a falar de Rosária sem a ter amado. Via-se no grande escuro daquela hora que havia mandado estrelas e ainda não chamara o sol, que Ed mundo tinha o buço comovido. Não sei muito bem. Preciso de dormir uma noite em repouso para ver se convém.

Não tens problemas, pá, tudo o que for decidido será por votação, secreta, se necessário.

Mas Valentina queixava-se tanto e pedia tão aflitivamente. Leonardo, Leonardo. Leva-me até às sentinas do mar. Parece que só aí ficarei aliviada. Leonardo de um lado, e tu Sebastianito, do outro. Mostra que és meu amigo, que sempre fui confidente. Mostra, Sebastianito. E Sebastião Guerreiro sentiu-se invadido por um sentimento antigo assistindo à entrada de todos, portas dentro. Boa noite, até amanhã. Ou antes, queres tu dizer, Edmundo Breba. Bom dia, até hoje. É isso, sogro, é isso. E não se ia mesmo depois da despedida. Valentina a querer andar agarrada às paredes, devagar, tendo perdido um rumo.

Atenção.

Faça, Sebastião com a sua mão direita

Plim plim pião.

Que já eu me fiz soldado a valer e fui por ela

Esta distância toda entre mim e ela. Armado, fardado de meu

barre-

Tim

Sem luar nem corcel eu me fiz à vela. Ai por ela, ai por ela.

Faça, sogro Sebastião com sua mão, pião pião pião.

Plim plim plim, com sua mão de jardim.

E lá chegando ao areal, por meu mal

Ai que não. matei ninguém mas encontrei perdão.

Já seria meia-noite, já uma hora seria

Que um vento se levantou. Plim plão.

No meio da areia fria e feita chão de puro fino cetim

Eu vi.

A noite era escura como esta e como o breu, e eu
Pobre soldado mal pronto de meu cabeçal mal dormido,
eu vi.

Desguarnecido de amor e sem madrinha, sem carta, sem
bolsinha de

Tesouro

Nem parente neste mundo. Faça com quanta força tiver,
Sebastião, Plão, plão, plão.

Que um vento me disse assim. Ó Edmundo.

Edmundiinho. Eu venho do outro mundo em busca de ti
de ti.

Pssst psssst. Disse eu. Já sei. Plão plim.

Não sabes, não. Me disse uma voz de areia e ar mesmo à
boca das

ondas do mar.

Psssst. Usava vestido branco, uma rosa de carmim e a
cinta que a Apertava era de oiro

E marfim. Pssst, psssst. Menina.

A voz tremia-lhe de fria. E eu de frio, menina disse. Aqui.

Eu estou aqui. E repeti. Plim plim plim

E ela, branca, amarela e de cetim. Schiu. Meus lábios não
te

Beijaram e já de terra os enchi.

Meus seios não te roçaram e já de tábua os cobri.

Plim plim plim.

Eu venho do outro mundo que o vento

É meu selim. Plão pião, feita ar.

Não venho para te abraçar. Plão plim

Só venho para jurar, acerca-te ora de mim.

Edmundo. Para jurar que nunca fui

Do botti-

Celli.

Plim plim. Sebastião pegou então em Edmundo pelos ombros e encaminhou-o, agora que a varanda estava cada vez menos povoada e já uma aragem verdadeira refrescava a pele. Apetecia abotoar os botões das camisas desfraldadas e abertas pelo suor que nos caía. A noite escura acabava por arroxear-se e elevava-se do chão um cheiro morno de suor de terra, tão longe ainda o alvorecer do sol. Ficavam os resistentes ali a pensar na vida, encostados às paredes da varanda a ver a via a dispersar-se num verdadeiro fumo, um pé de pinheiro a arder numa combustão branca. Porque cantava Edmundo aquelas coisas tristes entremeadas de plins, quando tocavam no nome de Rosária? Ai eu. Qual quê, hão-de vir, e se não for neste há-de ser no próximo. Via-se depois que na rua de Cipriano alguém andava de lanterna dentro e fora, qualquer coisa como se se arrastasse redes, grandes teias que o velho ainda levava ao mar. Depois eram as sombras dos Joanos, a lanterna a ir e a vir junto dos pés, e os aranhços dos netos, muito rápidos, coisas algas do seu membro móvel, animal. Tou louco louco. Se soubessem que Sebastianito Guerreiro ainda se encontrava na varanda o que não diriam, saltando sobre os pés. E qualquer coisa lhe parecia infinitamente justa e merecida, como no tempo em que tudo se media por bem-feito mal-feito, e havia imagenzinhas prontas a dar castigo e recompensa. Volto a dizer. Tou louco louco. Não vens comigo às sentinas, Sebastianito? Vou sim, Valentina. E começaram a descer o caminho que os levaria ao areal da Praia das Devícias, precisamente por onde. Valentina movia-se com

dificuldade, feita peles, esvaziada e leve. Tão leve e tão esvaída que não conseguia andar de urna fraqueza sem explicação, os dentes dentro da algibeira do robe que Valentina trazia para vir sentar-se nas sentinas do mar, amanhecer sentada, olhando pela janela a madrugada a vir. E Leonardo pesaroso. Porque contrariou esta mulher os comeres? Queriam-na? Quisessem-na. E ficaram do lado de fora à espera. Valentina demorava tanto, Sebastianito tremia de pensamentos, acendendo cigarros e repartindo-os com Leonardo. Deram uma volta e puderam encostar-se à parede da casa das redes, a porta fechada àquela hora. O Cipriano descia ao barco com os Joanos. Tinham crescido e vinham quase nus, as cabeleiras eram tão eriçadas e frondosas que pareciam floridos chapéus de palha a sair da testa. Ainda um dia Sebastianito haveria de trazer duas bolas embrulhadas em papel vegetal, coalhadas de línguas amarelas, doces e deslizantes, polvilhadas de açúcar granulado e branco, e se deitaria na areia para dizer, como a gatos tresmonteados. Bichaninhos, bichaninhos. Desembrulhando. A princípio fugiriam, mas depois, quem sabe. Em que pensas, Sebastianito?

Penso em Valentina que demora a sair.

E a partir de agora seria outra coisa. Dizia Sebastião Guerreiro, sentindo que a terceira parte da nocturna podia chegar ao fim de um momento para o outro com o aparecimento de Valentina Palas à porta das sentinas do mar. Sem balde e sem vasculho de piaçaba. Só ela. A partir de agora, era um grande desejo de vingança. De verão, todas as que chegarem eu hei-de estender na

areia mal me acenem com viagensinhas de barco e tal e tal. Nem vale a pena entreter conversa que já conheço bem o idioma. Pensava Sebastianito, passos para cá, passos para lá, a manhã a querer romper. Onde iria o Cipriano? E se uma quiser coisinha, eu vou logo a direito. Lady. O amor in portugal vende-se às braçadas. Essa história de que mesmo os reis matavam por sentimento e se enterravam ele e ela muito juntos melancolicamente, já não se usa. In portugal. I'm sorry. Já não? Ai que pena. Já não, lady, é a vida. Põem túmulos diante de túmulos mas ninguém ressuscita, até a terra tem os biliões de anos contados para morrer, quanto mais os que já lá têm a sua carcaça. Deite essas ideias fora, lady. Apavoradas, hão-de agarrar nos vestidos brancos com capuz e hão-de fugir para o Alguergue depois da passeata. My goodness. Que de inverno será outra coisa. Pensava Sebastianito Guerreiro à espera de Valentina que não saía da sentina como se lá quisesse ficar. De inverno, hão-de procurar-me a horas combinadas, as que chegam de camionetas cantando hinos, com coisas a tiracolo, a experimentar as dentaduras novas de encontro ao azabibe dos toicinhos do céu. As que tocam nos garfos com a dignidade das velhas condessas e das maiores. Horses, cows, my farms. A perna enraivecida de tanto músculo, a pele com verdadeiros bordados de veiazinhas azuis. O estômago abaulado, tremurazinhas na voz como se contivessem cem tubos de flautas de bisel, aí precisamente onde miss Laura tinha o bafo doce e quente da garganta. Não importava. Ia pensando Sebastião Guerreiro ao ver subir vereda acima os Joanos, trunfas intonsas como chapéus de verdade, esperando que Valentina Palas saísse

daquela sentina feita dormitório. Pois muitas haveriam de trazer casacos de peles papudas como de urso polar, mas sem cheiro ou resquício de terem pertencido a qualquer animal. E com elas haveriam de cobrir os ombros de mister Sebastian. É você o dos posters? Sou, sim senhor. Crawl borboleta, borboleta crawl. Tudo sobre a areia. Oh poor. Compensando-o de tudo com palavrinhas de mãe e my son. Depois seria só dobrar as notas na algibeirinha de trás, e não haveria de importar essa impressão de ser judas, ficando o resto das noites à espera que os judeus fizessem sua arruaça, pilatos descesse à rua, os galos cantassem, pedro renegasse a cristo, e uma figueira descesse os braços com a corda preparada. Enforca a traição à beleza. Miss Laura nem um good bye. Qual quê, Sebastião. Tanta areia regada pelo mar. Estamos longe de ser um verdadeiro deserto. Valentina não sairia mais. Senhora Valentina, ó senhora Valentina.

Depois chegámos nós por ouvir falar do caso e procurámos alguém que ainda não tivesse perdido a memória. Encontrámos as testemunhas, mas Aldegundes, por exemplo, já não sabia como voava um pássaro.

Índice

Ficha Técnica

A Maria dos Remédios, minha mãe

PRIMEIRA MARÍTIMA

SEGUNDA RESSAIBO

CHAMADA

TERCEIRA PERCURSO

QUARTA OS CASOS

QUINTA GRANDE FLUXO

SEXTA INEFÁVEL

SÉTIMA METAMORFOSE

OITAVA A SEDUÇÃO

NONA ACTA VELHA

DÉCIMA NOCTURNA